

Carlos Bernardo González Pecotche
RAUMSOL

COLETÂNEA DA
REVISTA
Logosofia



Tombo 5

EDITORA LOGOSÓFICA

“NAS ENTRANHAS DA AMÉRICA
GESTA-SE O FUTURO DA HUMANIDADE.”

RAUMSOL

ÚLTIMAS PUBLICAÇÕES DO AUTOR

Intermédio Logosófico, 216 págs., 1950. ⁽¹⁾

Introducción al Conocimiento Logosófico, 494 págs., 1951. ^{(1) (2)}

Diálogos, 212 págs., 1952. ⁽¹⁾

Exégesis Logosófica, 110 págs., 1956. ^{(1) (2) (4) (6)}

El Mecanismo de la Vida Consciente, 125 págs., 1956. ^{(1) (2) (4) (6)}

La Herencia de Sí Mismo, 32 págs., 1957. ^{(1) (2) (4)}

Logosofía. Ciencia y Método, 150 págs., 1957. ^{(1) (2) (4) (6) (8)}

El Señor de Sándara, 509 págs., 1959. ^{(1) (2)}

Deficiencias y Propensiones del Ser Humano, 213 págs., 1962. ^{(1) (2) (4)}

Curso de Iniciación Logosófica, 102 págs., 1963. ^{(1) (2) (4) (6) (7) (8)}

Bases para Tu Conducta, 55 págs., 1965. ^{(1) (2) (3) (4) (5) (6)}

El Espíritu, 196 págs., 1968. ^{(1) (2) (4) (7)}

Colección de la Revista Logosofía (tomos I ⁽¹⁾, II ⁽¹⁾, III ⁽¹⁾, 715 págs., 1980.

Colección de la Revista Logosofía (tomos IV, V), 649 págs., 1982.

(1) Em português

(2) Em inglês

(3) Em esperanto

(4) Em francês

(5) Em catalão

(6) Em italiano

(7) Em hebraico

(8) Em alemão

Carlos Bernardo González Pecotche

RAUMSOL

COLETÂNEA DA
REVISTA
Logosofia



Tombo 5

1^a EDIÇÃO
EDITORA LOGOSÓFICA
2013

Título do original

Colección de la Revista Logosofia
Carlos Bernardo González Pecotche RAUMSOL

Tradução

Filiados da Fundação Logosófica do Brasil

Capa e projeto gráfico

Carin Ades

Produção gráfica

Adesign

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

González Pecotche, Carlos Bernardo, 1901-1963.
Coletânea da Revista Logosofia, tomo 5 / Carlos Bernardo
González Pecotche (Raumsol) ; [Tradução Filiados
da Fundação Logosófica do Brasil] – 1. ed. – São Paulo :
Logosófica, 2013. – (Coleção da revista logosofia)

Título original: Colección de la Revista Logosofia
– tomo V
ISBN 978-85-7097-091-6

1. Logosofia I. Título. II. Série.

13-02029

CDD-149.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Logosofia : Doutrinas filosóficas 149.9

Copyright da Editora Logosófica

www.editoralogosofica.com.br

www.logosofia.org.br

Fone/fax: (11) 3804 1640

Rua General Chagas Santos, 590-A – Saúde
CEP 04146-051 – São Paulo – SP – Brasil,

da Fundação Logosófica
Em Prol da Superação Humana

Sede central:

Rua Piauí, 762 – Bairro Santa Efigênia
CEP 30150-320 – Belo Horizonte – MG – Brasil

Vide representantes regionais na última página.



EDITORA AFILIADA

Coletânea da Revista Logosofia

TOMO 5

Sumário

I. CAUSAS

1. O egoísmo internacional
(Fevereiro 1941 – pág. 32) 3
2. Alcance do conflito europeu – Democracia ou extremismo
(Março 1941 – página 27) 5
3. A maranha mental
(Julho 1941 – página 19) 11
4. Churchill alude à mente
(Janeiro 1942 – página 18) 13
5. Não se devem cercear direitos que são inalienáveis
(Maio 1942 – página 29) 15
6. O poder do pensamento
(Maio 1942 – página 35) 17
7. As doenças do velho mundo
(Junho 1942 – página 19) 19
8. A guerra conciliou o capital e o trabalho
(Julho 1942 – página 9) 21
9. A contribuição da força moral
(Julho 1942 – página 13) 25

II. DESENVOLVIMENTO

10. Contrastes sugestivos
(Abril 1941 – página 31) 31
11. A hora do militarismo
(Maio 1941 – página 33) 33
12. A incógnita que atormenta a muitos
(Junho 1941 – página 15) 35
13. O caso da França foi e continua sendo o de todos os demais povos
(Julho 1941 – página 15) 41

14. Observações sobre o momento atual da Europa (Outubro 1941 – página 23)	43
15. A tormenta bélica paira também sobre a América (Dezembro 1941 – página 9)	47
16. A hora crucial da França (Novembro 1942 – página 3)	51
17. Movimentos estratégicos da guerra atual (Janeiro 1943 – página 3)	53
18. Preocupações pela vida do futuro (Maio 1944 – página 11)	63
19. A invasão ao continente europeu (Junho 1944 – página 13)	65
20. Palavras proféticas sobre a França imortal (Agosto 1944 – página 3)	67
 III. PROBLEMAS, CONSEQUÊNCIAS E LIÇÕES	
21. Pela paz do mundo (Junho 1941 – página 13)	71
22. A edificação do futuro (Julho 1941 – página 12)	73
23. A que povos os ditadores prometeram dar a felicidade? (Dezembro 1941 – página 29)	75
24. Influências da guerra nas novas formas do pensamento (Setembro 1943 – página 17)	77
25. A guerra constitui um grande ensinamento para a humanidade (Outubro 1943 – página 5)	83
26. O pós-guerra (Julho 1944 – página 11)	89
27. Olhando para o futuro do mundo (Setembro 1944 – página 11)	91
28. Sugestões para a futura organização do mundo (Novembro 1944 – página 5)	93
29. Preocupações do pós-guerra (Novembro 1944 – página 9)	95

30. Os problemas do pós-guerra e o futuro do mundo (Janeiro 1945 – página 7)	101
31. O pensamento, os homens e o futuro do mundo (Março 1945 – página 7).	105
32. O divórcio das ideias (Março 1945 – página 27).	109
33. Horas críticas para a humanidade (Maio 1945 – página 19).	113
34. Para a normalização (Maio 1945 –página 25)	119
35. O mundo deve retomar o caminho perdido (Julho 1945 – página 19)	121
36. O fim da guerra (Agosto 1945 – página 9)	123
37. Repercussão mundial das notícias (Agosto 1945 – página 17)	125
38. O grande dilema (Novembro 1945 – página 15)	127
39. O processo de Nuremberg (Dezembro 1945 – página 15)	129
40. A convalescença do velho mundo (Dezembro 1945 – página 21)	131
41. A inexorabilidade das leis universais (Abril 1946 – página 21).	133
42. Convalescença pós-bélica da humanidade (Maio 1946 – página 5)	135
IV. BASES PARA A FUTURA ORGANIZAÇÃO DO MUNDO	
43. O silêncio precursor de um novo mundo (Abril 1945 – página 19).	141
44. A eloquência de um pronunciamento (Junho 1945 – página 13)	145
45. Imperativo da hora presente (Agosto 1945 – página 3)	147

46. A trégua de hoje e o futuro do mundo (Agosto 1945 – página 19)	149
47. Chega o ano 1946 (Dezembro 1945 – página 19)	151
48. A realidade do mundo atual (Janeiro 1946 – página 7)	153
49. Os problemas do amanhã (Janeiro 1946 – página 15)	157
50. A responsabilidade dos homens de nosso tempo (Fevereiro 1946 – página 5).	159
51. O cenário mental do mundo (Fevereiro 1946 – página 25).	161
52. O futuro da humanidade (Março 1946 – página 19)	163
53. Questões de tempo e sua influência na ordem mundial (Março 1946 – página 21)	165
54. O quebra-cabeça universal (Novembro 1946 – página 3)	167
55. A controvérsia pós-bélica e o consenso mundial (Novembro 1946 – página 7)	171
56. Nuvens no horizonte (Junho 1947 – página 11)	173
57. A conferência interamericana do Rio (Agosto 1947 – página 17)	175
58. Contribuição para a paz mundial (Outubro 1947 – página 3)	179
59. Problemas capitais (Novembro 1947 – página 3)	185
V. BASES PARA O FUTURO NOS ASPECTOS SOCIAL, ECONÔMICO E POLÍTICO	
60. A bondade de um regime se prova pela consistência de seus princípios (Junho 1941 – página 25)	189
61. Problemas sociais (Janeiro 1942 – página 15)	191

62. O grave dilema que a hora atual apresenta à humanidade (Abril 1943 – página 9)	193
63. A iniciativa privada como base do progresso (Julho 1944 – página 7)	197
64. O oráculo do bom sentido (Dezembro 1944 – página 16)	201
65. Franklin Delano Roosevelt (Abril 1945 – página 3)	203
66. O de ontem como ensinamento do futuro (Abril 1945 – página 5)	205
67. O problema social é a preocupação básica da hora atual (Maio 1945 – página 7)	211
68. Modos e atitudes na vida dos povos (Junho 1945 – página 9)	215
69. A paz, sinônimo de independência e de trabalho (Julho 1945 – página 15)	219
70. A conferência de Potsdam (Agosto 1945 – página 11)	223
71. A reconstrução do mundo (Setembro 1945 – página 5)	225
72. O presidente Truman e seu programa legislativo de vinte e um pontos (Setembro 1945 – página 19)	227
73. Influência das correntes mentais (Outubro 1945 – página 5)	229
74. O trabalho e o bem-estar dos povos (Outubro 1945 – página 21)	235
75. O desenvolvimento do comércio mundial no futuro (Outubro 1945 – página 23)	237
76. O capital privado e sua antítese (Novembro 1945 – página 9)	239
77. Evolução do conceito sobre os problemas sociais (Dezembro 1945 – página 11)	241
78. O problema social e suas soluções (Maio 1946 – página 11)	245

79. O livre comércio mundial (Março 1947 – página 15)	247
80. Reflexões sobre legislação social (Junho 1947 – página 5)	255
81. O problema básico dos povos (Setembro 1947 – página 7)	261
VI. NOVAS BASES PARA ENFRENTAR A VIDA INDIVIDUAL E DE CONVIVÊNCIA	
82. Adiantar-se ao que inevitavelmente acontecerá é assegurar-se contra as surpresas que costumam amargar os dias futuros (Março 1941 – página 12)	265
83. Uma nova ordem para o mundo (Junho 1941 – página 21)	267
84. Os homens não se emendam (Agosto 1941 – página 17)	271
85. Há que matar o ditador (Dezembro 1941 – página 23)	273
86. A evolução consciente da humanidade deve ser o imperativo do momento atual (Fevereiro 1942 – página 9)	275
87. Raridades do caráter humano (Março 1942 – página 22)	279
88. O pós-guerra (Agosto 1942 – página 17)	283
89. Compreensão básica dos problemas humanos (Março 1945 – página 15)	287
90. Horas de reflexão (Julho 1945 – página 7)	291
91. O abalo bélico como advertência universal (Novembro 1945 – página 3)	293
92. Pela superação das condições humanas (Junho 1946 – página 3)	295

I. CAUSAS

O EGOÍSMO INTERNACIONAL



Se observarmos as diversas fases pelas quais atravessaram os países hoje vencidos ou seriamente ameaçados pelo imperialismo totalitário, veremos que alguns deles, os mais fortes, intervieram na contenda diplomática que precedeu à guerra, adotando posições de emergência que não podiam, sensatamente, articular-se com os princípios que afirmavam sustentar.

Para salvar momentaneamente sua integridade política ou territorial, ou para conservar uma paz feita de claudicações, aceitaram e assinaram o despojo dos que esperavam de seus aliados algo mais que explicações oficiosas, contemplando-se assim, passivamente – e ainda acompanhando “de jure” ou “de facto” –, a destruição de países que haviam confiado nos laços da honra e da lealdade.

Entre as obscuras correntes desencadeadas, da iniquidade e do despotismo, pretendeu-se assegurar ingenuamente a própria tranquilidade, sacrificando o patrimônio dos velhos aliados. Foi como uma iguaria lançada à boca de um monstro insaciável, assinalando para certas diplomacias a confissão de sua incapacidade de conhecer e de neutralizar os desígnios de um adversário inescrupuloso.

Aceitaram-se as presas e se firmaram todos os compromissos imagináveis, com a decidida intenção de violá-los quando as circunstâncias assim o indicassem, enquanto os chanceleres que fizeram de suas promessas, mal-empenhadas, uma questão de honra, sempre esperavam que essa seria a última extorsão. A fina perversidade diplomática foi, desta forma, debilitando gradualmente uma hegemonia política, na qual a união e a integridade de todos era um poderoso muro de

contenção para as ambições ditatoriais. Com o objetivo de conservar por uns dias mais uma paz que não era real, pois se vivia em um contínuo sobressalto, foi-se entregando aos adversários as armas amigas, as que num amanhã teriam sido poderosos aliados para defender sua própria tranquilidade e seu direito.

Se as grandes potências democráticas, ao realizar as primeiras violações do tratado de Versalles, houvessem se colocado na defesa desses interesses a coragem, a pujança e o agigantamento que hoje põem para defender sua própria vida ameaçada, outro teria sido, certamente, o curso da História.

O egoísmo recebeu a mais cruel, a mais severa, a mais trágica das lições.

Seria lamentável que estes ensinamentos, que tanto custaram à humanidade, fossem esquecidos ou incompreendidos por outros continentes que, enquanto comprometem sua tranquilidade futura, perdem o tempo em briguinhas de hierarquia doméstica.

Tanto na vida dos homens como na existência dos povos, quem estende a mão forte e generosa para apoiar o fraco e o justo sempre encontrará uma mão forte e generosa que o sustente nos momentos de luta ou de debilidade.

ALCANCE DO CONFLITO EUROPEU DEMOCRACIA OU EXTREMISMO



Se alguém chegasse hoje de outro mundo e nos perguntasse, à queima-roupa, “o que está acontecendo na Terra?”, teríamos que refletir sobre os mais variados capítulos do livro da vida para achar a resposta adequada, a qual seguramente não seria muito curta nem muito simples nem muito leve.

Todos falam do que acontece no mundo e o tema não acaba nunca. A imagem histórica e atual é tão complicada que não parece senão que os séculos se enredaram em incompreensível madeixa política, cujo fecho, bem o sabemos, mais de um audaz tem tentado ensaiar o gesto de Alexandre ante o nó de Górdio; mas, ai! Com um resultado tão diferente que terminaram eles mesmos por enredar-se também.

O mundo de ontem, o orbe dos antigos, se apresenta claro como uma gota de água a olho nu; o mundo de hoje, o nosso mundo, é talvez, a mesma velha gota de água, mas contemplada ao microscópio. A política de antigamente nos parece uma arte simples, classificada e plana, comparada com o tremendo torvelinho econômico, industrial, psicológico, religioso, diplomático e biogeográfico que envolve atualmente os chefes de Estado.

Entretanto, se nos pressionassem com a referida pergunta: “o que acontece na Terra?”, convidando-nos a respondê-la pelo menos num de seus aspectos salientes, em algo que servisse de começo para compreender o processo antagônico que hoje divide a civilização, poderíamos responder exata e desembaraçadamente. E diríamos: uma luta; o final de um processo inflamado entre a democracia e os extremismos de todo gênero, entre as posições que assinalam o equilíbrio e as que correspondem ao excesso, ao descontrole, ao transbordamento.

A humanidade chegou a esta luta após intermináveis desvios; depois de complicadas etapas de desalento e negação; depois de abandonos, falsidades e retrocessos cuja conta se perde já nesses três lustros de sombrios episódios que precederam à contenda. Em meio dessa alucinação em que homens e povos viveram, as correntes mentais que respondem ao extremismo se densificaram até alcançar o máximo e endureceram nesta esclerose que denuncia a velhice e a decrepitude de meia Europa.

O extremismo não é um estado alheio às habituais posições da mente humana; muito ao contrário, representa uma de suas tendências típicas. Observe-se então a grande quantidade de prevenções que existe nos tratados de moral e pedagogia a respeito dessa inclinação, sobre a qual Raumsol pronunciou no ano passado uma conferência que bem poderia representar a *instauratio magna* de tão atual questão.

Para explorá-la e levá-la até o “extremo do extremo”, à sua máxima expressão coletiva e social, não faltava mais que aguardar a oportunidade correspondente, que não deixou de aparecer, por certo, nesse longo período de caos, desorientação e anormalidade que se reiterou ano a ano e em vasta escala após 1918.

Junto com a tendência fácil ao extremismo, insistiu-se sobre outra veia da debilidade humana: o descontentamento. Não existe um só ser que não tenha que queixar-se de algo, dizia a este propósito o autor de “Biognose”. E acrescentava: É mais fácil agitar um povo que pacificá-lo. O inconformismo, aliado inseparavelmente à cobiça, está fortemente aderido à natureza humana.

Desse modo, utilizando o extremismo latente em cada um dos descontentes, povos inteiros foram impulsionados a um extremismo maior, desmesurado, mórbido, do qual não puderam sair. A corrente era irresistível. Os fogos eram atiçados por especialistas. E todos sabem bem que, quando os instintos são desatados e conseguem apossar-se do ambiente, jamais renunciam por si mesmos a sua possessão nem abandonam espontaneamente as posições detidas, senão que é preciso pôr em ação uma força maior, uma vontade mais sábia e inteligente para conseguir que as coisas voltem ao seu eixo. E foi assim que o processo seguiu aumentando, até o ponto em que os extremistas chegaram a ser vítimas do extremismo. De possuidores se transformaram em possuídos.

Os anos do pós-guerra – ou para dizer com um neologismo, de “entre guerra”, já que são os que vão de 1918 a 1933 –, assinalam também uma espécie de declínio ou debilitação das democracias, dos pensamentos tradicionais de ordem, liberdade e harmonia. Os homens todos parecem inquietos e desorientados pela aparição dos extremismos de esquerda e de direita, cujo estrondo ensurdece e não deixa ouvir a voz das pessoas um pouco mais ajuizadas; muitos vacilam, pensando se essa turva maré não será um sinal de renovação trazida pelos tempos. Este momento é naturalmente explorado pelos extremistas – que começam já a chamar-se totalitários –, os quais afirmam que de fato o papel histórico das democracias concluiu e há que dar passagem a esses novos regimes totalitários. (Resistimo-nos a empregar esse nome e preferimos o de extremistas, porquanto aquele é falso. Nada têm de totais semelhantes governos, senão que representam, precisamente, uma grave inibição).

O argumento *ad hominem* é o que mais vezes têm apresentado os extremistas para convencer-nos das excelências de seus regimes e da ineficácia do nosso. Para eles são todos os êxitos, os avanços e as grandes obras; as democracias deviam ser somente espectadoras de sua marcha triunfal pelo universo.

Hoje este argumento se dissipou e o que é pior, em muitos casos, voltou-se contra os que o esgrimiam. Nem a Grã-Bretanha nem os Estados Unidos são, precisamente, exemplos de debilidade democrática.

Os extremistas, por sua parte, tiveram que pactuar perigosas alianças para poder fazer a guerra, sua guerra, a qual estão anunciando há dez anos. Berlim e Roma na órbita moscovita, esta sim que é mostra de insegurança, temor e hibridismo político! E se a potencialidade bélica do Reich é, sem dúvida alguma, formidável, a do fascismo é ao contrário muito baixa, conforme puseram em evidência primeiro os gregos e depois os australianos. Quando se pensa, além disso, que toda a terrível e aparatosa maquinaria do totalitarismo japonês vive exclusivamente do petróleo que lhe vendem os Estados Unidos e o México, chega-se à conclusão de que tais teóricos do absolutismo pessoal falham pela base.

Afastado esse argumento dos fatos, que razões poderiam aduzir-se a favor dos extremistas? Inutilmente as buscaríamos. Os extremistas não são muito amigos da lógica; preferem a força, a imposição, a afirmação rotunda e audaz.

Na falta de discussão, busquemos então expor certos aspectos do antagonismo entre democracia e extremismo.

O diferencial entre ambos os métodos está proposto não somente na política, senão também em inúmeros aspectos da vida, até os mais sutis, aqueles que não podem ser medidos nem sequer nos laboratórios de psicologia. Na impossibilidade de referirmo-nos a todos, vamos tomar alguns dos que têm sido menos divulgados, ou talvez permanecem inéditos.

Vejamos primeiro o tópico das liberdades individuais.

Para Lenin, a liberdade era um preconceito burguês; para Mussolini é a negação do Estado, etc., etc. Os extremistas têm lutado tanto para suprimir as liberdades como lutaram nossos avós para abolir a escravidão. Mas, todos eles reservam para si tanta liberdade como lhes seja possível; a única que restringem é a alheia. Pois bem, que haveríamos de dizer de nossos avós se eles, ao mesmo tempo que lutavam contra a escravidão, houvessem colocado em si mesmos as cadeias que tiravam dos demais? Não é outro o espetáculo que nos oferecem os campeões do extremismo.

Depois, caracteriza os estados do extremismo uma espécie de ansiedade, desassossego ou inquietude congênita; um afã em busca dos ídolos que levantaram e que necessitam alimentar diariamente. Essas voltas e revoltas poderão parecer para alguns próprias da vida e da energia; a nós, recordam os movimentos do doente no leito. Quem não acha posição cômoda e duradoura é porque não se encontra bem. Nas democracias, os movimentos do Estado são calmos e podem seguir-se sem nenhuma violência.

A falta de oposição, de crítica, de resistência, dá aos extremismos uma facilidade de ação que lhes favorecem nos primeiros momentos, mas depois os levam aos mais graves erros. Os adversários são tão úteis ao estadista como os amigos e partidários; é neles onde mede suas forças e conhece seu alcance e qualidade. (Talvez seja esta lei a que impulsiona os extremistas a buscar adversários no exterior; a sentir a guerra como uma necessidade).

Isso é visível nitidamente no que se relaciona com os discursos, com as arengas e com as alocuções. Desde Cícero a Mirabeau, a palavra falada é a arma favorita do político e é em suas orações filípicas ou alocuções onde põe toda sua arte, seu esforço e sua alma, porque um voto, uma decisão, uma lei, um destino, dependem muitas vezes do efeito que possa causar um discurso nos setores neutros ou opostos.

Quem oficialmente faz uso da palavra em um país extremista, sabe de antemão que não haverá oposição, que todos aplaudirão com excesso, diga o que disser. O povo, o parlamento, a imprensa, a crítica intelectual não são mais que uma gigantesca claque cujas mãos explodirão em aplausos a cada parágrafo. Mas, o que ocorrerá ao orador quando esta situação se repetir uma e cem vezes ao longo de anos? Que sua eloquência irá se empanando e encurtando; que seus recursos começarão a repetir-se até cair na monotonia e até em infantilismos, porque seguirá usando, para surpreender, estratégias verbais que todos já sabem de sobra como são preparados, como se fazem e como terminam.

Isso é o que encontramos nos discursos dos extremistas. Seus equipamentos estão gastos e não são renovados porque não há um adversário que os obrigue a isso, que lhes faça sentir a necessidade; porque há anos que não experimentam a dificuldade imprevista, a interrupção súbita, inesperada e engenhosa do debate parlamentar ou público. Em uma palavra, não se dão conta de que estão empregando cartas marcadas.

Daí que os públicos estrangeiros se perguntem assombrados como é possível que certos discursos possam surtir efeitos tão grandes nos países extremistas; como o mesmo orador pode dar tanta transcendência a trilhadas exposições que se fossem vertidas em uma Câmara qualquer seriam rebatidas facilmente por um polemista de segunda categoria.

Pelo contrário, o estadista democrático sabe que suas palavras vão afrontar o juízo público; que jornalistas e inimigos estão aguardando uma contradição, um sofisma, uma falsidade, para fazê-las ressaltar em letras destacadas; que a opinião pública está sempre mais disposta à censura que ao aplauso. Isto o obriga a trabalhar, a superar-se, a aperfeiçoar-se. Assim se chega a essa eloquência precisa, maravilhosamente matizada, com que costumam presentear-nos os ouvidos os velhos ministros, os veteranos dos congressos e dos parlamentos.

Vejam, para finalizar, uma das mostras mais surpreendentes da propaganda extremista. Consiste em apresentar seus regimes como frutos do temperamento juvenil, saturados de seiva nova e de frescor primaveril. Chamam-se com insistência fatigante povos jovens, raças que surgem, civilizações auroras, manifestações de galhardia vital e até se têm feito tentativas de filosofar a respeito.

Uma simples olhada nos permite ver que esses regimes são sintomas da decrepitude europeia, já que seus gestos têm estranha semelhança com os do velho que aperta entre suas mãos, temeroso de que lhe roubem, as chaves de sua bodega ou sua caderneta de poupança.

A juventude é generosa, despreocupada; pouco lhe importam as posses materiais ou os progressos de seu vizinho. Os extremistas se esfalfam por acumular

lucros e recursos; por uns quilômetros de território fazem alianças humilhantes com seus inimigos ideológicos mais ferozes. A juventude é indiferente também ao juízo alheio; não lhe interessa o que se pense dela. Os extremistas vivem em uma pose perpétua para impressionar os demais. Enfim, a juventude não repara que é juventude nem se cuida de dizê-lo a cada momento; simplesmente vive sua vida. Os extremistas aparecem demasiado empenhados em demonstrar-nos que têm poucos anos e em apresentar-nos sua certidão de registro civil perfumada de rosa.

Também é significativo que o extremismo nasceu e prosperou no Velho Mundo, enquanto que no Novo e novíssimo continente, a democracia constitui o clima natural dos homens. O americano é democrata de nascimento; é-lhe tão impossível conceber uma América extremista como supô-la dividida nas quatro castas bramânicas ou falando a linguagem dos esquimós.

Recordemos, finalmente, que a democracia tem e terá ainda inúmeros matizes; cabem nela tantas interpretações como homens de talento existem na sociedade. O extremismo tem uma corda só: a coerção. A mesma corda com que ata os homens.

A MARANHA MENTAL



Dia a dia vem-se comprovando que se a humanidade houvesse se preparado mentalmente, como requeriam as circunstâncias que foram comprometendo sua paz e sua própria existência, outro haveria sido o resultado dos acontecimentos no Velho Mundo.

O lamentável é que a grande maioria da massa humana, seja da origem que for, segue com extrema ingenuidade qualquer corrente de pensamentos que circula pelo mundo, sem que a contenha a mínima reflexão sobre semelhante atitude. Assim foi como, enquanto uma grande quantidade de seres se aderiu a uma corrente ideológica, outra se submetia à oposta e ali se trançavam os que faziam ostentação de pertencer a tal ou qual ideologia, exaltados pelo que, sendo tão somente um fanatismo ridículo, produto de um contágio mental, sustentavam que eram “suas convicções”.

Mas eis que, de repente, enquanto uns e outros se encrespavam duramente, ameaçando-se com a destruição de suas respectivas crenças, deveram cessar suas lutas antagônicas, e sem sair ainda da perplexidade, unir-se, porque isso era o que convinha aos sistemas de governo que as sustentavam. O mundo, que havia sido testemunho desses antagonismos irreconciliáveis tampouco saiu de sua perplexidade quando o pacto nazi-comunista confirmou que as duas ideologias extremistas não se diferenciavam em seus moldes, pois haviam sido calcadas sobre idênticos motivos.

Que razões sustentavam o pacto de dois sistemas ideológicos que se opunham entre si? Nenhuma que tivesse consistência, a não ser a de que se juntaram porque os extremos se juntam. Porém o mais

cômico foi observar o rubor daqueles que até o dia anterior vociferavam ameaçando-se, para concluir, horas depois, em excelente camaradagem.

Entretanto, não terminou nisto a comédia. Quando os novos camaradas já se haviam habituado a proclamar a coincidência de objetivos, sobreveio a guerra entre nazistas e soviéticos, e outra vez foi preciso desdizer o dito, endossando-se uns e outros extensos epitáfios.

Ante essa maranha mental, não cabe outra coisa que esperar para ver o que acontecerá mais tarde.

CHURCHILL ALUDE À MENTE



Não podemos passar por alto um fato tão significativo para nós, como o de que o grande estadista britânico, nestes momentos tão culminantes para a humanidade, se refira, pela primeira vez, à mente. Efetivamente, ao referir-se às derrotas que os alemães estão experimentando na Rússia, disse em seu célebre discurso de Washington que essa nação “infligiu ao tirânico sistema nacional socialista feridas que envenenarão não somente o corpo senão também a mente nazista.”

Dir-se-ia que o primeiro ministro inglês intuiu já que é a mente a que desempenha o papel mais importante nesta guerra, como foi, conforme vimos sustentando há muitos anos, em todas as épocas do mundo.

NÃO SE DEVEM CERCEAR DIREITOS QUE SÃO INALIENÁVEIS



Os fundamentos que em nosso conceito sustentam as liberdades do indivíduo estão fortalecidos nas mesmas leis que, ao proteger a contribuição de cada ser para a sociedade, previram sua importância como fator de progresso e de bem. Muito ao contrário do que sucede com certas ideologias oportunistas, nas quais estes fundamentos não são questão de moda nem de novidade, senão valores definitivamente incorporados ao acervo da civilização. Talvez aqueles mesmos que tão irrefletidamente os atacaram e desdenharam, ao amparo de um regime democrático que lhes permitia falar com toda liberdade, curados já de sua voluntária surdez pela artilharia que arrasou a Europa, sejam os primeiros em manifestar que estão de acordo em tudo.

O direito de pensar com liberdade é tão necessário ao homem como o direito de viver. Viver sem pensar é converter-se em um autômato, ou mais claro ainda, não é viver. A diferença entre o homem e o animal radica fundamentalmente no pensamento; se não se pode cultivá-lo, o homem irá se igualando a um estado selvagem ou animal. Isso significa sua morte como entidade racional, civil e social, e anula todas suas possibilidades de melhoramento ou evolução. Com efeito, quem não pode expressar seu pensamento com liberdade não pode sentir a vida em seu verdadeiro caráter e essência.

A liberdade de pensar não significa de modo algum que a sociedade autorize a licenciosidade, o abuso ou as extralimitações de qualquer gênero. A órbita do direito está perfeitamente delineada em todas as legislações e quem saia dela cairá imediatamente em alguma disposição

penal. O exercício de uma faculdade nada tem a ver com o bom ou o mau uso que dela se faça; a ninguém ocorrerá proibir a circulação do dinheiro pelo fato de haver ladrões e falsificadores, ou de vinho, por haver beberrões.

Para terminar, já que se nos estendêssemos sobre todos os aspectos do assunto haveríamos de escrever mais de um tomo, diremos que se se analisa a intenção dos que preconizavam a ditadura sobre o pensamento alheio, pois sempre cuidaram muito bem do seu próprio, se verá que é o temor de que suas preferências ideológicas se desvançam ante o rigor de certas verdades. Quais são estas verdades? As que ficam evidentes quando se aprofunda no exame dos motivos que agitam a mente daqueles que, a todo custo, querem impor suas sós e exclusivas ideias.

O PODER DO PENSAMENTO



Em inúmeros estudos apresentados pela Logosofia ao falar do sistema mental – conhecimentos que estão sendo divulgados desde o ano 1930 –, esta ciência tem feito ressaltar a importância capital de que se reveste o pensamento como potência dominante da vida humana. Daquela época até agora, cada vez que, por uma ou outra circunstância ou por casualidade, tem sido mencionada a palavra mente pelos estadistas de primeira linha em seus discursos internacionais, não temos deixado de nos referir significativamente a essa alusão, esporádica sim, mas confirmativa das profundas verdades que a Logosofia sustenta com respeito à vida e atividade dos pensamentos como expressão máxima e insubstituível da existência universal que anima o homem. E dizemos universal, porque por esse único meio de expressão é que ele se põe em contato direto ou indireto com tudo que existe no orbe.

O jornal “La Prensa”, em sua edição do dia 11 do corrente, publicou uma notícia de Londres na qual fazia referência a um possível emprego de gases pelos alemães, dizendo que eles dispõem de um novo que “produz uma espécie de paralisação mental que impede todo pensamento à vítima, durante várias horas”. Se for verdadeira, essa versão revela que os alemães têm o pensamento muito em conta, ao ponto de considerá-lo um temível executor bélico e pretender paralisá-lo na mente de seu cada dia mais gigantesco inimigo.

Já vimos também quanta repercussão benéfica teve a palavra do primeiro ministro britânico, Sr. Churchill, ao propalar os pensamentos que hoje puderam ter expressão na mente desse infatigável e indômito estadista. Esses pensamentos tiveram a virtude de reconfortar o mundo

que ainda permanece livre e conservar os sagrados direitos pelos quais o gênero humano se dignifica e se sustenta como ser civilizado e racional.

É curioso notar que, à medida que os acontecimentos vão se sucedendo no mundo, os homens começam a se preocupar de que têm mente e de que nela habitam as ideias, e dela sai tudo o que vibra, move e atua no vasto cenário da Terra.

AS DOENÇAS DO VELHO MUNDO



Quando o homem descuida de sua saúde, sobrevêm as doenças que minam seu organismo; toda a trama biológica sofre uma congestão que impede o normal funcionamento dos órgãos. O mal se desencadeia e as células travam desesperada luta para vencê-lo.

Isto é o que acontece no indivíduo; na massa humana ocorre um processo análogo. A guerra de catorze (1914/1918) foi a culminação de uma doença que afetava o Velho Mundo, pois se sabe que antes de estalar as guerras que, em verdade, são as crises nas quais se decide a sorte que correrá o paciente – neste caso os povos afetados mais diretamente por ela –, vai-se pronunciando e acentuando cada vez mais a tensão perturbadora de um processo de corrupção e relaxamento moral e econômico que leva os povos às mais agudas intransigências e não menos cerradas incompreensões.

Terminada antes do tempo aquela contenda, e dizemos antes do tempo porque não se conseguiu extirpar a causa que a provocou, tendo entrado o Velho Mundo numa convalescença em que, crendo haver-se libertado do mal, se desentendeu dele para permitir todo tipo de desvios, os quais o foram debilitando novamente, até causar a terrível recaída, ou seja, o estalo da atual conflagração.

Ninguém ignora que depois de padecer uma doença, é imprescindivelmente necessário cuidar do estado de convalescença, vigiando a saúde por um tempo, antes de cometer, como se diz comumente, “novas loucuras”. Pois bem, esse Velho Mundo, obstinado e cheio de achaques, ao qual se pode chamar perfeitamente de “velho imaturo”, começou, tão logo terminou o conflito anterior, a fazer todo tipo de “confusão”, sem cuidar

minimamente de fortalecer suas desgastadas energias e seu debilitado organismo. Isto deu lugar a que o mal voltasse a enquistar-se e favorecer outra crise, como a que estamos presenciando, com o agravante de que esta levou esse Velho Mundo à beira da sepultura e contagiou muitos outros povos da terra.

Nunca se viu crise mais violenta que a da presente guerra, na qual por momentos dava a sensação de que nenhum remédio, por heroico que fosse, frearia o ímpeto e a gravidade do colapso. Mas, felizmente, mesmo que a luta foi e segue sendo impiedosa e sem trégua, dada à virulência dos elementos que hoje entram em jogo, a natureza humana desse incorrigível velho parece ter reagido uma vez mais, aplacando as fúrias do ataque de que padece e dominando, pouco a pouco, o mal que o havia prostrado em dolorosa agonia.

O interessante é observar agora a preocupação que manifestam ter os chefes de governo e estadistas aliados por assegurar, ao término da guerra atual, uma paz duradoura e uma ordem que não seja suscetível de ser novamente burlada. É que preveem que se tratará de uma convalescença longa e nesse estado podem recrudescer outros males tão temíveis como a própria guerra, males que, de todo ponto de vista, convém evitar.

Não é possível que esse Velho Mundo, depois de haver drenado todo o pus contido no tumor que arrasou seus tecidos e colocou em perigo sua vida, se lance a dançar e a embriagar-se, tal como o fez anteriormente. Já é hora de que tome juízo e se disponha, de uma vez por todas, a levar uma vida, se não exemplar, pelo menos metódica e sossegada.

A futura paz deve, pois, ser edificada sobre sólidos e inabaláveis princípios, com base numa ordem equitativa e remuneratória que compense o trabalho sem asfixiar o capital, permitindo que os povos desenvolvam suas atividades econômicas com folga e confiança. Tudo isso poderia estar sob a direta fiscalização de uma instituição suprema de controle internacional, com participação obrigatória dos países que formassem a futura coalizão de nações, de cujos objetivos um fosse prevenir guerras futuras e evitar semelhantes padecimentos à humanidade.

A GUERRA CONCILIOU O CAPITAL E O TRABALHO

Os erros do passado servirão de guia para o futuro do mundo



Recordemos primeiro que, lá pelos anos de mil novecentos e trinta e trinta e três, antes de começar a guerra atual, havia no mundo civilizado mais de trinta milhões de desempregados, cifra que não deixou de alarmar os governos, dada a série de problemas que isso criava para a sociedade humana. Recorde-se também que antes da guerra mundial de catorze (1914), os homens viviam felizes e em paz, sem que o tempo lhes pressionasse nem faltasse trabalho, que tanto contribui para que não se altere a vida em nenhum sentido, nem a concórdia e a ordem, tão indispensáveis para que os povos respirem o ar puro dos tempos bons de paz e progresso.

Mas, depois de assinado o armistício e as nações voltarem ao seu eixo normal, logo começaram a sentir os efeitos dos anos de convulsão bélica. Na Rússia, ante a queda estrepitosa do czarismo, surgiu um proletariado ensoberbecido e ébrio de ambições que, em seus afãs de conquista, pensou derrubar o capitalismo e submetê-lo aos caprichos de seus estreitos objetivos. Tais objetivos tiveram sua repercussão nas massas trabalhadoras de todo o mundo. Começou uma guerra surda e persistente contra o capital. Greves cuja finalidade era impor, pela violência, as exigências cada vez mais crescentes, faziam com que os patrões sempre fossem obrigados a transigir, cedendo à pressão e fazendo concessões que punham em perigo a estabilidade financeira das empresas: menos horas de trabalho e mais salários em retribuição. Semelhante situação não podia durar, sob pena de provocar, em primeiro lugar, a queda econômica do capital privado e, em segundo, o desequilíbrio das finanças do Estado.

O capital buscou por todos os meios pacíficos contrapor-se às crescentes demandas e pretensões dos trabalhadores. Assim, surgiram, umas após

outras, as máquinas, que pouco a pouco foram substituindo os trabalhadores e resolviam o problema da mão de obra, cujas contínuas alterações, por efeito das greves, etc., ocasionavam muitas perturbações ao capital.

A maquinaria terminou, pois, com as exigências dos trabalhadores, mas criou o problema do desemprego. Houve então que fazer surgir novos meios de subsistência para tanta gente que já começava a sentir as consequências da indigência. O capital privado, dada a experiência anterior, resistiu-se a aceitar àqueles que muitas vezes atentaram contra ele. Os governos abriram fábricas de armamentos para renovar o material bélico e os homens voltaram ao trabalho; entretanto, em lugar de emendar-se e ajustar suas vidas a uma conduta tolerante e equilibrada, renovaram suas anteriores exigências, desta vez contra os interesses do próprio Estado: aumento de salários, horários reduzidos e desentendimento absoluto de toda cooperação com suas diretivas.

Tampouco esta situação podia durar. Os governos multiplicavam as fábricas de armamentos satisfazendo assim às exigências da massa trabalhadora, cada dia mais intolerante. Mas isto trouxe por consequência o incremento do armamentismo. Cada nação começou a manifestar seus receios pelo aumento do material bélico da outra. Enquanto isso, Rússia primeiro, depois Alemanha, Itália e Japão, suspenderam todas suas considerações com a classe trabalhadora, obrigando-a a trabalhar para o Estado sob uma rigorosa disciplina. França e Inglaterra, que respeitaram a liberdade de seus trabalhadores, mas não puderam evitar a tempo que degenerasse em abuso, sofreram os desastrosos efeitos de sua imprevisão, tendo todos que pagar muito caro o que afinal foi negligência e imprevisão, mas que desde o princípio e até esses momentos, foi uma conspiração constante do trabalho contra o capital privado e os interesses do Estado respectivamente.

A guerra atual eliminou o problema do desemprego, mas também afastou de suas funções normais um número quase igual de homens. Nesta nova contenda já desapareceram mais de trinta milhões de vidas e tudo faz prever que esta cifra aumentará para mais de sessenta. Uma paz inesperada poderia congestionar as nações com tantos homens obrigados a construir um novo gênero de vida, o que custaria muito desarraigar depois.

Dever-se-á, portanto, tal como já dissemos em outras ocasiões, preparar os meios futuros de vida, antes de proceder à desmobilização

dos exércitos e fazer com que todos experimentem o rigor da lição recebida para não voltar a incorrer nos erros do passado.

Já se viu, por outra parte, os grandes contrastes que a realidade permitiu observar em todo esse processo que a humanidade está vivendo. O proletariado russo levantou-se com violência contra o capital e lutou encarniçadamente para destruí-lo. Não obstante, hoje recorre a ele com gesto desesperado para salvar-se da invasão germânica. O capitalismo britânico e norte-americano acode em auxílio desse proletariado e se produz a conciliação entre o capital e o trabalho.

Ao que parece, as massas operárias voltaram a entrar na razão. O trabalho dignifica o homem e o torna são e afeito ao seu lar, pois nada pode oferecer melhor recompensa às suas fadigas que o ambiente familiar, com suas atenções e cuidados, somados ao repouso tranquilo e feliz daquele que cumpriu com seus deveres diários.

A CONTRIBUIÇÃO DA FORÇA MORAL



Quando os povos nadam na abundância, pode-se observar como sua moral se ressentida gradualmente, chegando a submergir-se numa espécie de embriaguez psíquica.

Isto ocorreu em épocas passadas e vem se repetindo até nossos dias, nos quais vimos cair uma nação como a França, ante o empurrão da agressão inimiga; tal, pode-se dizer, era o letargo e a inconsciência na qual se havia mergulhado esse povo que hoje sofre o escárnio da humilhação e no qual foi e segue sendo impossível todo movimento encaminhado para frear os excessos da ocupação, os quais deixarão profunda marca na mente e no coração dos que sobreviverem ao infortúnio da pátria.

A Inglaterra, da mesma forma que a França, sofreu uma anomalia psíquica coletiva, que chegou a pôr em iminente perigo a existência do Império e da própria nação, perigo que ainda nestes dias continua ameaçador; porém, pareceria que a Providência não abandonou os súditos de John Bull à espantosa sorte que os esperava caso ocorresse a tão falada invasão alemã às ilhas britânicas, permitindo – sabe Deus por quê – que a reação do povo sacudisse a tempo a modorra mental em que se achava mergulhado, depois de tantos “apaziguamentos”, o que não impediu que experimentasse as temíveis angústias do desespero, quando, quase sem armas, sem preparação e sem a consciência mesma do perigo que corria, viu o céu de Londres encher-se de nuvens mecânicas que deixavam cair milhões de bombas sinistras.

Como o da Rússia, o povo britânico teve que recorrer às suas forças morais para não sucumbir nas mãos do agressor. Muitas vezes ouvimos mencionar este fato como um milagre salvador na vida dos povos. É

que as forças morais sempre puderam mais que as fúrias bélicas que pretenderam dominar pelo terror.

Compreenderão os homens, depois desta monstruosa guerra, que quando se descuidam dos primordiais deveres humanos para com a própria vida, ocorre o desequilíbrio psicológico e moral que arrasta sua honra, sua decência e seu juízo?

Sempre se viu que, em cada uma das épocas em que ocorreram grandes crises sociais e políticas, a causa maior deveu-se atribuir às desmedidas pretensões da classe humilde ao reclamar posições e tratamentos que jamais se esforçou por merecer.

Como se pode observar nestes momentos, com toda clareza, tais demandas, sem dúvida absurdas, foram as que provocaram o desequilíbrio econômico, porquanto hoje, ante a crua realidade que se deve enfrentar, ninguém recorda suas anteriores reivindicações de supostos direitos. Essa realidade produziu o “milagre” de restituir a razão e colocar cada um em seu lugar. Os papéis foram trocados e são as horas atuais as que estão demandando a justo preço aquelas de trabalho que se escamotearam à obra comum de bem-estar social.

Nos dias de paz, as greves se sucediam com suas inflexíveis decisões. Não havia forma de que esses homens de mentes teimosas compreendessem o prejuízo que, no decorrer do tempo, ocasionariam a si mesmos, às suas famílias e à pátria. De nada lhes valeram as prevenções e os conselhos dos capitais que representavam a responsabilidade da paz social e a previsão econômica da engrenagem comercial e financeira, que deve velar pela permanência da classe trabalhadora no trabalho, a fim de que este não lhe falte nunca.

A prédica encontrou ouvidos surdos e néscias ambições, preferindo-se estabelecer a burguesia do proletariado, com todos os abusos da incultura e da intransigência, à conduta honesta e tranquila do trabalhador pacífico e consciente de seus deveres para com a família e a sociedade. As consequências apareceram mais tarde assumindo caracteres trágicos, não suspeitando ninguém qual foi a causa que tratam de encontrar onde menos está.

Não queremos significar com isto que somente esta última circunstância anotada foi a causadora. Grande parte ela tem, certamente, mas

também a burguesia política e social tem a sua, porque descuidou de seus deveres e se prodigou na vida do prazer mundano, até que a queda nacional sobreveio com os contornos mais desastrosos para os desventurados povos.

Será necessário recorrer às reservas morais que ainda restam na alma de cada povo, para poder enfrentar com inquebrantável vontade e decisão as horas difíceis que o futuro guarda para as gerações de hoje. Isso contribuirá com todas as forças do empenho para dominar e vencer definitivamente as forças bélicas contrárias que pugnam pelo domínio mundial.

II. DESENVOLVIMENTO

CONTRASTES SUGESTIVOS

Os acontecimentos se sucedem tão velozmente no Velho Mundo que, o que se escreve hoje, ao ser publicado dias mais tarde, pode carecer de atualidade. Entretanto, há circunstâncias, episódios, pinceladas do destino que se mantêm, à vista do enfoque perspicaz do pensamento ágil e sempre pronto do observador qualificado, o tempo indispensável para serem captados em seu particular significado e transcendência.

Assim, por exemplo, foi-nos possível observar que enquanto a capital inglesa é ferozmente bombardeada, os soberanos e todos os membros do governo permanecem nela, sem que exista o menor pensamento de abandoná-la. Ao contrário, dois ou três bombardeios ingleses em Berlim fizeram seus governantes pensar, com o ditador à frente, em fugir dessa capital e trasladar-se a Viena, para estar a resguardo da morte, a mesma que eles temem, mas que impiedosamente enviam aos demais por intermédio de seus sequazes. Roosevelt, no entanto, decidiu passear de iate pelo oceano enquanto se trava a grande batalha do Atlântico, sem inquietar-lhe sequer os rugidos da insolência totalitária.

SIGNIFICADO DE PALAVRAS E ATITUDES NA “NOVA ORDEM”

Os chamados governos do “Eixo” parecem não se dar conta de como seus planos, manobras “diplomáticas”, etc., são contemplados e percebidos da América, a julgar pela convicção com que pensam que o Novo Mundo os admira e até os têm por eminentes gênios da vivacidade política e militar.

Mas, quem, por cego de entendimento que seja, não sabe já que os célebres “pactos de adesão” não são outra coisa que confissões de impotência, submissão absoluta ao império da força, enquanto que para

os signatários tripartites, especialmente para os nazistas, representam a vassalagem, a invasão e a escravidão do povo, que como mosca ingênua é agarrada na teia de aranha da “nova ordem”.

COMENTÁRIO SINTÉTICO SOBRE A POLÍTICA DE ROOSEVELT

Roosevelt, ao assestar um rude golpe aos partidários do velho sistema yanki, quando tratava o assunto das carnes argentinas, manifestou e reafirmou uma vez mais sua inalterável política de boa vizinhança.

Sua aguda visão de estadista e sua singular penetração dos problemas que afligem o mundo atualmente o colocaram como árbitro indiscutível do litígio bélico e ideológico que está mergulhando os povos da Europa na mais crua adversidade.

Roosevelt já pronunciou sua palavra e condenou os culpados. Atrás de sua palavra está a gigantesca potencialidade de sua grande nação, da América toda e do mundo dos livres que ainda desfrutam dos providenciais desígnios de sua soberania.

A HORA DO MILITARISMO



Já não é possível permanecer por mais tempo impassíveis ante o inverossímil processo que a humanidade do Velho Mundo, com tão extraordinária rapidez, está cumprindo, à força de sangue, muito sangue, lágrimas e lamentações de toda espécie, sem que nos seja dado pensar, com toda a seriedade que requer esta emergência tão singular para a existência dos povos, sobre certas necessidades essenciais, se queremos nos colocar em harmonia com esta hora de militarismo (entenda-se militarização humana) que impera no mundo e que ameaça estender-se por todos os âmbitos sem o propósito de nos fazer ouvir os sinos que anunciam o traslado a um dia melhor.

O certo é que não deixa de ser uma insensatez preferir viver “à antiga” quando o tempo passa e nos rouba tudo o que não somos capazes de manter como propriedade moral e material, ao retardar-nos obstinados em seguir indiferentes ante o que estamos vendo, ouvindo e começando a sentir com alguma intensidade.

Isto quer dizer, ilustres e criteriosos homens que hoje gozam do privilégio de fazer tudo quanto é necessário em bem da nação, que vivemos instantes de extrema gravidade, os quais bem podem ser fatais para esta grande pátria dos homens de Mayo e dos que os seguiram em glória, se não se enfocam com a presteza e o acerto que correspondem aos grandes momentos históricos, os problemas criados pela hora atual.

Na Europa, Ásia, África, Oceania e até nos Estados Unidos, os povos estão respirando uma atmosfera cheia de perigos. Torna-se a cada minuto imprescindível a disciplina, a unidade harmônica de ação, a obediência aos mandatos da soberania pelo império do dever comum dos cidadãos.

E isto não se consegue em dois dias nem em três nem em meses. Não se pode improvisar nada frente a forças organizadas e decididas.

É necessário, se conservamos a tradição heroica de nossos ilustres antepassados, se amamos de verdade nossa pátria tantas vezes proclamada objeto de nossos desvelos, colocar-nos desde já ante os perigos que possam assediá-la, para adestrar-nos com inteligência nos movimentos que conceituamos de alto valor estratégico e saber conscientemente como deveremos defendê-la quando nos toque, se o momento chegar, acorrer ao posto de luta a serviço dos ideais que encarna nossa bandeira nacional.

Por que esperar a última hora para escutar o chamado da pátria? Acaso ela não nos reclama em todo momento? Acaso não nos chama a cada instante quando os dias incertos se aproximam e nada fazemos para vencer nossa terrível apatia? Esperamos talvez que a história do amanhã nos tache de geração inútil que não soube conservar o patrimônio augusto que lhe legaram seus ilustres antepassados?

Não é esse, penso, o sentir de nossos homens de estado nem de nosso povo, altivo e capaz, se lhe toca sua fibra gauchesca. Não pode ser o conformismo – a política fatal que absorveu povos inteiros –, o clima mental que reine em nossos ambientes mais qualificados.

Porém, se a nação argentina se dispusesse com energia a afirmar sua soberania absoluta, ajustando os mecanismos que paralisam o movimento da grande engrenagem nacional, quereria significar que dirige seu pensamento contra tal ou qual país ou contra tal ou qual sistema de governo? Não; deve conceituar-se uma necessidade pensar isso.

Porém, mais absurdo seria que, para evitar que se pensasse assim, se mantivesse o país no mais completo desamparo, e os filhos deste glorioso solo, impossibilitados de poder num amanhã defendê-lo como deve anelar todo coração argentino, e defender, como tem que ser defendido, o lar e o patrimônio de cada um na forma que Deus manda pelo império da honra e do dever.

A INCÓGNITA QUE ATORMENTA A MUITOS

Por que a Alemanha tem nesta guerra tantas vitórias e por que triunfa nos golpes que assesta aqui e ali em seu afã de domínio



É muito provável que a mais de um leitor surpreenderá que tratemos deste ponto. Porém, isso não deve alarmar nem causar sobressaltos a ninguém. Fazemo-lo desde nossa imutável posição de observadores que prescindem de toda paixão e de todo antagonismo ideológico. Na primeira edição desta revista, dissemos que trataríamos “dos problemas básicos do homem, suas preocupações, as inúmeras incidências da vida humana, as situações que se criam aos povos e tudo o que possa ser de interesse e utilidade prática do ponto de vista do saber logosófico, enfocado em suas perspectivas mais amplas e profundas”. Pensamos, pois, que, ao seguir a linha de conduta que adiantamos à opinião, damos cumprimento ao propósito que a inspirou. Portanto, tudo aquilo que facilite a atividade do entendimento, ajudando-o a compreender sem grande dificuldade o que para a maioria é incompreensível, é tido em conta por nós, ao acercar ao juízo comum os elementos que consideramos indispensáveis para ilustrá-lo com clareza.

Quem não escudou nestes dias, em uma ou outra parte, de um ou de outro interrogações como as que servem de epígrafe a este artigo? Entretanto, que ínfima porcentagem advertiu quais são as causas pelas quais uns sofrem tantos contrastes e os rigores de uma tempestade bélica nunca vista, enquanto outros conseguem seus objetivos e avançam em seus desígnios de conquista.

Para aqueles, pois, que não advertiram, vão estas observações que levam em si, ao formulá-las, o vivo anelo de clarear as sombras que

se empenham em escurecer o ambiente mental que nos rodeia. Isso permitirá, sem dúvida, que com o esforço unânime dos que aspirem a um futuro melhor, se restabeleçam a serenidade e a sensatez que devem existir, se não em todos, pelo menos em muitos, enquanto cruzamos a época mais trágica e decepcionante de que a humanidade tenha tido memória.

Somente podem estranhar os êxitos da nação alemã os que viveram à margem dos acontecimentos, desde a assinatura do armistício da guerra anterior, e também aqueles que creram em tudo, menos no que tinham frente a seus olhos, movendo-se, agitando-se e agigantando-se até alcançar contornos quase inacessíveis para o entendimento comum, mas evidentes para a razão, de uma evidência tal que é pouco menos que inconcebível, tenham existido povos e governos que nada viram nem ouviram nem compreenderam.

A partir da assinatura do armistício, a Alemanha, não contente com os resultados da guerra, começou a preparar suas gerações desde a mais tenra idade, infundindo-lhes na alma o fervor da nacionalidade, fixando-lhes como único e supremo incentivo a predestinação a grandes conquistas. A fascinação que exercia na mentalidade infantil e na juventude, o ressoar dos clarins, o adestramento militar, com uniformes que satisfaziam aos sonhos marciais e de poder, foram se estendendo a todos os cidadãos desse país até formar compactas massas que se moviam de um ponto a outro com singular disciplina e decisão sob o feitiço da voz de mando.

Enquanto isto ocorria por uma parte, por outra, multidões incontáveis de trabalhadores especializados e também militarizados, dirigidos por hábeis técnicos, trabalhavam incansavelmente no aperfeiçoamento e produção desse enorme material bélico que tanto contribuiu para que se conseguissem depois as maiores vantagens sobre os adversários, que foram derrotados uma e outra vez apesar dos esforços inauditos que fizeram para evitá-lo.

Além disso, foram se agrupando no seio dessa nação, como imantados por uma coincidência de pensamentos que refletiam bem às claras o estado ambiente desse povo, uma quantidade de homens de ação, experientes e estrategistas consumados, que ao assumir o governo e imprimir uma nova direção à política que haveriam de desenvolver no futuro, estabeleceram para o Reich uma nova ordem que se chamou totalitária.

Penso que nos dias de hoje muito poucos sabem qual foi e continua sendo, desde a assunção do nazismo, o verdadeiro sistema de governo implantado na Alemanha. Aparentemente, não parece existir um gabinete ministerial organizado como os que se têm conhecido até aqui em outros países, inclusive o nosso; somente atuam à vista – como únicos e necessários para sua vinculação com o exterior – dois ministérios: o de Relações Exteriores e o de Propaganda, os quais preenchem suas funções em estreita colaboração com outros ministérios, que nossa perspicácia nos faz descobrir, não obstante a cortina de fumaça que oculta aos de fora o segredo de sua organização.

É indubitável que, no começo da agitação de prosélitos, já se plasmava na mente dos dirigentes do nazismo um plano de reconstrução, vitalização e militarização que, embora confuso em seus começos, foi tomando forma e completando-se, à medida que novas cabeças integravam o movimento e contribuía com suas particulares iniciativas, produto da especialidade própria. A nação alemã devia surgir como sede de um grande comando militar e político e, portanto, era necessário e imprescindível transformar tudo para conseguir tal finalidade. Nenhuma resistência individual ou coletiva haveria de opor-se a essa mudança fundamental que experimentaria o país, e se exigiu ao povo alemão obediência estrita e submissão total. Cada um dos dirigentes assumiu, pois, uma função específica e diríamos autônoma dentro do Estado, gozando de uma liberdade de ação quase absoluta, mas sendo ao mesmo tempo diretamente responsável ante a autoridade máxima, por seus erros, impreviões ou descumprimento de seus altos deveres.

Desta forma todo o concernente à aviação, em seus três ramos, terrestre, naval e civil, é dirigido por um marechal do ar que viria a ser uma espécie de ministério do ar. Todo o relacionado com a marinha de guerra está a cargo de um almirante supremo, à semelhança de um ministério da marinha; o que concerne aos exércitos terrestres, também se acha sob o comando de um marechal-chefe que dispõe deles à vontade. Segue um ditador das finanças, que ordena e controla o relativo à economia do país; um chefe de polícia com atribuições máximas, que tem em suas mãos toda a fiscalização interna, ao ponto de saber instantaneamente a menor incidência que possa ocorrer de um extremo ao outro da nação; um diretor que guia toda a espionagem

internacional e outro que dirige e regula os abastecimentos da população e determina os racionamentos. Há também um diretor que domina as comunicações internas e as que correspondem ao exterior; um que tem a seu cargo o planejamento e execução de todas as obras públicas, e outro, a construção de estradas e pontes. Há mais ainda, que não enumeramos aqui para não nos estendermos além da conta, já que o objetivo primordial, ao mencionar os que conceituamos de maior importância, é demonstrar que existem na Alemanha cargos que em certo modo se assemelham aos que exercem os ministérios, mas com a diferença bem pronunciada da qualidade de suas funções e prerrogativas; duas das maiores são, indiscutivelmente, a do absoluto domínio que exerce cada funcionário do Reich e sua inamovibilidade, em contraste com a limitação e instabilidade dos funcionários de outros sistemas de governo.

Não obstante, pelo que se vê, mesmo quando todos gozam da mais ampla autonomia, existe uma coordenação perfeita nas diretivas comuns que não obstaculiza nem altera o plano geral e que todos obedecem com vistas a um fim já preestabelecido e consagrado por eles como inquestionável.

Tudo o que assinalamos evidencia a preparação meticulosa que há vinte e dois anos vêm cumprindo o povo alemão para poder enfrentar, no presente, todas as alternativas que possam apresentar-se no curso da guerra atual.

Compreender-se-á muito bem que, apesar do enorme esforço bélico realizado pela Alemanha, o Reich não era – mais paradoxal não pode ser – partidário de desencadear a guerra, pois melhor seria submeter uma a uma todas as nações do mundo, sem recorrer às armas. Foi, então, segundo o conceito repetidamente proclamado pelos ditadores do nazismo, por culpa dos que não quiseram submeter-se, sob pretexto de defender sua neutralidade ou sua soberania, que a guerra com Alemanha aconteceu.

Prossigamos agora resolvendo o indecifrável problema que meio mundo propôs, talvez por não entender a outra parte destas coisas nem de problemas. Quantos se perguntaram assombrados: E com que dinheiro pôde a Alemanha fabricar tantos armamentos e manter repletas suas reservas de alimentos aparentemente inesgotáveis?

Acaso não protestou durante anos afirmando que careciam deles, que os Bancos quebravam e que o marco se desvalorizava até o zero? De onde, pois, surgiu essa potência que pouco depois dava dinheiro a mãos-cheias, sem limitações, fazendo cair tantos, seduzidos e sugestionados até a embriaguez? E dizemos até a embriaguez porque somente no estado ébrio puderam tantos vender-se e trair suas pátrias no paroxismo de sua cretinice.

Será necessário recordar aqui o dilúvio de palavras vertidas pelo ministério de propaganda do Reich contra o comunismo, com o objetivo de advertir a Inglaterra que era necessário armar a Alemanha para que pudesse combater a Rússia? Na edição de abril deste ano, a revista “Seleções do Reader’s Digest” publicou uma interessante biografia do Primeiro Ministro inglês Winston Churchill, onde consigna ao historiar certos aspetos do pós-guerra, que “os empréstimos obtidos pela Alemanha ascendiam ao dobro do custo das reparações”. O que foi obtido pela desvalorização do marco, ninguém sabe nem saberá jamais. O que se obteve ao confiscar valores particulares de seus cidadãos, tampouco se sabe. Mas, o que se pôde saber a tempo, principalmente a Inglaterra e França, foi o que Alemanha fazia com esses dinheiros. Devemos pensar que o sabiam, mas não se inquietaram porque creram de pés juntos que ela se armava para combater o comunismo. Terrível e ao mesmo tempo sinistra ilusão! As lições da história, a última, fresca ainda nos anais da guerra de 1914, a experiência de tantos séculos, e em última instância, a razão da existência e o dever de defesa, nada foram para aqueles a quem a mão de Deus estendeu um dia a pena que rubricou a vitória.

E enquanto tudo o que já dissemos acontecia cada dia em ritmo mais acelerado, na França e na Inglaterra, depois de discutirem durante anos a questão do desarmamento, começaram elas mesmas a cumprir essa aspiração, desmobilizando seus exércitos e mantendo em atividade o estritamente indispensável, enquanto a infância e a juventude cresciam e desfrutavam dessa paz aparente que se pensou pouco menos que definitivamente conquistada, sem suspeitar os amargos dias futuros que lhes reservava o destino, esse mesmo destino que por suas imprevisões, seus erros e suas temerárias imprudências políticas, os homens que representavam os interesses e a vontade de seus respectivos povos impuseram.

Compreender-se-á agora que quando a guerra foi declarada, essas nações se achavam muito longe de estar preparadas para enfrentar uma potência que no transcurso de tantos anos havia disposto tudo para impor pelas armas suas demandas.

Numa desigualdade de condições nunca vista as massas jovens tiveram que ir à luta, sem saber por que nem para que; sem que essa realidade que iam experimentar jamais tivesse sido motivo de sua preocupação, como deveria ter sido muito antes de enfrentar tão duro transe; sem armas que contrapusessem o poder das armas inimigas; sem uma organização preestabelecida, e até quase sem chefes que levassem em suas veias o sangue dos heróis que se imolaram pela liberdade da pátria a poucos lustros da data. As improvisações sempre costumam ser fatais, pois nelas somente se busca recuperar o tempo perdido ou fazer, em um brevíssimo lapso, as coisas que a lógica e a sensatez ensinam a efetuar no tempo devido.

Pois bem, sabemos que o tempo não perdoa aos que desprezando-o em sua oportunidade tentam contê-lo pretendendo que lhes sirva nesse espaço reduzido, como também no prodigado extensamente obedecendo a suas leis.

Esta é em síntese a observação que formulamos a propósito da incógnita que atormenta a muitos e que confiamos – como dissemos – haverá de clarear as sombras que escurecem o ambiente mental que nos rodeia.

O CASO DA FRANÇA FOI E CONTINUA SENDO O DE TODOS OS DEMAIS POVOS



O caso da França implica o primeiro grande desprendimento do edifício que sustentou a civilização ocidental. E por ser o primeiro, implica também a primeira e fundamental advertência que o sentir humano teve que experimentar como sinal inequívoco de uma pronunciada decadência mental, moral e espiritual existente no seio dos povos.

A França chegou a ter o maior poder do mundo depois da guerra de 1914; assim declarou há pouco Pierre Laval ao ser interrogado pelos jornalistas⁽¹⁾.

Se tinha esse poder e, por conseguinte, a maior liberdade de exercer sua vontade soberana, o que fez dele? Quem o tirou ou o reduziu à impotência? Não foram por certo as forças da Alemanha, que jamais haveriam ousado enfrentá-la, se a poderosa França de um dia não houvesse sido debilitada e levada à esterilidade por seus próprios homens.

A revelação do general Gamelin, quando foi interpelado pelo tribunal que pretendia julgá-lo, mostrou com toda crueza os verdadeiros responsáveis. O governo, desprezando seus conselhos de militar e estrategista, foi quem ordenou tudo o que se constituiu depois no maior desastre militar da história.

Assombra, pois, que muitos dos homens que tiveram a soma do poder quando a França existia como grande potência e que com todos os meios na mão não souberam defendê-la, tentam fazê-lo hoje nas condições tão lamentáveis em que se acha.

⁽¹⁾ *La Nación*, 27 de maio

Não cabe dúvida que os pensamentos de índole indesejável desempenharam ali um papel preponderante. E quando estes se apoderam dos homens, estejam no topo ou no plano, a consciência se ensombrece, atua-se movido pela força mental com a qual se está conectado (os pensamentos), e a concepção de pátria, lar e dignidade humana desaparece para atuar a insensatez com todas as suas derivações ignominiosas.

As palavras que o marechal Petain dirigiu ultimamente a seu povo confirmam: “Ainda devemos pagar com os maiores sacrifícios os graves erros cometidos no passado”.

As nações que providencialmente se acham à margem da contenda bélica que arrasa a Europa já têm sobrados motivos para não incorrer nesses mesmos erros.

Os Estados Unidos da América do Norte assim compreenderam e o põem em evidência ao tomar tão sérias medidas em sua defesa.

Em nosso país, as declarações formuladas no recinto da Câmara dos Deputados da Nação, em 18 de junho, pelo Ministro do Interior, Sr. Culaciati, por motivo da interpelação que lhe fez esse corpo legislativo sobre atividades subversivas de elementos estranhos ao nosso meio, são de uma eloquência tal que não deixa lugar a dúvidas acerca do fim que buscam certos agrupamentos. Felizmente uma oportuna denúncia do Sr. Ministro da Guerra, general Tonazzi, a seu colega do Interior, fez com que a polícia invadissem domicílios suspeitos e confiscasse provas convincentes dessa propaganda perturbadora.

É de se anelar que o caso da França não volte a repetir-se jamais, e se pensamos que com simples procedimentos se pode evitar, será inconcebível que não se adotem as medidas que aconselham as circunstâncias atuais em salvaguarda de nossos princípios, de nossas instituições e de nosso decoro nacional.

As palavras do senhor Ministro do Interior, prometendo que a ordem não será perturbada, fazem pensar que nas esferas do Governo existe já o propósito firme de eliminar pela raiz o mal assinalado, para assegurar o bem-estar geral e a unidade do povo argentino, cada dia mais necessária e mais sentida por toda a argentinidade.

OBSERVAÇÕES SOBRE O MOMENTO ATUAL DA EUROPA

Erros de critério e de estratégia



Nada tem tanto poder como a própria evidência para reclamar um juízo imparcial e sereno, isento de toda pressão ou fervor partidário.

A partir deste ponto de vista e depois de uma severa análise dos acontecimentos que, com rapidez vertiginosa, de um tempo para cá, vêm se sucedendo no Velho Mundo, vamos expressar nosso pensamento a respeito dos erros de critério e de estratégia, fáceis de advertir, na direção dos assuntos da guerra por parte da Inglaterra e dos Estados Unidos, ou como se diz jornalística e familiarmente, Londres e Washington.

Começaremos por nos referir, em primeiro lugar, à inconsistência e até mesmo à ineficácia da aviação aliada ante à perícia e tática demonstrada pela aviação alemã. Por exemplo: é pública e notória a forma extraordinária com que esta última vem desorganizando, obstruindo e desmoralizando os exércitos inimigos, enquanto que, por sua parte, cada vez que foi necessário tempo e tranquilidade, a fim de organizar os seus para novas e violentas ofensivas, jamais, pode-se dizer, se viu obstaculizada num mínimo pela aviação aliada; muito ao contrário, pareceria que os voos desta eram dirigidos, intencionalmente ou não para outros pontos onde os bombardeios estavam muito longe de ser uma necessidade imediata, como no caso da invasão da Bélgica, Holanda, França e depois Jugoslávia, Grécia e Rússia, reproduzindo-se o mesmo fato na África, onde os alemães, sem ser minimamente molestados, desembarcaram tropas e armamentos suficientes para empreender uma ofensiva cujo resultado foi a perda de todo o território que o General Wavel tão

brilantemente havia conquistado. Por outra parte, não somente Londres, senão também Moscou (e haveria de incluir agora Washington) nunca se preocuparam de anular os preparativos de invasão das forças inimigas, nem sequer se advertiu que fossem fustigadas e após a agressão, de braços cruzados, na qualidade de expectadores, deixaram o exército alemão prosseguir suas campanhas sem atrair sua atenção para nenhum outro ponto.

Tudo isto é o que não compreendem, o que não podem compreender os povos de nosso continente que seguem ansiosos as alternativas de tão gigantesca luta, se não se lhes explica com fatos categóricos, que fins buscam com semelhantes táticas ou atitudes.

Desde o dia dois do mês atual, em que se iniciou a última ofensiva germânica contra a resistência russa, até o momento de entrar na imprensa esta edição, ou seja, uma longa quinzena de dias, a aviação anglo-russa nada fez para paralisar ou evitar seus efeitos demolidores. Tampouco o fez antes, quando o exército alemão preparava essa ofensiva. De que serve então a aviação de guerra se não for utilizada nas oportunidades mais necessárias?

E enquanto isto ocorre, provocando o conseqüente alarme no mundo, Londres se preocupa com a organização da Europa do pós-guerra; Estados Unidos discute se deve ou não submeter ao critério do Congresso a revisão da Lei de Neutralidade e ainda não resolveu armar os navios de carga, como ato de precaução e defesa, depois de sentir na própria carne os efeitos da guerra totalitária.

Estas nações sabem o mal que, pensada ou impensadamente, estão causando aos povos que cifram nelas suas maiores esperanças? Que medidas foram tomadas para ajudar os países que se defendiam da agressão? Que medidas foram tomadas, com a urgência que os fatos reclamam, para ajudar a nova vítima que desesperadamente resiste aos golpes que lhe assesta o agressor? Palavras e mais palavras se desperdiçam com o objetivo de urgir nas três capitais essa ajuda, mas ela não se cristaliza nem num sentido nem em outro.

No entanto, os exércitos germânicos já avançam em direção a Moscou. Os comunicados que a imprensa publica diariamente não refletem a realidade do que acontece, e a opinião pública é sacudida uma e outra vez

quando os comunicados de guerra anunciam a tomada de um importante baluarte dos aliados e portanto um novo fracasso das forças que lutam pela liberdade.

Demorará ainda mais a tão anunciada ofensiva aliada ao continente? Esperar-se-á para pretender que tal coisa seja materialmente impossível? Roosevelt, e como ele a opinião mais autorizada dos Estados Unidos, têm manifestado que é preferível lutar fora e longe do Novo Mundo a fim de evitar que a guerra chegue até ele, mas parecem não advertir que toda demora pode ser fatal ao destino da civilização e ao progresso da humanidade.

Quando começará a era dos acertos naqueles que devem ao mundo a satisfação que imperiosamente exigem todas as almas livres!

A TORMENTA BÉLICA PAIRA TAMBÉM SOBRE A AMÉRICA



Nenhuma pessoa honesta, nem agora nem dentro de mil anos, poderá apagar o sentimento de horror e de indignação pela traição cometida pelos ditadores militares do Japão, sob a própria sombra da bandeira de paz ostentada pelos seus enviados especiais em nosso ambiente.

F. Roosevelt

Com a agressão que o império do Japão acaba de consumir contra os Estados Unidos da América do Norte, se definem e estendem no mundo as linhas de dois setores que já são inconfundíveis para quem tocou viver, presenciar e experimentar as consequências de tão terrível colisão de tendências humanas.

Duas enormes massas formadas por inúmeras legiões de pensamentos tomam posições nos diversos campos da atividade mental.

A diplomacia, após haver participado com extraordinária força nos momentos culminantes que precederam às armas, parece haver ficado relegada, pelo menos no velho continente, a um plano secundário. Pode-se dizer que, praticamente, terminou sua missão, tal como ela atuou e no caráter com que foi investida, com base nos numerosos tratados e convenções que estabeleciam as relações entre os países livres e independentes.

A vida social dos povos foi comovida profundamente em suas próprias bases: a família. Quem, acaso, pode duvidar já da desintegração de tantos milhares de lares, cujos chefes e homens, filhos uns, irmãos

outros, ao desaparecerem do cenário familiar deixaram no mais completo desamparo tudo o que constituiu a garantia de uma moral doméstica que definitivamente formava a base mais sólida da organização social? Com o que serão substituídos esses vazios deixados pelos que se foram? Pode-se admitir, sem que isso implique o relaxamento da moral humana, que é possível a reconstrução desses lares?

Isto é o que deveriam pensar aqueles que um dia tiveram em suas mãos a possibilidade de evitá-lo. Mas, os pensamentos de destruição, que tão gigantesco corpo tomaram, não se detêm ante nada. Entretanto, é necessário esmagá-los e exterminá-los se não se quer ser exterminado por eles.

Eis aí o que finalmente parecem compreender os países da América, ao verem aproximar-se, às costas do continente, a tormenta bélica que tão severos castigos estão infligindo à humanidade.

Pensamos que o dilema que pode apresentar-se à razão comum, ante o conflito das duas correntes mentais em pugna, deve ser resolvido com prévia análise serena e criteriosa dos acontecimentos, tal como foram ocorrendo no vasto campo de luta desde que se iniciaram as hostilidades, não precisamente as bélicas, senão as provocadas pelo fermento do rancor contido daqueles que cometeram depois, uma após outra, as agressões mais inqualificáveis, jamais registradas nos anais da história.

Quem tenha em suas mãos os discursos políticos, as arengas de caudilho e proclamas tipo profético, dos que apareceram como principais autores do que ocorre hoje no mundo, verá com quanto cinismo se falseou a verdade infinidade de vezes; verá, sem maior esforço, o tecido de intrigas e embustes com que foi robustecido o pensamento agressor e verá também que as causas que inicialmente se esgrimiram como justificativas das demandas que se formulavam para um maior “espaço vital” foram meras escusas para ocultar as sinistras intenções que mais tarde ficaram expostas.

É possível que os supostos redentores que ofereceram a seus povos a felicidade e a abundância se hajam convencido já de que uma parte muito importante desses mesmos povos jaz sob a terra e muitos da que ainda sobrevive padecem grandes calamidades, principiando pelas torturas morais, seguindo com as privações de ordem física.

Quantos dos que integram esses povos “conquistadores” não preferirão hoje o ontem que desprezaram, no qual cada um vivia feliz com sua família, alheio aos perigos que atualmente o mantêm em constante sobressalto.

Com a última agressão consumada pelo Japão aos Estados Unidos da América do Norte, a guerra se converte numa contenda mundial e o conflito de tendências mentais entra numa etapa decisiva: o pensamento da alma livre frente ao do opressor que busca sua escravidão. É a luta pela própria existência.

O homem nasceu para cumprir altos desígnios com a própria evolução de sua espécie. Se acaso cometeu erros, deve emendá-los; se errou o caminho, deve retomar o reto; se esqueceu de Deus, deve recordá-Lo em sua aflição, já que não o fez antes em seus dias de graça; mas daí a que se pretenda submetê-lo a uma escravidão degradante, a uma anulação total das funções de sua inteligência, a uma submissão vil que repugna sua consciência, não! Mil vezes não!

O gênero humano não foi criado para esse fim e nada nem ninguém poderá violar a suprema vontade que encarna o próprio espírito de toda a humanidade.

O mundo voltará a organizar-se sobre novas e mais sólidas bases sociais. A ordem e o respeito voltarão a reinar na terra e o testemunho da palavra e do afeto tomará seu lugar perdido na mente e no coração dos homens.

A América deve erguer-se decidida, sem a menor vacilação e enquadrar-se com firmeza, pronta para prestar sua grande participação na hora suprema do grande combate final pelo triunfo da justiça, da liberdade e do direito.

A HORA CRUCIAL DA FRANÇA



Não é senão com o mais profundo pesar, que a humanidade que reside em todos os países do mundo amante da cultura, da liberdade e do direito, contempla nestes momentos a hora crucial que vive a França, a grande pátria de próceres ilustres que deram ao mundo os mais dignos exemplos de abnegação e sacrifício, de épicas proezas e proverbiais gestos de almas grandes e espíritos seletos.

França! Hoje que cai prostrada e sem forças para defender-se; que cai vítima do descuido imperdoável de seus filhos que há quatro lustros assumiram a direção de seus sagrados interesses, o mundo inteiro se estremece de emoção e chora seu infortúnio.

França! França imortal! Que gerou tantos filhos gloriosos, também engendrou filhos miseráveis que não souberam honrar a herança de seus antepassados e a entregaram manietada às fauces insaciáveis da derrocada moral; ao saque, à pilhagem e à desolação.

França! Se seus governantes foram maus, se seu povo se perverteu, você não é circunstancial. Seu nome não pode nem poderá jamais ser apagado, porque está escrito no coração de toda a humanidade. Não haverá de morrer nunca, ainda que se necessite, para sua expiação e ressurgimento, que pereçam os franceses que a desonraram.

França! Hoje que vive a hora mais crítica e funesta de sua história, escuta o que diz a própria voz de sua glória: será a fênix que ressuscitará das cinzas que queimaram a escória que serviu para humilhar sua memória imortal.

A realidade tocou as fibras adormecidas daqueles seus filhos que hoje, envergonhados, buscam restaurá-la com toda a dignidade que merece aos olhos do mundo. Mas, talvez, mais que seus próprios filhos de hoje, sejam os que buscam restituir-lhe seu lugar soberano, aqueles bons amigos irmanados em seus ideais de paz e liberdade. Eles a salvarão e voltará à vida, apesar da obstinada cegueira dos que mancharam seu nome e a mantêm encadeada à rocha da escravidão e do suplício.

MOVIMENTOS ESTRATÉGICOS DA GUERRA ATUAL



Com o que já publicamos, não duvidamos que se haverá apreciado o valor e a importância de nossos enfoques sobre os problemas que mais diretamente afetam a humanidade.

Nada escapa a nossa observação analítica a respeito dos fatos, circunstâncias e atmosferas mentais que rodeiam a vida dos povos, nos quais o homem, como ente social e representativo de seu gênero, desempenha um papel preponderante em todos os acontecimentos que a história do mundo registra.

Sem prejuízo das opiniões, respeitáveis por certo, que possam emitir os grandes estadistas, os pioneiros das finanças e da economia, e os homens proeminentes do cenário político e social, vamos expor nosso pensamento, após amadurecer o juízo em profundas observações, conforme os cálculos que a realidade nos permitiu fazer e baseando-os, certamente, na medida em que nos foi possível apreciar, dadas as circunstâncias que rodearam os fatos e as alternativas que foi experimentando a luta que sustentam inflamadamente os grandes povos do mundo, ou melhor ainda, as maiores e mais poderosas nações que povoam o orbe.

Vistos e analisados hoje os fatos que se desenvolveram desde o começo da contenda, pode-se avaliar a gigantesca empresa que haveria de consumir-se à custa da família humana, após a inconcebível posição mental sustentada pelos que, depois da guerra de 1914, assumiram a responsabilidade de estabelecer uma paz justa e duradoura.

Se os fatos não denunciaram o contrário, é como se existisse entre os altos dirigentes dos dois lados, em pugna pelo predomínio dos

privilégios máximos a que se pode aspirar no terreno das altas decisões, um secreto entendimento que inexoravelmente leva-os a depender de uma força superior a eles, que vai determinando inconstruivelmente os desígnios de outra estrutura geográfica, social, econômica e moral, enquanto se moldam novas formas para o pensamento e se insinuam novas e fecundas concepções nos domínios da mente, digamos melhor, da inteligência, já que o termo parece ser mais compreensível e familiar ao entendimento comum.

Digam-no, de outra sorte, os fatos que vamos especificar para maior ilustração, os quais precisam antecedentes de sumo valor e dos quais extraímos, expressemo-lo empiricamente, a essência com que elaboramos estas reflexões.

De uma Alemanha abatida e premida por mil privações que, conforme disseram seus porta-vozes em gestos teatrais, iracundos e discursos incendiários, obedeciam à injustiça de um tratado, surgiu uma Alemanha gigantesca, ameaçadora, com ânsias incontidas de domínio mundial.

No entanto, a França do Marne, de Verdum e de Compiègne; a França de Jofré, de Foch, de Clemenceau, de Poincaré; a França da linha Marghinot permanecia em total imprevisão; e a Inglaterra dos grandes estadistas e primeiros ministros; a Inglaterra de Lord George, dos Asquid, dos Mac Donald, dos Baldwin e dos Chamberlain permanecia aletargada e entregue aos afazeres da política doméstica, sem cuidar, ao que parece, do que estava ocorrendo no interior da Europa.

Por causa da parcimônia própria do povo inglês, os fatos registrados no curso desses dias não foram suficientes para comover nem inquietar os governantes do império britânico. Dir-se-ia que haviam confiado tudo à Providência.

Nem a assunção do poder pelos nacional-socialistas, nem a denúncia do Tratado de Versalles, que coincide com a ocupação do Reno, nem a consumação do tão esperado “anclus” com a Áustria causaram reação no ânimo de franceses e ingleses. Somente ante a imediata invasão da região dos Sudetes na Checoslováquia pareceram levar a sério o assunto, ao que até então não haviam dado, ou simularam

não dar importância. Então correram a Munique. Aí ocorreu o primeiro e grande encontro com a realidade.

O que aconteceu na famosa entrevista dos quatro algum dia será publicado; mas a humanidade inteligente compreendeu a transcendência do referido encontro, que desde esse instante parece haver assinalado aos governos e povos banhados pelo Canal da Mancha tempos peremptórios, brevíssimos, nos quais deveriam adotar históricas decisões.

O pacto de Munique desconsiderava o Tratado de Versalles, esse grande ensaio de estrutura jurídica, geográfica e econômica que prepararam os homens de 1918.

A crise no campo diplomático acentuou-se com intensidade vertiginosa a partir do dia de Munique. Um passo mais e todo esse edifício, com seus imensos jardins, seus célebres banquetes, suntuosas cerimônias e partidas de caça, que albergou tantos reis e proeminentes hierarcas da vida política e social dos povos da Europa, cairia em ruínas.

De fato, defraudada a boa-fé estampada por Chamberlain e Daladier sobre o memorial de Munique, e ante o fato consumado na invasão da Polônia, que o primeiro julgou como uma insolência intolerável, declarou-se guerra a Alemanha de Bismarck, de Guillermo II e de Hindenburg, hoje nas mãos dos Hitler, dos Goëring, dos Himmler e outros, exclamando angustiado o velho tribuno da corte britânica que, ao fazê-lo, “sentia desmoronar-se toda sua vida política e moral”, significando com isso que bem compreendia a enorme responsabilidade que assumira ante os homens e ante a História.

E assim se apagou a vida de Chamberlain, o homem que pareceu haver confiado tão somente à honestidade e discrição de seu guarda-chuva, tudo quanto levou ao túmulo. E aparece Churchill, o dinâmico e indômito líder da democracia, dispondo contra o totalitarismo avassalador e vitorioso todas as reservas internas da nação e do império.

Mas um fato inesperado sacudiu brusca e terrivelmente a Grã-Bretanha e o mundo inteiro. Foi nos dias amargos de junho de 1940, quando os exércitos alemães invadiram a Bélgica e a Holanda, prelúdio relâmpago da queda da França. Naqueles cruéis e amargos dias

de indecisão, quando o povo britânico viu-se impelido a adotar suas maiores determinações.

O desastre da França e a memorável jornada de Dunquerque comoveram no íntimo a fibra dos ingleses e desde esse momento, pode-se dizer, começa a desesperada carreira de produção bélica e adestramento em grande escala de todos os súditos do império, em idade e condições de servi-lo.

Houve um alívio, não obstante, em meio às violentas agitações e sobressaltos em que viveu o povo inglês.

Depois, como uma nova tormenta ameaçadora, sobreveio a batalha da Inglaterra, a mais feroz e implacável que registram os anais da História e uma vez mais foi posta à prova a têmpera, a resistência e os princípios do povo inglês. Milhares de bombas de todo tipo e tamanho caíam sobre Londres, com ânsias de extermínio total, e a então incipiente força aérea cumpriu sua grande tarefa defensiva com um arrojo e heroísmo que enche de admiração e cobre de glória as asas britânicas, conseguindo assestar rudes golpes ao inimigo que concluiu por desistir de seu empenho de arrasar a nação inglesa.

Enquanto isso, o perigo de uma invasão às ilhas havia permanecido latente no coração e na mente de todos os ingleses. Foi esse perigo, justamente, o grande incentivo, o grande estímulo que levou todas as forças da nação a unir-se em um gigantesco esforço de colaboração para cobrir os riscos a que estavam expostas e, ao mesmo tempo, dotar as forças armadas do máximo de eficiência e poder bélico.

Nesta situação se encontravam as coisas, quando outro acontecimento inesperado pareceu mudar o curso da realidade que tão duramente castigava os que, tendo tudo em suas mãos, inclusive a paz do mundo, descuidaram-se dos altos deveres que lhes impunha tal prerrogativa: a invasão da Rússia pelos invictos exércitos germânicos. Novo e formidável episódio que veio somar-se aos que sucederam desde o começo desta grande conflagração. Aqui começa outra odisséia digna dos poemas de Homero.

Não mencionamos a intensa atividade balcânica na qual a dominação nazista chegou até o Mar Negro e se internou no Mediterrâneo, pois isto merece um capítulo à parte, que não é nada improvável que

seja incluído em nossos estudos sobre os movimentos estratégicos da guerra atual.

Continuando com o que diz respeito à jornada russa, vejamos o que aconteceu.

No princípio, conforme as notícias de origem alemã que o telégrafo transmitia, tinha-se como certa uma ação fulminante, que no término de dias culminaria com uma entrada triunfal em Moscou, enquanto que as de origem inglesa, baseadas mais que nada em impressões otimistas, faziam forjar a esperança de uma resistência titânica por parte das forças russas.

Não demorou muito, entretanto, sem que estas ilusões sofressem seu primeiro colapso. O avanço avassalador dos exércitos comandados pelo marechal Brauschist, rompendo as primeiras linhas de defesa de Voroshiloff e Bundenny, irromperam no coração da Rússia. Até o grande Timoshenko teve de enfrentar perigos iminentes em suas estratégicas retiradas, e quando tudo fazia os homens de Commonfleat pensar, ante a perda de milhares de quilômetros quadrados da Rússia dos Soviet, no aniquilamento das hostes do surpreendido exército russo, sobreveio o inverno e, com ele, o fato que tanto alívio causou ao ânimo dos inimigos do Terceiro Reich.

Pode-se dizer que desde esse momento muda fundamentalmente o panorama da contenda. Os grandes temores que engendrou na alma dos povos o irreprimível avanço alemão sobre as estepes russas se dissipam ante o estancamento das operações militares causado pelas intensas nevascas e as baixas temperaturas que, conforme as informações da frente russo-alemã, haviam ultrapassado as habituais com grandes prejuízos para os projetos do invasor.

Começa, pois, uma nova etapa, na qual a Inglaterra, apesar dos rudes golpes sofridos e os não menos duros contrastes experimentados, consegue levantar-se de novo, desta vez com o objetivo de sustentar-se de pé indefinidamente.

A América do Norte, mergulhada como estiveram as demais nações no sonho feliz de uma paz que se acreditou eterna, começou por fim a despertar-se, mas sem compreender ainda a transcendência e alcances dos objetivos imperialistas dos países agressores. Impassível

continuava seus envios de matérias-primas ao Japão, com quem – é paradoxal recordá-lo – mantinha cordiais relações.

Foi necessária a surpresa de Pearl Harbor, de tão estupendas consequências, para que o povo norte-americano, até esse momento despreocupado ante as profundas dissensões que existiam na opinião, se convencesse das proporções gigantescas que estavam assumindo as ambições dos associados ao Pacto Tripartite do Eixo.

Por virtude desse terrível abalo psicológico que experimentou o povo yanki, constituiu-se e consolidou-se definitivamente em tal sentido a unidade nacional. Foi o instante em que Roosevelt empunhou a espada para cruzá-la com aqueles que atentaram contra sua soberania e fizeram das leis internacionais um jogo de conveniência.

Num abrir e fechar de olhos todas as indústrias do país foram mobilizadas, transformando-se em um imenso arsenal, e por obra de uma reação natural das nações em luta contra as potências do Eixo, foram promovidas as primeiras gestões para a constituição de uma aliança anglo-russo-norteamericana, definindo-se assim as posições que tomaram os beligerantes no vasto cenário desta guerra mundial.

Os dias, no entanto, agrupando-se em meses que se sucediam com terríveis desígnios, foram precipitando novos acontecimentos e determinando mudanças substanciais no desenvolvimento da luta. Nem as frenéticas arremetidas do Japão, nem a nova ofensiva que os alemães iniciaram em direção ao Cáucaso, nem mesmo aquela fulminante investida de Rommel, que levou o oitavo exército inglês além das fronteiras do Egito, com o prodigioso assalto que culminou com a queda de Tobruk, pareceria haver influenciado a sorte já lançada, sorte que a julgar pelos movimentos das nações unidas, que se observam atualmente, tem-se a impressão de que é conhecida pelos que dirigem as operações e a estratégia a seguir na nova etapa que começou com a réplica do general Montgomery na África Oriental – ainda na perseguição dos esfarrapados soldados do África Corps, na retirada para seu último baluarte, Trípoli – e que prosseguiu com a magnífica expedição naval e aérea combinada que realizaram os Estados Unidos e a Inglaterra na África Ocidental, as quais nestes momentos batem o inimigo nas últimas posições que

lhes restam e às quais se aferrou tenazmente para resistir ao empurrão dos exércitos aliados.

O cinturão de ferro vai sendo apertado inexoravelmente em torno dos que reclamaram a lei do “espaço vital” e é este, precisamente, o momento em que as nações unidas, em particular, e principalmente a América do Norte e a Inglaterra se veem dedicadas ao grande problema da futura paz, a qual, querendo ou não, lhes preocupa hoje mais do que a própria guerra.

O grande problema está, pois, sobre o tapete e será necessário que os homens chamados a encará-lo consintam em admitir que se requererá uma grande serenidade, uma grande temperança e uma profunda penetração para não desviar-se do objetivo principal nos múltiplos enfoques que haverá de realizar, dentre eles a nova organização social, política e econômica do mundo.

Pelo que até aqui estamos vendo, os homens que empunham o timão das grandes democracias deram provas de ser eminentes peritos nestas considerações de alto calibre em que se haverá de substanciar o futuro dos povos.

Tenha-se presente que estamos analisando as situações do ângulo correspondente à posição aliada, com prescindência do pensamento que possa animar a posição contrária, pois conceituamos esta matéria para outro capítulo que haverá de mover oportunamente nossa pena.

Não se deve esquecer a multiplicidade de aspectos que configuraram esta contenda e também a multiplicidade de fatores que intervieram nela: ideológicos, morais, políticos e econômicos, todos os quais comoveram profundamente as bases da atual estrutura social. E para que seja possível um equilíbrio perdurável ao restabelecer a paz e dar ao mundo novas e sólidas bases para seu futuro, haverá de ter-se em conta – e os que dirigem a política mundial certamente já sabem – quais são as partes do novo edifício que será necessário escorar com rigorosa precisão.

Já que se está no jogo e há que seguir até o final, nada mais acertado, uma vez previsto esse fim, que ir preparando com tempo e em meditadas conclusões as novas bases em que se apoiará o futuro.

Mas para que isto possa efetivamente ser realizado sem os inconvenientes sumamente graves com que as surpresas ou as mudanças repentinas nas situações bélicas costumam deparar-se, será necessário ao alto comando aliado, tão logo se ache em seu poder, definitivamente, a iniciativa em todas as frentes, conduzir a guerra, diremos, a vontade, paralelamente com os avanços que se vão realizado na preparação da paz estratégica que seguirá a esta grande contenda de povos.

Note-se que dissemos paz estratégica, porque conceituamos, em primeiro lugar, que as potências vencedoras haverão de determinar uma nova configuração geográfica que obedeça, precisamente, às garantias e seguranças que haverão de exigir-se para que a futura paz não volte a ser violada por novos movimentos armados.

Os Estados Unidos e a Inglaterra se veem, pois, dedicados a um amplíssimo estudo das situações que serão mais convenientes para o futuro. E é indiscutível que nesse plano de reconstrução, de projeções tão monumentais, terá que intervir um fator máximo: a total inteligência das potências vencedoras na consumação do acordo final. Daí que seja imprescindível a subsistência de todos os povos que formam a família humana e que se busque, como têm manifestado as cabeças mais proeminentes de Washington e de Londres, a queda dos regimes e não a sucumbência dos povos inimigos. A derrota total do Japão, por exemplo, romperia o equilíbrio asiático no pós-guerra, do mesmo modo que a aniquilação do povo alemão, com uma Rússia triunfante, significaria um perigo para o equilíbrio europeu.

Se cada nação teve de desempenhar um papel histórico nesta guerra, não haverá que atribuir a esse papel outra função que a que lhe foi assinalando o rigor inevitável das situações. E conceituamos que, para a avaliação dos fatos, deve eliminar-se totalmente a miragem ideológica.

Todos os povos ameaçados pela invasão dos países agressores lutaram pelo amor a suas pátrias e na defesa dos sagrados interesses da família e do solo natal e não por defender uma ideologia. Ao ser invadida a Rússia, tanto Churchill como Roosevelt declararam que concordavam com a nação russa, com o povo russo, mas não com a ideologia que sustentava o Estado dos Soviet. Com esta clara e

eloquente definição não deixavam lugar a dúvidas acerca de qual era a verdadeira posição dos países democráticos.

E quando for chamada cada uma das nações que haverão de intervir e contribuir para o estabelecimento definitivo da paz, é muito seguro que seus representantes atuarão em nome de seus governos reconhecidos como tais em seus respectivos países, e não em nome de regimes ou ideologias.

Chegando ao final de nosso estudo, não podemos conter o vivo anelo de expressar que na próxima conferência de paz, por cima dos interesses dos povos do mundo e acima de tudo, se fale em nome da humanidade.

PREOCUPAÇÕES PELA VIDA DO FUTURO



Todos vivem nos momentos atuais, sem exceção, e de um extremo a outro da terra, dependentes, pode-se dizer, dos acontecimentos; do que ocorrerá amanhã, daqui a uma semana, um mês ou um ano; mas, o que mais preocupa é o amanhã, esse futuro que começa todos os dias ao amanhecer e que depois de fazer-nos reagir de mil maneiras, conclui como os remédios que se tomam com frequência, que terminam por acostumar o corpo até o ponto de não fazer mais efeito.

Assim um e outro dia passam a formar parte do passado, engrossando os arquivos dos quais se extrairá mais tarde os elementos com os quais se elaborará a história de nossos dias.

O que todos avidamente fazem cada dia ao despertar? Percorrem os títulos dos jornais para saber se aconteceu algo que modifique o critério sustentado até ontem pelos homens, os povos, ou a humanidade toda, sobre isto ou aquilo, enfim, sobre tudo o que concerne e interessa vivamente a cada criatura humana. Daí que hoje se leiam e releiam ansiosamente as notícias que nos chegam acerca do que eminentes estadistas trataram sobre o próximo pós-guerra. Teorias, ensaios e toda iniciativa que vêm à luz nos Estados Unidos ou na Inglaterra são recebidos como a água pelo sedento, mas apenas acalmam a ansiedade com que são esperados; muito menos ainda quando essa água não é o suficientemente pura nem clara que inspire verdadeira confiança ao ser tomada.

É bem sabido que os melhores planos que se concebem atualmente e que ainda se acham em nível teórico haverão de sofrer muitas e talvez fundamentais modificações na prática, quando a realidade, tão sábia

como eloquente por sua incontrolável força de expressão, aconselhe os temperamentos mais adequados para a organização futura do mundo.

À margem disto, a alma humana se acha nestes momentos dependente da maior batalha dos séculos: a invasão do continente europeu. Como será essa dantesca luta? Quem serão os privilegiados que, assistindo a todo o seu desenvolvimento, possam ter depois a imensa glória de sobreviver intatos e contar o que viram seus olhos e experimentou seu coração em semelhante transe, único na história do mundo? Será possível imaginar inferno mais real e mais espantoso? Acontecerá naquela região, naquela Europa que foi berço das maiores culturas e prodígios da criatividade a mais triste das desventuras, que é a loucura negra que desata no homem as paixões mais funestas? Poderão os exércitos aliados, enquanto lutam com o inimigo durante a invasão, deter o furor aceso em chamas de vingança, de ódio e de violento frenesi das massas atualmente subjugadas? Quais escaparão desse inferno quando a terra se calcinar ao serem incendiadas as cidades, as matas e tudo o que possa ser amparo para alguém?

Bem temos dito que o mundo vive, nos atuais instantes, pendente dos acontecimentos, porquanto ninguém ignora que esses acontecimentos serão os maiores que se hajam presenciado desde que existe o uso da razão, nem põe em dúvida que haverão de repercutir profundamente na alma de todos os homens.

A INVASÃO AO CONTINENTE EUROPEU



Depois de tantas esperas, de tanta ansiedade e tanta incerteza, ocorreu a tão apregoada invasão à Europa.

Que significado contém este fato tão transcendental e de suma repercussão em todos os povos do mundo? Que brecha abre ao futuro da humanidade? É assunto que a História haverá de responder em seu devido tempo; não obstante, o que não é possível esperar é que ela se pronuncie acerca do doloroso espetáculo que apresenta esse quadro sinistro onde se imolam muitas vidas jovens e se destroem infinidade de bens que a humanidade custará muito a recuperar.

Se tantos sacrifícios, tantos desvelos e tanta dor bastassem para fazer os homens compreender, de uma vez por todas, a urgência de corrigir seus erros pela raiz, talvez não teria sido estéril semelhante tragédia. Mas há que se compreender essa lição, e que os homens chamados a reger o destino dos povos saibam estar à altura de tamanha responsabilidade.

Em cinco anos de guerra houve tempo mais que suficiente para que os homens se formulem as mais sérias reflexões enquanto se aperfeiçoam para o futuro todos os mecanismos da vida institucional das nações.

Nenhuma oportunidade poderia ser mais propícia que esta para que surjam os melhores homens que encaminhem as atividades do pós-guerra dentro da maior harmonia e compreensão geral. Isto é o que espera o mundo, que nestes momentos assiste perplexo ao fato mais transcendente da guerra atual: a invasão à chamada fortaleza europeia.

É de se anelar que quando o sol ilumine o dia final desta guerra, ilumine também a mente de todos os estadistas da terra, para que, em franca colaboração, em uma ação conjunta e harmônica a favor da solução dos problemas que possam dificultar ou entorpecer o progresso de todos os povos, ofereçam a mais sólida garantia sobre a inalterabilidade da paz futura.

PALAVRAS PROFÉTICAS SOBRE A FRANÇA IMORTAL



Nestes momentos em que vemos como a França volta a incorporar-se à existência livre, em que ouvimos exclamar em cada ponto de seu território o já incontido grito de libertação, recordamos o que escrevemos em nossa edição de novembro do ano 1942. Dizíamos naquele instante tão triste para a França e para todo o mundo:

“Não é senão com o mais profundo pesar que a humanidade que reside em todos os países do mundo amante da cultura, da liberdade e do direito, contempla nestes momentos a hora crucial que vive a França, a grande pátria dos próceres ilustres que deram ao mundo os mais dignos exemplos de abnegação e sacrifício, de épicas proezas e proverbiais gestos de almas grandes e espíritos seletos”.

“França! Hoje que cai prostrada e sem forças para defender-se; que cai vítima do descuido imperdoável de seus filhos que há quatro lustros assumiram a direção de seus sagrados interesses, o mundo inteiro se estremece de emoção e chora seu infortúnio”.

“França! França imortal! Que gerou tantos filhos gloriosos, também engendrou filhos miseráveis que não souberam honrar a herança de seus antepassados e lhe entregaram manietada às fauces insaciáveis da derrocada moral; ao saque, à pilhagem e à desolação.”

“França! Se seus governantes foram maus, se seu povo se perverteu, você não é o que é circunstancial. Seu nome não pode nem poderá jamais ser apagado porque está escrito no coração de toda a humanidade. Não haverá de morrer nunca, ainda que se necessite para sua expiação e ressurgimento que pereçam os franceses que a desonraram.”

“França! Hoje que vive a hora mais crítica e funesta de sua história, escuta o que diz a própria voz de sua glória: será a fênix que ressuscitará das cinzas que queimaram a escória que serviu para humilhar sua memória imortal.”

“A realidade tocou as fibras adormecidas daqueles seus filhos que hoje, envergonhados, buscam restaurá-la com toda a dignidade que merece aos olhos do mundo. Mas, talvez mais que seus próprios filhos de hoje, sejam aqueles bons amigos irmanados em seus ideais de paz e liberdade os que buscam restituir-lhe seu lugar soberano. Eles a salvarão e voltará à vida, apesar da obstinada cegueira dos que mancharam seu nome e a mantêm encadeada à rocha da escravidão e do suplício.”

Hoje, que com sã alegria presenciamos o avanço vitorioso dos exércitos aliados, nos quais lutam também forças do exército francês, não podemos menos que congratularmo-nos ao ver cumpridas estas palavras proféticas que expusemos há apenas dois anos.

França volta à vida de nação livre e este só fato significa que está próximo o final da guerra e próxima a reorganização do mundo sobre a base de uma compreensão ampla dos destinos humanos e, por fim, o futuro dos povos assegurado por uma paz real e inalterável.

III. PROBLEMAS, CONSEQUÊNCIAS E LIÇÕES

PELA PAZ DO MUNDO



A esta altura dos acontecimentos e frente ao angustioso quadro que o Velho Mundo apresenta, é de se anelar que cesse o desenfreio bélico e que os homens que dirigem os lados em luta consigam entender-se de uma vez por todas, para evitar que se acrescentem aos sofrimentos que a humanidade já padece outros talvez mais terríveis.

Um acordo de paz poderia evitar até males irremediáveis e poupar o mundo de penúrias como as que jamais teve que suportar no curso de sua história.

Mas, sob que garantias se firmaria a paz? Com que meios se asseguraria o estabelecimento de uma concórdia internacional, a parada das fábricas de armamentos e o livre gozo dos direitos patrimoniais de cada nação, para desenvolver seus recursos naturais de convivência humana?

Os homens de estado que hoje governam as potências mais poderosas do mundo são os que poderiam responder a tal interrogação. Se em verdade querem uns e outros dedicar-se à tarefa de reajustar as fronteiras, as zonas de influência e os métodos seguidos até o presente em matéria política e econômica, é possível pensar que fazendo-se um supremo esforço de boa vontade se chegue a uma conciliação de objetivos, de modo que as diferenças que hoje parecem pouco menos que insuperáveis poderiam encontrar soluções felizes desde que fossem focalizadas com espírito de abnegação.

Nem à Inglaterra nem à Alemanha convirá mais seguir a luta na qual estão empenhadas do que, a primeira aceitar, com a devida resignação, a situação criada – já que isto contribuiu para as causas que são do domínio público –, e a segunda depor suas armas e afãs de conquista, pois a

extensão das hostilidades a outros continentes somente trará infortúnio para todos.

É paradoxal até o inconcebível que enquanto a Terra, imensamente grande, oferece suas riquezas para que o homem as desfrute, este se empenhe em viver amontoado, sacrificando sua saúde e felicidade, destruindo tudo o que faz, gastando mal suas energias, lançando ao fundo do mar os vultosos valores que extraiu daquelas riquezas e exterminando sua própria espécie, como se para todos não houvesse um espaçoso lugar debaixo do sol.

Todo habitante da América deve anelar que os homens do Velho Mundo se entendam em um esforço comum por interpretar mutuamente suas respectivas demandas.

Os transtornos mundiais que uma guerra ocasiona são de consequências tão desastrosas que depois se devem sofrer longos anos de crises, de epidemias e pesares, antes que a humanidade consiga recuperar-se de semelhantes calamidades.

Lógico é admitir, então, que se faça tudo quanto seja necessário, no sentido de pôr fim à contenda que a ninguém beneficia mas que afeta a todos. Entretanto, a paz não terá sentido se for baseada na opressão e na claudicação de uns e na dominação de outros.

O acordo de paz deverá ser planejado sobre as bases de uma justiça inalienável que contemple as necessidades de todos os povos do mundo.

Cabe assinalar que a mente desta parte da humanidade, que ainda se acha no continente europeu, tem já sobrados motivos para pensar mais seriamente e encaminhar seus objetivos pelo caminho de uma evolução mais consciente e mais humana.

Formulamos, pois, nossos ferventes votos pelo restabelecimento da paz, de uma paz sincera e perdurável.

A EDIFICAÇÃO DO FUTURO



Os bombardeios a cidades abertas, por uma parte, e a adoção dos refúgios subterrâneos para resguardo da população civil, por outra, estão indicando com uma severidade verdadeiramente imponente a imperiosa necessidade de melhorar totalmente em cada cidade da terra seu sistema de edificação.

Ao finalizar esta guerra, ninguém gostaria de voltar a presenciar os quadros catastróficos que as grandes capitais e as magníficas cidades apresentam depois de um dilúvio de bombas explosivas e incendiárias.

Nas cidades, os edifícios não deverão oferecer mais esses alvos impossíveis de dissimular e proteger e, de agora em diante, terá que edificar-se sob a terra, muito fundo, se se quiser preservar a indefesa população civil de perecer envolta em chamas ou esmagada pela queda de gigantescas construções.

Muitos são os que já se acham vivendo horas e dias, com escassíssimas comodidades, nos refúgios subterrâneos. Quando tiverem uma casa sob a terra, que lhes ofereça uma comodidade maior, com quanto agrado se trasladarão a ela, por humilde que for, e viverão sem articular o menor protesto. Se isto houvesse dito a esses povos, há dois anos, já se sabe o epíteto que haveriam prodigado. O mesmo que hoje prodigariam as pessoas da América que não sentiram na própria carne um infortúnio como o que estão suportando nossos semelhantes do Velho Mundo.

Porém, cedo ou tarde haverá que pensar seriamente nisso, e os engenheiros e arquitetos da hora presente deverão dispor seus futuros estudos ao aperfeiçoamento das casas construídas sob a terra.

À primeira vista o problema pareceria não oferecer maiores dificuldades; entretanto, as próprias cidades, com suas praças, ruas e diagonais, terão que ser planejadas nesse subsolo. Como farão os construtores desta nova edificação para que o ar puro e o sol não faltem nela? Pensamos ser oportuno que os governos comecem a preocupar-se com este assunto, mesmo que seja apenas como medida de estudo, que bem poderia ser de grande utilidade num futuro não distante.

Tanto o homem faz e desfaz que, se continuar assim, chegará até a perder definitivamente a razão e com ela todas as prerrogativas de seu gênero. Tal é o conceito que haveria que formar-se se, por causa do próprio homem, se devesse viver como os mais repulsivos seres da espécie animal.

A QUE POVOS OS DITADORES PROMETERAM DAR A FELICIDADE?



Esta pergunta deve ser formulada em grandes letras por todo ser livre em seu pleno uso da razão. Quem esqueceu, acaso, os enfáticos discursos de antes da guerra, nos quais os atuais ditadores da Europa prometiam a seus povos a liberação econômica, a abundância em bens materiais, espaços vitais, e uma felicidade sem limites como coroação de tudo?

Os povos, naquela época, viviam a vida e desfrutavam dela sem chegar aos extremos da miséria em que hoje se encontram, nem ter a existência pendente por um fio. Esses povos aos quais seus líderes mentiram, assegurando que lhes dariam uma vida melhor, não obtida até esse momento, se acham hoje prostrados na indigência e na escravidão, e a flor da juventude – a que tinha direito, não a desfrutar dessa felicidade que lhe prometiam, senão a viver a vida pelo direito inalienável que confere ao homem a lei da existência –, se acha amontoada em fossas, transformada em cadáveres putrefatos, sem haver tido sequer a ventura de fechar os olhos ao lado de seus seres queridos.

Essa é a crua realidade, a verdade inabalável e irrefutável. Triunfem ou não na guerra, as promessas que fizeram a seus povos já não poderão ser cumpridas, pois a felicidade não será possível onde as famílias se desarticularam, os lares foram manchados e mutilados, assim como a vida moral e mental dos semelhantes.

Eis aí a indiscutível derrota que paira sobre os ditadores; eis aí a força que esmagará as mais ousadas desta contenda sem ideais nem gestos heroicos nem ensinamentos que possam ilustrar a história de nossos dias.

INFLUÊNCIAS DA GUERRA NAS NOVAS FORMAS DO PENSAMENTO



Antes de entrar de cheio em tão profundo tema, que certamente apresenta não poucas obscuridades, convém acendermos as luzes para podermos nos orientar, à medida que nos internamos nele e descobrimos os fatos que, como pensamos, devem ser percebidos e observados pela inteligência de todos. Estas luzes não são outra coisa que os pontos de referência que vamos focalizar para que falem com sua imponderável eloquência, em cada caso em que haveremos de recorrer a eles para confirmar a base de nossas exposições.

É indubitável que o mundo entrou numa das épocas mais críticas da história e, se bem alguém disse uma vez que quanto mais profunda é a noite mais próximo está o amanhecer, não se deve esquecer que há noites curtas e noites longas, conforme sejam as horas de paz e felicidade ou de aflição e desesperança.

Logo depois do término da guerra de 1914, começaram a manifestar-se em algumas nações da Europa, e depois no Extremo Oriente, os sinais precursores que haveriam de culminar, mais tarde, numa mudança em sua estrutura político-social. Assim é como foram aparecendo, por um lado, o comunismo e por outro, o fascismo e o nazismo. Que representavam estas denominações? Representavam em si uma mescla de teorias, métodos e sistemas, com que se pretendia mudar, como dissemos, as normas que o progresso havia estabelecido para a civilização. Surgiram, pois, essas ideologias, como novas formas do pensamento, às quais necessariamente devia submeter-se a vontade humana. Fizeram-se revoluções, marchas e proclamações e

começaram a impor-se, em alguns países, as novas bases que regeriam seu futuro político, social e econômico.

No entanto, os povos que se mantiveram à margem dessas ideologias continuaram sua vida normal; vida que depois foi, em certo modo, perturbada pela repercussão das violências e os excessos que provinham dos países imbuídos daquelas ideologias. Daí que, enquanto nas nações livres nada faltasse e os dias corressem em paz, sem agitações, nos povos submetidos aos regimes de força nada satisfazia e careciam de tudo, uma vez que se lançaram por todas as partes com ímpeto desenfreado, como os próprios fatos foram confirmando, em busca do que já com objetivos imperialistas ansiavam possuir.

Seguiram dias amargos para a humanidade, que ainda não terminaram e pode-se apreciar que, o que esses povos buscavam fora de suas fronteiras não encontraram, apesar dos milhões de quilômetros avançados em sua invasão a outros territórios e continentes e que, se não fosse a onda de reação mundial que se levantou contra eles e os deteve e que os está fazendo retroceder, dia após dia, a passos que, certamente, não são marciais, haveriam prosseguido sua obra de conquista e de destruição, a tal ponto que, mesmo sendo donos do mundo inteiro, tampouco haveriam se sentido satisfeitos, porque o que em rigor da verdade buscavam, nem eles mesmos sabiam. Se é difícil encontrar o que a consciência sabe que busca, impossível é achar o que não existe como perdido.

Esta guerra, a que se chegou pelo encadeamento de uma série de fatos e circunstâncias que a provocaram, tem hoje a virtude de estar promovendo nas mentes humanas importantes mudanças na maneira de pensar, assim também como de conceber o futuro. Por isso os Srs. Roosevelt e Churchill têm, sem dúvida, se preocupado tanto nestes últimos meses com o problema, ou melhor dizendo, os grandes problemas que o pós-guerra trará, preocupação esta que se acentua, como bem surge de suas próprias declarações, quando se trata das futuras formas do pensamento, as quais certamente terão que coincidir com as aspirações de todos os homens que hoje, como sempre, anelam viver em paz, na concórdia e no bom entendimento.

Por um desses caprichosos movimentos da Providência, que já se viu como influi nas decisões humanas, se veem hoje lutando juntas as duas grandes democracias, Inglaterra e Estados Unidos da América do Norte, com a Rússia Soviética, cujo sistema político foi e segue sendo totalmente

diferente e até contrário aos sistemas das duas primeiras. Daí que com razão nos detenhamos a assinalar a preocupação que embarga a esses dois insignes condutores das nações aliadas, por promover uma conferência com o Sr. Stalin, nestes momentos em que se está entrando nas etapas finais da grande contenda. Será necessário manter discussões amplas e profundas sobre a base de seguranças mútuas e, logicamente, terão que convergir em pontos coincidentes e definitivos acerca da política que imperará no futuro, os quais, descartando-se quaisquer outros, haverão de basear-se inquestionavelmente nos quatro pontos da Carta do Atlântico.

Não poderá haver paz e concórdia enquanto não se reafirme definitivamente no espírito dos homens, sejam do país ou da raça que for, o princípio fundamental da liberdade individual, que torna possível a manutenção da dignidade humana e permite o livre desenvolvimento da inteligência para os altos fins do progresso e da evolução dos povos.

Privar o homem de suas prerrogativas como tal, esterilizando sua mente e submetendo-o ao duro transe de afogar dentro de si a força de seus pensamentos e o recurso de suas iniciativas, é negar-lhe toda defesa pessoal e prostrá-lo moralmente na indiferença. Acaso não floresceram as civilizações ali onde o pensamento se educou ao amparo de princípios que garantiam sua livre expressão? Acaso não se tem visto hoje a força enorme que tem o pensamento dos homens livres, que se unem para prestar seus serviços a um fim comum como o é a decisão de lutar e derrotar para sempre os sistemas que reduziram tantos milhões de homens à escravidão?

Os maiores estadistas das nações aliadas lutam pelas Quatro Liberdades e dizem que não cessarão até vencer e exterminar os que privaram o mundo delas. Pois bem, se o que hoje se quer e nisto se tem empenhado as vontades mais fortes dos povos livres, que é restituir a liberdade individual aos povos que a perderam, haverá que pensar em assegurar que essa liberdade não possa ser alterada no futuro por nenhum excesso nem por nenhuma restrição; ou seja, que deverá entender-se a liberdade como uma expressão ampla e manifesta da consciência de cada indivíduo, que por sua vez será o primeiro guardião dessa independência, não a alterando ao pretender, por exemplo, usurpar direitos do semelhante ou privá-lo da livre manifestação de seu pensar e sentir.

Não obstante, está visto que não é ali onde reside o perigo, uma vez que isso já está contemplado nas leis do Direito. O perigo está em que os

pensamentos de absolutismo se manifestem e ganhem forma na mente dos que circunstancialmente se achem no poder, seja este da qualidade que for: político, econômico, religioso, etc., pois bem se sabe que é ali, nessas posições circunstanciais em que se encontra o homem, onde ocorrem ou podem ocorrer mudanças de pensamento que decididamente alterem as perspectivas de liberdade individual que até o momento de ocorrer tais mudanças se desfrutava.

Já no ano 1936 dissemos num artigo que se intitulava “Forças poderosas lutam no ambiente mental do mundo”⁽¹⁾ que “a escravidão mental é o pior dos suplícios que poderia ter um homem consciente e civilizado, pois não pode haver para ele maior tortura, maior escravidão e maior amargura do que privá-lo do dom mais magnífico e sagrado com que Deus o dotou. Não suprima, homem, o que Deus dispôs por Sua Vontade que não se pode suprimir.

“Privar o homem de expressar seu pensamento livremente é submergi-lo nas masmorras da ignorância e precipitá-lo em impiedoso desterro de suas convicções, sentimentos e aspirações.”

“Isto não significa que o direito que deve assistir a todo ser de expressar seu pensamento com inteira liberdade seja utilizado afastando-o das mais elementares normas de educação, decência e honestidade mental, pois se cairia na licenciosidade, nas paixões desenfreadas e antissociais que sempre minam o ambiente e o corroem.”

“Quando os conceitos são emitidos com sobriedade e bom estilo, nada melhor e que revele uma requintada cultura que responder aos críticos, se for necessário, fazendo-os compreender aquilo que não pôde estar ao alcance de seus pensamentos e especificar-lhes, ao mesmo tempo, seus erros de apreciação ou de juízo, ao ponto de convencer o refratário da inutilidade dos ataques, sempre que assistam, logicamente, ao governo ou ao ser que os receba sobrados méritos para pôr o adversário político, intelectual ou científico fora de combate no encontro de pensamentos que hajam criado a situação. Muitas vezes um adversário dá a conhecer ao chefe de um governo certos perigos ou circunstâncias delicadas melhor que seus próprios amigos e conselheiros. Por outra parte, é um controle aberto e benéfico para toda a nação e cada qual pode estar em dia com as opiniões de seus contrários que em muitos casos hão de servir-lhe

⁽¹⁾ *Artigos e Publicações (Recopilação)*, pág. 49; “O Heraldo Raumsólico” de março de 1936.

eficazmente para modificar uma conduta ou determinação que não houvesse sido a exatamente requerida na emergência.”

“Rompidas, pois, as prerrogativas mentais que eram de indiscutível mérito para a vinculação normal e o conhecimento geral dos seres, os indivíduos sofrem uma terrível decepção, começa a inevitável dissensão entre os habitantes de uma mesma cidade e os rancores se acumulam e se escondem nas profundezas do pensamento apaixonado, que sempre está alerta para escapar na hora propícia e arremeter contra os que lhe usurparam tão preciosa liberdade.”

“Assim, grandes países da Europa foram formando enormes correntes de pensamento de diversas naturezas, que hoje, ao enfrentar-se no ambiente mental e na realidade, fazem pressentir todo gênero de adversidades para o mundo e a humanidade.”

“O imperialismo, o comunismo, o nazismo, o fascismo, a democracia, o socialismo, lutam denodadamente para conquistar no ambiente mental do orbe um posto proeminente, e se a estas correntes acrescentamos as lutas de raças, de religiões e em menor escala os rancores e os desafios partidários de cada povoação, facilmente se compreenderá que a congestão mental é sumamente grave e difícil de conjurar.”

Nossa preocupação, como fica assinalada, vem de longe; sempre expusimos nosso pensamento com clareza e nossas expressões têm sido em todo momento serenas e bem meditadas. Nosso maior anelo foi sempre o de oferecer à luz pública, ao conhecimento dos homens, o fruto de nossos esforços nas concepções do pensamento, para que com ele todos os que lessem ou escutassem nossa prédica se orientassem na discussão ou se beneficiassem na aplicação.

Diante do que hoje estamos contemplando, depois de seguir com imperturbável serenidade o desenvolvimento dos acontecimentos mundiais, devemos manifestar com toda sinceridade que haverão de ocorrer, decididamente, ao finalizar esta guerra, mudanças surpreendentes nas formas de pensar da mente humana. Não em vão se estão fazendo tantos sacrifícios e derramando tanto sangue ali onde se quis converter o homem num autômato irresponsável e inconsciente.

O grave seria que, depois de consumada esta grande jornada histórica e obtida a vitória final, se lançassem ao esquecimento os princípios que

hoje se defendem com tanto afã e inteireza. E grave seria, também, esquecer as duras lições que o homem está recebendo, pois só sua recordação haverá de servir para olhar com horror seus próprios desvios e propor-se a não voltar a cometer as faltas que o arrastaram a semelhante tragédia.

O trabalho do pós-guerra deverá ser, portanto, um trabalho de governos e de povos em estreita solidariedade e elevação de objetivos, porque se, ao terminar esta contenda, que tão profundas marcas haverá de deixar na história da humanidade, se chegasse a prescindir da colaboração de algum Estado, para o restabelecimento definitivo da paz e das liberdades humanas, seria isso suficiente para consternar os demais povos do mundo, que lógico é pensar, anseiam que a próxima paz seja perdurável, sem exceção de homens nem de países, pois somente assim haverá de conceber-se a paz ideal que harmonizará os esforços e as necessidades de todas as nações livres da Terra.

Ver:

Artigos e Publicações (Recopilação) "Sobre os problemas atuais", pág. 60.

Idem "O porvir da Europa se torna cada dia mais incerto", pág. 66

"O Heraldo Raumsólico" Nº 2, pág. 4 "Rússia volta a integrar-se à vida social".

Idem nº 6, pág. 5 "O Uruguai rompeu com o comunismo".

Idem nº 7, pág. 2 "Na Rússia está surgindo uma nova burguesia".

"Aquarius" 1937, Nº 7/9, pág. 19 "Las corrientes ideológicas europeas. Comunismo-Fascismo".

"Aquarius" 1938, Nº 1/3, pág. 19 "O comunismo é uma praga que atenta contra a paz social".

"Logosofia" nº 6, pág. 25 "A bondade de um regime se prova pela consistência de seus princípios".

A GUERRA CONSTITUI UM GRANDE ENSINAMENTO PARA A HUMANIDADE



Tem-se dito que a guerra é um mal para a humanidade. Fala-se dela com horror e não há criatura humana que a deseje, a menos que haja perdido o juízo. Entretanto, as guerras são promovidas como se promove qualquer conflito da vida humana. Quando elas acontecem, o lamentável é a perda de tantas vidas, cujo desaparecimento pareceria ser o único irreparável. Dir-se-ia que o justo paga pelo pecador e, em meio da voragem assoladora, somente se ouve o troar das armas mortíferas, mesclado com os gemidos de dor, do pranto e da morte.

As tormentas bélicas, que por certo jamais foram desencadeadas por Deus, senão pelos homens, haveriam concluído já por exterminar o gênero humano, se delas não surgissem por virtude de sua própria função civilizadora – veja o paradoxo desta expressão –, os novos horizontes que em horas de paz não se quis forjar.

Ninguém pode negar que nas épocas de abundância e de prazer, já assinalamos outras vezes⁽¹⁾, os homens e os povos se tornam soberbos e intolerantes; abundam em exigências e pretensões e, esquecendo seus deveres e responsabilidades, se tornam pouco menos que intransigentes. O menor incômodo ou a menor contribuição que lhes seja solicitada para o bem-estar comum resulta-lhes insuportável e a consideram um grande sacrifício. Não há quem esteja disposto a ceder de sua comodidade, sua folga ou suas horas de diversão, absolutamente nada, mesmo quando isso lhe afete o mínimo. Em semelhante situação, em que a vida dos povos se submerge em tal complacência, é muito difícil aos governos encarregados

⁽¹⁾ Logosofia N° 20, pág. 17, “O pós-guerra. Eis aí o grande problema do futuro.”

de sua condução encaminhá-la pelo caminho do progresso moral e espiritual, em estreita vinculação com o progresso material.

A rebeldia da existência folgada a tudo o que restrinja sua modalidade particular ou tente corrigir o desvio de seus costumes, se existe, é um fato notório e perceptível quanto mais se tem distanciado o espectro da guerra. É como se nos tempos de paz a vida se tornasse indiferente a tudo o que contribua para engrandecê-la, e até poderia dizer-se que se despreza ou recusa qualquer perspectiva de melhoramento individual ou coletivo que implique realizar um esforço ou constitua um incômodo.

Vejamos, agora, como a guerra, que nas mãos dos homens se torna sinistra e assoladora, nas mãos da Providência se torna altamente edificante e construtiva.

Isto pôde ser comprovado em todas as épocas em que ocorrera, ao ser demonstrado ao homem quantos fatos e coisas grandes ele é capaz de produzir e executar sob o império da pressão e em transes máximos, como aqueles em que expõe sua vida, e como é grande sua capacidade de resistência, levando-o a experimentar, no paroxismo do sofrimento e do fervor combativo, as angústias da morte sem morrer, familiarizando-se tanto com ela que até desaparece para seu juízo como algo irreal. É o que estão evidenciado, por exemplo, os aviadores que remontam voo uma e outra vez para os campos de luta e retornam sem que se advirta neles o menor sinal de temor ou de inquietude; pelo contrário, relatam suas arriscadas empresas como se tratassem de algo natural, que não se revestisse de maior importância. O mesmo acontece com os que no mar ou na terra lutaram em diversas batalhas com o inimigo. Assim, se tem visto também a que grau de privação e sacrifício chegam as populações civis das cidades bombardeadas e em que grau suportam, com plena resignação e acatamento, as mudanças bruscas que a própria guerra introduz em cada país.

Pareceria, pois, que a guerra agiganta as almas, ou, pelo menos, lhes injeta forças poderosas que as arrancam da pequenez em que a paz as mantém. E se observarmos os gigantescos avanços da técnica em matéria de guerra, paralelos ao gigantesco esforço da inteligência humana, ora para adaptar-se rapidamente às exigências desse estado de guerra, ora para produzir tudo o que favoreça os planos para a conquista da vitória final, teremos que chegar à reflexão de que mais valeria a cada

nação realizar tantos ou maiores esforços em tempos de paz, para construir um mundo melhor e evitar assim que seja precisamente a guerra a que tenha que advertir ao homem do quanto ele é capaz de fazer com sua inteligência e seu esforço.

Mas, eis aí que se a guerra é uma lição escrita com sangue, nada mais justo e humano que fazer dela uma lição universal e que daí surjam princípios que por séculos iluminem o entendimento dos homens, a fim de que não voltem a afastar-se da verdadeira realidade de suas existências, e seus sacrifícios não sejam estéreis.

A humanidade sempre desejou a paz, mas o mundo sempre teve suas guerras aqui e ali, de idade em idade, como se algo fatal desse nós na razão dos homens e os levasse inevitavelmente a uma destruição comum. Porém, observando os fatos e as circunstâncias que em cada época rodearam os choques armados entre os povos, vemos que as causas foram sempre mais ou menos idênticas em sua raiz mais profunda: o critério com que cada indivíduo e os povos em geral julgam a si mesmos e aos demais.

Em tempos de paz prepondera o egoísmo e os homens se tornam – como dissemos antes –, intolerantes, frívolos e até agressivos, chegando aos extremos em que os ânimos começam a violentar-se e se suscita todo tipo de questões, complicando-se desta maneira a vida individual e coletiva, o que começa por afetar a todo um povo, para depois estender o mal-estar aos demais. As ideologias que se avolumaram em algumas nações da Europa não foram diferentes; mas, aquele que admitiu e fomentou o auge dos pensamentos que tais ideologias engendravam pensou, acaso, em que beneficiava seu espírito e em que medida contribuía para a evolução que todo ser humano deve realizar para seu aperfeiçoamento?

A guerra atual nos está demonstrando, com grande eloquência e clareza meridiana, que existe um equilíbrio formal nas relações humanas, que não é possível desconhecer e muito menos romper caprichosamente, pois o período crítico não dura, como estamos vendo, mais tempo do que o que se emprega para restituí-lo. O grave é o prejuízo que tudo isso causa ao mundo pelas repercussões que tem o fato. Assim, por exemplo, os povos que reclamaram espaço vital e invadiram países para consegui-lo, sem refletir no que faziam, tiveram que voltar às suas

terras e, ainda, contentar-se com espaços muito menores. Mais teria valido emigrar, simplesmente, a tantos lugares da Terra completamente despovoados, nos quais pudessem achar paz e trabalho e, ao mesmo tempo, levar a civilização a essas regiões, ou haver entrado no seio de tantos outros povos que os haveriam recebido, como o fizeram sempre, sem a menor prevenção.

É evidente que quem pretende desconhecer e privar aos demais da liberdade e de seus direitos põe em perigo, desde esse instante, sua própria liberdade. É esta uma sanção que, como todas as leis não escritas, se cumpre, ainda que aparentemente não haja datas que disponham quando haverá de ocorrer isso. As nações vencedoras terão isto em conta quando for o momento de considerar este aspecto tão fundamental nas relações dos povos e, sobretudo, para assegurar o equilíbrio permanente na unidade de critério que deve existir sobre os direitos que assistem a cada país e a cada indivíduo? Tenha-se presente que os povos reagem contra aquele que pretenda violar os princípios estabelecidos que harmonizam suas necessidades, seus deveres e seus direitos, pois, afinal de contas, o que busca a alma individual e a alma de cada povo é conseguir sua própria emancipação, e uma vez obtida, defendê-la como algo que entranha a explicação da própria existência.

A guerra, com sua extraordinária força de convicção das necessidades que por sua causa pressionam o homem, faz com que este conceba com excepcional rapidez os alcances de cada fato e se apreste espontânea e decididamente a levar sua colaboração aonde é mais necessária. Seu oferecimento a serviço da pátria e do semelhante, em toda emergência, pareceria fazer-lhe recuperar sua dignidade de humano, tendo presente com quanta indiferença evita participar das desditas alheias em tempo de paz.

Os governantes, os cientistas e os que se dedicam aos demais ramos onde a inteligência desenvolve sua atividade aguçam de tal modo sua penetração que é assombroso observar com que relativa facilidade resolvem um e outro dos múltiplos problemas que a guerra lhes apresenta. Poderia dizer-se que no breve espaço de uns poucos anos se consegue realizar muitas e grandes coisas, que em épocas de paz costumam demorar longas décadas, pelas discussões, pela vacilação e pela indecisão.

Eis aqui a grande lição que a humanidade deve recolher da atual guerra: que em épocas de paz e em tempo relativamente breve é possível realizar empresas de grande magnitude, visto que todos podem contribuir para construir; isso não ocorre durante a guerra, quando é tanto o que se destrói e quando nessa destruição se precipita a vida de muitos, cuja colaboração poderia ser tão valiosa.

Entendemos, pois, que o mundo deve entrar por uma senda de compreensão ampla de seus destinos e a ninguém mais que ao homem incumbe fazer da Terra um lugar de trabalho, de respeito e de paz, a fim de que possa cumprir, sem as agudas transições das contendas bélicas, um verdadeiro processo de evolução consciente que o leve a compreender a vida em seu máximo conteúdo e desfrutar dela em sua máxima extensão moral e espiritual.

O PÓS-GUERRA

Preocupações sobre o futuro da humanidade



A cada dia que passa, a cada hora, acentua-se mais a preocupação de todos os estadistas do mundo por encontrar soluções para os tantos problemas, e de variadas características, que haverão de apresentar-se ao finalizar esta guerra e que urgirão decisivos pronunciamentos.

É indubitável que o enfoque de tais problemas requererá profundos e longos estudos e depois, como já dissemos em outra oportunidade, a realidade haverá de corrigir mais de uma decisão das que forem tomadas para solucioná-los.

O que pensamos poderia ser de grande eficácia para a manutenção da paz futura e das relações internacionais: a criação de um conselho permanente de estadistas no qual sejam estudados a fundo os problemas mais complexos de cada país; mas não um conselho para que seus membros se reúnam uma vez por ano, senão permanentemente, atendendo a todos os assuntos, como atende cada governo aos assuntos de seu próprio país.

Conforme nosso juízo, esse conselho deveria ser também uma espécie de universidade de estadistas, isto é, que dele participassem todos os homens que, para servir melhor a seus países, necessitassem aperfeiçoar-se no conhecimento dos múltiplos problemas que os futuros homens de governo devem conhecer e dominar. Isso, por sua vez, se encaminharia para o conhecimento mútuo dos homens que, posteriormente, haveriam de alternar em seus respectivos postos de governo.

De todo modo, parece experimentar-se já a sensação de que a era futura, que se iniciará com o pós-guerra, será de estudo e trabalho e

de verdadeira superação em todos os campos da vida, pois nada há que contribua mais para afiançar a paz que o estudo e o trabalho, quando este é uma preocupação geral e alcança todas as classes sociais.

O futuro do mundo, conforme tem proclamado já eminentes estadistas das nações aliadas, será de ordem e de justiça. E para que isto seja uma realidade, tal preocupação deve ser geral e abranger a todos sem exceção, a fim de que cada ser humano colabore e contribua na medida de sua capacidade e possibilidades para o bem-estar de toda a humanidade.

OLHANDO PARA O FUTURO DO MUNDO



Dia a dia, à medida que os acontecimentos vão se precipitando na velha Europa, aprofunda-se a preocupação pelo porvir do mundo. Mais que possível, é um fato seguro que em nenhuma outra guerra se haja pensado tanto neste problema nem concedido maior importância a ele que na atual.

A organização da guerra se estabelece e se mantém pela força; a organização da paz deve ser instituída sobre as bases do direito e da justiça. Daí que custe tanto e seja tão difícil conciliar tão diversos e grandes interesses para poder alcançar o equilíbrio ideal, fundamento de todo princípio e harmonia no concerto das relações internacionais e humanas.

Esse equilíbrio ideal se consegue pela boa vontade de todos os povos e, em especial, pela dos estadistas que assumem a responsabilidade nas horas críticas em que se deve forjar a paz definitiva.

Assim, tudo o que faça cada nação em benefício da próxima paz será bem recebido por toda a humanidade e em tal sentido, nações, povos e indivíduos deverão alcançar a compreensão de que no futuro será necessário ser mais conscientes dos deveres e prerrogativas que cada um tem, nação, povo ou indivíduo, para com sua própria vida e em relação com a de seus semelhantes.

O mundo do futuro poderá ser de grande esplendor se a humanidade que sobreviva à contenda atual se consagrar a uma constante superação de suas condições morais e intelectuais, pois dessa superação, que terá que ser realizada com crescente entusiasmo e vontade, haverá de surgir num amanhã uma nova humanidade, renovada, vigorosa, capaz de viver realmente em paz e cumprir etapas decisivas em sua evolução até as altas metas da perfeição.

SUGESTÕES PARA A FUTURA ORGANIZAÇÃO DO MUNDO



Ante os acontecimentos que diariamente estão ocorrendo no Velho Mundo, cabe esperar que, de um dia para outro, as forças das nações unidas ponham ponto final a esta segunda guerra mundial, que tão profundamente comoveu todos os países da terra e, conseqüentemente, toda a humanidade.

O pós-guerra trará de imediato, por lógica consequência, uma série de problemas que irão surgindo em diversos graus de volume e de urgência.

Trata-se nada menos que de estabelecer uma ordem que, poder-se-ia dizer, foi afetada em suas raízes e, entende-se que restabelecê-la significará instituí-la sobre novas bases e sobre uma nova concepção da vida, com seu enxame de interesses e necessidades que ela cria ao seu redor.

A tarefa, indubitavelmente, será imensa, tanto que irá requerer a participação de todos os seres humanos, na medida de suas possibilidades individuais. Mas, como não é questão de estabelecer uma ordem exclusivamente material, haverá de pensar-se naturalmente que o mais difícil de encarar será o restabelecimento da harmonia interna em cada ser, em cada povo, em cada nação, em cada continente e, em consequência, no mundo inteiro.

Essa harmonia interna terá que buscar-se, necessariamente, no fomento imediato das atividades da inteligência encaminhadas para achar a paz pela harmonia dos pensamentos no jogo das relações entre os semelhantes, fazendo com que cada um se constitua, conforme sua capacidade e seu esforço, em condutor leal e verdadeiro da força construtiva com que haverá de edificar-se o futuro da humanidade.

Estas reflexões levam à conclusão de que a vida frívola e vazia deve ser transformada em existência útil, capaz de conduzi-la para alturas exemplares. Pareceria que está chegando a hora em que todo ser terá que acostumar-se a pensar com absoluta seriedade sobre o uso que faz de sua vida e em busca de que meta deve encaminhar seus passos pelo mundo. Surgirá assim a necessidade de ser mais consciente em todos os atos da vida, a fim de poder estabelecer, por si mesmo, qual é sua contribuição a serviço da humanidade, da qual forma parte e da qual se beneficia pelo esforço dos demais.

Esta conclusão colocará com toda justiça cada um em seu lugar e fará sua própria consciência sentir, com a devida lealdade, quais são seus deveres nesta e em todas as horas futuras da humanidade.

PREOCUPAÇÕES DO PÓS-GUERRA

Por RAUMSOL

Publicado no jornal “El País” de Montevideú,
no dia 3 de novembro de 1944



À medida que os dias passam, crescem as horas de ansiedade que vive o mundo nos momentos atuais. Enquanto o monstro sinistro da guerra, depois de haver devorado gerações inteiras, de haver torturado impiedosamente milhões de almas, de haver lançado a humanidade na mais espantosa das situações e devastado regiões inteiras como nunca foi visto, começa a cambalear próximo a cair, aparece um fantasma cuja incógnita o tempo se encarregará de decifrar: o pós-guerra. O primeiro, que mostra já os sinais evidentes de sua impotência, está a ponto de ser vencido; o segundo começa a agitar os espíritos desde a nebulosa que o oculta.

Sempre se acreditou que ao término de cada guerra a paz era a consequência imediata e com ela a normalidade na vida dos povos. O último conflito bélico, anterior ao atual, suscitou as primeiras dúvidas a respeito e também as primeiras reflexões ante a crua realidade que sobreveio em seguida. A paz, tão ansiada naquela ocasião, chegou com a cessação do fogo dos canhões, depois de quatro anos de sangrenta luta, mas não para reinar na terra como era esperada, senão como trégua, o que é muito diferente, por certo. Abria-se, assim, um parêntese que, como foi comprovado depois, encerrava obscuros desígnios, uma vez que gestou a contenda atual.

É inconcebível para toda razão equilibrada convencer-se de que os homens, em cujas mãos foi confiada a condução dos interesses humanos, tenham sido naquela época tão incapazes de edificar uma sólida

fraternidade universal, que tornasse impossível as diferenças entre os povos, ou existindo essas, que se tivesse ao alcance da mão a solução mais justa.

Ocorreu à velha Europa o mesmo que a um ser que depois de sofrer as alternativas de uma doença, na qual esteve a ponto de sucumbir, melhora de repente e, esquecendo que deve cuidar-se porque se acha em convalescência, crê-se já forte e comete novos abusos que terminam prostrando-o com a recidiva do mal.

Quando o mundo adoeceu da vez anterior, somente foi afetada uma parte de seu grande corpo; hoje o mal acendeu focos infecciosos em todas as suas partes. Há muita angústia e muita dor em seu coração e muita preocupação em sua mente febril. O grande doente luta desesperadamente para reconquistar sua saúde tão afetada; a violência do mal pareceria ceder por um lado, para aparecer por outro. Não obstante, nota-se já uma notável melhoria.

Que médico insigne, que médico divinamente humanitário atende a tão elevado e ao mesmo tempo desditado paciente? Quem tão sabiamente o conforta restituindo-lhe as energias, permitindo que reconstrua seus quase destruídos tecidos e possa surgir de novo para a vida, tonificado seu debilitado organismo e não menos debilitada moral? Quem? Fácil é conhecê-lo em sua constante assistência ao dolorido e queixoso paciente.

Os que o negam, por desconhecer suas leis, bem podiam havê-lo advertido por meio da inexorabilidade delas. Os que as infringem, sejam estes seres humanos, povos, nações ou continentes, devem sofrer – cedo ou tarde, para não dizer em sua justa oportunidade – o castigo e a correção de seus erros. Isto é o que tem ocorrido sempre, mas talvez hoje haja se pronunciado com maior eloquência que em todas as vezes anteriores, pelo volume abrangido e pela intensidade do martirologio experimentado por tantos povos ao mesmo tempo.

Quando a mente humana se envilece, por ter acolhido pensamentos estranhos à natureza dos próprios, a razão se nubla cedendo passagem à irreflexão, a qual atua em todo o momento sob a pressão da violência e do desenfreno moral. É nessas circunstâncias que se perverte todo sentimento de humanidade e que o egoísmo recrudescer

em grosseiras manifestações, por uma parte, e a falta de respeito ao semelhante, por outra, convertendo-se tudo o que existe em vil especulação e chegando a excessos de toda índole que terminam arrastando os próprios burladores do bem e os povos por eles enganados aos mais horríveis massacres.

Como será tratado, pois, o mundo em sua futura convalescença, ou seja, no pós-guerra? Eis aí a preocupação mais profunda que hoje preside o ânimo de todos os estadistas, grandes e pequenos, e de cada habitante sério e reflexivo que desde qualquer lugar da terra assiste aos atos finais deste gigantesco drama bélico. Por enquanto, seria absurdo pensar que os erros cometidos da vez anterior no planejamento de uma paz efetiva fossem deslizar-se novamente. Está aí a grande experiência, amarga e dolorosa, que ainda não terminou, para advertir as consequências.

Se o mundo se assemelha ao corpo humano, nada conveniente será que se melhorem e até curem suas partes doentes, se descuidar de outras, debilitadas por idêntica afecção, ao extremo de estar a ponto de serem atacadas ou expostas a padecer do mesmo mal. Assim como se descobriu a penicilina para atacar e curar as mais agudas infecções do organismo fisiológico, haveria que achar algo similar para combater e fazer desaparecer esses bacilos mentais que tanta perturbação, sofrimento e horror ocasionam à família humana.

Pensamos que o grande remédio consistiria em estabelecer claras normas de convivência social sobre as bases fundamentais do respeito, da liberdade individual e da inviolabilidade de seu patrimônio privado. Que ninguém no mundo volte a privar seu próximo dos legítimos direitos que lhe assistem nem dos sãos e nobres propósitos de bem-estar e progresso a que aspire sob a égide de seus próprios esforços e responsabilidades.

A família deve constituir a base primordial de toda sociedade humana. Pretender destruí-la privando seus chefes do natural privilégio de poder sustentá-la com a autoridade moral que lhe confere sua capacidade e livre iniciativa, para fazer dela antro iníquo de perversão – como foi visto nos países dominados por ideologias desumanas – é atentar contra os claros mandatos do Criador, que estabeleceu sem reservas os arbítrios inalienáveis da família humana; é criar a anarquia

e o caos. E se destrói a família quando se lhe tira o encanto de sua intimidade, de seu recolhimento venerável e digno; quando deixa de ser o refúgio terno e insubstituível do homem, que após suas lutas diárias volta ao lar para encontrar o afeto e o respeito, que muitas vezes tanto custa conseguir fora dele, e enfim, quando ela deixa de ser o símbolo sagrado da perpetuidade da raça.

As declarações formuladas em Washington, compreendendo o anteprojeto de paz e segurança mundial, revelam até que extremo chegou a preocupação dos estadistas que estudaram e prepararam tão magno plano de reconstrução, harmonização e estabilidade das relações entre todos os povos da terra, na incumbência essencial que deve caracterizar as normas de convivência no futuro do mundo.

Tal anteprojeto, que é indubitável, haverá de afetar a humanidade inteira, deve necessariamente constituir o ponto de partida para as reflexões que agudamente sugere a todos os seres humanos, sem exceção.

Seria indispensável e mesmo diríamos de estrita justiça que, apesar de congregar-se, como se projeta, as nações como membros participantes da nova instituição universal, fica aberta para as iniciativas livres, espontâneas, de cada ser humano, a possibilidade de fazer chegar suas particulares reflexões e estudos acerca do que a seu juízo poderia melhorar, superar ou aperfeiçoar as diretivas que haveriam de ser adotadas ou se houvessem adotado para reger os destinos da entidade maior que se vai constituir sobre a terra. O pós-guerra deve caracterizar-se por uma unânime aspiração mundial de concórdia, boa vontade e profundo anelo de alcançar, no menor tempo possível, a normalidade sobre a base de uma paz estável.

Muito é o que haverá de limar, por um lado, e conciliar, por outro, mas se cada parte interessada compreendesse que sempre será menos o que tenha que ceder para o estabelecimento da paz, que o que poderia perder, se esta não chegasse a afirmar-se sobre bases permanentes, é muito seguro que os estadistas, em cujas mãos está e de cujas inteligências dependerá o êxito que se consiga na solução das diferenças, tratarão por todos os meios a seu alcance de conquistar a paz pela paz mesma, isto é, pelo que ela significa para tudo quanto existe no mundo.

Ninguém no uso pleno de suas faculdades mentais deve deixar de admitir que muito mais ganhará cada povo, com vistas a recuperar paulatinamente o que perdeu, se, encurtando o tempo das discussões, o emprega com decidido empenho, consagrando alma e vida à edificação de todo o destruído ou perigosamente desarranjado, incluindo nisto a própria moral, pois bem é sabido que mais se consegue na intensidade do esforço para alcançar os bens perdidos, por meio da inteligência posta no trabalho e no estudo, do que pela demora em sua realização. Porém, cada nação, ao comparecer ante a mesa da paz, haverá de expor com liberdade seus pontos de vista em vez de explicar quais são, a seu critério, suas justas aspirações.

O que dificultará, e não pouco, o magno labor dessa superassembleia será, indubitavelmente, a falta de um juiz infalível que, ao estilo salomônico, dê a cada um sua parte de razão, de verdade e de direito. Não obstante, é de confiar que muito haverá de influir no ânimo dos que presidam essas reuniões as grandes experiências vividas na presente época, experiências das quais, não cabe a menor dúvida, se haverão extraído os mais instrutivos ensinamentos.

O programa de reconstrução do mundo, tal como corresponde encarar, deve abranger os mais amplos alcances e proporções, se se quer evitar que num futuro voltem a surgir os velhos problemas, os quais, a modo de tumores malignos, debilitaram o vigor da semente humana e promoveram tantas desordens e agitações no mundo inteiro. Assim se deveriam estabelecer como permanentes todas aquelas normas sociais, políticas, éticas, econômicas, etc., que por longa experiência foram achadas boas, justas e dignas das atuais exigências de convivência humana.

Julgamos que o futuro do mundo deveria caracterizar-se pelo reinado do direito, da liberdade e do trabalho, em suas mais altas, fiéis e puras manifestações, no sentido mais construtivo da palavra.

Para finalizar: consideramos de imenso valor, para a nova Instituição Universal das Nações Unidas que se projeta, a criação de uma grande caixa de correio, cuja função consistisse na recepção de todos os estudos e iniciativas que cada qual, como súdito do mundo e com a devida capacidade para isso, fizesse chegar, por esse meio, ao seio da referida instituição universal. Deverá entender-se por caixa de correio, não uma

similar a que se utiliza no correio para receber a correspondência, senão o conjunto selecionado de homens que fossem designados para a recepção, classificação, consideração e recomendação das sugestões que chegassem, como contribuição individual, ao esforço das inteligências que coordenarão e sancionarão as leis destinadas a reger o futuro da humanidade. Dar-se-ia assim um poderoso estímulo a cada membro da família humana, ao sentir-se convidado a cooperar na medida das possibilidades de sua inteligência e de sua experiência, numa obra de tão extraordinárias projeções, que devendo abranger o orbe inteiro, afetará a todos, sem exceção, e talvez por esse meio pudesse obter-se os mais apreciados resultados.

Um estímulo desta natureza permitiria a cada um dos seres que habitam a terra experimentar, especialmente aos que tem nutrido sua vida no estudo, no trabalho e na experiência do mundo, os primeiros benefícios de uma liberdade instituída com base no respeito e na consideração que deve merecer a opinião particular de cada homem.

OS PROBLEMAS DO PÓS-GUERRA E O FUTURO DO MUNDO

Por RAUMSOL

*Publicado no jornal “El País” de Montevideú,
no dia 21 de novembro de 1944.*



Entre os numerosos e complicados problemas que irão preocupar a humanidade a partir do término da guerra está o que se refere à moral. Haverá de encontrar-se com duas morais diferentes que entrarão imediatamente em viva luta: a que foi violentada e profundamente afetada pelas vicissitudes e tragédias irreparáveis do conflito bélico e a que ainda permanece sem contaminação, preservada das funestas cicatrizes e estigmas que devido à causa mencionada transtornaram o pensamento e o sentimento de tantos, cuja vida moral, por império das circunstâncias mundialmente conhecidas, se obscureceu, perdendo todo o sentido de recato ou de pudor espiritual.

A guerra de 1914 alterou bastante essa moral; mas não o suficiente para que constituísse, como haverá de sê-lo desta vez, um perigo para a estabilidade e o respeito da família humana. É que na conflagração anterior o martirológico dos povos indefesos, não combatentes, que viviam nas cidades, não foi como na atual.

Cada um dos que suportaram as calamidades que, como é de admitir, esmagaram a alma nos refúgios, nos campos de concentração e, enfim, em todo lugar onde a promiscuidade, o desprezo à vida e também a indiferença e ausência de responsabilidade de toda conduta, pervertera seus sentimentos e pensamentos, cada um desses, repetimos, haverá de ser depois um veículo que levará em si o germe dessa praga psicomoral por todas as partes do mundo.

Quantas vezes, aqui em nossa América, a conduta extremamente descontrolada e amoral de muitos estrangeiros provenientes do Velho Mundo, chamou a atenção dos nativos e fez o sentimento particular ou coletivo reagir. E esses mesmos estrangeiros não burlaram, acaso, dos latino-americanos ao observar, surpresos, que não tinham seus mesmos hábitos? A suas liberalidades excessivamente pronunciadas, a suas vidas sem recato denominou-se cultura, mofando-se, os que se formaram nela, da ainda preservada e sã moral de nossos povos. É que enquanto naqueles pareceria haver deixado de existir a vida íntima, privada, a que somente pertence ao coração e à consciência de cada ser, nos habitantes deste continente é ainda, e seguirá sendo – louvado seja Deus! – um refúgio inviolável e sagrado, um arcano no qual ninguém tem direito de penetrar, com exceção do próprio.

Essa exibição da vida íntima, essa frivolidade, essa despreocupação beirando o cinismo sobre a conduta pessoal própria e alheia é, queira-se ou não, o produto de um relaxamento psicológico e moral; é a consequência da familiaridade, mais ainda, da identificação com as tantas situações morais que apresenta a guerra no seio dos lares e que, aceitas com resignação ou por força das circunstâncias, foram criando nos ânimos predisposições opostas à índole dos conceitos sobre convivência social sustentados até antes da contenda.

Gradualmente, sem que disso ninguém tivesse conta exata, foram-se operando transformações psicológicas nos seres que sofreram tão profundos abalos mentais e morais, e que alcançarão sua descendência por várias gerações. Se não existir meios para enfrentar ou neutralizar os efeitos perniciosos de semelhante regressão humana, perigariam as conquistas da civilização, já que este problema que assinalamos, e não outro, é o que fez sucumbir civilizações que haviam chegado, em suas respectivas épocas, aos cumes do esplendor.

Como, pois, haverá de resolver-se tão delicada questão? Pensamos que muito contribuirá para sua solução gradual uma esmerada e sóbria educação da infância, começando pela atual e cuja benéfica diretriz alcance até as próprias universidades; uma educação que tenda a formar nos homens e mulheres do amanhã um conceito

indestrutível sobre sua verdadeira conduta dentro da família, da sociedade e do mundo.

Também haverá que reduzir as proporções de tão sério problema, a seleção das produções cinematográficas, eliminando aquelas que têm contribuído para embriagar a juventude de luxúria e tanto desassossego têm causado em sua alma. Outro fator de importância é reduzir ao mínimo os lugares de diversão, que com suas músicas exóticas e suas danças que beiram a epilepsia, envenenam as mentes e os corações, não somente de jovens senão de adultos também; lugares que de um tempo para cá vêm se reproduzindo como os fungos, por todas as partes.

Deverá propiciar-se, do mesmo modo, com estímulos adequados, o estudo, por contribuir em alto grau para o bem-estar geral. O estudo tem sempre imediata recompensa e é por meio dele que o trabalho se torna grato e interessante, pois, aplicado a ele, constitui o melhor incentivo pelos benefícios que proporciona.

Como se pode apreciar, assinalamos ao estudo uma importância fundamental, por entender que seu fomento e desenvolvimento hão de contribuir em grande escala para a eficácia de todo esforço que se realize para alcançar, no futuro mais imediato, o desenvolvimento normal de todas as atividades humanas, tal como estas se realizavam antes de começar as agitações da época pré-bélica e, posteriormente, os transtornos ocasionados pelo conflito atual.

O problema será aliviado em grande parte, referimo-nos ao término da contenda, eliminando a tempo da mente da maioria dos seres que se viram direta ou indiretamente envolvidos nela a série de pensamentos inibitórios que a têm ocupado, ou melhor ainda, embargado, pois é indubitável que toda mente sobrecarregada de pensamentos obsessivos constitui um sério obstáculo para a edificação da nova ordem que, conforme se anunciou, haverá de imperar no mundo. E nada melhor para desembaraçar as mentes de tais pensamentos que ocupá-las com atividades nas quais a inteligência do homem tenha uma participação intensiva. Daí que será imprescindivelmente necessário estimular o estudo, fazendo o mesmo com a iniciativa privada, em todas as ordens em que se manifeste com caráter construtivo.

Muito é o que foi destruído e muito é o que terá que ser construído; trabalho haverá, por conseguinte, para todos e por longo tempo, se em vez de empreendê-lo com aceleração, o que resultaria prejudicial na educação do futuro, optar-se por fazer as coisas sem deixar-se extremar pela pressa, buscando antes harmonizar, no que seja possível, os interesses humanos que estarão em jogo, desde o instante de pôr mãos à obra, ao iniciar-se o próximo período de paz.

Se a humanidade anela vivamente conseguir uma paz estável, deverá trabalhar e dedicar todos os seus esforços para que essa paz seja verdadeiramente firme e inalterável. Como? Eliminando tudo o que atente contra ela, que seja causa ou motivo de inquietude, isto é, tudo o que antes de ocorrer a atual guerra constituiu os germens da discórdia, sem deixar de eliminar também todos os elementos de destruição.

Vãs serão as tentativas se os que conduzem os destinos dos povos não chegarem ao absoluto convencimento de tal verdade como único meio eficaz para estabelecer a concórdia mundial e para que a paz represente realmente um bem que a todos, por igual, incumba defender, afiançar e manter por sobre todas as coisas.

O PENSAMENTO, OS HOMENS E O FUTURO DO MUNDO

Por RAUMSOL

*Publicado no jornal “El País” de Montevideú,
no dia 9 de março de 1945.*



A cada dia que passa, a cada folha que se desprende da magnífica planta que representa o mundo com suas periódicas transformações, confirma-se uma e outra vez a inquestionável verdade de que, o que move o homem e a tudo que sua inteligência criou são os pensamentos.

Há seis meses, quando tudo parecia indicar que a guerra estava próxima do fim, apareceram de repente, como por arte de magia, incompreensíveis demoras que foram atrasando esse grande momento que a maior parte dos seres humanos se dispõe a celebrar jubilosamente: o final desta horrível e catastrófica contenda. É que os pensamentos estão demonstrando que são mais fortes do que as armas. Assim os vimos frear na Polônia os exércitos soviéticos, que deveram deter seu avanço para que os altos dirigentes aliados se ocupassem preferencialmente de certos pensamentos concernentes a uma questão político-geográfica que necessitava ser considerada com prioridade a novos combates naquela região.

Na Câmara dos Comuns, os pensamentos dos estadistas, em pugna entre si ou em vivo acordo, trabalham intensamente em busca de soluções que permitam resolver as inúmeras dificuldades que se apresentam no cenário europeu e até fora dele. Em Washington, em Moscou, o pensamento dos estadistas enfrenta também verdadeiras batalhas mentais contra os pensamentos do mal, que, frequentemente, tentam perturbar

a boa harmonia que inevitavelmente deve reinar entre os aliados, sobretudo em homenagem aos tantos esforços e sacrifícios que em comum estão fazendo para restabelecer no mundo a tão ansiada paz e o equilíbrio em todas as ordens, rompido ao começar as hostilidades bélicas. Os homens em cujas mãos se acham os interesses da humanidade inteira deverão compreender em seu total alcance a responsabilidade que lhes incumbe nessa tarefa, na qual concentram todos os seus esforços a fim de conseguir que os povos voltem à normalidade, animados da maior boa vontade e do melhor ânimo para reconstruir suas terras devastadas, edificando em cada um de seus países uma obra com objetivos permanentes, em todos os aspectos em que a vida se desenvolve. Para que isto seja possível, haverá que inspirar nos habitantes dos povos afetados plena confiança no porvir; assim o trabalho será fecundo, e os resultados, um verdadeiro bem para as gerações de amanhã.

Se nas questões territoriais existisse um amplo e generoso espírito de compreensão, nada nem ninguém poderia impedir que se chegasse às mais elevadas e honrosas soluções; e quanto mais nobres sejam os gestos dos estadistas e mais amplo seu espírito de colaboração universal tanto mais imperecível será a recordação que se fixe na posteridade que, como uma chama simbólica, assinalando o exemplo, servirá para iluminar os homens do amanhã.

A guerra atual, ao finalizar-se, haverá promovido inúmeras mudanças em muitos setores da vida. Dos que sobreviverem dependerá que essas mudanças se encaminhem para o bem, modificando-as inteligentemente, conforme as necessidades, a fim de que, sem perturbar a sociedade humana, permitam que o equilíbrio volte a reinar no mundo.

O pós-guerra será um processo a ser cuidado com extrema atenção e firme vontade para que a humanidade não sofra um colapso que poderia ser de consequências fatais. Esse processo abrangerá todas as mudanças e transformações que têm que operar-se no futuro imediato e mediato e, se subentende, haverá que ser dirigido com o máximo de energia e inteligência para uma superação efetiva, para uma evolução realmente consciente, na qual cada ser humano se sinta responsável não somente por seus atos, senão também pelos de toda a humanidade da qual forma parte; sendo assim, se criará um verdadeiro espírito de

confraternidade, de compreensão, de colaboração, de paciência, tolerância e justiça.

É indubitável que será um processo longo e possivelmente haja que pensar que os frutos demorarão muito a ser colhidos, mas não há que esquecer que, enquanto esse vá se realizando, toda a humanidade começará a se beneficiar em virtude dessa realização. E enquanto estes e outros pensamentos e ideias se irão plasmando no ambiente mental do mundo, grande há de ser o labor que haverá que ser realizado para acalmar tantas ansiedades e frear tantos impulsos contidos na alma dos povos que tiveram que suportar durante anos todo tipo de calamidades e sofrimentos.

Nada pode ser feito de uma vez e muito menos restabelecer a harmonia dos interesses humanos em breve tempo. Haverá, pois, que preparar os ânimos e inclinar-se para o culto da paciência e da tolerância, e ao mesmo tempo encaminhar os espíritos para o culto do trabalho e, sobretudo, para o culto da confiança em um porvir mais auspicioso.

Tudo poderá ser reconstruído sobre bases firmes se um franco otimismo e permanente entusiasmo animar o espírito dos homens na edificação de um mundo melhor. E é nisto que todos, sem exceção, devem pôr seus maiores empenhos, sua maior boa vontade e os recursos de sua capacidade individual.

Um dos grandes problemas, talvez o maior, é e seguirá sendo, enquanto não for solucionado, o criado entre o ser individual e o ser coletivo, ou seja, entre o individualismo e o coletivismo, que termina no que se deu em chamar de estatização, a qual, em resumo, é a absorção do indivíduo pelo Estado.

Este problema de tão vital importância para o futuro terá que ser resolvido dentro da mais ampla compreensão dos destinos do homem e do mundo. Privar o ser humano de suas prerrogativas naturais, dos incentivos e estímulos do livre-arbítrio é arrancar-lhe o melhor de sua existência. E se isto ocorre, contrariando a maior esperança cifrada nele – para quem o mundo e a terra foram feitos a fim de que vivesse e desfrutasse de tudo o que neles existe – quem poderia substituir o que é próprio de seu espírito e de sua natureza.

Tirar do homem tais prerrogativas é prostrá-lo numa morte moral e condená-lo a uma consumção psicológica e mental. As grandes democracias e os povos livres, que hoje lutam para manter intatos os princípios fundamentais da existência humana, assim parecem ter compreendido. É o indivíduo, com todas suas forças e sua inteligência, o que deve levar sua contribuição ao bem comum e o que deve compreender que essa contribuição tem que ser oferecida e realizada sem que mediem, para decidir, pressões estranhas à sua vontade. Pensar o contrário é admitir que a humanidade fracassou em sua evolução e que deve conduzir-se como nômade, da mesma forma que as espécies inferiores.

Se não de existir para o indivíduo prerrogativas e direitos, estes devem ser iguais para todos, mas essa igualdade haverá de ser entendida no sentido de que ninguém será privado do que queira e possa fazer se seus esforços, capacidade e sacrifício, lhe permitem realizar tais aspirações. Para todos estão abertas as portas da universidade, embora nem todos conseguem uma feliz culminação de sua carreira, não obstante haverem tido a mesma prerrogativa e o mesmo direito de serem o que sensatamente se propuseram em princípio.⁽¹⁾

Esta é a lei natural que a todos os homens abre um caminho de idêntica trajetória, mas que nem todos percorrem em igual tempo nem do mesmo modo. Os que culminam em suas aspirações compreendem, ou não de compreender pelo menos, que é dever não esquecer os semelhantes que ficaram detidos nele. Muitos são os que compreendendo este dever intervêm em auxílio dos demais beneficiando-os de mil formas diferentes com tudo o que alcançaram em seus máximos esforços de superação e progresso.

O futuro do mundo deve ser a preocupação mais importante que cada um tenha, pois dessa preocupação haverá de surgir talvez a melhor colaboração que todos os homens de boa vontade possam trazer para colocar as bases e levantar sobre elas o grande edifício da paz futura.

⁽¹⁾ "Logosofia" Nº 29, pág. 13-17.

O DIVÓRCIO DAS IDEIAS

Para uma nova era de compreensão



Apesar de tudo quanto expusemos sobre a influência dos pensamentos na vida humana e das múltiplas formas e meios que eles utilizam para converter o homem em um instrumento dócil de suas preferências e intenções, não é exagero que contemplemos aqui um novo e curioso aspecto de tão interessante e sugestivo assunto.

Antes da guerra atual dissemos que antecedendo a toda contenda armada se desencadeava uma luta mental na qual atuavam legiões de pensamentos agrupados sob a égide de tendências opostas. Isso supõe, inquestionavelmente, o desenvolvimento de uma inusitada atividade mental nos diversos campos em que atua o pensamento, que corre de um ponto a outro em bandos ideológicos, ora com fins de exploração, ora para aninhar em outros climas mentais. O certo é que após esse ir e vir vão se gestando em muitas mentes humanas ideias cuja natureza obedece a origens sinistras. Temos assim explicado o incremento que tomaram na Europa os pensamentos de ódio, de característica agressiva que, opostos a toda conciliação com pensamentos de outros povos, agitaram a tal ponto os espíritos e tornaram tão insuportável a atmosfera internacional que os que pensaram dominar nessa luta mental optaram, ao não consegui-lo, por utilizar as armas para matar a todos os pensamentos que se opunham ao predomínio de suas ideias.

Mas eis que os pensamentos que antes povoavam o ambiente mental do Velho Mundo desapareceram como por arte de magia, para situar-se em suas respectivas bases mentais, ou seja, nas respectivas mentes

de onde operavam. O não haver podido matar, como se matavam os pássaros, esses pensamentos que se haviam refugiado nas mentes poderia ser, talvez, a única desculpa – por demais infantil, por certo – para justificar o fato de matar os homens.

Tal procedimento, a experiência o tem demonstrado e em muitas oportunidades, não resolve os problemas surgidos; a matança de homens e de pensamentos, por certo, não conclui com o estabelecimento do domínio onímodo daquelas correntes mentais (ideologias) que pretenderam, em última instância, impor-se pela força.

A reação mental promovida nos campos opostos subleveu na Europa até os espíritos mais tranquilos e inofensivos, e daí, indubitavelmente, nasceu a decisão de contrapor, também com a força, esse aluvião de pensamentos diabólicos que arrastou homens, ou melhor ainda, todos os seres humanos sem distinção de sexo nem de idade, a um inferno como nunca jamais haviam contemplado.

Hoje, depois de cinco anos de incansável e titânica luta, está se vendo como esses pensamentos que invadiram a tantas mentes vão sendo dizimados por uma persistente e tenaz ação de aniquilamento por parte de todos os que, reagindo contra a injusta agressão, avançam procurando esmagar totalmente essa semente nefasta, que com tanta promiscuidade se procriou num sem-número de mentes humanas.

Eis aqui outra demonstração da realidade incontestável da participação ativa e predominante do pensamento em todos os atos da vida do homem, manifestada no fato de que à violência avassaladora dos pensamentos ditatoriais, que se creram invencíveis, opôs-se com forças que foram somando-se dia a dia a resolução inquebrantável dos pensamentos livres, de vencê-los e esmagá-los.

Seria, entretanto, erro gravíssimo, considerar terminada a tarefa ao finalizar a contenda atual, ou seja, confiar em que a cessação dos estampidos das armas de fogo tenha a virtude de fazer cessar automaticamente a atividade dos pensamentos dissolventes. Pelo contrário; árduo será o labor a empreender desde o instante em que finalizarem as hostilidades, para evitar que voltem a se reproduzir no mundo estes fenômenos de embriaguez bélica coletiva. Haverá que cuidar

de exterminar a tempo a desova dos pensamentos que deixaram suas larvas malignas em tantas mentes dispersas pelo mundo e buscar para isso algum procedimento semelhante ao que se emprega para aniquilar o gafanhoto antes que este se constitua em praga que leva a desolação por todas as partes onde se assenta.

HORAS CRÍTICAS PARA A HUMANIDADE



Com a capitulação incondicional do exército alemão começa a encerrar-se um dos ciclos mais tristes e desastrosos da história da humanidade; ciclo que ficará definitivamente concluído com a derrota do Japão, vaticinado para data próxima.

Em 25 de abril, ao reunir-se em magna assembleia todas as nações que lutaram pelo império do direito, da liberdade e da dignidade humana, o presidente dos Estados Unidos da América do Norte, Sr. Truman, do seu gabinete da Casa Branca dirigiu a palavra aos delegados representantes de quarenta e seis países, ao inaugurar-se a conferência das Nações Unidas e, em termos concisos, disse: “O mundo experimentou o renascimento da antiga fé na eterna força moral da justiça. Em nenhum momento da história se realizou uma conferência mais importante nem uma reunião mais necessária que esta que se inaugura hoje em San Francisco.” E depois de recordar o grande presidente desaparecido acrescentou: “Em nome de quem amou tanto a seus semelhantes, de quem se encontra seguramente conosco espiritualmente, exorto a cada um e a todos a elevar-se por sobre os interesses particulares e aderir-se aos elevados princípios que beneficiam a toda a humanidade. Franklin D. Roosevelt deu sua vida enquanto tratava de perpetuar esses altos ideais.”

“Esta conferência deve sua realização, em grande parte, à visão, previsão e decisão de Franklin D. Roosevelt. Cada um poderá recordar outros valentes campeões que também realizaram o sacrifício supremo servindo sob sua bandeira. Pereceram para assegurar a justiça. Devemos trabalhar para garantir a justiça a todos. Os membros desta Conferência devem ser os arquitetos de um mundo melhor. Em suas mãos descansa nosso futuro. Por seus trabalhos na Conferência saberemos se a sofrida humanidade conseguirá uma paz justa e duradoura. Trabalhem para conseguir uma paz verdadeiramente

digna dos grandes sacrifícios realizados. Devemos obter garantias, garantias fornecidas por seu trabalho, de que outra guerra seja impossível. Nós, os que vivemos durante a tragédia e tortura dos conflitos mundiais, devemos compreender a magnitude do problema que enfrentamos.”

“Não necessitamos de uma visão extraordinária para compreender a tendência dos últimos acontecimentos históricos. Seu significado é demasiado visível. Com sua crescente brutalidade, a guerra moderna, se não fosse contida, extirparia todas as formas de civilização. Ainda podemos escolher um dos dois termos da alternativa: a continuação do caos internacional ou o estabelecimento de uma organização mundial para assegurar a paz.”

“Não é finalidade desta conferência preparar um tratado de paz, no antigo sentido desse termo. Não é nossa missão resolver problemas especiais de fronteiras, cidadanias e reparações. Esta conferência dedicará exclusivamente suas energias e sua obra ao problema de estabelecer a organização essencial para manter a paz. Vocês devem redigir a carta fundamental. Nosso único propósito nesta reunião decisiva é criar a estrutura. Devemos fornecer os meios que farão da paz futura não somente uma coisa possível, senão segura.”

“Construir uma máquina tão delicada é algo muito mais complicado que traçar fronteiras em um mapa, calcular reparações justas ou estabelecer limites razoáveis para os armamentos. Sua tarefa é anterior a isso. Nós representamos uma maioria esmagadora de toda a humanidade. Falamos pelos povos que suportaram a guerra mais ferozmente devastadora que fora lançada sobre as cabeças dos homens, mulheres e crianças inocentes. Temos um mandato imperativo desses povos. Eles creem que cumpriremos nossa obrigação. Devemos impedir – se a mente, o coração e as esperanças humanas podem fazê-lo – a repetição do desastre cujas consequências sentirá o orbe inteiro nos anos vindouros.”

“Se nos limitarmos a aceitar estes ideais da boca para fora, se depois preferirmos a violência à justiça, concitaremos em torno de nós a ira terrível das gerações futuras. Não devemos continuar sacrificando a flor de nossa juventude para conter os dementes que, em todas as eras, preparam a dominação do mundo. Os sacrifícios que hoje realizam nossos jovens devem orientar seus esforços para construir amanhã uma poderosa combinação de nações baseadas na justiça e na paz. A justiça segue sendo o maior poder da terra. Somente a esse tremendo poder saberemos nos submeter.”

“Há nove dias disse ao Congresso dos Estados Unidos e agora lhes repito: Nada mais essencial para a futura paz do mundo que a cooperação contínua

das nações que tiveram que reunir as forças necessárias para derrotar a conspiração das potências do Eixo tendente a dominar o mundo. Ainda que estas grandes nações tenham a responsabilidade especial de assegurar a paz, sua responsabilidade se baseia nas obrigações contraídas por todos os Estados, grandes e pequenos, de não empregar a força nas relações internacionais, senão na defesa do direito. A responsabilidade dos grandes Estados é servir e não dominar os povos do mundo.”

“Nenhum de nós duvida que, com a ajuda divina, cooperação amistosa e esforçado trabalho, conseguiremos a solução adequada ao problema que nos propôs a história. Compreendendo a magnitude de nossa tarefa e a necessidade imperativa do bom êxito, avançamos com humildade e resolução. Com sua cooperação harmônica, as Nações Unidas repeliram o assalto da maior concentração de forças militares que já foi reunida na longa história da agressão. Todas as nações empenhadas na luta pela liberdade cooperam conforme a capacidade e oportunidades respectivas. Compreendemos perfeitamente, neste momento, que a vitória na guerra exigiu um poderoso esforço unido. É evidente que a vitória na paz exige e deve contar com idêntico esforço.”

“O homem aprendeu há muito tempo que é impossível viver completamente sozinho. Este mesmo princípio básico se aplica hoje às nações. Não estivemos isolados durante a guerra. Não podemos nos isolar na paz. Todos devem admitir que para ter bons vizinhos devemos agir como tais. Esta norma rege em todos os campos da atividade humana. Para conseguir uma segurança duradoura, os homens de boa vontade hão de unir-se e organizar-se. Além disso, se nossas políticas amistosas forem consideradas por chefes belicosos como mera prova de debilidade, a organização que estabelecermos deve estar preparada em forma adequada para enfrentar qualquer desafio. As diferenças entre os homens e as nações perdurarão. Em realidade esses desacordos, mantidos dentro de limites razoáveis, tem um efeito saudável. Todo progresso começa em diferenças de opinião e avança à medida que as diferenças se ajustam mediante o raciocínio e a compreensão mútua. Nos anos recentes, nossos inimigos demonstraram com clareza o desastre que ocorre quando não se tolera a liberdade de pensamento. As mentes honradas não podem ser submetidas sem protestos a um sistema engessado.”

“A essência de nosso problema consiste em criar um mecanismo razoável para dar solução às disputas entre as nações. Sem esta não pode existir a paz. Já não podemos permitir que uma nação ou um grupo de nações tente resolver suas diferenças com bombas e baionetas. Se continuarmos aceitando tais decisões nos veremos obrigados a reafirmar a filosofia fundamental de

nossos inimigos: ‘A força dá direito’. Para desmentir tal premissa, e o fazemos da forma mais veemente, estamos obrigados a proporcionar os meios de refutá-la. A palavra não basta. De uma vez por todas devemos inverter essa ordem e provar concludentemente, com nossos atos, que o direito dá força.”

“Se não desejamos morrer juntos na guerra, devemos aprender a viver juntos na paz. Com a firme fé de nossos corações para nos manter na rude senda da vitória, encontraremos a rota para uma paz segura, para benefício de toda a humanidade. Devemos criar um novo mundo, um mundo muito melhor, um mundo em que a dignidade eterna do homem seja respeitada. Em momentos em que vamos assumir graves deveres, rogamos a Deus Todo-poderoso que nos guie para alçar um monumento permanente para aqueles que, ofertando sua vida, nos deram esta oportunidade. Que Ele guie nossos passos pela reta trilha da paz!”

A exortação do Sr. Truman não podia ter sido mais significativa e transcendente. Advertiu sobre a possibilidade de que a humanidade experimente dificuldades muito graves depois desta horrível tragédia, que tão profundamente comoveu o mundo e que por isso mesmo faz presente que ao esforço titânico que em comum realizaram as Nações Unidas, deve seguir um novo esforço, não menos gigantesco, para assegurar a paz sobre a terra.

“A responsabilidade dos grandes Estados é servir e não dominar os povos do mundo.” Estas sublimes palavras que encarnaram também o pensamento de Roosevelt hão de ser um lema sagrado, um mandato que todas as nações do mundo deveriam adotar como uma profissão de fé.

Outra expressão com que o presidente dos Estados Unidos fez sentir na alma dos que o escutaram a enorme responsabilidade que incumbe a cada nação para assegurar a convivência pacífica dos povos é aquela segundo a qual se não desejamos morrer juntos na guerra, devemos aprender a viver juntos na paz; que com uma firme fé para nos sustentar na senda da vitória, acharemos o caminho para uma paz segura, para a felicidade de toda a humanidade e que é dever criar um novo mundo, um mundo em que a dignidade do homem seja respeitada.

Essas palavras estão promovendo as mais sérias reflexões na mente de todos os homens que trabalham pelo advento de uma era melhor. A experiência desta última guerra foi demasiado dolorosa para que se possa esquecer ou desentender das gravíssimas consequências que acarretou

ao mundo. Chegam horas de muito labor e grande preocupação para solucionar todos os problemas que se irão apresentando à humanidade. Será necessário, pois, que todos, sem exceção, confiem em Deus Todo-poderoso, tal como invocou o presidente Truman; e será necessário também confiar na boa vontade de todos os homens a cujo cargo está a reconstrução do mundo.

PARA A NORMALIZAÇÃO



Nestes dias, cessou no continente europeu a guerra mais espantosa que a humanidade já conheceu. Terminou como conflito bélico entre as nações que defendiam a civilização e as que pretenderam destruí-la, mas não terminou com ela a horrível tragédia que estão vivendo muitos povos da Europa e de outras partes do mundo.

Entre as poucas notícias que durante estes últimos cinco anos puderam escapar da censura jornalística, nos chegaram as dos crimes cometidos a centenas de milhares de seres humanos indefesos e inocentes. Mas, essas notícias, apesar de comover os corações de todos os que as leram, não deram uma ideia exata do que em realidade foram semelhantes crimes. Houve os que tiveram a sensação de que tais informações eram exageradas. Mas tudo o que o mundo soube no decorrer destes dias ultrapassa todo o imaginável.

Foi tão impressionante o espetáculo que presenciou o grande general Eisenhower e seu estado maior, ao chegar a um dos campos de concentração, que imediatamente telegrafou ao Primeiro Ministro inglês, Sr. Churchill, a fim de que sem demora enviasse uma delegação parlamentar para que fosse testemunha presencial do que, conforme bem disse, espantava até os corações mais fortes. Foi tão chocante o presenciado por estas altas autoridades militares norte-americanas e britânicas, que imediatamente determinaram a toda a oficialidade nazista, juntamente com os soldados feitos prisioneiros, que desfilassem ante às vítimas inocentes, reclusas dentro do que havia constituído até o dia anterior num campo de crueldades sem nome.

E acaso será somente isto o que se dará a conhecer ao mundo sobre os métodos bárbaros empregados pelos que quiseram dominar o gênero humano? E isto poderá ser esquecido? Poderá esquecer-se que nesse martirologio estavam envergonhando a toda a humanidade? Não em vão se levantam por toda parte vozes em demanda de justiça e de castigo para os culpados por tantos crimes e por tanta infâmia.

Mas, será possível encontrar cada um dos que cometeram tais atrocidades? Caso contrário, não permanecerá o perigo naqueles que, podendo escapar às responsabilidades, levam consigo o germe destruidor da espécie de que formam parte? Necessário será que todos os povos do mundo permaneçam em guarda durante longo tempo, a fim de descobri-los, seja onde for.

O agravo inferido ao sentimento humano é muito grande, tanto que quando se têm notícias do que ocorreu em cada um dos povos da Europa se recebe a impressão de que se produziu uma desumanização ali, onde houve de perder-se até o próprio sentido da vida e de tudo o que significou para o homem motivo de respeito, de culto e de amor. O edifício da sociedade humana dentro do continente europeu pareceria haver ficado sepultado totalmente sob os escombros de tanto progresso material, atingido pelo sinistro fogo das armas.

Uma nova era deverá começar para este mundo destroçado e mergulhado em tanta desgraça: a era da reconstrução em todos os campos em que a vida se desenvolve; a era de uma nova concepção da vida que abra aos espíritos as portas de um futuro melhor. Desta maneira haverá terminado a era sombria do desprezo ao semelhante e do desprezo a todo o justo, nobre e bom.

A nova era terá que caracterizar-se, pois, por uma ampla compreensão dos problemas humanos e pelo respeito mútuo, consagrado universalmente; o respeito à vida, à família, aos povos e a tudo o que constitua a razão da existência. Somente assim voltará a humanidade a humanizar-se e alcançar, mais além, os cumes no aperfeiçoamento.

O MUNDO DEVE RETOMAR O CAMINHO PERDIDO



Depois das últimas experiências e das inúmeras vicissitudes pelas quais o mundo teve que passar, nos encontramos ante os resultados que ficaram como saldo de uma época que a história haverá de qualificar de verdadeiro extravio; por conseguinte, após as tantas exaltações políticas e sociais que levaram os povos à consumação de uma guerra impiedosa e devastadora como a atual, a serenidade e a reflexão devem surgir e ocupar o lugar do desenfreio e da violência.

Nada pode falar nestes momentos com maior eloquência sobre o melhor caminho a seguir para que os homens se entendam, do que as decisões tomadas pelas nações unidas na pacífica assembleia de San Francisco, onde foram tratadas as questões que a todos por igual interessou discernir e esclarecer, ante o convencimento mais absoluto de que nenhum acerto estável nem nenhuma solução justa são possíveis por meio das armas.

Os homens que atuaram no novo ordenamento do mundo puderam discutir suas ideias e dirimir ou conciliar suas diferenças porque lhes inspirou a vontade de servir à humanidade e porque a justiça e o direito foram os que presidiram seus limpos e amplos debates. Mas não há que esquecer que essa reunião de estadistas que lutaram e se esforçaram para alcançar o resultado mais feliz para o futuro da humanidade foi acompanhada pela opinião pública de todos os povos do mundo.

Pressente-se e até se adverte que no ânimo geral impera um anelo caloroso de retornar às leis que amparam os direitos do homem e de retomar o caminho perdido dos pacíficos dias em que o trabalho era

símbolo de alegria e prosperidade, e nos quais a família e o lar eram o refúgio mais propício para aumentar a fé no futuro. Ficou evidenciado com a clareza mais meridiana que a vida frívola, o desapego às velhas normas que constituíram a sociedade do passado e as agitações de todo o tipo que trouxeram consigo as ideologias estranhas, somente produziram uma perturbação geral, um transbordamento de todos os excessos, um desvio pronunciado do reto caminho que os povos seguiam quando atendiam aos conselhos nobres de suas próprias inspirações, isto é, a voz inconfundível daqueles que forjaram com seu exemplo a alma deles.

Nada pode ser hoje mais promissor que o afã e os esforços manifestados pela maioria dos estadistas para encaminhar o mundo pela senda segura da justiça e do direito, ou seja, pela rota indicada como melhor para a humanidade. Feliz e glorioso será o dia em que, vencidas todas as dificuldades que ainda se opõem ao restabelecimento de uma paz verdadeira e estável, os povos do mundo inteiro, em plena harmonia, deponham e desterrem para sempre todo pensamento de violência e de destruição e se decidam a trabalhar em paz por um futuro mais venturoso.

O FIM DA GUERRA



Depois de cinco anos de duras lutas e calamidades de toda espécie que a humanidade teve que suportar, caiu o último bastião do totalitarismo, e ao dizer totalitarismo associamos a esta palavra, por império das realidades inegáveis, o monstruoso, o desumano, a agressão e o despotismo em suas múltiplas formas.

Não foi esta, como bem expressou o prestigiado jornal “La Prensa”, em seu editorial de 14 de agosto, uma guerra entre nações; foi uma guerra entre dois sistemas, sistemas não limitados exclusivamente ao campo político, senão que se estendiam ao moral e espiritual: de um lado, os que em cegos afãs de dominação mundial pretendiam eliminar o homem com todos os seus valores e virtudes, isto é, o indivíduo como tal, independente, livre, para reduzi-lo a um inconsciente autômato do Estado; e do outro, as forças do bem, do direito e da justiça, que ressoavam com todo o vigor para defender seus valores, seus direitos e sua liberdade, contra esse insaciável *moloch* que ameaçava aniquilá-lo.

Vimos durante esta horrível contenda bélica como povos inteiros foram arrastados pela vontade onímoda de uns poucos desequilibrados, que validos da impunidade de que gozavam, cometiam e faziam seus esbirros e vassalos cometer todo tipo de atrocidades, até as mais inconcebíveis pela mente humana.

A guerra terminou e com isso as fábricas de armamentos cessarão de produzir armas para a matança de seres humanos e em seu lugar deverão levantar-se fábricas que farão equipamentos de cultivo e utensílios de trabalho para todos os homens do mundo. Inicia-se uma nova era na qual gradualmente irá se restabelecendo a paz, a ordem e a liberdade,

em todos os pontos da terra. É hora já de que cesse tanta angústia e tanta miséria ocasionada pelos que produziram e usaram as armas da agressão. Tudo deve voltar, incontestavelmente, à normalidade e nada haverá que possa resistir à influência pujante do progresso e da evolução, que em harmonia paralela farão a humanidade seguir para um destino melhor.

Terminou a guerra e com ela deve extinguir-se até o último pensamento de subversão humana, pois é lógico que este novo mundo dos homens que lutaram pelo direito e a liberdade não haverá de tolerar a quem volte a perturbar a marcha normal e pacífica dos povos com desplantes ou ideias exóticas que, junto com o totalitarismo, é de anelar que tenham desaparecido para sempre.

Com a era que se inicia os povos começam a viver uma nova e grande etapa da história. Despertou-se, poder-se-ia dizer, a consciência de sua responsabilidade; por isso triunfaram as nações que alçavam o estandarte da democracia. Os governos futuros terão que nascer do coração do povo; assim poderá evitar-se que se repita, outra vez, a espantosa tragédia que assolou a tantas nações e que, como sinal e lição, deve ser compreendida por toda a humanidade.

REPERCUSSÃO MUNDIAL DAS NOTÍCIAS



Há dois lustros mais ou menos, o mundo começou a experimentar uma nova e indefinida emoção: a das notícias sensacionais que cruzavam de um ponto a outro o orbe, muitas delas com finalidades de impressionar a alma humana ou defender ideias alimentadas com fins de dominação mundial. Felizmente, esses períodos de inquietude, primeiro, e de incerteza e angústia, depois, já passaram. As forças do mal foram dominadas e vencidas, e a voz daqueles desequilibrados que tantas vezes, com petulância jamais ouvida, se dedicaram a mandatos extraterrenos, foi também calada para sempre.

Hoje as notícias que nos chegam são de outra índole; poder-se-ia dizer que vêm compensar as comoções causadas pelas anteriores. A do fim da guerra na Europa parecia que foi escrita simultaneamente no céu de todos os países do mundo, pois cada um dos habitantes da terra leu ao mesmo tempo a tão ansiada e esperada nova. E nestes dias esta outra que estremeceu intensamente o mundo: a do descobrimento da bomba atômica, notícia que deu a conhecer o presidente Truman ao ter sido utilizada pela primeira vez contra os japoneses. Disse nessa oportunidade: “Há dezesseis horas um avião norte-americano lançou uma bomba na importante base militar japonesa de Hiroshima. Essa bomba tem mais poder que 20.000 toneladas de TNT (trinitrotolueno). Possui um poder duas mil vezes superior ao da bomba britânica “Grand Slam”, que foi a maior utilizada até agora na história da guerra. Os japoneses iniciaram a guerra pelo ar, em Pearl Harbor. Foi-lhes retribuído com superabundância. E este não é ainda o fim. Com esta bomba acrescentamos um novo e revolucionário aumento da destruição que complementa o crescente poder de nossas forças armadas. Estão sendo

fabricadas estas bombas em sua forma atual, mas outras mais poderosas estão em projeto. É a bomba atômica. Utiliza o poder básico do Universo. A força da qual o sol obtém seu poder foi lançada contra aqueles que levaram a guerra ao longínquo Oriente.”

Poderia assegurar-se que cada um dos que leram tal notícia deve ter sentido um calafrio, pois é indubitável que ninguém terá deixado de pensar que se este descobrimento houvesse sido feito pelos nazistas, um ou dois anos antes, o mundo, a estas horas, haveria deixado de existir. Não obstante, pode-se apreciar com a mais pura clareza que a Providência nunca falha em seus desígnios; descobre-se este tremendo poder precisamente em momentos em que uma das forças que desencadearam esta contenda pretendia prolongar, sem nenhuma consideração, o massacre de vidas humanas.

Esta descoberta pareceria querer significar aos homens que a guerra deve terminar em todas as partes, desde que é necessária e urgente a reconstrução total do mundo. E somente quando já não exista a luta fratricida, quando se tenham calado, digamos para sempre, as bocas infernais que semeiam a morte, esse descobrimento, ou seja, a possibilidade de usar a superenergia atômica em múltiplas atividades construtivas poderá beneficiar em grande escala as gerações futuras, em seus esforços para alcançar um progresso digno das épocas mais gloriosas da história. Que a própria Providência seja a guardiã excelsa da raça humana, como tem sido até o presente, a fim de impedir que ninguém, nem mesmo no maior dos extravios, possa fazer perigar sua existência e o que ela é e representa no seio da terra.

O GRANDE DILEMA

Preocupações básicas do presente



Antes de partir de Londres para empreender sua viagem aos Estados Unidos, o primeiro ministro da Grã-Bretanha, Sr. Clement R. Attlee, pronunciou um discurso em cujas palavras não é difícil descobrir a profunda preocupação que o embargava, preocupação que reflete bem claramente não somente a sua própria senão a de quase o mundo inteiro.

“O fundamento de uma nova ordem mundial deve encontrar-se no coração dos homens, isto é, deve ser uma força moral”, disse; e, em seguida, entre diversos pontos, expressou: “A menos que se aperfeiçoe uma nova forma de relação entre os povos da terra, nossa civilização pode sofrer uma destruição incrível. Ante um perigo como o da bomba atômica não podemos conceber que tenha o mínimo valor nenhum desejo de expansão territorial nem qualquer sonho grandioso de dominação.”

“Mas a questão que devemos encarar hoje não é tanto como se poderá dominar esta nova e devastadora força que a ciência colocou em liberdade, senão esquematizar o tipo de sociedade mundial necessária em uma era em que umas poucas bombas poderiam destruir totalmente as grandes cidades, que custaram séculos inteiros de esforço humano. A principal esperança dos povos deve ser agora a estreita unidade de propósitos das Nações Unidas, particularmente Grã-Bretanha, Rússia e Estados Unidos e sua capacidade para fundar a paz.”

Mais adiante acrescentou: “Demonstraremos ao mundo o que significa a verdadeira democracia”.

As palavras do primeiro ministro britânico traduzem o estado moral em que atualmente se acha a maior parte do mundo, o que por sua vez

há de traduzir-se na seguinte explicável realidade: falta de confiança, decaimento espiritual, desorientação. E se a isso ainda se somam todas as perturbações que diariamente complicam a vida dos povos, teremos que admitir que existe um lamentável descenso na moral humana, o que significa uma redução das forças do espírito, que são as que animaram sempre o homem em suas lutas e na orientação de seus afãs de superação.

O Sr. Attlee manifestou que “o fundamento de uma nova ordem mundial deve encontrar-se no coração dos homens”. Muito bem, mas esse coração poderá responder ao chamado da cordialidade universal se se acha oprimido e angustiado pelos tantos dissabores que têm promovido e continua promovendo a incompreensão da maioria sobre os altos deveres e finalidades do gênero humano? Que alento ou estímulo pode restituir-lhe a felicidade e a paz perdida? Não há que esquecer que dentro do coração humano estão também a família, a cidade, a pátria, a humanidade mesma, pois é o coração o que une pelo sentimento o ser com seus semelhantes e é dentro dele onde se encontram as reservas do mais nobre que pode o homem conter. Não obstante, antes de apelar como fez o primeiro ministro inglês ao coração humano, para construir a nova ordem que regerá a vida futura do mundo, haver-se-á que buscar os meios que tornem possível a aproximação de todos os corações sob a influência de um sentimento universal de conservação da espécie e de elevação dela para um estado superior de consciência, indispensável para a manutenção da paz, da ordem e do respeito a todo o criado e, muito especialmente, à criatura humana.

O paradoxo em toda essa confusão de pensamentos que vão de uma mente a outra é que enquanto a quase unanimidade dos seres ansia a paz e a ordem, tudo pareceria impedir, como algo inexplicável, o cumprimento desta vontade universalmente manifestada, provocando discussões, perdas de tempo e desorientação, em momentos em que mais necessários são os acordos e a conciliação das ideias, para responder ao dever supremo de reparar todos os males e oferecer, às novas gerações, o exemplo que se daria se se chegasse à compreensão dos altos princípios que em harmonia inalterável devem reger as relações dos seres e povos entre si, em recíprocas condições de respeito e apreço.

O PROCESSO DE NUREMBERG



Com o processo de Nuremberg aos criminosos de guerra, nos achamos ante uma novidade histórica. Isso evidencia uma vez mais que são os próprios homens os que criam ou modificam os processos que cumprem os indivíduos, os povos e até a humanidade mesma através das épocas.

Ninguém haveria imaginado, há alguns anos, que a estas horas se ventilariam no juízo mais extraordinário e transcendente que registra a História, os pensamentos e ações dos indivíduos e povos que desataram a última contenda e levaram o mundo a um dos maiores infortúnios.

Na verdade, poder-se-ia haver justificado os responsáveis, culpados também de todos os crimes cometidos antes e durante a guerra, sem recorrer ao expediente de Nuremberg. Isto foi, diria-se, o pensamento geral; mas hoje, ao se conhecer toda a documentação que prova cada uma das acusações e demonstra como se incubou nas mentes do nazismo a ideia de dominação mundial, tudo parece mostrar quão necessário era realizar esta etapa final, que encerra um dos capítulos mais tristes e trágicos da história da humanidade.

É nesta forma que o mundo pode inteirar-se daqueles bastidores que haveriam ficado vedados à opinião e, portanto, preservados da justa reação do sentimento humano. O caso é que, conhecida agora a trama completa da intriga política que teceram os países agressores, fica o antecedente como sinal que todos os povos do mundo haverão de advertir, no presente e no futuro, se de novo se tentar perturbar a paz ou prejudicar os legítimos direitos do homem em qualquer ponto da terra.

Nuremberg aparece hoje como constituindo a base de um novo código que regerá as relações internacionais do futuro quanto às penalidades e sanções que sofrerão os homens ou os povos que infringirem as leis sobre as quais baseia a confiança geral, já que estão bem assinaladas nelas as garantias essenciais de todos por igual no que respeita à segurança e à convivência mútua.

Ainda não se sabe quando terminará este grande processo dos criminosos de guerra, que não escaparão, possivelmente, à máxima penalidade. Não obstante, o mundo se interroga: Poderá o julgamento de alguns culpados compensar a enorme quantidade de vidas perdidas, de sacrifícios, dores e perdas irreparáveis que a humanidade sofreu? De certo que não, pois uma só vida inocente sacrificada no altar da ambição haveria sido mais que suficiente, ante a justiça superior, para exigir dos culpados o preço de tamanho crime.

Mas ante o irreparável e o consumado e, não se podendo apelar a recursos que estão mais além das possibilidades humanas, o julgamento de Nuremberg haverá que ser considerado como a expressão máxima de um protesto universalmente expresso pelo pensamento e sentimento de toda a humanidade. E se bem nestes momentos em que ainda se acha em plena atividade o alto tribunal que haverá de julgar os culpados, não é possível determinar os alcances que este julgamento poderá ter no futuro, lógico é pensar que ele haverá de deixar aos estadistas, em cujas mãos estejam os destinos de todos os povos do mundo, muitos ensinamentos e não poucas reflexões.

A CONVALESCENÇA DO VELHO MUNDO



Depois de uma longa doença, na qual se manifestou no organismo do Velho Mundo todo tipo de complicações e dores, este conseguiu uma vez mais, demonstrando sua forte natureza, sobrepor-se às crises que ameaçaram derrubá-lo definitivamente. Porém este Velho Mundo, que leva tantos anos de vida e acusa uma grande experiência, pareceria não haver se corrigido e seu caráter irascível se mostra ainda com bastante violência. Não obstante, ele é o que assentou tantas doutrinas e pregou por todo o orbe seus sábios conselhos, nutridos na experiência do passado. Não cabe dúvida que os males que padeceu afetaram enormemente sua moral e seu sistema psicológico, pois de outra maneira não se conceberia que, débil ainda e cambaleante, se mostre por momentos furioso e irracional. Possivelmente se sinta um tanto envergonhado e – por que não? – incomodado também de haver tido que pedir ajuda a seu filho, o Novo Mundo.

O certo é que os tempos não estão para andar com caprichos e já é hora de que o Velho Mundo se dê conta que deve entrar na razão e deixar de cometer tantos desatinos. Evidentemente o de que hoje necessita mais do que nunca é da ajuda imediata e sem limitações do Novo Mundo, mas ao mesmo tempo terá que fazer de sua parte o maior esforço para manter-se de pé e reconquistar a saúde perdida. Nenhuma pessoa ignora, e o Velho Mundo sabe melhor do que ninguém, que toda convalescença é delicada e requer cuidados especiais; qualquer recaída poderia ser fatal.

Nada, pois, seria mais auspicioso para o futuro da humanidade que vê-lo ressurgir cheio de vida, curadas suas feridas e retornado ao seu

espírito decaído todo o vigor, otimismo e entusiasmo de seus melhores dias. Este é o voto unânime de todos os que sentem por ele um grande afeto e um anelo profundo de bem-estar, paz e felicidade.

A INEXORABILIDADE DAS LEIS UNIVERSAIS



Os acontecimentos que de um tempo para cá vêm se desenvolvendo no mundo devem levar os homens a refletir sobre a inexorabilidade das leis, que cumprem sua missão instrutiva ao castigar os desvios em que eles incorrem. Basta fixar a atenção nas situações em que hoje a humanidade se vê colocada; entre elas uma, a mais aguda, premente e alarmante: a da fome.

Depois de uma guerra, talvez a mais cruel de todas que a história do mundo consignou; depois que a maldade e o desvario ou, melhor dizendo, a loucura frenética dos homens na luta bélica lançou ao fundo dos oceanos e mares milhares de enormes navios carregados com alimentos; depois que se destruíram riquezas e converteu em fazendas estéreis os outrora férteis campos, hoje, o que da família humana sobreviveu a tamanha catástrofe, clama por um pouco de trigo, por um pouco de pão; enfim, por um pouco de vida. Acaso ignora o homem, que todos estes víveres lançados ao fundo do mar não podem ser resgatados, como tampouco podem ser resgatadas as vidas que se cortaram, a maioria na flor da idade? Ignora que se requer longo tempo para que todos esses alimentos de que se privou a tantos povos sejam conseguidos na proporção que eles, hoje famintos, reclamam?

É este o paraíso que prometeram os senhores da guerra, quando exortavam às multidões mostrando-lhes, após as conquistas guerreiras, arcas de inesgotáveis riquezas, víveres e felicidade? Parece mentira que havendo sido o resultado de todas as guerras um cúmulo de calamidades, miséria e infelicidade, os homens, fechando os olhos do

entendimento, voltem uma e outra vez a semear pela terra a cizânia de mal tão horrível. Consumado durante a última contenda, ainda segue fazendo-se sentir nos países devastados, onde mais cruelmente se experimentou seu rigor.

Ouvem-se por toda parte angustiosos chamados à consciência de todos os povos do mundo em demanda de socorro. Dever de cada ser humano é acudir a esse chamado na medida de suas possibilidades, visto que hoje essa é a caridade que deve estar por sobre todas as demais, pelo fato mesmo de que perigam milhares de vidas humanas. Bendita a ajuda que cada um se apreste a dar a tantos aflitos que imploram a caridade dos que em próximas ou longínquas terras podem prestar-lhes auxílio.

Eis aí as leis universais mostrando a realidade de sua inexorabilidade, ao erguerem-se firmes e implacáveis por cima do poder dos homens para assinalar os grandes desvios humanos, se é que se pode chamar de desvio, ter privado de alimento a tantos inocentes. Oxalá seja esta a maior lição que o homem recebe hoje e a que definitivamente o faça decidir a ser mais compreensivo, bom e justo.

CONVALESCENÇA PÓS-BÉLICA DA HUMANIDADE

*“O mundo se acha muito doente”
– disse Churchill*



Ao receber a cidadania honorária de Aberdeen, Sr. Churchill, o grande líder britânico declarou com visível angústia: “O mundo está muito doente. Este é um tempo em que o ódio reina no mundo e em que muitos e poderosos ramos da família humana, vencedores ou vencidos, inocentes ou culpados, estão mergulhados na angústia ou na ruína. Duas terríveis guerras em nossa vida serviram para extirpar da terra sua graça e sua cultura. Danos sem medida foram causados a muito do que no século XIX foi chamado de civilização cristã, pois todas as nações principais se viram acoçadas por esforços e sacrifícios que embotaram sua sensibilidade e destruíram seus agradáveis hábitos de convivência social”. Mais adiante acrescentou: “Num mundo em que a superprodução de alimentos era antes, de tempo em tempo, um problema, a fome imprimiu a marca de seus fracos dedos sobre os povos de muitos países e a escassez se propagou a todos. As energias físicas da humanidade ficaram esgotadas em função das tribulações pelas quais passou e ainda está passando. Não é somente o derramamento de sangue o que nos debilitou e empalideceu. Os impulsos vitais da inspiração humana estão contidos no momento. Deve haver um período de recuperação. A humanidade não pode, em sua condição atual, suportar novos abalos e rixas sem descer, em seu conjunto, às formas mais cruas e elementares. Não sabemos ainda se o ódio e a confusão que nos rodeiam não nos levarão a provas ainda mais duras que as que sofremos e às quais tão penosamente conseguimos sobreviver. Em muitos países, onde até os

esforços unidos resultarão muito abaixo do que se necessita, se fomenta a desavença e a rixa de partidos, e o fanatismo assedia para lançar-se sobre o rival em ideologia. Enquanto isso, os seres comuns de todos os países se mostram amáveis, valiosos e serviçais para com seus compatriotas. Não obstante, são incitados a lançarem-se uns contra os outros, por forças e organizações e doutrinas, em forma tão brutal e tão sem remorso, como jamais ocorreu em tempos dos reis e imperadores absolutos. Nunca como agora é mais necessário um período de alívio, uma convalescença tranquila, uma trégua de Deus e do homem”.

A este respeito, cabe-nos recordar que em nossa edição de dezembro último publicamos um artigo intitulado: “A convalescença do Velho Mundo”. Expressamos nessa oportunidade: “Depois de uma longa doença, na qual se manifestou no organismo do Velho Mundo todo tipo de complicações e dores, este conseguiu uma vez mais, demonstrando sua forte natureza, sobrepor-se às crises que ameaçaram derrubá-lo definitivamente. Mas este Velho Mundo, que leva tantos anos de vida e acusa uma grande experiência, pareceria não haver se corrigido e seu caráter irascível se mostra ainda com bastante violência”.

Como se pode apreciar, existe uma coincidência mais que eloquente entre o que hoje nos diz o Sr. Churchill e o que dissemos há vários meses, quando também expressamos nesse mesmo artigo: “Não cabe dúvida que os males que padeceu afetaram enormemente sua moral e seu sistema psicológico, pois de outra maneira não se conceberia que, débil ainda e cambaleante, se mostre por momentos furioso e irracional”.

É significativo que homens da visão de Churchill nos manifestem nestes dias suas profundas preocupações pelo futuro da humanidade. Em realidade, ninguém ignora o que ocorre atualmente em numerosos países, onde povos que viviam tranquilos, desfrutando de uma paz e alegria que eram uma verdadeira exceção, de repente viram-se agitados por forças estranhas que movendo-os de um lado para o outro, como bem disse o líder britânico, são lançados “uns contra os outros, por forças e organizações e doutrinas, em forma tão brutal e tão sem remorso, como jamais ocorreu em tempos dos reis e imperadores absolutos”. É que a era dos falsos profetas parece não haver terminado ainda, nem tampouco parece que os homens tenham se emendado após o trágico acontecimento que terminou com a vida dos tumultuosos ditadores dos

países totalitários. Entretanto, haverá de ser necessário deter-se e frear os fanatismos e os ódios, antes que seja tarde e que a bola de neve volte a rodar pelo mundo semeando o extermínio e o caos, que não seria outra coisa que o próprio fim de toda a humanidade.

Se é certo que nesses momentos o mundo está passando por uma gravíssima crise moral, psicológica, mental e de toda espécie, não é menos certo que a natureza humana tem resistências maravilhosas que, se não são debilitadas com o abuso e as exigências, podem permitir ao homem sobrepor-se e enfrentar o futuro com valentia e firmeza.

A todos nós que vivemos nesta época cheia de perigos e turbulências corresponde, hoje mais do que nunca, serenar os ânimos, exercer a paciência e nos situarmos o mais próximo possível da realidade, dessa realidade que nos está mostrando quão grandes e inconcebíveis foram o descuido e a indiferença que permitiram gestar no seio da sociedade um mal tão atroz, capaz de concluir com a espécie vivente na terra.

O que, naturalmente, deverá ter-se em conta, em todo instante, é que o mal causado à humanidade foi muito grande e que somente poderá conseguir-se a recuperação da destruição havida, se os homens, em vez de pensar em matarem-se uns aos outros, concentrarem sua vontade em matar seus próprios egoísmos e ambições. Por tal causa devemos repetir o que dissemos em reiteradas oportunidades, que estas são horas de reflexão e que os que não meditarem sobre os alcances do drama universal que se vive, perigarão de ser absorvidos e anulados pela força incontida dos acontecimentos que irão ocorrendo no mundo.

Porém, seja como for, de um modo ou de outro, haverá que invocar muitas vezes a Providência e tornar-se credor dessa invocação, para que os homens de hoje não extraviem sua razão ao extremo de pensar que somente recorrendo novamente à violência será possível encontrá-la. A razão haverá que ser afirmada e assegurada na paz, a fim de que nunca mais volte a perder-se e com ela o melhor que o homem pôde conquistar na terra.

IV. BASES PARA A FUTURA ORGANIZAÇÃO DO MUNDO

O SILÊNCIO PRECURSOR DE UM NOVO MUNDO



Nestes dias, antes de terminar o mês de maio – e dizemos isto com a segurança, quase absoluta, que dão os cálculos baseados sobre fatos que bem poderia dizer-se prescrevem resultados matemáticos –, terminará a guerra na Europa e, muito provavelmente também, pouco tempo depois, as hostilidades em todas as partes do mundo por ela afetadas.

Um silêncio imponente ocorrerá imediatamente: passar-se-á do atropador e ensurdecedor fragor da contenda ao vazio que instantaneamente se origina quando cessam os grandes estrondos. Quanto tempo durará esse silêncio? Que farão os homens durante esse parêntese? As horas que se seguirão irão explicar com toda eloquência.

Os olhares da humanidade inteira contemplarão, com não pouca tristeza, tudo o que foi destruído e também o que não poderá voltar à vida: os milhões de seres que pagaram tão caro tributo nesta hora crucial da história humana. Nenhum pensamento poderia ser mais edificante nestes momentos que aquele que afirme em cada mente a resolução inabalável de evitar à humanidade, pelo menos por muito tempo, sofrimentos tão espantosos como os passados; um pensamento que consolide a confraternidade humana e que, enquanto declara fora da lei as agressões, conduza a tomar todas as medidas para que não volte a ocorrer mais matança de homens no mundo.

Os ensinamentos que deixará esta grande experiência pela qual está passando a humanidade deverão servir para corrigir os erros do passado e prevenir, ao mesmo tempo, muitos dos que poderiam ser cometidos no futuro.

Uma necessidade imperiosa e a mais profundamente sentida em todas as épocas foi a de reclamar para a vida humana a dignidade que lhe corresponde, como expressão do mais respeitável de tudo o que foi criado. Essa dignidade somente pode ser concebida quando os seres humanos gozam da mais perfeita liberdade, e seus deveres e direitos se condicionam às responsabilidades individuais ante a sociedade de que formam parte. Esta é a liberdade em todos os seus aspectos; a que dignifica a vida e permite que cada um possa extrair de suas capacidades o máximo de rendimento para oferecê-lo ao progresso do mundo e da cultura geral.

Por isso dissemos que o silêncio que seguirá ao término desta guerra será precursor de um futuro no qual se lançarão as bases para edificar uma convivência mais justa e mais acorde com as naturais prerrogativas do homem. Os diques ao egoísmo, manifeste-se este na ordem individual ou entre países, abrirão caminhos para novas correntes aos generosos sentimentos do homem, que encontrará compensação no amplo cenário do mundo onde haverão de se projetar, para o bem da humanidade, pensamentos que conttenham o anelo unânime de uma ampla compreensão entre todos os povos da terra.

Mas tudo quanto se faça para edificar um mundo melhor deverá ser precedido, imprescindivelmente, de um reajuste daquilo que assinale um excesso na conduta dos seres humanos, em suas múltiplas atividades. Assim, pois, para voltar ao eixo normal, no qual os deveres e os direitos devem combinar-se em uma ordem perfeita, haverá que restaurar no mundo a confiança no estabelecido, já que será esta a única forma sobre a qual poderá o ser, individual e coletivamente, trabalhar com verdadeiro entusiasmo, isto é, baseado em que tudo o que faça haverá de perdurar como bem permanente, difícil de alterar.

Atualmente as nações amigas estão preparando os planos para a próxima reorganização do mundo. Isto significa que nenhum país, grande ou pequeno, poderá ficar à margem dessa organização. Cada um, por sua parte, deverá pensar em que forma haverá de responder às exigências de uma nova realidade, que por si mesma se imporá, sem exclusões, a toda a humanidade. E ante essa realidade, que ainda demandará talvez muitos anos de sacrifício, cabe supor – já o dissemos em diversas oportunidades – que será necessário criar em todos os seres humanos

uma maior capacidade de compreensão e de trabalho fecundo. Isto encurtará, naturalmente, o tempo que haverá de transcorrer até a total normalização das atividades e das relações humanas.

Outro significado derivado da futura reorganização do mundo é que se imporá a necessidade de modificar o regime de vida, conduzindo-a pela senda da superação e fazendo com que assuma a responsabilidade que lhe incumbe e a autoridade que a própria consciência deve exigir-lhe. Terá, em consequência, que diminuir ao mínimo possível o tempo que se dedica às coisas frívolas, nas quais o ser vive despreocupado do valor transcendente que possa ter o que ocorre fora dele. Pode-se dizer que haverá de entrar numa época na qual os homens chegarão, por fim, a se dar conta de que devem ser mais ajuizados, mais razoáveis e sensatos a respeito da forma de conduzir suas vidas e isto, como é lógico, fará com que aquela célebre desculpa da falta de tempo, tantas vezes repetida, ficará automaticamente sem efeito, pois criando cada um maior capacidade de estudo e de trabalho, descobrirá que o tempo lhe sobra, e serão mais felizes sabendo que o aproveitam com altos objetivos de superação individual. Assim, pois, é como haverá de se passar do estrondo bélico à meditação ativa, ou seja, ao silêncio precursor de um novo mundo.

A ELOQUÊNCIA DE UM PRONUNCIAMENTO



Comumente, as palavras, cumprida sua missão uma vez pronunciadas, se diluem e desaparecem da recordação dos que as escutaram como se jamais houvessem existido. Mas quando assumem um caráter particularmente grave – seja na boca dos que falam em nome de um povo ou da humanidade e até em nome de quem se atribui prerrogativa excepcional –, sim; são recordadas ou, pelo menos, estão presentes ao chegar a oportunidade em que devem servir de testemunho ou de prova. Referimo-nos aqui àquelas que os chefes do nazismo e fascismo expressaram reiteradamente ao lançar seu poderio bélico contra os povos que invadiam, afirmando que Deus estava com eles e que Ele guiaria seus exércitos para a vitória. Também os chefes das nações democráticas, ao ter obrigadamente que repelir a agressão e convocar seus respectivos países para enfrentar o inimigo, invocaram a Deus implorando sua inspiração e proteção.

Assim foi como se procedeu com respeito à providencial ajuda divina e assim foi como a guerra continuou desenvolvendo-se até estes dias nos quais aqueles que haviam afirmado estar dirigidos e inspirados por Deus tiveram que depor as armas, sofrendo a derrota de maiores proporções que já registrou a história do mundo.

Tal fato significaria pois, melhor dizendo, deve significar o pronunciamento de quem, desde o alto, influiu, não cabe dúvida, para que as almas que defendiam os direitos humanos, a dignidade, a liberdade e o respeito do homem, triunfassem esmagando os que pretenderam submeter a humanidade à mais abominável escravidão moral e física.

Mas ainda não se conseguiu dominar o mal. Os homens pareceriam não haver emendado apesar dos incontáveis sofrimentos e vicissitudes que tiveram de suportar. As ambições continuam sendo uma trava para o estabelecimento da concórdia universal. Não se começou ainda a reconstruir a mínima parte de tudo o que foi destruído, e já se perfilam no horizonte algumas nuvens que ensombrecem por momentos a claridade que tanto se requer nos dias que seguem à guerra; cada povo esgrime suas reivindicações e expõe as razões que o assistem conforme suas conveniências, seus interesses ou pretensões.

Será necessário centuplicar o esforço e a boa vontade de uns e outros para alcançar, nos pontos mais delicados das questões em pugna, o grau de acercamento que conduza à conciliação de todos os interesses e de todas as razões. Seguindo esta linha de conduta se poderá advertir, num futuro não muito distante, um novo pronunciamento de quem está por cima de todas as limitações humanas. E esse pronunciamento não será outro que o estabelecimento definitivo de uma paz sobre sólidas e perduráveis bases. Isto é o que anela toda a humanidade e é o que voltará a trazer a confiança, a alegria e a felicidade entre os seres que povoam a terra.

IMPERATIVO DA HORA PRESENTE



Os cruéis padecimentos que grande parte da humanidade vem suportando há vários anos e que, ainda em menor grau seguem se prolongando, devem significar para todos os seres humanos um sério chamado à reflexão.

A vida em diversas partes se tornou angustiada e, às vezes, desesperante; não cabe dúvida que isso obedece à falta de uma compreensão mais ampla dos problemas que se apresentam, à medida que o mundo avança em busca de um futuro melhor.

Cada homem, seja do país que for, ao se considerar membro da grande família humana, deve sentir-se impulsionado a oferecer a colaboração de sua inteligência e de suas possibilidades a serviço de um ideal de melhoramento e bem-estar que cumpra para a humanidade um verdadeiro futuro de bem.

As horas atuais que o mundo vive não são para ser vividas esterilmente, nem tampouco para que sejam desdenhadas as responsabilidades que incumbem a cada homem, como participante ativo nas situações criadas até o presente, pelo que já ocorreu ou irá ocorrer. Ninguém pode permanecer alheio ou indiferente às exigências do momento histórico que está vivendo a humanidade, tão crucial como incerto.

Cada um, pois, deve contribuir, na medida de suas forças e de sua capacidade, para o levantamento dos caídos e para o ressurgimento de um mundo melhor e mais humano. O sentimento de ajuda e colaboração entre os povos e entre os homens há de constituir o imperativo da hora presente, visto que isso, além de fomentar o respeito e a tolerância mútua, desterrará o egoísmo e o rancor; somente assim será possível

que os povos se irmanem num ideal superior de justiça e compreensão de suas necessidades e aspirações.

É preciso resumir uma esperança lógica no restabelecimento da paz no mundo, que deverá ser baseada em sólidos alicerces e firmes realidades. E quanto mais cedo os homens se esforcem em realizar tão grande objetivo, tanto mais rápido voltarão a reinar a confiança, o bem-estar e o amor entre todos os povos da terra.

A TRÉGUA DE HOJE E O FUTURO DO MUNDO



Há pouco mais de três meses que terminou na Europa o fragor da contenda, acaba-se de ouvir nestes dias a última explosão no longínquo Oriente. Desde a assinatura da rendição incondicional da Alemanha, têm-nos chegado notícias da infatigável atividade desenvolvida pelos estadistas, ora na magna conferência de San Francisco, ora nas individuais mantidas pelos chefes de governo, mas a normalidade ainda não voltou a reinar no mundo; temos mais a sensação de uma trégua, de uma paz que espera o pronunciamento definitivo das grandes potências para ser uma realidade. Quanto ao intercâmbio comercial entre os países, que antes da guerra se mantinha em intenso ritmo, tampouco começou a se manifestar como corresponde aos tempos em que impera a normalidade.

Pareceria que em todas as partes estivesse se preparando, silenciosa mas empenhadamente, todo o necessário para empreender, no momento certo, a grande atividade que se espera no mundo. Será então que a humanidade, que haverá ressurgido focalizando seus objetivos no progresso, verá milhares de aviões cruzarem o espaço e milhares de embarcações cruzarem os mares, levando e trazendo produtos, como em outras épocas, mas em maior escala, prova clara de que a normalidade tão ansiada impera de novo no mundo.

Os povos deverão pois aprestar-se a desenvolver fecundas atividades e seguir, na medida de suas possibilidades, o impulso que a nova era de paz dará a toda a terra, sem exceção. Muito será o que cada homem haverá de saber desta grande experiência, na qual tantos

milhões de seres sucumbiram e tantas cidades foram devastadas. O relato de episódios, de fatos e realidades presenciadas servirá para compreender até onde deve chegar a responsabilidade humana. Muitos livros serão escritos sobre isto para informar ao mundo acerca do que não viu durante o desenvolvimento da grande tragédia europeia e tudo servirá para evidenciar mais o que já se percebe, que será muito mais fácil aos homens conciliar seus pontos de vista pelas vias naturais de pacíficos acordos do que pela guerra.

Existe hoje uma consciência formada a respeito, não somente nos estadistas de primeira linha senão em todo o mundo inteligente; já se viu que o recurso da violência conduz ao caos, à miséria e à morte. Que desde esse dia venturoso, em que a amizade sincera presida as relações entre todos os países e a normalidade seja definitivamente estabelecida, o mundo inteiro, sem exceção, cumpra com entusiasmo, elevação e alegria, os deveres que regerão as atividades futuras. E que a recordação dos dias sinistros que foram vividos constitua em todo momento a melhor reflexão para preservar os atos do porvir. Os povos devem à paz muito mais do que deram para a guerra. E é sob o império da justiça, da liberdade e do direito que os homens encontrarão os meios mais seguros para edificar a paz do amanhã.

CHEGA O ANO DE 1946



Horas mais, e o tempo, como uma sombra que se estende sobre o mapa dos séculos, haverá coberto, em breve espaço, o que para nós foi o ano de 1945. Um mais que passa a integrar o passado; esse passado que com tanta força nos amarra e nos detém quando queremos avançar para o futuro, esquecendo o que fomos e o que fizemos ontem.

Que fascinação têm essas cinzas, esse pó mágico, em aparência estático, que se ergue às vezes em redemoinhos gigantescos e adquirindo formas estranhas chega a apossar-se de nosso ânimo e de nossos entusiasmos até o ponto de fazer-nos seguir por rumos aos quais jamais haveríamos pensado nos dirigir? Que outra coisa senão o que nestes momentos está ocorrendo no mundo, que não consegue ainda sobrepor-se às consequências dos desvios e erros de um passado que domina ainda o pensamento dos que sobreviveram à recente conflagração, como se a morte se empenhasse em ressuscitá-lo em suas almas para tirar-lhes o encanto da vida e tornar-lhes mais pesada e difícil a existência?

Entretanto, a natureza humana, em luta titânica contra tudo o que pugna por sua destruição, conseguirá ao final, da mesma forma que outras vezes, sobrepor-se à desventura que a aflige e com a anuência divina voltará a encaminhar seus rumos, hoje incertos, por trilhas mais felizes, até conquistar a realização de seus mais elevados destinos.

O ano de 1946 está chegando. Encontrará de novo os homens com os braços abertos e o coração cheio de esperanças, ansiosos para recebê-lo e dar-lhe as boas vindas? Poderá esta humanidade angustiada, em parte faminta física e espiritualmente, confiar ainda nas inocentes promessas que cada ano que começa pareceria anunciar? Tem-se dito, e com alguma

razão, que o último que se extingue no ser é a esperança, pois se em mais de uma ocasião chegar a murchar, tão logo uma leve brisa promissora a acaricia, volta a florescer para animar com seu perfume a confiança no futuro.

Desta vez o ano novo chega quando o céu do mundo se acha ainda carregado de nuvens. Estas são horas de reflexão, às quais os homens necessitam compreender; toda demora nesse sentido seria prejudicial, tal a magnitude da situação apresentada à humanidade; a de viver em paz obrigando-se cada um a manter, mesmo à custa de qualquer sacrifício, a harmonia de todos os interesses e direitos humanos consagrados na atual civilização, como também a união e o respeito entre todos os povos do mundo.

Chega o ano de 1946; não obstante, flutua na atmosfera universal o augúrio de dias melhores. Será este novo ano o das grandes soluções e o que trará para os homens a chave de ouro de um destino melhor? Nada custa confiar que será assim, mas se isso não ocorrer, o homem haverá de seguir trabalhando e dignificando-se para merecer que a Suprema Justiça pronuncie um dia, em seu favor, o triunfo de sua causa.

De nossa parte, fazemos chegar aos leitores de “Logosofia” e a toda a humanidade os melhores anelos para que no próximo ano o mundo respire o ar puro da liberdade, da concórdia e da felicidade.

A REALIDADE DO MUNDO ATUAL



Ninguém pode permitir-se hoje, a menos que careça de sensibilidade e de entendimento, a inconcebível leviandade de permanecer alheio aos acontecimentos que, hora após hora, embargam a atenção do mundo inteiro.

Estamos numa época em que, pode-se dizer, se jogam os destinos da espécie humana. Não eram poucos os problemas que deviam ser resolvidos ao finalizar a guerra, quando um novo, de volume insuspeitado, veio pôr à prova o pensamento e a consciência dos homens: o da bomba atômica, que é atualmente a primordial preocupação dos governos e seus respectivos povos. Pareceria como se o novo descobrimento houvesse imantado o pensamento de todos os homens, inibindo-os até o ponto de fazê-los subordinar os demais assuntos ao problema que criou com seu terrível poder de destruição.

O terror coletivo suscitado pela bomba atômica não se baseia, precisamente, no fato de que o seu segredo se acha em mãos de uma só nação, senão em que esse segredo possa chegar às mãos dos que, talvez, o utilizassem como arma de intimidação e destruição do mundo. Tal parece ser, em síntese, o que tem promovido tantas controvérsias.

Entretanto, deixemos isto por enquanto e nos ocupemos da realidade dos momentos que a humanidade está vivendo. A era do pós-guerra começa oferecendo um espetáculo desolador e triste. Grandes esforços devem ser realizados para que a ordem possa ser restabelecida, pois atentam contra os melhores propósitos problemas de angustiosa urgência: a redução da produção em todos os campos em que a vida desenvolve seus afãs de manutenção material; as doenças que afligem

os povos desvalidos, com suas cidades semidestruídas; a escassez de alimentos, cada vez mais acentuada pelas mil causas que se interpõem à organização efetiva de seus meios de transporte e distribuição, e pela carência de recursos para a obtenção em abundância do necessário e indispensável para a vida diária. A isto se soma a desorientação e incerteza acerca dos princípios ou sistemas sociais que regerão o futuro.

Existe, a julgar pelos relatórios que diariamente são recebidos de todas as partes do mundo, uma espécie de expectativa universal. Pode-se dizer que tudo se faz em forma precária ou circunstancial, como se as prerrogativas humanas estivessem em perigo de ser cerceadas e as atividades da inteligência, limitadas a um campo estreito e controlado. Se a humanidade não se livrar a tempo desse mal que a está angustiando, oprimindo cada vez mais o espírito de iniciativa, poderá sobrevir um caos ainda mais espantoso do que o da própria guerra. Porventura, as reservas humanas são muito grandes e sempre, apesar de tudo o que se opõe à sua livre manifestação, permitiram ao homem sobrepor-se às travas que o oprimiam, fazendo-o triunfar em sua luta pela conquista do bem, da ordem e da paz.

O que nestes momentos falta é o grande estímulo, o insubstituível estímulo que a consciência humana tanto reclama para que o ser não se envileça e seus sentimentos se pervertam. Esse estímulo é a confiança no futuro; e confiança no futuro significa segurança para sua vida, para sua família, para seu povo, para a humanidade; segurança para seus pensamentos, a fim de que eles cumpram, digna e abnegadamente, o objetivo em função constante de melhoramento individual, de iniciativa construtiva em bem próprio e coletivo e, finalmente, segurança para a inteligência, de forma que ela possa trazer, nestas horas de crise pelas quais atravessa o mundo, a colaboração de suas inúmeras criações e ideias, tanto mais indispensáveis quanto mais críticas são as circunstâncias.

A nova ordem que se implante para o futuro da humanidade deverá confiar na inestimável contribuição da iniciativa individual, garantindo ao homem o exercício de sua liberdade para que sua produção seja cada vez mais fecunda e inesgotável.

O grande problema, pois, que hoje preocupa a todo o gênero humano, é o do porvir, o do futuro, que se hoje parece incerto e até inquietante,

amanhã poderá converter-se em uma promessa feliz que, sem levar ninguém ao engano, ofereça a cada um a possibilidade de esperar com absoluta certeza o fruto de sua semeadura e dispor dele como de sua vida, conforme aconselhem sua consciência, sua dignidade e sua razão.

OS PROBLEMAS DO AMANHÃ



Entre o imenso entrelace dos pontos de vista que sustentam os estadistas dedicados ao estudo dos problemas mundiais, adverte-se que não existem ainda segurança nem confiança nas soluções que a respeito começam a arbitrar-se para pôr fim às milhares de situações que o pós-guerra apresenta e continuará apresentando. Assim temos, por exemplo, que depois de ser esmagado o totalitarismo pelas nações democráticas, estas, nos momentos atuais, não atinam ainda – pelo menos é o que se está vendo – a impor as soluções de maneira que elas vão estabelecendo a nova ordem mundial sem que nada nem ninguém ouse violá-la ou perturbá-la.

Enquanto uma parte da humanidade sofra pela falta de vigência de uma norma mundial de convivência humana, que assegure para sempre os direitos do homem e garanta a inviolabilidade dos princípios que a amparam, o mundo, já dolorido e angustiado pelo peso de tantos sofrimentos, cairá nesse ceticismo agudo que costuma levar os povos aos piores destinos.

A Sociedade das Nações, para ser eficaz, deverá ter toda a autoridade que seu funcionamento requer como governo do mundo, e seus ditames deverão conter o máximo de justiça e ser aplicados com todo o rigor da lei. Somente assim poderá renascer na humanidade a esperança de voltar aos trilhos do direito e da ansiada ordem que tão necessária é para sua reorganização social.

Quanto mais se demore em estabelecer as bases que servirão de apoio às diretivas da Sociedade das Nações, tanto maior será o prejuízo que se causará à humanidade, a qual anseia e espera que os dias vindouros

sejam um pouco melhores que os transcorridos até o presente. É indubitável que na mesa da paz terão que colocar-se, em holocausto à paz que se quer firmar, grandes interesses, mas é certo também que, por sobre todos os interesses, haverão de prevalecer as elevadas razões humanas que explicam o porquê da presença do homem na Terra e quais são seus deveres para com a espécie da qual forma parte.

Frente ao grande problema criado pela arma atômica, somente cabe pensar: decide o homem pelo seu extermínio, pondo fim à existência de seu gênero, ou busca os meios que, no futuro, o preservem de males; pelo menos dos males já conhecidos. É este o dilema que haverá que enfrentar com valentia e decisão ao mesmo tempo que se enfrentam todos os problemas que se agitam no ambiente mental do mundo.

No transcurso do ano que iniciamos se saberá o que se poderá esperar da capacidade do homem, posta hoje à prova para resolver em horas tão graves o destino de toda a humanidade.

A RESPONSABILIDADE DOS HOMENS DE NOSSO TEMPO



Entre as inúmeras preocupações que embargam a mente e o sentimento dos homens de nosso tempo, acha-se a de forjar para as gerações vindouras um futuro digno de uma humanidade altamente civilizada, mas, acontece que atualmente milhões de jovens e crianças já começam a observar a obra dos que lhes antecederam. Aqueles são os que recolherão um dia a semente e o fruto que os homens de hoje estão preparando.

Seria inconcebível, por outra parte, que havendo a humanidade madura desfrutado do enorme progresso, do esforço titânico e dos sacrifícios dos que a precederam, oferecesse, ao contrário, aos que vêm atrás dela o espetáculo de um mundo em ruínas e de uma humanidade desvalida. É por isto que a cada hora se torna mais necessária a pronta reconstrução material, moral, social e econômica do mundo. Enquanto se projetam e executam as obras que darão ao homem do amanhã mais de um motivo de justa admiração, não outro pensamento deveria presidir a mente de todos os homens que enfrentam nestes momentos a difícil, mas não impossível, tarefa de devolver à humanidade a paz e a felicidade perdidas.

À loucura bélica deve suceder a paz da razão. Nada poderá restituir melhor os ânimos descrentes e debilitados por tantas horas de angústia do que as provas que as Nações Unidas haverão de dar ao mundo sobre a força invencível das conclusões unânimes a que cheguem sobre os variados e múltiplos problemas que devam resolver.

Quando os homens de hoje e do futuro puderem confiar, sem a menor sombra de dúvida, na potencialidade, retidão e justiça das Nações Unidas,

tudo contribuirá para facilitar o livre desenvolvimento das atividades que a inteligência humana será capaz de desenvolver para o progresso e melhoramento da espécie em todos os campos da vida. Mas é necessário, imprescindivelmente necessário, que o mundo inteiro chegue a ter essa sensação de segurança para sua vida e para seus bens. Que o homem possa empreender obras estáveis. Que seu pensamento não se esfume na ficção de um mundo irreal, senão que busque estender-se para o futuro e enlaçar-se com outros que propiciem uma evolução real e consciente para as elevadas finalidades que deve alcançar o aperfeiçoamento humano.

A responsabilidade dos homens de nosso tempo é, pois, muito grande. Esperançada, olhando para eles, está a juventude e a alma inocente de tantas crianças que haverão de receber de suas mãos o porvir que sejam capazes de forjar para elas.

Os que hoje lutam por estabelecer uma paz duradoura e conciliar todos os interesses que se acham em jogo entre todos os povos do mundo terão de suas consciências a mais plena aprovação. É de se esperar que nestes momentos graves que estamos vivendo os homens de nosso tempo possam ter a clarividência necessária e a alta inspiração que as circunstâncias exigem para seguir o exemplo dos que deram à humanidade as luzes de suas grandes ideias e a realização de suas grandes obras.

O CENÁRIO MENTAL DO MUNDO



Há poucos dias reuniu-se em Londres a Assembleia Geral das Nações Unidas com o objetivo de tratar todo o concernente à paz futura e à organização definitiva do mundo. Os pensamentos dos homens voltam, pois, a se encontrar com franco e decidido ânimo de colaborar estreitamente na grande obra de reconstrução mundial.

Após a espantosa borrasca que ameaçou inundar o mundo de ódios e crimes, parece que novamente se entra na bonança. É a humanidade mesma a que hoje há de assegurar, por todos os meios possíveis, a sobrevivência da raça humana e, nesse afã, no qual não hão de existir exclusões, ninguém deve negar sua participação, já que negá-lo constituiria de imediato uma ameaça para todos os povos da terra.

Estamos na era da bomba atômica e isso tem que induzir a pensar que qualquer descuido na vigilância do uso ou posse dela poderia ocasionar um cataclismo de projeções impossíveis de medir. Com uma ameaça de tal magnitude todos os homens devem meditar sobre a conveniência de viver em paz, da mesma forma que naquelas outras épocas em que o mundo se desenvolvia em ordem e os povos trabalhavam com alegria ajudando-se uns aos outros, tal como deve ser, visto que todos são partes inseparáveis da grande família humana.

O FUTURO DA HUMANIDADE

Preocupações básicas



Os grandes problemas que hoje absorvem a atenção dos estadistas e de todos os que contribuem para a reconstrução do mundo podem ser classificados em dois grupos que rivalizam em importância e transcendência. O primeiro é o que concerne a tudo o que exige uma urgente solução; abarca, por conseguinte, o que se refere ao presente, isto é, ao momento em que estamos vivendo. O segundo corresponde ao futuro, a esse futuro que haverá de ser preparado sobre bases firmes e com consciência clara, para que ao chegar a ele a humanidade não se encontre numa nova encruzilhada, talvez mais terrível que a da hora atual.

O importante, e de alcances fáceis de deduzir, é que todas as soluções que se considerem adequadas às circunstâncias ou às exigências presentes não afetem as situações que deverão ser enfrentadas, em sua hora, pelas gerações vindouras. Os princípios essenciais adotados pelas nações mais civilizadas do mundo deverão ser mantidos incólumes, escorando suas bases com pronunciamentos de verdadeira efetividade, a fim de que nenhuma força seja capaz de debilitá-los, nem de neutralizar inclusive seus grandes benefícios. O labor de hoje deve conter o máximo de eficiência na concepção dos planos futuros, pois a uma humanidade doente, que sofre o colapso de uma grande crise moral, social e espiritual e requer grandes cuidados, haverá de seguir outra que chegará alheia por completo ao que ocorreu no mundo: a humanidade que nasce e seguirá nascendo como um imperioso chamado da família humana.

Mas essa humanidade que de certo modo vem para repor as baixas ocorridas durante a contenda terá, acaso, os estímulos, atrativos e os

incentivos que tiveram as gerações passadas? Eis aí o que convirá estudar com grande profundidade, já que seria lamentável que num amanhã a vida dos homens se encontrasse carente de toda finalidade superior, por estar submetida aos rigores que sua natureza repele. Nesse caso, ou se voltaria aos tempos da barbárie ou se buscaria o meio de eliminar totalmente a raça humana. Mas como isto ninguém pode pretender, se buscará, sem dúvida, a solução do dilema, que está em voltar os homens ao caminho de sua realização humana, abrindo-lhes as portas de um mundo cheio de perspectivas, de confiança e de grandes estímulos para suas possibilidades.

Trabalhar, pois, para as soluções que a crise atual do mundo apresenta, tendo presente as repercussões que essas mesmas soluções terão no futuro, será a tarefa mais acertada e justa para todos os homens que se acham forjando um mundo melhor.

QUESTÕES DE TEMPO E SUA INFLUÊNCIA NA ORDEM MUNDIAL



Nestes momentos em que se preparam as bases para a paz futura, bom é que os homens que se acham à frente de tão transcendental tarefa recordem a grande experiência, grande e ao mesmo tempo amarga, que o mundo recolheu da época pré-bélica, na qual tanto a Sociedade das Nações, como os povos em particular, postergavam a solução dos problemas, ao extremo de que eles se transformavam em crise muito antes das datas marcadas para serem tratados.

Como isto não tinha explicação possível, se apelava ao recurso de “o fato consumado”, mas este recurso somente pode durar um tempo relativamente breve, pois os acontecimentos foram se precipitando em forma vertiginosa. Ante essa aluvião de fatos que ameaçava arrasar o mundo, as nações que perigavam decidiram enfrentar com rapidez essas situações que dia a dia se apresentavam com caracteres da mais rigorosa urgência.

Desse rápido enfoque nasceu o fervor inquebrantável e indomável da defesa e com ele formou-se a coalizão de nações que enfrentaria mais tarde os países agressores com decisão e valentia, do qual deu mostra até a queda total das potências totalitárias. Mas a vitória conseguida fez com que não se reparassem nas funestas consequências que haveria de trazer aquela época em que as questões mais graves eram postergadas, como assuntos secundários, para datas que não se cumpriam impedidas por pronunciamentos que tornavam inúteis toda consideração prevista para a solução de tais assuntos.

Hoje, ao se reunir a grande Assembleia das Nações, para deliberar e tratar dos pontos que ainda estão pendentes depois de finalizar a guerra, os estadistas em cujas mãos se acha a paz do mundo deverão ter muito presente aquela amarga experiência, a fim de não dilatar os períodos entre uma e outra sessão, pois já que na nova sociedade de nações se acham comprometidos a paz e a ordem futura do mundo, o lógico é que tal instituição deva funcionar permanentemente, dando solução para cada problema com a prontidão que os acontecimentos exijam e conforme a importância e a possível transcendência deles.

Se isto for o firme propósito de todas as nações que se agrupam em tão magna assembleia não haverá dificuldade, por grande que seja, que não possa ser salva a tempo, e a humanidade voltará novamente a viver as horas tranquilas e felizes de seus melhores tempos. É isso – pois entendemos que deve sê-lo – a aspiração unânime de todos os povos da terra; a esperança de todas as gerações do presente e também o triunfo definitivo do bem sobre o erro e o mal.

O QUEBRA-CABEÇA UNIVERSAL



Desde que existe o uso da razão, foi costume inveterado e princípio inalterável de aceitação universal que os homens amadurecessem seus juízos e iniciativas com base em realidades profundas, como são as convicções adquiridas pela experiência, ilustração e observação inteligente dos fatos, circunstâncias e coisas que, direta ou indiretamente tiveram algo a ver com o que cada um se proponha a realizar na esfera de suas tarefas e preocupações, mas nunca se admitiu que pudesse suprir aquele processo lógico de aguçamento do pensamento e concentração da capacidade intelectual, por instantâneas ocorrências da imaginação. Seria o mesmo que se desse a um impaciente de poucas luzes um complicado jogo de quebra-cabeça e que, incomodado por não saber colocar cada peça em seu lugar, as dispusesse caprichosamente. A imagem a ser construída ficaria completamente desfigurada; entretanto, se alegraria que nada falta nela.

Na construção da nova ordem mundial está ocorrendo, ao que parece, algo semelhante, o que seria sanável se cada um recolhesse a tempo suas peças e as colocasse em seu lugar correspondente.

Nesse grande quebra-cabeça que nestes momentos reúne o magno conclave da UN na América do Norte, e em que nenhuma peça falta, mas no qual a grande imagem a ser construída, que plasmará os anéis de toda a humanidade, se acha ainda no plano mental, onde as inteligências devem recorrer uma e outra vez para evitar as deformações, a tarefa a ser realizada é extremamente delicada e difícil. Essa grande imagem representará uma boa parte perfeitamente delineada pela história, a partir das primeiras idades do mundo.

Os homens que hoje se reúnem para construir um novo e sólido edifício para a sociedade humana não devem esquecer que sua função preponderante consistirá em que esse edifício garanta às presentes e futuras gerações a possibilidade de existir em paz, sem o perigo permanente de ser reduzido a pó por qualquer descuido ou falha que fosse visível ao finalizar a obra. Eles sabem muito bem quais foram e seguem sendo as causas de tudo o que vem ocorrendo no mundo desde seus primeiros tempos. Têm ante sua vista todos os antecedentes com que absorver as melhores inspirações para o aperfeiçoamento dos recursos com os quais haverá de edificar-se a nova ordem mundial.

Se nesta tarefa, que é grande por si mesma e que deveria ser considerada sagrada pelos integrantes da grande assembleia, não se depõem as ambições, os egoísmos e rivalidades, sempre perniciosos e funestos na ordem das relações humanas, porque são elementos de discórdia que distanciam os homens entre si em vez de aproximá-los; se não se depõe, como dissemos, tudo isto em sacrifício de uma aspiração superior de concórdia, de entendimento, progresso e bem-estar comum, ou em outras palavras, em homenagem a sentimentos de essência cristã, essa grande imagem ficará truncada, sem terminar, e as demais peças já colocadas irão se descolocando até ficar como quando se começara a formar.

O ideal seria chamar essa imagem de “salva-cabeça” e não quebra-cabeça, para não voltar ao que já se viu em cada guerra, onde tantas cabeças foram rompidas por haver-se descolocado as peças da imagem; naturalmente, ao seguir cada um por caminhos opostos deveriam deter-se uns frente aos outros para discutir sobre a propriedade do caminho e seu livre trânsito. Mas como a obstinação não é boa conselheira, eis aí que começou o quebra-cabeça a funcionar e se pôde ver, afinal de contas, como o que ambos buscavam somente pode ser encontrado pelos caminhos do respeito e da consideração mútua, sem pretensão de nenhuma das partes de usurpar os direitos que correspondem a cada povo ou indivíduo.

Se isto fosse compreendido em toda sua amplitude pelos que forjam hoje os destinos do mundo de amanhã poderiam cifrar-se esperanças de dias melhores para a humanidade, mas se, por desventura, cada construtor desse novo edifício pretender colocar as peças a seu capricho,

suas bases não haverão de ter solidez alguma e o sonho de Nabucodonosor, a que se refere a citação bíblica e que tanto fez reis, imperadores e chefes de estado meditar, não haveria tido consequência alguma nem se haveria recolhido dele nenhum ensinamento para aplicar em benefício do aperfeiçoamento moral, social e espiritual de todos os povos da terra.

A CONTROVÉRSIA PÓS-BÉLICA E O CONSENSO MUNDIAL



Desde que terminou a última guerra que tantos estragos causou à humanidade, o empenho dos países que conseguiram a vitória foi, e indubitavelmente continua sendo, realizar a grande obra de ordenamento mundial para pôr todas as coisas em seu lugar, sempre, logicamente, dentro do relativo e prudencial. Mas os desentendimentos e as incompreensões povoam o cenário onde se debatem os grandes problemas do pós-guerra; enquanto por uma parte se quer e se exige isto ou aquilo, por outra, nada ou muito pouco se concede a serviço da grande causa, que é a causa da humanidade. Discursos vão e discursos vêm tentando explicar a origem de tais desavenças; mas o certo é que há mais de um ano do término do conflito bélico não existem ainda indícios que deixem entrever o advento de uma era de paz e de felicidade para todos os povos da terra.

A dificuldade neste grande pleito universal reside em que, acima dos adversários, não há um juiz que sentencie e cujo ditame seja acatado sem reservas por todas as nações. Tampouco esse juiz, convertido em deus de justiça, pode nascer das entranhas mesmas dos povos, porque o “Vox populi, vox Dei” do oriente não é o mesmo que o do ocidente.

O mundo, pois, se acha à mercê das circunstâncias e o mais doloroso do momento atual é que a confiança que sempre alimentou no coração dos homens a chama da esperança, pareceria ir-se extinguindo à medida que os dias passam e as noites se tornam mais escuras.

Quem salvará a humanidade das trevas que parecem querer nublar o horizonte em que outrora resplandecia o sol que iluminou seus dias mais felizes?

Se os encarregados de conduzir hoje os destinos do mundo não podem responder a esta pergunta, poderão menos ainda restabelecer o império do direito e do homem entre os seres que povoam a terra. Entretanto, em quão pouco se baseia a possibilidade de um entendimento que abra de uma vez as portas de um futuro melhor. Bastaria que as partes em pugna animassem seus espíritos com o hálito da conciliação para afastar conjuntamente as pedras da discórdia e contribuir para que o progresso e a evolução dos povos voltem a ser uma realidade e a humanidade encontre a paz perdida e desfrute dela.

NUVENS NO HORIZONTE



Depois do fracasso da conferência de chanceleres em Moscou, onde não foi possível mover uma só peça do tabuleiro internacional, tudo parece induzir a pensar na possibilidade de uma nova guerra, a julgar pelas reiteradas manifestações que em diversas oportunidades fizeram autorizadas personalidades dos Estados Unidos, Inglaterra e França.

Efetivamente, o panorama da política mundial oferece um firmamento carregado de nuvens. Não há entendimento algum entre os homens em cujas mãos se acha o futuro da humanidade; e não há nem poderá havê-lo enquanto existir numa das partes a pretensão de impor às outras suas doutrinas, reservando para si o exclusivo direito de fazer tudo o que deseje, sem que ninguém possa saber certamente quais são os desígnios que busca.

É um fato irremediavelmente nocivo o de que toda política oculta realizada num país promove o lógico receio em todos os demais países. Isto e não outra coisa é o que acontece atualmente no campo da política internacional; e em vão será qualquer conferência e reunião que se efetue enquanto não se resolve o problema principal, ou seja, a ampla faculdade que deve ter a autoridade máxima do mundo, que seria a Sociedade das Nações, para vigiar, controlar e intervir em cada nação integrante da grande família universal de nações, a fim de que as normas de convivência social entre os povos sejam estabelecidas sobre as bases de uma reciprocidade de caráter inalterável.

Os povos anseiam viver em paz e essa paz deve ser garantida de modo que nenhum ser possa perturbá-la.

É necessário que o mundo não sofra esses frequentes abalos que paralisam seu livre movimento e desenvolvimento, visto que custa à humanidade ingentes somas e grandes sacrifícios alcançar novamente a normalidade.

Um mundo prostrado, cheio de misérias e de incompreensões é muito difícil de voltar aos trilhos; mas, tudo é possível graças às admiráveis reservas da energia humana, se ela não se ressentir em sua fonte geradora, isto é, se não se matar com tortuosas leis sua livre iniciativa ou se anular sua esperança de um porvir melhor.

É incrível que há poucas horas, pode-se dizer – pois um ano e meio não conta na imensidão do tempo –, do término da mais espantosa das guerras, na qual ocorreram os crimes mais horrendos, os homens que governam hoje o mundo não encontrem melhor solução para suas diferenças, que voltar a pensar na possibilidade de outra guerra. E a isso leva, infelizmente, a obstinação dos que preferem – antes que dar o grande exemplo de sensatez, antepondo ao interesse mesquinho o dever mais sagrado da hora presente, que é o de conservar a espécie humana – conduzir seus povos e os de todo o mundo, a um novo desastre cujas projeções ninguém poderia prever.

Que incentivo para as futuras mães que seguem com verdadeira ansiedade o desenvolvimento dos acontecimentos! E para a juventude!... Por frívola e inconsciente que se tenha tornado a humanidade, os que têm filhos não deixarão de refletir amargamente sobre o porvir que espera as novas gerações de hoje, se o caminho da paz resultar inatingível.

Com armas como a bomba atômica, tudo fazia pensar que seria muito difícil aos povos voltar a chocar-se entre si, a menos que a razão fosse definitivamente perdida e já, em plena loucura, a violência se desatasse de novo sobre a terra.

Eis aqui as reflexões que surgem ante a reparaçãõ de algumas nuvens no horizonte. Confiemos, não obstante, em que essas nuvens sejam passageiras e que em vez de descargas mortíferas, caia sobre a terra uma chuva benigna que a converta em fecunda fonte de recursos para edificar uma paz que dure séculos. Isso seria a obra mestra da humanidade.

A CONFERÊNCIA INTERAMERICANA DO RIO



Inaugurada sob os melhores auspícios de solidariedade continental, a Conferência do Rio promete satisfazer às mais caras esperanças de todos os povos da América. Viver na paz do trabalho e na mútua reciprocidade é o bem-estar a que aspira toda a comunidade americana.

Desta histórica reunião surgirá a fórmula que consagrará a democracia como o sistema de governo e de convivência mais apropriado para os países civilizados que alcançaram elevadas culturas onde se fundamentam os princípios essenciais da existência humana.

A liberdade, o direito, a justiça, a ordem e o respeito às leis que regem as diversas condutas de cada nação deverão ser leis supremas e invioláveis para os estados signatários dessa grande fórmula de entendimento interamericano que surgirá da Conferência do Rio.

O General Eurico Gaspar Dutra, ao declarar inaugurada a Conferência, pronunciou um eloquente discurso no qual fez ressaltar a ansiedade de todos os povos para chegar a um acordo definitivo. Disse em uma das passagens de sua importante alocução:

“Desde o Congresso do Panamá, através de desencantos e fracassos – que são inerentes a toda empresa humana no caminho da perfeição –, o pan-americanismo avançou, fortalecendo-se e aperfeiçoando-se, até alcançar hoje o pico mais alto e transcendente de suas manifestações.”

E prosseguiu nestes termos:

“Acham-se reunidas aqui as repúblicas americanas que, como sociedade de nações livres, soberanas e independentes estão, entretanto, unidas por estreitos laços de solidariedade e pelo propósito comum de dar forma a um instrumento de

ação que lhes assegurará os benefícios da paz na qual têm vivido. Se nos detivermos hoje para lançar um olhar à longa senda que percorremos, veremos que em sua lenta tarefa de criação jurídica e política as repúblicas americanas inscreveram os seguintes princípios no futuro código do direito público americano: a igualdade jurídica entre os Estados; a declaração de ilegalidade da guerra como instrumento de política; o desconhecimento das conquistas territoriais obtidas através da força; a não intervenção mútua dos Estados nos assuntos internos mútuos; a arbitragem como meio de solução das disputas internacionais; o reconhecimento de que toda guerra ou ameaça de guerra faz perigar os princípios da liberdade e da justiça, que constituem uma norma política na América”.

“Para coroar esta conquista, para dar significado prático a essas regras de boa vizinhança, a América, em tempos de perigo, emitiu sua declaração de segurança coletiva ante toda agressão contra os Estados deste continente. É a esta declaração de solidariedade que se pede que deem a forma contratual e a força executiva num pacto de defesa continental. Não creio supérfluo declarar aqui que a nação brasileira se sente feliz de albergar em seu solo uma conferência dedicada a tais propósitos. Há quase sessenta anos, muito tempo, portanto, antes do pacto de Paris, o Brasil, que já havia renunciado à guerra como política prática, a declarou oficialmente ilegal. Essa decisão data de nossa primeira Constituição Republicana e está textualmente reproduzida em nossa Constituição atual. Fomos também os primeiros a apelar para a arbitragem como solução de nossas disputas internacionais. Se recordo esses fatos históricos bastante conhecidos, é somente a fim de destacar que o Brasil tem excelentes razões para cooperar sinceramente na formação de qualquer política que tenda a estabelecer a paz neste hemisfério”.

“Em Chapultepec decidiu-se que esse propósito somente podia ser alcançado em sua forma mais imediata por meio das garantias que o proposto pacto de segurança coletiva contra a agressão poderia proporcionar. Conforme vão avançando no campo regional, desde a neutralidade passiva até a reação ativa contra a agressão, as repúblicas americanas traduzirão em termos de política prática o princípio patrocinado por Ruy Barbosa: que, em uma sociedade internacional organizada, não pode haver neutralidade entre a lei e o delito”.

“Tem-se dito que a guerra, como fato social, deve ser tratada na mesma forma que uma doença, por meio de remédios preventivos e não medidas repressivas. Todos nós sabemos que para pôr fim à guerra não é suficiente declará-la ilegal; é necessário também eliminá-la dos costumes internacionais e atacar suas mais profundas e complexas causas. Nesse empenho, incumbe a todos os países americanos cumprir a pesada carga que lhes foi destinada, como continente, por sua geografia e história. Como membros das Nações Unidas, que intervêm ativamente nos órgãos especializados estabelecidos para fazer justiça, defender a saúde dos povos e regular seu comércio e economia, devemos cada um de nós contribuir para a organização de um mundo melhor, no qual os Estados, nas questões alheias a sua vida interna, renunciem a sua liberdade de ação em benefício da comunidade da qual formam parte. É de esperar-se que dentro desse marco não haverá lugar para ideias

de conquista e expansão, a expensas de outros povos, graças a uma ordem social mais justa, na qual o homem possa exercer todos os seus direitos individuais, com a única limitação que lhe impõe o respeito devido aos direitos dos demais”.

“Toda vez que em nossos dias o mundo não conseguiu alcançar a unidade moral e, em consequência, as regulamentações judiciais que regem as relações internacionais tendem a não ser estritamente obedecidas por todos os Estados, cumpre às repúblicas americanas opor-se a agressão por meio de sua solidariedade coletiva ante ela. Essa é uma lição que haverá de ser extraída dos projetos que lhes serão submetidos. A estrutura interna desses projetos revela sua elevada inspiração moral. Assim como na sociedade particular o indivíduo participa dos privilégios concedidos pelo Estado e das obrigações por ele impostas, na sociedade internacional cada Estado terá sua parte de responsabilidade na defesa e manutenção da paz e da ordem que são bens comuns a todos”.

“Seria ideal que este complexo de obrigações fosse estabelecido num campo de federação mundial. Este é, entretanto, um tema que durante séculos desafiou a inteligência e a diligência do homem. A experiência da América demonstra que, partindo de um sistema de acordos regionais, talvez seja possível alcançar, na esfera universal, o cumprimento das regras de inter-relação pacífica dos povos. Essa é a perspectiva que a Carta da UN oferece ao mundo do futuro, por meio do exemplo deste continente”.

“As repúblicas americanas são indubitavelmente um exemplo típico para uma estrutura desse caráter. Somos, certamente, uma comunidade de Estados autônomos e soberanos, com sua própria história e instituições. Apesar destas diferenças, nosso amor pela paz e pela justiça, nossa tradicional adesão à democracia e à história de nossa política de bons vizinhos, nos trouxeram para nos reunirmos na vida internacional, em torno de princípios e ideias que constituem nossa força espiritual comum”.

“Avançamos dia a dia pelo caminho da perfeição de nossas regras de inter-relação coletiva e nossa fidelidade ao cumprimento de seus mandamentos. Há dois esforços relacionados entre si, que exigem ao mesmo tempo sabedoria e probidade política por parte dos cidadãos da América. Confio em que vós, como eminentes portadores de tão nobres títulos, podeis levá-los à prática em vosso labor, de tal maneira que permitam dizer ao mundo, no porvir, que a América sabe dar forma a sua ação política para que esteja em tudo de acordo com os princípios de sua doutrina”.

Sendo, como é, uma peça oratória chamada a repercutir profundamente no ânimo dos congressistas, não podemos menos que transcrevê-la quase em sua totalidade em homenagem ao ilustre governante que a pronunciou e ao povo brasileiro, que sempre deu provas dessa solidariedade e compreensão de que fala seu presidente.

Todos os povos do continente americano, entre os quais se acha nosso país, assistem com singular expectativa às alternativas da Conferência e confiam em que se dará um grande passo para a frente na

realização do ideal universal consistente em estabelecer, com bases inabaláveis, o futuro Código do Direito Público Continental, que afaste para sempre as violências e angústias das guerras, seja em qualquer das formas em que elas se manifestem.

Que todos os povos do Novo Mundo se ponham de pé no dia em que se anuncie a consagração dessa suprema fórmula de paz e felicidade universal.

CONTRIBUIÇÃO PARA A PAZ MUNDIAL



Nestes momentos tão cruciais para a vida e história da humanidade, em que por todas as partes se reclamam elevadas soluções para os múltiplos e graves problemas criados no seio dos povos, em consequência das perturbações causadas pela última guerra, nenhum esforço, nenhuma iniciativa ou colaboração, por pequena que seja, deve ser desprezada, pois o que no mundo urge para estabelecer novamente o império da ordem e da harmonia dos interesses humanos é a participação consciente de todos os homens, sob o signo da compreensão dos inevitáveis deveres que concernem a cada indivíduo. É, portanto, a participação de todos, ou seja, de cada um na medida de suas possibilidades, o grande fator que contribuirá, sem dúvida alguma, para que volte a imperar no mundo a ordem e a paz, pela reafirmação das leis que garantam e assegurem a confiança universal. Por isso, quando se observa que esse esforço é exigido a uns poucos em relação ao restante da humanidade, experimenta-se uma profunda preocupação e uma sensível e justificada amargura.

Não é possível que enquanto uns, em reduzido número, se esforçam para construir uma grande obra, os demais, em expressiva maioria, se despreocupem totalmente desse esforço, atentando contra a mesma obra.

Ante os graves problemas da hora presente, governos de diversos países, inclusive o nosso, reclamam com insistência pela participação unânime no sentido de produzir mais, dado que qualquer redução na produção incide diretamente no custo de vida.

Produzir mais tem, a nosso juízo, um profundo significado, pois a palavra produzir está ligada intimamente à palavra liberdade, já que se subentende que a produção se reduz quando a liberdade de produzir e de gozar dos benefícios da própria produção é restringida. Por conseguinte, surge a evidência de que se torna imprescindível assegurar o livre desenvolvimento da produção como meio mais eficaz para aumentá-la.

O homem necessita fomentar o livre desenvolvimento de suas ideias, para experimentar a feliz sensação que lhe proporcionam seus êxitos ou triunfos, em sua luta contra todas as dificuldades que interceptam ou podem interceptar seu caminho no constante avanço para a meta de suas aspirações. Daí que seja tão necessário, e talvez hoje mais do que nunca, o fomento da iniciativa privada, isto é, da livre iniciativa individual, para alcançar a solução de muitos dos grandes problemas que atualmente afligem a humanidade. A compreensão disto é, sem lugar a dúvidas, o que há de trazer novamente a paz aos homens e o que facilitará a conciliação de todos os interesses e aspirações humanas.

A prosperidade de um homem, seja por seu gênio de empresa ou por sua boa estrela, implica a prosperidade de um grupo de homens; mais ainda, de famílias vinculadas a ele; e a prosperidade de um grupo de homens pode implicar a prosperidade de um povo, como a prosperidade de um povo pode implicar a prosperidade de muitos povos. Mas essa prosperidade, para ser sólida e permanente, deve estar baseada na consciência da responsabilidade, bem como dos deveres e direitos que a cada um incumbem como célula útil e ativa da sociedade humana. Esta é a razão pela qual adquire tanta atualidade aquela citação: “nem só de pão vive o homem”, já que quando ele falta, este se vê na necessidade de produzi-lo e de ganhá-lo, querendo isto significar que a necessidade do pão criou a ideia de produzi-lo, assim como todas as demais necessidades humanas fizeram com que a inteligência do homem criasse os recursos que as satisfizessem. É, pois, como o temos sustentado sempre em informações publicadas há muito tempo, na inteligência de cada homem e em sua escala de capacidade, onde há de encontrar-se, inquestionavelmente, o grande agente criador de todas as soluções.

O jornal “La Prensa”, em seu editorial de 13 de setembro último, intitulado “Preocupação de todos os tempos”, entre outras coisas, pergunta: “O que acontece quando as atividades da mente se eclipsam?”

Que aspecto adquire um povo quando somente se entrega a empresas de utilidade imediata que se avaliam pelo dinheiro que rendem em moeda sonante e que se conta?”, acrescentando em seguida: “Um nome vem em seguida às linhas da caneta: Cartago. Não é um nome glorioso, por certo. É um nome opaco, sem as emulações nobres de outros nomes que deslumbram tão logo se evocam e se pronunciam. Mas ainda assim, fora de épocas excepcionais, dos dias da Atenas de Péricles, das décadas do século de Augusto, do inesquecível período do Renascimento, dos chamados séculos de ouro na França e na Espanha – nos referimos às suas literaturas –, são mais as épocas nas quais as atividades propriamente espirituais ou intelectuais tiveram assegurado o desdém e até a perseguição. Por quê? Isso se deve a dois fatores. Primeiro, à crença de que as coisas se fazem por si mesmas, cegamente, bem ou mal, conforme saem, sem ajuda da inteligência. Segundo, ao conceito de que a inteligência, que requer liberdade para florescer, é um elemento perturbador e perigoso. Em ambos os casos os trabalhadores do espírito estarão condenados à miséria e à obscuridade”.

Tais apreciações não podem menos que chamar à reflexão e fazer com que perguntemos, ao mesmo tempo, se as grandes empresas jornalísticas, como “La Prensa”, têm fomentado suficientemente as atividades da inteligência; se têm auspiciado com a devida imparcialidade e compreensão todo movimento novo que propendesse à evolução do pensamento e a criação de ideias fecundas com vistas ao aperfeiçoamento das qualidades humanas. Por nossa parte podemos dizer que não tem sido assim e que em mais de uma ocasião as páginas desse grande jornal permaneceram inabaláveis ante o reclamo dos que lhe pediram que se interessasse, não para auspiciar um movimento da natureza do logosófico, senão, simplesmente, para que em algum canto de suas páginas aparecesse alguma notícia sobre sua existência.

Assim, pois, para que todo conceito que cremos universal encerre princípios que sustentem supremas aspirações, devemos, quando os proclamamos, ser os primeiros em render-lhe a homenagem de nosso culto e de nossa adesão, sem reticências nem segundas intenções. Assim deve ser com o conceito de liberdade, por exemplo. E a liberdade de imprensa, que foi uma das conquistas que mais contribuíram para o progresso e evolução humanos, não deve ser fonte para uns poucos privilegiados, senão para o pensamento de todos os homens

que por igual aspirem a cooperar com suas ideias para o melhoramento de suas condições humanas, para o fomento de suas virtudes e para o seu aperfeiçoamento.

Noutro parágrafo o referido editorial cita o que Renán disse em seu livro “O porvir da ciência” sobre as liberdades: “Não é muito dizer que as liberdades públicas estão agora mais garantidas do que quando apareceu o cristianismo e, entretanto, uma ideia grande teria hoje mais obstáculos para estender-se que as encontradas pelo cristianismo nascente. Se Jesus aparecesse hoje, o levariam aos tribunais, o que seria pior que crucificá-lo”. Depois, o mesmo editorial acrescenta: “Uma liberdade regulamentada se apresenta ao pensador francês como uma cadeia mais pesada que a falta de lei. A primeira coisa que acontece é a timidez intelectual”, e continua citando Renán, que diz: “que nos fecha a toda ideia e traça ao nosso redor o estreito horizonte do finito”, para concluir finalmente, depois de outras considerações, manifestando: “O ideal moderno segue sendo o de todos os tempos: defender a inteligência. E algo mais: fomentar previamente a liberdade interior para que a outra, a exterior, acabe por ser o menos regulamentada possível. Porque a liberdade vem de dentro para fora. Se o homem não a sente no mais profundo de seu ser, dificilmente irá buscá-la longe de si mesmo, na vida cotidiana. A timidez intelectual conspira contra as personalidades originais e é esta a maior desgraça que pode cair sobre um povo”.

Por certo, tudo que o editorial expressa, dito assim, em palavras, tem um sentido nada desprezível, uma vez que inculca a necessidade de cultivar a inteligência e auspiciar o fomento das ideias. O lamentável é quando os fatos não confirmam o espírito da palavra, pois se tem visto em mais de uma ocasião, como dissemos, recusar sem explicação alguma, muitas iniciativas da inteligência, muitas ideias criadoras, que acorreram às fontes do elevado jornalismo em busca de um pequeno espaço, tão somente para dar a conhecer a existência de uma nova contribuição, esforço ou ideia.

É possível que tudo o que ocorre no mundo beneficie a humanidade ao permitir que amadureçam as reflexões dos homens e compreendam estes que o bem que cada um reclama para si não deve entranhar egoísmos de nenhuma espécie e ser esse bem uma generosa expressão do sentimento humano, ao qual todos têm direito e a ninguém deve ser

negado. Não é nada impossível que nas horas atuais se escutem muitas das palavras que foram desprezadas ontem, e que o pensamento dos homens se harmonize em favor de um ideal humano de superação e tolerância. Quando isto ocorrer, a paz no mundo estará muito próxima de se converter na mais bela de todas as realidades.

PROBLEMAS CAPITAIS



Quando se observa a complexidade dos problemas e as profundas perturbações que a humanidade deve hoje enfrentar como consequência das guerras sofridas, é inconcebível que aqueles que têm a elevada responsabilidade na condução dos povos pensem ou deixem transparecer seu pensamento no sentido de admitir o desencadeamento de uma próxima contenda, como resultado das desavenças suscitadas no seio da UN, a instituição de maior hierarquia mundial que deve pôr ponto final ao período do pós-guerra.

Depois de realizada a triagem de todas as questões, restam ainda de pé, sem poder passar pelo crivo, os problemas capitais que, por serem complexos e delicados, requerem, para ser abordados e resolvidos, um estudo no qual obrigatoriamente se deponham muitas das exigências que impossibilitam toda solução e no qual seja levado em conta, sobretudo, em que uma das partes que intervém nestas questões, em razão de se achar em situação privilegiada, trata por todos os meios a seu alcance de especular com as necessidades angustiantes dos povos, dificultando todo propósito de ajuda e buscando explorar a miséria em proveito de sua ideologia, a qual propicia o desmembramento da família humana e sua submissão às ambições de domínio mundial pela escravidão.

Por providencial desígnio, muitos povos, e entre eles – cabe-nos a grande satisfação de assinalar –, todos os da América, reagiram vigorosamente ante esse intento de total comunização, antítese da civilização cristã, que tanto tem auspiciado o advento da concórdia universal pelo entendimento justo e sincero dos deveres e direitos que correspondem por igual a todos os povos da terra.

O caso é que a destruição do material provocada pela recente guerra fez ressentir também o espiritual, como acontece com o organismo humano, cujo espírito, quando o corpo está enfraquecido ou debilitado por uma doença, se ressent. E sabe-se que custa mais levantar o espírito que levantar edifícios destruídos. Entretanto, é necessário que esse corpo, que é o mundo, se restabeleça, curando-se como é devido e fortificando-se a fim de que readquira suas forças, e a parte espiritual volte a participar de uma existência feliz.

Os povos da Europa exigem, e isto tem podido apreciar as nações conscientes do hemisfério ocidental, uma urgente ajuda econômica para poder ressurgir, antes que novos focos de infecção minem seu organismo, propenso, por sua debilitação, ao contágio.

Viria agora ao caso perguntar: Por qual razão as nações do mundo ocidental permitem, ou melhor ainda, consentem, dentro de seus territórios, o livre desenvolvimento de uma força política internacional que responde às diretivas de uma potência oriental, enquanto esta, dentro das fronteiras de sua chamada “cortina de ferro”, não permite dar dois passos sequer livre de perseguição? A desvantagem entre uma e outra posição é tão extraordinariamente grande que deixa perplexos a todos os que queiram compreender, de boa-fé, tamanha diferença.

Isto tem criado, como é natural, uma ansiedade que se traduz em desconcerto universal e nas profundas perturbações que aparecem na vida política e social dos povos. Ninguém sabe o que ocorrerá amanhã, até no pequeno mundo familiar, porque todos os acontecimentos que ocorrem em qualquer ponto do orbe repercutem imediatamente e com grande intensidade no coração humano, que hoje sente e pulsa, talvez como nunca, de forma uníssona com todos os demais.

Só o fato de pensar que possa desencadear-se uma nova guerra afeta o ânimo geral, sentindo-se por todas as partes a necessidade imprescindível de que os povos livres do mundo estreitem fileiras e trabalhem incansavelmente para alcançar a ansiada paz, para não ter que presenciar o extermínio da espécie humana, que tem todo o direito de viver na terra e desfrutar dos bens que Deus, com generosidade infinita, derramou sobre ela.

V. BASES PARA O FUTURO NOS
ASPECTOS SOCIAL, ECONÔMICO
E POLÍTICO

A BONDADDE DE UM REGIME SE PROVA PELA CONSISTÊNCIA DE SEUS PRINCÍPIOS



Não faz muito, uma das figuras mais eminentes de nossa política, interrogada acerca dos diversos sistemas de governo, nos manifestou sem preâmbulos: “Prefiro a democracia com todas as suas deficiências”.

Em muitos países, os regimes de força, as ditaduras, surgiram geralmente como uma reação contra os abusos do sistema democrático, mas não contra a democracia. Podemos observar que o sistema monárquico já não tem lugar neste século.

O totalitarismo atual, que compreende as ideologias extremistas, se opõe diretamente à democracia, não como sistema de governo em seu aspecto político, senão como estrutura social e espiritual. Será necessário, então, analisar sua origem para não perder de vista o motivo que inspirou seus fundadores e depois seus abusados continuadores.

O comunismo, assim como o nazismo e o fascismo, nasceu do descontentamento, mas aqueles que lhe deram vida foram os que exploraram esse descontentamento convertendo-o pouco a pouco em uma força destruidora, dirigida em seu início contra os regimes constituídos. Isto aconteceu tanto na Rússia como na Alemanha e na Itália. De nenhuma outra maneira os líderes desses movimentos teriam chegado ao poder, senão pelos meios que usaram exaltando a multidão e eletrizando-a com fogosos discursos nos quais se proclamavam os direitos de o povo intervir nos assuntos do Estado e o direito de exigir um padrão de vida melhor. Abatidos os ânimos, permitidos todos os abusos e insolências da verborragia “redentora”, por essa mesma liberdade que se utilizava para desvalorizá-la, criticá-la e difamá-la, não foi tarefa difícil saltar os cercos do poder e assumir as funções máximas em cada um desses povos onde se fomentou a reação popular.

Vejamos o que aconteceu mais tarde. Esse mesmo povo, que se instigou para que reclamasse seus direitos de intervir nos assuntos do Estado, foi o primeiro a que se privou de toda ingerência, mesmo nas coisas mais sem importância. A opinião que se agitou para chegar ao poder foi a que imediatamente se esmagou e anulou depois. Todos os que exigiram (sem haver pensado antes) um melhor padrão de vida, tiveram que conformar-se em reduzir suas pretensões ao extremo

de ir-se despojando de tudo o que haviam desfrutado até o momento em que se destruiu o sistema de governo anterior.

As novas autoridades, para concretizar o plano de reconstrução, de grandezas e domínio, implantaram normas rígidas de vida; as pessoas, acostumadas a esbanjar, a viver folgadoamente, sem preocupações, ficaram restringidas em todos os sentidos, até chegar ao racionamento.

Pensaram, acaso, essas multidões, quando eram exaltadas pelos tribunos do extremismo, que as concessões e dons que reclamavam haveriam de converter-se depois nas mais cruéis afrontas a sua dignidade? Os agitadores, ao contrário, sim, conseguiram o que ambicionavam em prejuízo do povo, ao qual tanto ofereceram em suas atroadoras exortações a panaceia de suas “ideias de governo”.

E esses povos que desde então estão submetidos a todo tipo de privações, aos quais quando já nada lhes resta se lhes tira a vida, são os que se pretende oferecer de exemplo como obra de sistemas de governo melhores ou muito superiores à Democracia, onde cada homem desfruta ainda das prerrogativas de seu livre-arbítrio; onde se conciliam os mais diversos problemas sociais e o dever se impõe à licenciosidade; onde o foro interno das pessoas é inviolável e a religião que se professe é digna de respeito comum e onde a iniciativa privada constitui a maior potência do Estado.

A bondade de um regime se prova pela consistência de seus princípios e estes não devem permanecer ocultos a ninguém, pois ninguém há de aceitar às cegas e muito menos povos inteiros o que pode ser depois causa de seus piores infortúnios. Os cidadãos das democracias livres não compreendem por que os propagandistas ou sequazes dessas rígidas ideologias se tornam violentos, ameaçam e odeiam quem profere a menor crítica ao sistema.

Por que se irritam como hienas ante um gracejo e nem por exceção o toleram? Será, talvez, porque por similares meios eles conseguiram derrubar os sistemas que depuseram e hoje temem ser arrastados por igual sorte? Os que não participamos de suas teorias necessitamos uma explicação sobre esse particular.

Por outra parte, à humanidade não se conquista pela força, entenda-se bem; será dominada, mas não poderá ser conquistada por esse meio. Sugerimos que se conquiste sua simpatia, seu afeto e seu apoio generoso e leal, se se quer fazer perdurar a espécie com base numa nova estrutura social que contemple tanto as necessidades humanas pela compreensão de seus valores inalienáveis como seus direitos.

Regimes que não inspirem simpatia e confiança conseguirão conquistar o mundo pela força, mas, repetimos, jamais ganharão o coração dos homens. Uma humanidade que triunfa sobre a opressão afirma a soberania do espírito e se imortaliza na alma das gerações.

PROBLEMAS SOCIAIS



Um dos problemas que mais têm preocupado e preocupam os governos, estadistas e estudiosos é o da situação econômica do empregado e do trabalhador.

O governo de nosso país busca orientar a solução para a poupança e ultimamente sancionou um projeto de lei de empréstimos a empregados que comparecessem a uma repartição do Banco da Nação. Mas, embora com isso se acreditasse aliviar a crescente dificuldade econômica do trabalhador de escritório, da indústria e do comércio, fundando grandes instituições destinadas ao seu estímulo, nada se conseguirá se o mal não for tratado eliminando as causas que o provocam.

A nosso juízo, o problema deve ser enfrentado do ponto de vista da administração individual de seus haveres.

A maioria gasta tudo o que tem e até o que não tem, sem fazer o menor controle de suas possibilidades nem de suas despesas. Isto acontece porque de tudo se ensina ao homem em sua juventude, menos de saber administrar a si mesmo. Como pode, então, manejar inteligentemente seu salário ou proventos e satisfazer honestamente a suas necessidades sem ter que recorrer a meios que em vez de solucionar agravam ainda mais sua situação?

O homem pressionado pelas dívidas, dificilmente coordena seu pensamento sobre a base de um reajuste de sua conduta ou de sua maneira de pensar. Geralmente confia no acaso ou busca que outros resolvam suas necessidades.

Consideramos que deveriam ser criados cursos especiais destinados a proporcionar à inteligência do empregado ou trabalhador as normas a seguir para organizar suas economias domésticas. Ninguém ignora que os cinemas e teatros, os ambientes de diversões, os clubes, os restaurantes e cafés estão sempre cheios de empregados e trabalhadores.

Haveria, pois, que ensinar, com decidido empenho, a forma de administrar os próprios haveres. Os excessos são os que desequilibram o orçamento.

A propósito, é bom recordar o que temos observado em alguns trabalhadores estrangeiros. Se o salário que recebe é, suponhamos, de cento e sessenta pesos, invariavelmente coloca sessenta no Banco e passa com o restante, fazendo de conta que este é seu salário. Todo aumento dos haveres é para satisfazer a suas necessidades, mas aquilo que todos os meses destina providencialmente é para ele algo sagrado e sob nenhum conceito modifica esse critério, tanto que quando fala de seus rendimentos, declara que são cem pesos, por exemplo, e não cento e sessenta. Depois de certo tempo o vemos dono de um terreno e mais além, edifica sua casinha.

Ao trabalhador ou empregado nascido no país, ocorre o contrário. Se ganha cento e sessenta pesos, gasta sessenta a mais, pois jamais basta para suas necessidades. Isso é prova evidente de que não sabe organizar sua situação econômica conforme suas possibilidades.

A estatística de bancarrota econômica deste tipo de trabalhadores demonstra que a maioria é consequência da abundância de gastos supérfluos e os menos, por infortúnios familiares.

É preciso também ter presente que sempre se tem acreditado que à medida que os proventos ou o salário aumenta, o favorecido deve aparentar ante suas relações um gênero de vida mais pomposo. Este é outro erro que depois tem que ser purgado premido pelas necessidades.

Conceituamos, pois, que não existe o sentido da verdadeira colocação no critério de cada um; portanto, pensamos quão urgente é instruir o trabalhador ou empregado sobre como pode e deve gerenciar seus recursos, a fim de que estes lhe sejam suficientes e até excedam a suas necessidades.

Se os que constantemente se queixam de seus salários não forem chamados à realidade, continuarão ocorrendo as inevitáveis exigências e reclamações de aumento de salários ou proventos, com suas possíveis derivações em greves ou maus desempenhos.

O GRAVE DILEMA QUE A HORA ATUAL APRESENTA À HUMANIDADE

A liberdade



A guerra atual, que está comovendo as bases da sociedade humana e promove as mais profundas reflexões sobre o futuro, apresenta, é indiscutível, o grave dilema que imperiosamente as gerações de hoje devem resolver: o da liberdade, da ordem e da justiça, como pilares insubstituíveis do grande edifício universal, capaz de abrigar em seu seio a todos os seres e oferecer-lhes a segurança, o respeito e o amparo que reclama todo membro da família humana.

Esta guerra se caracteriza pela violência das ações bélicas de uma facção contra a vontade da outra, que se opõe reagindo, por sua vez, com toda a força de suas convicções. O quadro mais impressionante que oferece, a tragédia mais espantosa que os olhos humanos já puderam contemplar é, além da luta fratricida, a causa que a origina e que está fazendo dela o fator determinante dos importantes interesses humanos em jogo.

Vencer ou morrer, parece ser o lema dos grandes sistemas em pugna. Vencer, para um, seria o triunfo definitivo da força e, por consequência, a submissão a ela como lei suprema; para o outro significaria, como imediata derivação, a vitória do direito sobre a força. No primeiro caso, a vida individual – moral, intelectual e espiritualmente reconhecida por todas as leis do Direito Universal – desapareceria absorvida pela força do Estado, que estabeleceria as rígidas e desumanas normas da comunidade indiferenciada. As massas humanas, que em si constituem a razão de ser dos povos, voltariam ao estado de nômades, pela atrofia mental

que implicaria o rigor de leis injustas proibindo até o último vestígio de liberdade individual. No segundo caso, o triunfo do direito sobre a força traria também consigo o grande sinal de alarme que mostraria ao mundo, chamando-o à realidade, os perigos que o assediam e que poderiam sobrevir-lhe, se de uma vez por todas não se decide a encaminhar-se pela senda de um verdadeiro aperfeiçoamento de todas as normas de convivência humana.

Esta guerra tem a virtude de pôr em evidência as grandes falhas dos diversos sistemas políticos imperantes no mundo e também nos está demonstrando a urgência, reclamada pelo imperativo da hora que vivemos, com que devem ser estudados os problemas que mais diretamente afetam a vida do homem. Também deixa claro o bom e útil de cada um destes sistemas, tudo o que haverão de ter muito em conta os estadistas que integrem a futura grande assembleia da paz, a fim de aperfeiçoar, em benefício da humanidade e do indivíduo em particular, a estrutura jurídica, política e social dos povos que haverão de servir de modelo aos demais.

A Carta do Atlântico, assinada pelos Srs. Roosevelt e Churchill, evidenciaria que ambos os estadistas não estão alheios ao que há de ser a questão medular do pós-guerra, ao estabelecer como base da futura organização do mundo o reconhecimento das Quatro Liberdades que devem imperar indefectivelmente em todos os povos da terra. A liberdade, nas formas expressas na Carta do Atlântico, volta o homem às prerrogativas que lhe são próprias em sua condição de humano.

A liberdade individual, inspirada nas profundezas da consciência, permite ao homem ser útil aos seus semelhantes, à sociedade e a todo o mundo, desde que, buscando a superação pelo esforço e a capacitação mental pelo exercício da inteligência, encontra dentro de si, na intimidade de seu coração e na potência de seu pensamento, inestimáveis recursos que lhe permitam manifestar, em proveito dos demais, o fruto de seus estudos, de suas meditações, que sempre, em todas as épocas, tem servido como ponto de referência, muitas vezes de incalculável utilidade, tanto aos estadistas para a direção dos negócios de seu país, como aos que têm a seu cargo o estudo e sanção das leis que tornam possível a manutenção da estrutura política em suas respectivas formas de governo e da estrutura social em seus múltiplos aspectos.

A livre exposição das ideias é sinal inconfundível de progresso e civilização, quando elas tendem para o bem e constituem uma contribuição para a solução dos problemas ou para o aperfeiçoamento das leis e das normas vigentes na sociedade e também quando contribuem para o melhoramento da inteligência, da moral e de tudo quando concerne ao ser, no sentido de aumentar suas possibilidades e estender sua vista a outros destinos mais elevados. Mas se a liberdade individual é afetada em seus mais legítimos e naturais direitos de expressão, o espírito se coíbe, a razão sofre o agravo inferido à dignidade e o povo todo, ferido em seus mais profundos sentimentos e rebaixado em sua condição moral, chega a perverter-se, ora por indiferença, ora pelo servilismo ou pela irresponsabilidade.

Os grandes governantes se inspiraram sempre no pensar e no sentir de seus governados. Escutando-os, chegavam a conhecer a fundo as inquietudes que palpitavam em seus corações e em seus pensamentos expostos com liberdade de consciência, e ainda, auspicados pela anuência oficial e pela oportunidade da circunstância, extraíam valiosos elementos que lhes permitiam depois realizar os maiores acertos. E como estes acertos tinham muito que ver com as aspirações de seus povos, acontecia que brotavam deles as mais espontâneas manifestações de júbilo e de aplauso para o governante e seu governo.

Seria absurdo pensar que a livre emissão das ideias dentro de um ambiente de respeito e correção, de clareza de expressão, de pureza de intenções possa afetar a solidez de um governo ou o conceito que inspire um governante a seu país, como seria absurdo também supor que a sociedade humana haveria de desintegrar-se pelo fato de que qualquer de seus membros emitisse seu pensamento sustentando esta ou aquela ideia, ou seu parecer sobre o que, ao seu juízo, corresponderia estabelecer a respeito da modificação do edifício social. Justamente, não poderia ser outra a oportunidade mais propícia para os que, vendo um desacerto na exteriorização do pensamento do semelhante, o demonstrassem expondo com clareza de opinião e sinceridade de intenções em que se baseia o erro ou, se não o houvesse, o motivo pelo qual não seria viável o temperamento expresso. Haveria, sem dúvida, os que defendendo a posição sustentada por aquele e trazendo, por sua vez, novos elementos de juízo, completariam a imagem exposta e, também, aqueles que sustentariam o contrário; mas ninguém poderia negar que o encontro

das ideias numa elucidação pública, quando elas tendem para elevadas finalidades, beneficia a todos, já que cada um pode apreciar o grau de solidez e veracidade contido nos pensamentos expostos e, também, as vantagens que possa ter a aplicação do melhor à realidade, visto que assim tem sido sempre, quando se trata de reformar as normas vigentes da estrutura política e social, tal como tem demandado em diversas épocas as circunstâncias que, como se sabe, diferem muito umas das outras à medida que os povos progridem e aumenta o volume de suas necessidades, de seus deveres e de sua expansão econômica.

Prova de que este assunto é um dos que mais preocupam atualmente a opinião geral é que diariamente aparecem nos jornais, como se fosse uma profunda necessidade do espírito público, expressões que mostram com marcada evidência o enraizamento com que se mantém na mente de todos. O jornal “La Prensa”, em sua edição de 12 de março último, publicou um editorial intitulado “Franqueza na democracia”, no qual diz: “Eis aí o primeiro grande resultado da franqueza na verdadeira democracia. Governantes ou governados, presidentes, diplomatas, legisladores, professores, jornalistas, escritores, modestos homens do povo, todos têm necessidade de expressar o que pensam da guerra e da paz, do fascismo e da democracia, da religião ou da irreligião, da moral e do imoralismo. E a ninguém ocorre crer que esse auge da franqueza, para chamar as coisas como cada um as vê e considera que se chamam, possa ser um fator de anarquia ou desordem. Antes ao contrário, a desordem começa com a supressão dos direitos elementares”.

Ainda que dissintamos com o que o citado jornal manifesta ser franqueza, coincidimos no que respeita às formas livres de expressão, que são, inegavelmente, sinais manifestos da cultura e da civilização que os povos alcançam em seus afãs de engrandecimento e bem-estar.

O que tem prejudicado a liberdade ou, melhor ainda, o conceito de liberdade – bom é reconhecer e declarar –, são a licenciosidade, a insensatez e o mau uso das prerrogativas que a liberdade confere. Isto é o que se deve frear voltando aos foros da ordem e da limpeza moral, mas sem prejudicar as nobres finalidades da liberdade, em sua mais pura e diáfana expressão de plenitude.

A INICIATIVA PRIVADA COMO BASE DO PROGRESSO



É uma verdade inquestionável que todo esforço individual tendente a um melhoramento das condições pessoais, familiares ou da sociedade em geral é digno do melhor estímulo e do maior respeito. Sua importância na vida de relação é de um inestimável valor pela contribuição que significa para o progresso das perspectivas coletivas.

O ser de iniciativa, salvo raras exceções, é em si trabalhador, entusiasta e em muitos casos estudioso ou investigador avançado. De seu empenho surgem em inúmeras ocasiões obras dignas do maior elogio, e não poucos são os que se beneficiam graças a esse esforço dos capazes, isto é, dos que não somente sabem bastar a si mesmos senão que sabem ajudar os demais fomentando com seu exemplo construtivo a difusão do progresso.

Não auspiciar a iniciativa privada, não ampará-la e estimulá-la em tudo o que seja necessário para sua livre expansão, implicaria esterilizar as energias individuais e retirar da sociedade as mais fecundas fontes de adiantamento e bem-estar social⁽¹⁾.

O que seria um país, por exemplo, em que a cada ser fosse designada uma determinada obrigação e todos caíssem em uma rotina improdutiva? A resposta é bem fácil de conceber, pois nada é mais incômodo nem mais pesado a um país, a uma sociedade ou a uma família do que carregar o peso morto daqueles que por incapacidade ou indolência se acham sempre à mercê do socorro alheio.

⁽¹⁾ Ver “Logosofia” N° 33, pág. 13/14.

O homem de iniciativa própria trabalha e oferece trabalho aos demais. Daí que o auspício da iniciativa privada seja um dos meios mais acertados e melhores para solucionar o problema da desocupação. Mas isto somente não bastará como solução eficaz; se requer, ao mesmo tempo, inculcar em cada um a necessidade que deve logicamente experimentar, como ser racional, de contribuir com seus esforços para que sejam sempre menos aqueles que se achem em condições de inferioridade que requeiram, necessariamente, o auxílio alheio para sua própria subsistência.

Cabe destacar aqui a coincidência de opinião entre o nosso pensamento e o do Monsenhor Miguel de Andrea que, ao referir-se há poucos dias à iniciativa privada, disse na Federação de Associações Católicas de Empregadas que era imprescindível ter liberdade para associar-se de acordo com as próprias crenças e as próprias convicções, como também para trabalhar e competir conforme a capacidade da iniciativa privada, sendo estas, conforme seu juízo, as normas recomendadas para a reorganização do mundo depois da crise mundial. Também, aludiu ao comunismo e ao totalitarismo, manifestando que, embora sendo dois sistemas de procedência diversa, começam por adotar idênticos métodos e acabam por chegar a um mesmo termo. O comunismo aprova o método da abolição da propriedade privada, expressou o citado prelado, e o totalitarismo, o do desconhecimento de seus direitos. Ambos começam por ser absorventes e acabam por ser ditatoriais.

Como se vê, existe no ambiente mental do mundo uma corrente de pensamentos que, pode-se dizer, vai estabelecendo um acordo unânime nos pontos que mais preocupam e afligem o coração humano.

A iniciativa privada é, pois, construtiva por excelência e tende à cooperação do esforço geral; é, em resumo, o maior recurso para o progresso, desde que sempre se fundamentaram nela as maiores esperanças e de onde surgiu tudo de bom, nobre e valioso que contém a sociedade humana.

O homem que se forma sozinho e ajuda os demais a se formar é digno do maior respeito, porquanto destaca as qualidades de sua inventiva em benefício da sociedade e se constitui num elemento nobre, útil e ativo.

As grandes conquistas da ciência, assim como as grandes reformas que a humanidade experimentou, os triunfos na arte, na técnica e em todas as atividades humanas, sempre se deveram a essa iniciativa da inteligência individual, mesmo quando depois participaram do benefício todos em comum.

Saber enfrentar a batalha pessoal no interno de cada um constitui o primeiro impulso para fazer surgir de si mesmo o ser capaz. E a capacidade, como condição ativa da inteligência, é o dínamo propulsor das energias projetando-se sobre a vida em manifestações de iniciativa particular.

O ORÁCULO DO BOM SENTIDO



Quem protesta por hábito e odeia seus chefes ou patrões porque sim não chegará nunca, por certo, a ser patrão, nem chefe, a menos que compreenda seu erro. Ao contrário, aquele que desde seu humilde posto compreende a posição e responsabilidade de seus superiores e acata com boa disposição as ordens que receba deles, este é, com certeza, um futuro chefe ou patrão.

Quando o inferior rompe a vinculação harmônica que deve existir entre ele e seu superior, não há meio de conciliação possível; são dois extremos que reagem sempre antagonicamente. Daí a eterna luta entre o trabalhador e o patrão.

FRANKLIN DELANO ROOSEVELT



Morreu Roosevelt! Estas duas palavras foram escutadas por todo o mundo em 12 de abril.

Morreu Roosevelt! Foi a triste notícia que breves instantes depois de seu falecimento se propagou por todos os âmbitos do mundo.

A primeira reação que causou naqueles que a escutaram, poderíamos assegurar, foi de surpresa; tão inesperada, tal a impressão causada no ânimo geral, que não se acreditou. Era impossível acreditar. Mas subitamente, ao se recordar o efeito que causara o agravamento físico que se percebia nele por meio dos noticiários, quando compareceu à histórica conferência de Yalta, um pensamento de temor se apoderou de todos e unido à confirmação que, por repetidas vezes, as emissoras de rádio transmitiram, fez compreender que nos achávamos ante uma dolorosa realidade. E foi possível observar aqui, lá e em todas as partes e em todos os homens, um sentimento de sincera e real angústia.

Morreu Roosevelt! Dizia-se em voz baixa e não era possível acrescentar uma palavra a mais.

Ampla foi e continua sendo a comoção universalmente experimentada. A humanidade perdeu um de seus valores mais expressivos. A Suprema Vontade assim o quis.

Que ensinamento pode significar este fato para os homens? A posteridade, que desde sua morte começa para sua memória, haverá de responder a tão grande pergunta. Franklin Delano Roosevelt foi um homem que lutou sem descanso pela liberdade, pelo direito, pela justiça e pela paz. Se entre as homenagens que a humanidade lhe deve em gratidão, pudesse

ser apontada uma, diríamos que deveria erigir-lhe um monumento em cada um dos países do mundo.

Morreu Roosevelt! E ao apagar sua vida se dobra em sua recordação uma das etapas mais tristes e dolorosas que a humanidade viveu. Em meio de tanta tristeza e desolação se erguerá perenemente sua imagem como o titã, que enfrentando a mais cega adversidade soube lutar e triunfar sobre o mal, deixando um nobre e belo exemplo que os homens – em especial os estadistas e políticos de todo o mundo – jamais deverão esquecer.

O DE ONTEM COMO ENSINAMENTO DO FUTURO



Quando se volta a vista para trás, para os anos que precederam à guerra atual, não podem deixar de surpreender, se não todas, pelo menos algumas das causas que terminaram por precipitar o mundo na espantosa crise bélica que açoita a humanidade há mais de cinco anos.

O mais triste é convencer-se do estéril que foi a guerra mundial de 1914, já que não foram extraídos em sua oportunidade os ensinamentos que hoje, depois de uma nova contenda, parecem querer tomar corpo na consciência dos homens. Obteve-se dela, é inquestionável, um conhecimento das técnicas de guerra que levou a aperfeiçoar os elementos de destruição em grau máximo, mas, o ensinamento básico, o que devia surgir, ainda que fosse apenas como compensação a tanto sacrifício, permaneceu latente e inadvertido. Hoje, depois de longos anos de horrível matança e não menos horripilante destruição de vidas e valores, voltam a se apresentar os mesmos problemas que preocuparam ao final da guerra anterior.

Existe uma realidade que compreende todos os seres humanos e abrange os setores de suas atividades; essa realidade é a seguinte: gastaram-se cifras astronômicas na produção de armamentos, os quais, por sua vez, foram destruídos em grande parte. Quem responderá por isto? Em que forma?

Os que lutam assumindo a responsabilidade de devolver à humanidade a liberdade, os direitos e o patrimônio que foi tirado a grande parte dela não poderão ser, em justiça, os que devam repor tudo o que

foi inutilizado nem os que devam trazer o que haverá de ser empregado para substituir o que foi destruído. Seria, pois, a humanidade inteira que teria que enfrentar este problema que afeta a economia mundial. Nenhum povo, por afastado que se encontre, deveria escapar desta obrigação, que mais do que uma obrigação se impõe como uma necessidade que todos devem sentir de igual modo e com idêntica compreensão.

Mas voltemos aos anos que precederam esta guerra para encontrar algumas das causas a que aludimos antes. Teremos que recordar que, por força das crescentes exigências das massas trabalhadoras, impondo com frequência aumentos de salário e redução de horas de trabalho, o que, ao trazer como consequência a alta dos preços dos artigos de consumo, encarecia a vida e complicava cada dia mais os problemas. Não seria demais recordar aqui as épocas de paz, nas quais os homens viviam felizes porque encontravam no trabalho o melhor incentivo para sua felicidade, pois lhes estimulava o caráter e lhes abria perspectivas que mantinham o espírito sempre vivo num ideal de melhor bem-estar.

Nestes dias, precisamente, em que por toda a parte se adverte o temor marcado pela carestia de vida e em que o pensamento de exigência se torna cada dia maior, seria oportuno difundir vigorosos conselhos para neutralizar os estragos que esse temor, sinal evidente de impotência manifesto em tantos seres, faz na vontade humana.

Sem dúvida aparecerá aqui a interrogação de como fazer para preservar o equilíbrio econômico individual da inflação e outros imperativos dos momentos atuais. Para isto somente haveria uma resposta cabal e sensata: se produzindo dez se obtém, por exemplo, vinte, e desses vinte nossa contribuição individual deve ser dez, significará que nossa produção se desvalorizou como se produzíssemos cinco e obtivéssemos dez. A solução se basearia, pois, em produzir vinte para obter quarenta. Deste modo o orçamento individual não se afetaria e se haveria anulado a redução do haver que eventualmente ocorresse.

Visto de outra maneira; se quem antes vivia sem apertos com duzentos pesos mensais, hoje padece porque esses duzentos pesos se reduziram a cem pela alta de preços, o lógico é que se preocupe

por aumentar seus rendimentos produzindo mais, isto é, trabalhando mais; e se não pode fazê-lo dentro de sua ocupação habitual, deverá realizá-lo fora dela. Pensamos que isto é mais racional que padecer a miséria ou entregar-se aos braços do desespero sem fazer nada para resolver a situação apresentada.

Se isto fosse adotado como norma por todos indistintamente, chegaríamos à conclusão de que a família humana haveria compreendido que esse aumento proporcional de trabalho ou de produção é o tributo pago pelo imenso bem que tanto houve e haverá de custar à humanidade, que é o da liberdade e dos direitos do homem, tão gravemente prejudicados nestes anos de sofrimentos e incerteza.

Será, pois, com uma compreensão mais ampla e uma alegria mais pura que cada um terá que contribuir para a edificação do futuro do mundo, porquanto esta contribuição é a que haverá de assegurar também a estabilidade em todos os campos em que a vida se desenvolve. O essencial está em que ninguém deixe de compreender que as épocas de folga e de vida fácil terminaram e que no trabalho fecundo e na mútua colaboração reside o segredo para levantar os espíritos de sua prostração, voltando os homens à realidade de uma conduta superior que redundará inegavelmente em benefícios de toda espécie.

A redução constante de horas de trabalho na época pré-bélica, ou seja, no período que precedeu à guerra atual, trouxe consigo a anarquia mental e moral; mental, porque deu lugar a que se manifestasse em constante aumento a rebeldia contra as normas imperantes da organização do trabalho e, moral, porque, a maior folgança, maiores oportunidades também para o fomento do vício e das ideias dissolventes.

Essa rebeldia se exteriorizava, também, para tudo que significasse superação das aptidões individuais. O lema que pareceu tomar força no velho continente e até em muitos outros lugares do mundo foi o de esperar tudo dos demais, sem pôr em absoluto nada de si mesmo. E assim, enquanto se mesquinhavam os esforços individuais, diminuindo a colaboração na organização do trabalho, do qual dependia o bem-estar e o sustento da família, ia-se produzindo e acentuando um mal-estar que não pôde conduzir a nada construtivo, mas sim a que as correntes extremistas, que se achavam em constante assédio, engrossassem suas fileiras com os descontentes. Este foi o processo

que levou a tantos a perder a própria liberdade, a honra e, em especial, essa soberania de espírito que tão necessária é ao ser humano para poder chamar-se homem ou mulher.

Todas as leis existentes surgiram da sabedoria universal e por isso são inalteráveis e eternas. A Lei de Evolução põe ante o homem a imagem de todos os tempos, oferecendo-lhe minuto após minuto a oportunidade de redimir suas faltas, corrigir seus erros e melhorar suas condições até a mais alta expressão de perfeição. Assim, pois, na existência física essas leis demonstram que a igualdade deverá ser concebida ascendendo pelo aperfeiçoamento, igualando às condições dos demais à medida que se consigam as posições em que se encontram aqueles com os quais se aspira igualar; para isso será necessário redobrar o esforço pessoal, realizando e alcançando pelos próprios méritos, pelo trabalho e pela decisão o que represente o fruto de uma conquista individual. Do contrário, toda melhora equivaleria a uma esmola recebida, já que colocará o ser numa situação que não lhe corresponde por mérito. Daí que as exigências de melhoras, sem que exista a contribuição do empenho pessoal, sejam improcedentes.

Cada um deve chegar a compreender isto para poder se colocar na verdadeira posição; mas, quem a haja conquistado deverá saber conservá-la, preparando seu espírito para dar um novo passo para frente quando a oportunidade for propícia. Se quem jamais teve em suas mãos uma sacola de ouro, a recebe inesperadamente das mãos de outro, sem ter nenhuma preparação sobre como deve conservar e utilizar esse ouro, pouco tempo irá durar; entretanto, se esse mesmo ouro chega às mãos de quem está preparado para fazer bom uso dele – que bem poderia ser o mesmo que citamos no primeiro caso, o qual, uma vez preparado, porque conseguiu superar suas condições e qualidades realizando esforços cujos resultados o protegerão contra a inconsciência e a ignorância –, compreenderá o que esse ouro significa em seu poder e conhecerá o valor do que foi capaz de fazer. Mas quando o agraciado pela sacola de ouro, ignorando isto e encolhendo os ombros se dispõe a gastá-lo caprichosamente, a realidade logo se faz presente para mostrar uma vida fracassada que malogrou uma oportunidade.

Por estas reflexões facilmente se compreenderá quão importante é que exista em todos a necessidade de conservar cada estado superior que vão alcançando. Geralmente, a maioria se deixa levar pela situação que lhes produz o triunfo, e a alegria que desperta nela a transição a um novo estado, seja da índole que for, a faz esquecer o dever ou a necessidade, como dissemos, de conservá-lo.

Tal coisa acontece até nos que levam adiante seus projetos e ideias. Muitos costumam realizar isto ou aquilo, mas muito poucos são os que sabem conservá-lo. Isso não ocorreria, certamente, se cada um soubesse conscientemente que todo estado que se transcende é a base em que hão de apoiar-se as futuras decisões, os futuros esforços e as perspectivas de um novo avanço no melhoramento das condições individuais.

De igual modo acontece nos povos e nações no que diz respeito aos processos que seguem ao longo da História. Sempre que os pensamentos, arrastando a moral dos homens lhes fizeram descer do ponto em que haviam chegado como expressão de civilização, o equilíbrio social foi rompido e as perturbações de todo tipo concluíram por empurrar as massas humanas para a guerra. Quando isto acontece é porque em realidade se deixou de pensar, e já se sabe que, chegando ao ponto em que as maiorias delegam a função de pensar a uns poucos, estes se assenhoreiam da vontade das primeiras conduzindo-as por onde interessa aos objetivos que eles tomaram por norte. Esta é a consequência inevitável toda vez que o maior número de seres entrega docilmente suas mentes à sugestão dos que impõem suas tendências ideológicas fazendo uso da força.

Atualmente, tudo quanto se promove no ambiente do mundo faz entrever que a ninguém é possível prescindir dos deveres que o momento impõe. É necessário que os que pensam saibam pensar melhor e ajudem os demais a pensar. É costume fazer este esforço quando algum problema ou ocupação pressiona individualmente; os problemas do mundo também pressionam hoje, e todos, conforme sua capacidade e condições, isto é, na medida de suas possibilidades, devem dispor-se a colaborar na sua solução, em vez de esforçar-se em resolver tão somente suas situações pessoais.

Entendemos com o que antecede que a força da circunstância, como força superior à vontade humana, fará com que os homens pensem e procedam com menos egoísmo, com menos mesquinhez. É por tudo isto que bem se pode alentar a esperança de um mundo melhor, sobretudo se os erros de ontem, que tanta desventura ocasionaram à humanidade, servirem como fundamento e ensinamento para o futuro. Mas isso não ocorrerá de repente, sem que intervenha para nada o pensamento dos homens. A superação progressiva que achará sua mais elevada expressão no ânimo geral terá que ser impulsionada com decisão inquebrantável e, para tal efeito, será necessário criar a consciência desse dever.

Que a humanidade encontre a si mesma em cada ser humano e cada ser humano encontrará dentro de si recursos suficientes para alcançar esse fim anelado por todos.

O PROBLEMA SOCIAL É A PREOCUPAÇÃO BÁSICA DA HORA ATUAL



Tudo o que se escreva de agora em diante terá, inevitavelmente, que estar influenciado direta ou indiretamente pelos grandes acontecimentos que comovem o mundo na hora atual. É como se esta guerra, que mais que nenhuma outra assolou a tantos povos e transtornou a ordem e a economia mundial, dividira em duas a história da humanidade. Pode-se dizer que tudo o que constituiu letra viva e lei para os homens até o ano em que começou o conflito bélico é algo que pertenceu ao passado, a uma época em que a vida se desenvolvia numa forma, se não real, pelo menos aparentemente harmônica dentro do jogo das atividades humanas e que a guerra, ao comover até as bases da civilização e desorganizar em grande parte a ordem existente criou novas situações e novos problemas que o pós-guerra deverá enfrentar.

Um deles, cuja importância ninguém desconhece é o problema social, designação esta que se aplica habitualmente para significar tudo o que se relaciona com o trabalhador e com especialíssima preferência no que concerne à questão econômica. Entende-se que ao dizer trabalhador está incluída a classe trabalhadora e pobre.

Sabido é que tal preocupação existe hoje, existiu ontem e existirá sempre, porque, apesar da boa vontade de todos os que lutam pelo bem-estar dos trabalhadores e da classe pobre, e apesar das inúmeras melhorias que se conseguem para eles, há algo que sempre fica sem solução; esse algo, que a nosso juízo é o grande obstáculo que se interpõe para resolver o problema em sua raiz é a indiferença com que aqueles que são ajudados recebem as melhorias que se lhes oferecem. Consideram, poderia dizer-se, quase sem exceção, que tudo o que se

faz em benefício de suas condições de vida, de seus salários, é uma obrigação, um dever daqueles que o fazem. E esta crença tão arraigada em seus espíritos, geralmente de curtos alcances, faz com que subsista o problema, sem que, de sua parte, exista a menor preocupação em corresponder de alguma maneira ao bem recebido; e corresponder ao bem recebido deveria significar para eles um melhor comportamento na sociedade e não como ocorre com frequência que qualquer melhoria obtida é considerada uma conquista, erro este que os leva a acentuar em seu já crônico inconformismo um estado de rebeldia que depois, como se tem visto em outras épocas, custa muito dominar.

Existe em todas as classes sociais, rica, média e pobre, um critério totalmente antagônico acerca do chamado problema social e todos os outros que afetam à sociedade humana, sendo esta a causa de que tais problemas fiquem sempre sem solução. Pensamos não nos equivocarmos se dissermos que tal disparidade de critério é também o que promove as tantas desavenças entre o capital e o trabalho⁽¹⁾.

Seria inteiramente necessário, pois, fazer chegar à mente e ao coração de todos os trabalhadores do mundo que é dever deles acompanhar em seus esforços e preocupações àqueles que lutam pelo bem-estar geral, àqueles que em todas as horas do dia, em seus escritórios e fora deles, mantêm uma constante atenção sobre seus deveres e responsabilidades.

Isto representaria a conquista de todo um desiderato. Seria haver criado uma nova consciência nas massas trabalhadoras, tendente a fazê-las compartilhar, no que for possível, dos desvelos, afãs e angústias pelos quais passam tantas vezes os que atuam nas direções do comércio, da indústria e de toda outra atividade em que se apresenta o problema da condução dos negócios em meio às múltiplas flutuações e embates da maré econômica coletiva.

Cada melhoria social deve implicar para a classe trabalhadora uma maior responsabilidade no sentido de regular sua vida conforme exijam as necessidades e perspectivas gerais. Isto acontece, como se sabe, mas em muito pequena proporção, nesses seres que dentro de suas ocupações diárias se interessam por superar-se, tornando-se, a cada dia, mais

⁽¹⁾ "Logosofia" N° 23, página 8.

competentes nas funções que desempenham. Ninguém pode negar que muitos trabalhadores chegaram a escalar altas posições em seu trabalho, passando de simples peões a capatazes, de capatazes a inspetores, depois a chefes de repartição e por último, a patrões, tudo em mérito de seus esforços e capacitação.

Trabalhadores que assim se distinguem abrem com seu exemplo o caminho aos demais e mostram, por sua vez, que nenhum ser humano está impedido de melhorar sua situação econômica e social, se por sua parte se torna credor disso, consagrando suas horas em aperfeiçoar suas aptidões para os trabalhos que desempenha ou aspira desempenhar. Estes são os que sabem conservar por seus próprios meios o que foi o fruto de seus afãs e de suas previsões. Ocorre, acaso, o mesmo com aqueles que após cumprir suas horas de trabalho se despreocupam totalmente de todo dever para com a sociedade e para consigo mesmos? Ocorre, acaso, o mesmo com aqueles que graças à preocupação oficial ou privada conseguiram ter mais do que tinham e, depois, nada fazem por conservar o adquirido e por corresponder a isso com o esforço pessoal que demonstre sinais cabais do próprio melhoramento?

Feliz será o dia em que isto ocorra; em que as classes trabalhadoras possam viver uma vida digna e folgada; mas, repetimos, isto nunca haverá de ser alcançado se nelas não surja uma ampla e verdadeira compreensão de seus deveres e responsabilidades para com a sociedade, que sem exceção, a todos incumbe. Deve existir uma correspondência mútua de preocupações e esforços, naturalmente que na medida das possibilidades de cada um. Isso haverá de ser a contribuição mais firme e eficaz que se poderia fazer com o fim de alcançar nobres e justas soluções tendentes a resolver o problema social que, hoje como ontem, constitui uma das mais profundas preocupações em todos os países do mundo.

MODOS E ATITUDES NA VIDA DOS POVOS



Com o término do conflito bélico, que há mais de cinco anos assolava o mundo, assistimos também ao término de uma época que conclui um dos capítulos mais trágicos e dolorosos da história; época que se caracterizou por um crescente movimento de absolutismo, de separatismo e de violência.

Sabido é que o absolutismo, qualquer que seja sua forma de manifestação, seja no campo político, seja no espiritual, social ou econômico, se opõe a toda ideia de colaboração. Daí que nos países onde apareceu como sistema de governo, seus habitantes se viram submetidos a uma escravidão que, pouco a pouco, como expressou recentemente um militar norte-americano de alta graduação, ao contemplar os brutais procedimentos do nazismo, culminou numa morte mental que precedia à anulação da vida psíquica e à própria morte física.

Ao contrário, os governos dos países aliados – que em nenhum momento desconhecaram os direitos do homem nem propiciaram qualquer tipo de restrição às liberdades que foram as maiores conquistas de nossa civilização –, fizeram um verdadeiro culto à colaboração; e tão estreita e ampla foi esta entre os povos que se alistaram contra os bárbaros do totalitarismo, que seus resultados não se fizeram esperar. Uma série ininterrupta de triunfos esmagou aqui e ali os inimigos da família humana e culminou com a derrota total daqueles que pretenderam dominar e escravizar o mundo por meio do terror.

O espírito de colaboração presidiu sempre o pensamento dos estadistas e chefes aliados em cada uma de suas reuniões, nas quais tiveram que abordar os mais complexos problemas e as situações mais difíceis. Sem essa colaboração, tão espontânea e amplamente manifestada, a nada se poderia chegar, já que haveria faltado o fator mais importante: a unidade no entendimento pela coordenação do esforço e a contribuição moral e material dos integrantes da comunidade aliada.

Não é exagero assinalar o erro de muitos ao conceituar os meios empregados por uns e outros e sua forma de atuar. Efetivamente, quantos não creram que durante o incremento do nazismo e do fascismo existia na Alemanha e na Itália um franco ânimo de colaboração, tanto no campo interno como no externo, semelhante ao que houve sempre nos países democráticos. Porém, não era assim; a colaboração havia sido substituída pelo servilismo, já que ao não tolerar discrepância alguma com o pensamento dos ditadores, aquela cessava, impondo-se pela força a obrigação de prestar serviço aos fins ideológicos sem a menor independência de critério.

O saldo que deixou o totalitarismo com seus métodos absolutistas está hoje à vista do mundo inteiro. Horrores, misérias, calamidades de toda espécie; eis aí o fruto dessa sementeira macabra. A humanidade experimentou na própria carne e em seu próprio espírito a lição mais amarga que pôde receber e sofrer ao longo dos séculos de sua existência. Será aproveitado esse ensinamento que tantas lágrimas, tanto sangue e tanto sofrimento custou ao mundo? Temos de confiar que sim.

As preocupações dos países aliados, no sentido de assegurar a paz mediante a adoção de medidas que tendam a evitar outra guerra futura, demonstram bem às claras que a experiência foi muito grande, e muito profunda sua repercussão na vida dos povos, e que se lutou com a maior decisão e coragem para frustrar os planos diabólicos do implacável inimigo; não haverá de ser em vão o esforço nem estéril o sacrifício que custou a todos.

Nesta hora de reconstrução universal se torna mais imprescindível do que nunca uma franca e ampla cooperação entre todos os povos do mundo. A colaboração de todos os homens será necessária para a edificação do futuro da humanidade. Entretanto, para que esta colaboração assuma o interesse e a importância de uma contribuição decididamente valiosa, terá que oferecer a segurança e a garantia de que o livre juízo e iniciativa serão respeitados no jogo harmônico dos grandes interesses humanos, pois nada estimula mais o espírito de colaboração do que saber que a contribuição pessoal, qualquer o campo em que seja dispensada, é tida em conta por aqueles que têm a obrigação e o dever de unir os esforços, sem diminuir ou desconhecer a contribuição individual.

E bem se poderia assegurar que se isto fosse compreendido em seu profundo significado e se concretizasse em todos os povos da terra seria factível a cada nação alcançar seu mais alto grau de expansão espiritual, moral e econômico, visto que ninguém haveria de negar sua cooperação ao esforço comum em bem de seu povo ou da comunidade universal, não havendo sido afetados sua dignidade e seus direitos por avassalamentos, que somente servem para coibir o ânimo, desmoralizar a alma humana e promover sua desorientação.

Nos regimes totalitários acreditou-se que a colaboração forçada poderia suprir a espontânea e livre, isto é, aquela que se manifesta com alegria e entusiasmo, mobilizando, para maior eficácia, todos os recursos da inteligência. E essa mesma crença impediu, não cabe dúvida alguma, que os que a exigiam advertissem a enorme desvantagem existente entre tal procedimento e o concurso da boa vontade, obtido pelos meios e formas toleráveis ao temperamento e à natureza humana.

Nestes dias tão amargos para a humanidade, sobretudo tão duros para as gerações do presente, não deveria omitir-se esforço no sentido de propiciar um amplo entendimento entre os homens; entendimento que somente pode ser realizado com base no respeito e na consideração mútua, no estudo e deliberação dos problemas em comum, na discussão limpa e elevada das ideias, seja qual for sua índole, e no franco e decidido apoio moral e espiritual às decisões que tendam ao bem geral, sem menosprezo de ninguém.

Em nosso país, que também vive como os demais povos do mundo as horas mais incertas de sua história, muito é o que haverá de ser feito em benefício de uma superação real e efetiva da vida política e social. E para que essa superação possa concretizar-se por vias naturais, será necessário que em tal sentido cheguem a coincidir todas as opiniões, após o esforço em comum para alcançar entendimentos francos e leais em amplas e férteis deliberações presididas pelo mais decidido empenho de compreensão mútua. Se isto for alcançado em nome dos mais elevados ideais de concórdia e bem-estar, se haverá dado um grande passo para a normalidade da vida institucional do país em todos os campos.

A PAZ, SINÔNIMO DE INDEPENDÊNCIA E DE TRABALHO



Nestes momentos em que as nações unidas, que defenderam em cruentas lutas os direitos e liberdades da espécie humana, estão em permanente estudo sobre o estabelecimento de uma ordem universal para a convivência dos povos, e lançam as bases para assegurar uma paz perdurável, o imperativo da liberdade e dos direitos humanos se manifesta mais do que em nenhuma outra época. Tão identificado está isto com o problema da paz que não será possível conceber separação alguma entre estas três palavras. O homem vive em paz consigo mesmo e com seus semelhantes somente quanto é livre e desfruta do pleno gozo de seus direitos; ou seja, quando sente a plenitude desses direitos conformados a seus deveres de ser racional e humano.

Criador natural, já que tal função é inata em seu ser como entidade inteligente, cria, impulsionado pelas forças incontidas de seu espírito que o leva a forjar um porvir, ou melhor ainda, um futuro que compense os duros transe e preocupações de seus primeiros tempos de luta na vida. É também, por natureza, previsor, ainda que em muitos casos tenha empalidecido e até chegado a extinguir-se este dom natural. Sua condição criadora e sua previsão o impelem a buscar o amparo em leis que garantam a permanência ou perduração, melhor dizendo, de tudo o que seja fruto de seus esforços, estudos e preocupações.

As leis constituem, pois, as fortes escoras que asseguram a solidez da paz na sociedade humana. Quando elas são substituídas pela arbitrariedade e se desconhecem os direitos dos homens, corre-se o risco de cair na anarquia e no caos social.

Em “Os Ofícios”, diz Cícero: “A injustiça é a ruína dos Estados” e explica como se arruinou uma república fundada com máximas muito sábias de governo”, reafirmando que “não somente foi ela arruinada, senão que esse contágio iniciado em Lacedemonia se espalhou, estendendo-se por todas as demais cidades da Grécia”. No mesmo capítulo, Cícero relata os elogios que merece Arato Sicínio, chamando esses elogios de imortais:

“Vendo gemer sua pátria sob a longa opressão dos tiranos que a dominavam pelo espaço de cinquenta anos, saiu de Argos para Sición e, entrando clandestinamente nela, apoderou-se da cidade. Surpreendendo o tirano Nicocles, fez voltar à cidade seiscentos desterrados que haviam sido os mais ricos e restituiu com sua vinda a liberdade à pátria. Mas advertindo grande dificuldade nos bens e posses e tendo por iniquidade que vivessem pobres aqueles aos quais havia restituído, cujas posses estavam já ocupadas por outros, e parecendo-lhe também que não era razoável remover delas os que pelo espaço de cinquenta anos as tinham e, além disso, porque no decurso de tanto tempo se possuíam muitas sem injustiça, umas por herança, outras por vendas e até por dotes, julgou conveniente não tirar dos que as tinham, nem deixar de satisfazer aos primitivos donos das posses. Vendo, pois, que para resolver tudo era necessário dispor de grande quantidade de dinheiro, disse-lhes que precisava viajar para Alexandria e ordenou-lhes que em nada tocassem até que ele voltasse. Efetivamente, com grande pressa, foi visitar seu antigo hóspede Tolomeo, que reinava no Egito depois da fundação de Alexandria, e havendo-lhe manifestado seus desejos de restituir a liberdade a sua pátria, junto com os motivos que o moviam, conseguiu facilmente este grande homem, que tão poderoso monarca o ajudasse com grande soma de dinheiro. Voltou com ela a Sición e aconselhou-se com quinze das pessoas mais importantes, que o informaram da situação, tanto dos atuais como dos primeiros possuidores; e, ao avaliar as posses, o fez de modo que uns se persuadissem a ceder o direito a elas, recebendo dinheiro em compensação, e outros achassem melhor que se lhes indenizasse à vista seu valor, por não recuperar o que era seu; assim conseguiu estabelecer a concórdia, sem que ninguém ficasse queixoso. Oh, magnânimo varão, digno de haver nascido em nossa Roma! Este é o modo de portar-se com os cidadãos e não levantar a lança (como vimos já duas vezes) em meio da praça e publicar seus bens com a voz de apregoador. A todos aquele grego julgou que devia atender; digna prudência de um homem sábio e magnânimo. Este é o porte, esta a verdadeira ciência de um bom cidadão: não destruir os interesses dos demais, senão medir a todos por uma mesma medida. Que! Habitar de graça em casa alheia? Como é isto? Que eu compre, que edifique, que guarde, que gaste minhas economias e que venha outro a desfrutar contra minha vontade? Que diferença há entre tirar de um o que é seu e dar a outro o alheio? E que outro fim é o destas novas leis senão que se compre propriedades com meu dinheiro, que as possua e que eu fique sem isso?”

Bem pode apreciar-se que o ocorrido na Alemanha e na Itália foi uma repetição desses excessos tirânicos que culminaram em uma destruição

impiedosa de vidas, valores e coisas, os quais não se repõem, certamente, com a facilidade com que foram destruídos, menos ainda com respeito às vidas, das quais não se pode esperar nenhuma reposição. Quem é capaz de negar, pois, o rigor de uma verdade tão pura e inquestionável como é a de que somente pode existir paz quando os povos se regem por leis que amparam a todos por igual e quando se respeitam os direitos que resguardam da usurpação e da pilhagem os bens particulares?

A magna assembleia das nações unidas, ao esboçar o estatuto que haverá de reger as relações futuras entre os povos, deverá considerar estes aspectos fundamentais do direito privado, porque em seu amparo reside a solidez e o afiançamento da sociedade humana como algo imprescindível para a preservação da paz.

A CONFERÊNCIA DE POTSDAM



A expectativa que suscitou no mundo a reunião dos três grandes em Potsdam foi satisfeita ao serem anunciados, num comunicado, os pontos tratados e resolvidos, ou a resolver, na citada conferência.

Além da importância e repercussão que necessariamente irá adquirindo no mundo o acordo das três maiores potências, o que de maior significado teve para o futuro das relações internacionais foi a boa vontade com que os chefes de estado se dedicaram ao estudo dos problemas, em si complexos e difíceis, e o anelo, reiteradamente expressado, de chegarem a acordos definitivos, prévia conciliação de cada ponto que oferecesse disparidade na maneira pessoal com que fossem enfocados.

Isto traz, como é natural, uma mudança substancial no cenário diplomático, já que ao serem tratadas diretamente por seus autorizados representantes as questões que interessam a um e a outro povo, se abrevia tempo e o resolvido adquire imediatamente o sentido do definitivo. Parece que o panorama mundial assim o exige, tendo em vista os aflitivos problemas que cada país e todos em geral têm que resolver, sem esquecer, logicamente, que hoje os problemas que afetam diretamente a um povo, afetam indiretamente aos demais.

Se às reuniões dos chefes de estado, que devem tratar assuntos vitais de alta política social e econômica, se acrescenta um constante intercâmbio com representantes de todas as atividades humanas de cada nação, para estreitar vínculos, os homens darão um grande passo para a compreensão básica de seus problemas, inquietudes e aspirações.

A magnitude da catástrofe que assolou a tantos países da Europa e até de outros continentes requer longos, profundos e meditados estudos, e,

especialmente, as situações que apresenta o desmembramento de tantos povos com seu conseqüente enfraquecimento moral, psicológico e físico. Daí que não possam ser contempladas de uma só vez todas as questões, e que às soluções que se vão dando aos diversos problemas haverá que acrescentar depois as melhoras que requerem ou tirar-lhes tudo aquilo que dificulte o processo do advento de uma nova era para o mundo; era em que a humanidade, em período de convalescença, haverá de dedicar seus maiores esforços para evitar uma recaída, que poderia ser-lhe fatal.

A esta altura dos acontecimentos, quando tanto há para fazer, reparar e reconstruir, é incrível ter que admitir que os homens exijam menos horas de trabalho e menos preocupações. O afã por edificar um mundo melhor, por consolidar os direitos humanos e solidificar uma paz verdadeira deve ser afã de todos, e todos, sem exceção, deveriam trabalhar incansavelmente a fim de que esse mundo do amanhã, anunciado como promissor e melhor que o do presente, seja efetivamente uma realidade e não uma ficção.

A RECONSTRUÇÃO DO MUNDO



Nestes momentos, terminada a guerra com a rendição incondicional do Japão, as nações unidas devem enfrentar os maiores problemas que as necessidades mundiais já puderam apresentar na história da humanidade. Para enfrentá-los torna-se imprescindível uma grande compreensão de parte dos povos e estadistas que têm em suas mãos a imensa tarefa de reconstruir tudo o que foi devastado pelo ciclone da recente contenda bélica. Dão uma ideia da magnitude de tais problemas as milhares de dificuldades que os povos escravizados, durante quase cinco anos, pelas nações totalitárias, devem superar como consequência dos anos de desolação, inclusive as próprias nações ditatoriais depois de vencidas; a reorganização do sistema econômico, com o peso das enormes dívidas e o esgotamento da fazenda pública, o que se apresenta com caracteres sombrios; a vida social que, afetada como jamais foi, deve voltar a ser fundamentada sobre as bases inabaláveis da família.

Tudo isso será possível enquanto o porvir econômico dos povos possa ser assegurado sem os temores de um futuro incerto que debilite a fé e a confiança nesta hora dramática que a humanidade vive. O exemplo neste sentido foi oferecido por um grande estadista e uma grande nação; referimo-nos aos Estados Unidos da América do Norte e ao seu ilustre mandatário, Sr. Truman, ao proclamar o cancelamento das dívidas de guerra a todos os países aos quais, com tanto amor, sacrifício e fé auxiliaram, desde o instante em que advertiram o perigo que corria o mundo, ante a perspectiva de domínio por parte dos bárbaros do nazismo.

Liberados os povos do peso de uma dívida que não haveriam sabido como pagar, dada a impossibilidade de fazê-lo em situações tão aflitivas,

abre-se ante eles um novo panorama e um novo horizonte, pois traço tão proeminente, além de comover profundamente o sentimento do mundo inteiro, assinala um novo rumo para a humanidade.

A generosidade deve ser, no futuro, virtude dos povos; assim se aprenderá a cultivar os sentimentos humanos sob a égide de um ensinamento que haverá de culminar na realização de uma verdadeira confraternidade entre homens e entre povos. O exemplo foi dado pela nação que se achava nas melhores condições de fazê-lo. Cabe esperar, pois, que todas as demais nações compreendam, por sua vez, o que representa para seu mais rápido desenvolvimento econômico o gesto do grande país americano. A nosso juízo, não caberia outra compreensão que a de cada povo corresponder, na medida de sua capacidade, para o afiançamento econômico e social de todos, colaborando eficazmente no imediato restabelecimento das atividades humanas.

Adverte-se bem claramente, pelas notícias que diariamente nos chegam de todas as partes do mundo, que a cada dia se enraíza mais nos governantes o convencimento de que é necessário preservar a humanidade, a todo custo e por todos os meios possíveis, de uma nova catástrofe. Deseja-se viver em paz, trabalhar e ser útil, a fim de que o gênero humano possa cumprir seus destinos como devem ser cumpridos, sem que nada ameace, no futuro, o porvir da humanidade.

O PRESIDENTE TRUMAN E SEU PROGRAMA LEGISLATIVO DE VINTE E UM PONTOS



Todos os jornais do mundo publicaram no dia sete deste mês o programa legislativo de vinte e um pontos que o presidente Truman apresentou ao Congresso dos Estados Unidos, o qual, conforme suas próprias expressões, servirá para abrir o caminho para a época de maior prosperidade que a história dos Estados Unidos haverá de registrar.

Surge desse programa a preocupação que embarga os governantes do grande país do Norte a respeito do porvir econômico de todas as nações do mundo. Adverte-se claramente o imenso desejo de restabelecer a ordem econômica em curto prazo, especialmente nos países mais afetados pela guerra. Tal preocupação e desejo não é outro senão a firme vontade, repetidamente expressada pelas nações aliadas, de que todos os países retornem ao eixo normal de suas atividades, sem que o tormento da miséria e da desocupação voltem a ser agentes de perturbação em suas vidas.

O grande número de navios que já podem ser utilizados para levar a produção de um ponto a outro contribuirá em sumo grau para aliviar a penosa situação em que hoje se encontram algumas nações da Europa, porquanto a recepção de matérias-primas importadas permitirá às suas indústrias ressurgir de novo, e ao comércio retomar o fio normal de suas operações.

As facilidades de todo tipo que a este respeito estão oferecendo as nações unidas, denota seu afã de fundamentar o progresso, a ordem e a compreensão de todos os problemas humanos sobre a base do entendimento mútuo das necessidades que afligem cada país. O que precede

está confirmado nas palavras do Presidente Truman, quando em sua mensagem diz: “Nesta hora da vitória sobre nossos inimigos estrangeiros, mostremos nossa resolução de utilizar todos os nossos esforços e energias para a construção de uma melhor vida aqui e um novo mundo melhor para as próximas gerações. Esta tarefa pode ser realizada e será cumprida”.

Assim como nada de tudo o que acontece nos momentos atuais deixa de comover igualmente a todos, nada tampouco pode ser hoje mais auspicioso para todos que observar a boa e grande disposição que existe no seio das nações unidas, por levar adiante a obra de bem e de progresso que propuseram em holocausto aos que caíram na luta contra o mal e movidos pelo anelo de compensar à dolorida humanidade que sobreviveu à catástrofe.

INFLUÊNCIA DAS CORRENTES MENTAIS



Em momentos como os atuais, em que a humanidade passa por períodos tão críticos, nada pode ser mais propício, como contribuição ao fomento das elevadas iniciativas e ao ordenamento do futuro do mundo, que o estudo amplo e sereno dos pensamentos que em épocas históricas predominaram no ambiente mental do orbe. Sem necessidade de nos internarmos nas dobras rugosas da história de longínquos tempos, vamos citar, partindo dos princípios de nossa era, os mais importantes, promovidos pelo movimento mental que o cristianismo iniciou. Este movimento, como a maioria dos que existiram até o presente, foi de reação, ou seja, a culminação de uma luta entre duas épocas: a que termina e a que começa.

Depois de se gestar na mente de muitos o pensamento reformador, sobrevém sempre o inevitável: ou a adaptação às exigências da nova corrente mental por parte da maioria ou a luta que travam os que, havendo realizado já a transformação de seus hábitos e modalidades, pugnam por impor os pensamentos que sustentam aos que ainda defendem os antigos costumes e modalidades. Inicia-se em tais circunstâncias um processo no qual atuam como agentes ativos dele as reações, as adaptações e as conciliações que, flutuando alternativamente nos temperamentos humanos, concluem, às vezes, por estabelecer os imperativos de consciência. No caso do cristianismo esse processo teve uma duração de séculos, sem que se conseguisse uma modificação radical no grosso da humanidade. Prova disso temos em que, correlativamente, esse processo social-religioso conteve outros que vêm de épocas remotas, sem que o primeiro influísse decisivamente sobre os demais.

A revolução francesa, que foi a culminação de um processo que teve seu epicentro no coração da Europa, determinou a causa que moveu o pensamento revolucionário: a trilogia liberdade, igualdade, fraternidade. Advém assim, no velho continente, uma era política e social que deve marcar rumos para as gerações vindouras. Mas o referido processo, bem claramente aparece, não foi amadurecido no crisol das etapas que haveriam de modelar o arquétipo definitivo. Isso explica o porquê, em períodos posteriores, se suscitaram tantas controvérsias sobre a finalidade buscada por aquela grande gesta histórica.

A humanidade, apesar de haver-se beneficiado com tão magno pronunciamento, não se adaptou inteiramente às exigências das novas correntes mentais que surgiram daquele movimento, e, em consequência, há pouco mais de um século sobrevém a revolução russa, que dividindo o campo mental daquela parte do mundo, estabeleceu uma corrente ideológica violentamente imposta ao povo de onde surgiu, com a finalidade de extirpar pela raiz seus velhos costumes e formas sociais. Este processo, ao qual se deu o nome de comunismo, vem sendo realizado desde o ano 1917. Desde então, os pensamentos diretrizes da ideologia comunista foram sofrendo uma série de inevitáveis modificações, já que nada é mais natural, quando as correntes se transbordam de seus leitos, que seu retorno a eles por gravitação imperiosa das leis que regem a estabilidade universal. Se a violência desumaniza, a moderação recoloca a humanidade nos eixos. Assim, pois, a lei lógica, a que impede a quebra do equilíbrio universal, oferece ao homem a segurança de sua continuidade humana e espiritual, ao reger com inexorável desígnio a imutável realidade que torna impossível a destruição da espécie. Esta mesma lei é a que com bastante eloquência demonstra que ninguém seria capaz de conter, num copo de medida comum, o conteúdo total de um barril; de modo que, por mais empenho ou obstinação que nisso se ponha, o copo somente conterá o que sua medida lhe determina.

Poucos anos depois do pronunciamento russo, surge na Itália a corrente de ideias chamada fascismo, que, com aparência de reação diante do comunismo, usa os mesmos métodos e busca não menos similares objetivos. Implantou-se, portanto, naquele país o que pela primeira vez se chamou totalitarismo, ou seja, a absorção de todos os direitos humanos pelo Estado.

O fascismo se move sob a égide de uma só e exclusiva vontade. O pensamento dos homens de inteligência, ao sentir-se diminuídos e oprimidos pela pressão da autoridade totalitária, empalidece primeiro e se extingue depois, ficando unicamente um reduzido número que, sem liberdade alguma para pensar, somente oferece à causa fascista o pouco que pode produzir a serviço das indicações e sugestões que recebe do supremo conselho. Assim é como a mencionada ideologia, apoiada na força, pode sustentar-se durante anos no poder.

Corrente após corrente, na ordem das ideias aparece logo na Alemanha uma nova e mais violenta ideologia: o nazismo. Ambas, por vontade de seus respectivos inspiradores, se unem com vistas a estender seu domínio por todo o continente europeu e, mais tarde, por todo o mundo.

Começou, como primeira atuação, a perseguição racial e o império de novas formas diametralmente opostas às adotadas pelos países democráticos; prossegue depois a invasão de territórios e a submissão dos povos, tudo o que promoveu o estalido da segunda guerra mundial.

Frente à ação decidida das nações chamadas do eixo, formou-se uma gigantesca oposição pelo bloco das nações democráticas, as quais ante a ameaça desses países se unem para contrapor-se primeiro à sua influência e enfrentá-las depois no campo de batalha. A esta decisão das democracias se somou, por sua vez, a Rússia dos Soviets, em momentos em que seu território – fato por todos conhecido – foi invadido em grandes extensões pelas forças germânicas. Semelhante coalizão, que se chamou das Nações Unidas, pôde derrubar um a um os baluartes do totalitarismo até obter a vitória final. De igual modo ocorreu com o império japonês poucos meses mais tarde, quando as forças aliadas içaram suas bandeiras em solo nipônico.

Com este acontecimento finalizou a contenda bélica; mas o que não terminou ainda é o processo que a humanidade vem sofrendo há anos por influência das fortes correntes mentais que, obedecendo a finalidades diferentes, procuram predominar, não só em um setor ou outro, senão em todos os pontos do mundo, abrangendo o total das atividades humanas.

Nessa pugna constante por manter de pé cada corrente de ideias, com suas respectivas exigências, a sociedade se vê envolvida na mais dura das

transições. É indubitável que de todas elas somente sobreviverão as que mais se aproximem aos desígnios humanos de superação.

Abolidos nesta forma os privilégios de casta, as prerrogativas da individualidade se abrem então, sem exceção alguma para todos os homens. O grande problema reside hoje em achar o lugar que corresponde a cada um no vasto cenário do mundo, conforme seus valores, capacidade, responsabilidade e seus recursos econômicos e intelectuais. É a solução deste problema, precisamente, a que maiores dificuldades apresenta no estabelecimento do jogo harmônico das relações humanas, visto que, segundo é medido e estimado por alguns, parece que as posições pessoais destacadas, mesmo conseguidas por próprio mérito, não deveriam existir. Tal conceito indicaria que as prerrogativas humanas teriam que ser restritas ou limitadas; nesse caso, o prejuízo afetaria diretamente a toda a humanidade. Se o crescimento das árvores fosse restrito, não se poderia obter delas grande produção, nem seus troncos ofereceriam o valioso elemento que oferecem à indústria; tampouco dariam sua sombra nos dias rigorosos de calor nem poderiam servir de expansão ao espírito que as admira nem de amparo ao homem que busca nelas o meio familiar para estabelecer sua moradia.

Encontramo-nos, pois, numa época de experiências e transformações tão crua, que indubitavelmente haverá de surgir dela, depois de se cumprir seu grande processo, as formas sociais e sistemas de governo que mais se adaptem às exigências do presente e do futuro. Enquanto esse grande processo se cumpre, ou melhor ainda, se realiza, haverá no mundo uma grande comoção de ideias e pensamentos que fluindo dos diversos campos de atuação deverão encontrar-se frente a frente no terreno das grandes soluções. Nada apresenta sinais mais convincentes disso que a última reunião de chanceleres ocorrida em Londres, onde os representantes de cada setor da humanidade tiveram ocasião de ensaiar a força de suas respectivas ideias acerca da futura organização do mundo.

Ali se viu que tratando-se de assuntos secundários não houve maiores discrepâncias, mas ao focar os grandes problemas não se pôde chegar a um acordo ou solução que conciliasse os pontos de vista sustentados pelos atuantes que representavam os setores já mencionados. Mas isso não pode ser considerado como um fracasso, porquanto constitui a primeira tentativa de compreensão mútua entre as grandes

potências que hoje discernem sobre o futuro da humanidade. Possivelmente, dada a índole dos problemas que enfrentaram e a delicadeza das questões que os rodeiam, haver-se-ia necessitado de um maior tempo para seu estudo. Esse estudo é, sem dúvida, o que atualmente preocupa, em primeiro plano, aos estadistas encarregados da tarefa de conciliação universal. Deve-se ter confiança, pois, em que hão de resolver-se todas as situações como melhor proceda para o bem dos povos do mundo, já que quanto maior seja essa confiança, tanto maior força terão as convicções sobre o êxito que coroará tantos esforços em prol da reconstrução do mundo e o estabelecimento definitivo da paz.

O TRABALHO E O BEM-ESTAR DOS POVOS



Ninguém poderia negar que os homens – e isto em todas as épocas e em todos os lugares da terra –, quando se dedicam ao trabalho com entusiasmo e amor, vivem contentes e a felicidade preside seus lares, cujo ambiente se torna aprazível e cheio de esperanças. Tampouco ninguém poderia negar que os homens entregues assim a suas tarefas diárias vivem tranquilos, sem agitações estranhas aos seus pacíficos temperamentos.

O bem-estar das famílias que cumprem com seus deveres domésticos e sociais, graças ao próprio esforço, nas tarefas a que cada uma se dedica, constitui a base da solidariedade e da paz dos povos, das nações e da própria humanidade.

Propiciar, pois, a livre iniciativa, garantindo ao homem o usufruto de seus afãs, quando estes se cristalizam em avanços de ordem econômica que por sua vez significam prosperidade para a família, e todos se beneficiam com tais afãs, é preparar um clima de confiança e entusiasmo a fim de que o homem procure desenvolver suas atividades na plenitude de suas energias físicas e mentais.

Sabido é que toda restrição à livre iniciativa desanima, constrange a vontade e torna infecunda a terra que deveria ser destinada aos cultivos generosos e abundantes colheitas. Se se quer que o direito e a justiça reinem efetivamente e rejam os destinos da humanidade, todos devem ter o lugar que lhes corresponde no desenvolvimento das atividades comuns, e o esforço de cada indivíduo, respeitado.

O DESENVOLVIMENTO DO COMÉRCIO MUNDIAL NO FUTURO



Ao começar esta era, iniciada no instante em que cessou o conflito bélico, todo o esforço dos povos se concentra na reorganização de suas indústrias e de seu comércio, como fontes de produção das quais depende a própria economia e a do mundo inteiro.

É lógico pensar, pois, que as antigas instalações industriais, paralisadas durante o tempo da conflagração, adquiram agora um grande impulso, além das que se irão criando para a fabricação das tantas novas invenções que a própria guerra propiciou e que hoje serão postas a serviço da reconstrução mundial. Quanto mais cedo possam resolver-se as pendentes questões alfandegárias em todos os países, tanto mais cedo afluirão aos portos os navios da paz levando os produtos necessários para sua subsistência, progresso e bem-estar.

O complexo problema das exportações e importações deve ser tratado com ampla visão, a fim de que todas as situações que a respeito possam apresentar-se consigam ser resolvidas com equanimidade e amplitude de objetivos.

Alguém disse uma vez que os portos em plena atividade, com numerosos navios, carregando uns e descarregando outros, enchiam os povos de otimismo porquanto lhes davam a sensação de que suas vidas se renovavam ao impulso do intercâmbio de suas produções. E isso é bem certo, como é certo também que, nessa intensa atividade dos portos, os povos pareceriam irmanar-se na compreensão de suas mútuas necessidades.

O ensinamento que o mundo recolheu depois de tantos anos de sofrimento e de tragédia parece anunciar o ressurgimento de um novo espírito de confraternidade universal. A isto, sem dúvida, obedecem o desejo e o esforço que se percebe em todas as nações por chegar a amplos acordos, especialmente os econômicos, que permitam e facilitem ao mesmo tempo o desenvolvimento comercial e industrial de cada país. É essa, efetivamente, a preocupação que hoje absorve grande parte da atenção dos governantes, conscientes que da mais rápida normalização do comércio internacional dependerá que os povos voltem a desfrutar de uma paz digna e estável.

E se todas as nações se aprestarem com a maior boa vontade para oferecer a participação que delas requerem as circunstâncias atuais, voltarão a reinar em todos os pontos da terra a confiança, a fé no futuro e a felicidade.

O CAPITAL PRIVADO E SUA ANTÍTESE



O triunfo da democracia sobre o totalitarismo é o triunfo da liberdade e dos direitos humanos.

Principia, pois, uma nova era, que se perfila como a mais fecunda e gloriosa de todas as que a precederam: a era do individualismo e do coletivismo conciliados em uma mútua compreensão de suas respectivas situações.

O mundo necessita hoje, mais do que nunca, da contribuição de todos os seus filhos para edificar um futuro que ninguém seja capaz de destruir. Existem para isso verdadeiras ânsias de colaboração entre todos os povos da terra e entre todos os seres humanos, sem exceção; somente se requer o estímulo, o grande estímulo da liberdade e do respeito à dignidade humana, para que as aspirações dos homens, livres de toda opressão, culminem dentro de seus respectivos campos de ação na mais bela das realidades, qual seria a contribuição que cada um prestará ao bem comum e à edificação de um mundo melhor.

Vimos sustentando há muito tempo, por meio de diversas publicações, que na iniciativa privada reside o principal elemento de progresso dos povos. Esta é uma verdade que se manifesta desde os primeiros tempos da história do gênero humano.

A liberdade de pensar e de atuar, junto com as garantias que amparam os direitos do homem, e as leis que resguardam sua vida e sua propriedade, estimulam o florescimento das ideias e o renascimento do entusiasmo pelo estudo e o trabalho, em alto grau, como uma necessidade imposta pela natureza mesma da espécie humana. Ninguém poderia negar que o progresso de um país, cuja população ascendesse, por exemplo, a dez ou

vinte milhões de habitantes, seria infinitamente maior se todos eles contribuíssem com suas ideias e esforços, ou seja, com a participação de sua iniciativa privada, do que se essa participação fosse proibida ou se fosse admitida tão somente em reduzidíssimo número.

A última guerra demonstrou finalmente como os povos declinam e se deslizam por pendentes resvaladiças até chegar à barbárie, toda vez que pretendem anular a iniciativa privada e negar ao homem seus direitos e suas liberdades. Muitas coisas e muito grandes pode fazer o homem quando seu espírito está livre de temores, de angústias e limitações.

Quando se tem a sensação cabal de que o produto da inteligência, do esforço e até do sacrifício não haverá de ser destinado ao usufruto de uns poucos senão ao de toda a humanidade, ou pelo menos, ao maior número possível de semelhantes, o impulso natural de pensar e de fazer livremente pareceria brotar do mais profundo da consciência humana.

Este é, pois, o incentivo mais edificante para o exercício do livre-arbítrio e das faculdades individuais, as quais, enquanto são superadas pelo esforço próprio daquele que as cultiva, beneficiam também, por reflexo de suas melhores atuações, a todos os que os rodeiam. Tem-se visto, ao contrário, quão nefasto tem sido o sistema dos totalitários, ao anular a iniciativa privada e converter o homem, por antítese, em um ente servil, de quem se extirpou toda a fecundidade espiritual.

Imensa há de ser hoje a felicidade que começa a experimentar a humanidade ao saber-se novamente livre e dona de seus próprios destinos. Se na era que terminou com a vitória aliada houve homens e povos que a desonraram, pode ter-se no presente a segurança mais absoluta de que os homens desta nova era haverão de honrá-la fazendo com que ela, a humanidade, volte a reinar no mundo com todas as prerrogativas e privilégios que lhe correspondem.

EVOLUÇÃO DO CONCEITO SOBRE OS PROBLEMAS SOCIAIS



Em tempos passados, que bem poderíamos prolongar até nossos dias, os problemas sociais se apresentavam somente nos países densamente povoados, cujos recursos não chegavam a satisfazer às necessidades das condensadas massas que buscavam para sua subsistência e bem-estar consecutivas melhorias de ordem econômica.

Para resolver essas situações, foram ensaiados diversos sistemas e se seguiram teorias expostas por sociólogos que se dedicaram a estudar tais problemas. Assim, cada país foi adotando para si o que considerava mais apropriado às suas realidades e aos seus meios. As leis trabalhistas foram se multiplicando em todas as partes, sem conseguir, contudo, uma solução de natureza permanente.

Nos anos compreendidos entre as duas grandes guerras mundiais, o fermento social transbordou sua medida para se reproduzir no campo político. Isso deu nascimento a ideologias que frutificaram na Rússia, Itália e Alemanha.

Paralelamente, nas nações democráticas, as massas trabalhadoras se organizaram em sindicatos e pouco a pouco foram conseguindo múltiplas melhorias e benefícios. Caberia perguntar, agora, que colaboração ofereceram como contribuição ao bem-estar geral e à ordem dos povos, e que deveres foram impostos para manter o equilíbrio de seus direitos? Daí surgiram muitos dos conflitos que se suscitaram entre o capital e o trabalho. Mas, para nos explicar com clareza, haveria que comprovar primeiro se as próprias massas trabalhadoras – aquelas altamente

remuneradas, que trabalharam nas grandes fábricas construindo os armamentos que depois foram utilizados para seu próprio extermínio e o de muitos outros seres que nada tinham a ver com as agitações sociais que tão agudamente e com bastante frequência se sucederam antes da recente conflagração – não foram as que, inconscientemente arrastadas pela miragem dos chamados triunfos sociais, incendiaram o fogo sob o qual caíram fulminadas.

Impõe-se nesta hora uma nova concepção dos problemas sociais, com base numa mútua estimativa dos valores, necessidades e merecimentos. É indispensável uma revisão completa das leis trabalhistas encaminhadas ao aperfeiçoamento, a fim de que as próprias massas diretamente interessadas se esforcem em ser cada dia mais eficientes e úteis à sociedade da qual são parte inseparável; assim as ideias, como os costumes e as demandas que formulem, haverão de merecer as mais justas apreciações do sentimento geral.

Para tudo isso será necessário alcançar a compreensão de que as posições que os trabalhadores obtêm na vida, ora por méritos pessoais, ora pela ajuda alheia, devem ser não somente melhoradas, mas também mantidas pelo próprio esforço e capacitação, uma vez que não é nada justo que o cuidado das situações particulares fique a cargo exclusivo dos mais aptos, dos que mais se preocupam em conservar o que tanto lhes custou obter.

Quando se estudam estes temas, dada sua índole especialíssima, há que classificar em dois setores a chamada classe proletária. A primeira, que felizmente soma um grande número, é aquela laboriosa, que se enraíza no solo e forma uma família de bons costumes, de cujo seio surgem muitos dos que depois passam à classe média, integrando também profissões diversas. É esta, com certeza, a massa trabalhadora que menos preocupações causa à sociedade, porquanto basta-se a si mesma e cumpre suas funções honradamente. Essas famílias que a integram são respeitadas e geralmente alternam com a classe média, como se pertencessem efetivamente a ela.

O segundo setor a que fizemos referência seria formado por aquele tipo de trabalhadores que por razões várias sempre se encontra em inferioridade de condições em relação aos demais. Para estes trabalhadores pareceria existir uma prevenção ou conceito diferente do que se

tem dos outros. O certo é que, ganhem mais ou ganhem menos, estes últimos sempre se acham em situações aflitivas, carecendo muitas vezes até de recursos para o próprio sustento ou o de suas famílias. Este é, pois, o assunto que conviria investigar a fundo para formar, se possível, uma nova consciência social, isto é, arraigar em suas vidas um conceito acerca do mundo, da sociedade e das coisas, mais amplo do que atualmente têm.

Dentro do sistema da ordem que impera nos países organizados e com vistas a um constante progresso, não pode ser tarefa difícil condicionar com estrita justiça a vida de tantos que vivem quase na indigência. Mas o que em verdade pode-se dizer, asseguraria a estabilidade social das massas trabalhadoras com suas respectivas melhoras, seria o afortalecimento de sua moral com base no respeito mútuo e também na consciência dos deveres que tal estabilidade lhes impõe. Isso fomentaria a ordem e a harmonia no jogo de todos os interesses humanos e ninguém mais que esses mesmos interessados haveria de preocupar-se por manter essa ordem que, afinal de contas, a todos beneficia e a nenhum prejudica.

O essencial é que cada um, sem exceção, contribua para que a paz se afiance nas nações e especialmente na grande família humana, a fim de que os problemas de toda índole, que diariamente surjam, possam ser resolvidos com serenidade, com claro discernimento e uma ampla concepção da justiça em suas duas inseparáveis colunas: o dever e o direito de cada ser humano. De fato se depreende que os que mais podem e têm deverão contribuir em maior proporção para que o mundo volte aos trilhos da normalidade, reduzindo e até eliminando os riscos que possam sobrevir acerca de um novo estalido no futuro, cujos estragos seriam incalculáveis.

O PROBLEMA SOCIAL E SUAS SOLUÇÕES



Ao se falar do problema social entende-se imediatamente que ele se refere, em sua quase totalidade, à classe menos acomodada da sociedade, isto é, à chamada classe trabalhadora ou proletária.

Nunca como na época atual este problema se tornou mais agudo em todos os pontos da terra, tanto que a agitação que promove sua constante discussão mantém os povos em uma espécie de crise de princípios que leva a inquietude a todos os espíritos. As massas trabalhadoras reclamam, por uma parte, maior compensação do trabalho mediante salários mais elevados, a fim de alcançar uma situação que lhes permita viver com folga e, por outra, aspiram a que se lhes assegure a estabilidade em seus empregos. Este é um assunto que vem se debatendo há muito tempo, sem que até o presente se tenha conseguido uma solução que ponha ponto final a tão tratada questão.

É indubitável que quando se encaram problemas desta natureza surgem dificuldades de toda índole que pareceriam dar por terra com as melhores intenções e propósitos dos que desejam de boa-fé conseguir sua ansiada solução. Mas o fato é que são muitos os fatores que concorrem para determinar sua insolubilidade. Assim, por exemplo, temos que na indústria e no comércio, salvo nas empresas muito importantes, se sofrem constantes oscilações que direta ou indiretamente, ou melhor dizendo, inevitavelmente, terminam por afetar as próprias massas trabalhadoras, ficando o problema social ainda sem ser resolvido, apesar dos frequentes aumentos de salários, pois a experiência tem demonstrado que o aumento do custo de vida torna ilusórias as melhorias obtidas.

A propósito disto, bom é recordar o que se faz na Inglaterra, onde existem empresas como as de telefones, por exemplo, que dão trabalho a uma infinidade de trabalhadores, para que confeccionem em seus respectivos

lares diversos tipos de peças, das milhares que necessita a maquinaria telefônica, podendo cada um especializar-se em sua produção e fazer disso uma profissão. Este fato demonstra como um número considerável de trabalhadores poderia ganhar seu sustento e viver honestamente com o esforço de seu trabalho, cujo salário poderá ser aumentado por si mesmo, já que fazendo maior quantidade de peças receberá maior pagamento.

Pois bem, se contemplarmos todos os aspectos que o problema apresenta, poderemos apreciar, sem grande dificuldade, que um princípio de solução que levaria talvez à solução total é, sem dúvida alguma, a instrução que necessariamente deve ser dada à classe trabalhadora para que, paralelamente aos aumentos que receba, saiba organizar sua vida e administrar suas economias. Tem-se comprovado em múltiplas circunstâncias que não progride muito o trabalhador com as melhoras que obtém se ao mesmo tempo não se preocupa em instruir-se convenientemente, visto que sem isso não pode abrir portas para maiores possibilidades. Dá prova disto o trabalhador inteligente que, na escala destas possibilidades vem se convertendo em patrão, enquanto que os que não se preocuparam por capacitar-se permaneceram na mesma posição apesar das melhoras obtidas.

Em recentes oportunidades tem-se falado da participação do trabalhador nos benefícios das empresas, mas nada se tem dito sobre sua participação também nos prejuízos. Muito plausível seria a ideia se as empresas tivessem assegurados tais benefícios; referimo-nos, sobretudo e muito especialmente, às de menor tamanho, que são as mais numerosas e as que mais devem lutar para subsistir e poder prosperar como corresponde a toda indústria e comércio, dado que os prejuízos nas empresas de pequenos capitais têm levado, em muitos casos, ao fechamento de suas portas pela impossibilidade de poder cumprir com os múltiplos compromissos que têm que contrair. A falência de um comércio ou de uma indústria afeta também os trabalhadores que atuam neles e é lógico pensar, então, que há de ser preocupação comum de patrões e empregados propender para o melhor andamento dos negócios, já que da mútua compreensão depende em muito a referida prosperidade. Torna-se, pois, necessário que os trabalhadores sejam ilustrados com amplitude acerca de todos estes problemas que devem preocupar a ambas as partes por igual. É muito possível que desse interesse recíproco em conservar o que se tem surjam as mais felizes soluções. E muito haverá de contribuir para isso a competência do trabalhador e sua estimativa por parte dos empregadores.

Ó LIVRE COMÉRCIO MUNDIAL



Regressando-se do México, o Sr. Harry Truman, Presidente dos Estados Unidos da América do Norte, ao receber o título *honoris causa* de Doutor em Leis, com o qual foi distinguido, pronunciou um discurso na Universidade de Baylor, em cujas palavras, claras e terminantes, nas quais expressava as preocupações que o embargavam a respeito da paz do mundo, expôs seu pensamento sobre como deveria ser a linha a seguir no futuro, para evitar, assim o manifestou, uma guerra econômica. Disse nesse sentido:

“Nestes precisos momentos o mundo inteiro concentra parte considerável de seus pensamentos e energias na consecução de seus fins de paz e liberdade. Estes propósitos estão indissolavelmente unidos a um terceiro: a restauração do comércio mundial. Para dizer a verdade, estas três finalidades – paz, liberdade e comércio mundial – são inseparáveis. As graves lições do passado o têm demonstrado.

Uma grande parte de nosso povo costumava pensar que podíamos escapar dos perigos mundiais mantendo-nos simplesmente dentro de nossas próprias fronteiras. Duas guerras nos demonstraram quão equivocada estava. Hoje sabemos que é impossível conseguir a segurança por meio do isolamento. Se temos que viver em paz, deveremos nos associar a outras nações num esforço contínuo, tendente a constituir um mundo de paz. A ciência e a inventiva não nos deixam alternativa.

Ao término da primeira guerra mundial os Estados Unidos propuseram o estabelecimento de uma Liga das Nações – organismo destinado a manter a ordem mundial –, mas quando nossa proposta foi aceita e se constituiu a Liga, este país negou-se a participar dela. Poderia qualquer pessoa sensata deixar de compreender hoje o que esse erro custou a este país e ao mundo?

Mas desta vez tomamos uma senda diferente. Nosso país teve parte destacada na formação das Nações Unidas, na organização de seus conselhos, comitês e comissões e na iniciação de suas tarefas. Estamos fazendo tudo o que podemos para fomentar a cooperação internacional. Estamos consagrados ao seu bom êxito.

Esta não é, nem deverá ser jamais, a política de um só governo ou a política de um só partido. É a política do povo dos Estados Unidos. Neste país estamos unanimemente decididos a impedir uma nova guerra.

Mas alguns não se dão completa conta do que devemos fazer para realizar esta política. Ficam, todavia, aqueles que opinam que devemos limitar nossa cooperação com outros países às relações políticas; que não será necessário cooperar no que se refere às questões econômicas.

Esta atitude conduziu por vezes à afirmação de que deveria existir um apoio bipartidário da política exterior dos Estados Unidos, mas que não é necessário um apoio idêntico para a política econômica exterior dos Estados Unidos. Essa asseveração carece por completo de bom senso.

Nossas relações exteriores, políticas e econômicas são indivisíveis. Não podemos afirmar que estamos desejosos de cooperar em um terreno e remissos em outro. Agrada-me fazer notar que os dirigentes de ambos os partidos compreenderam essa premissa.

Os membros das Nações Unidas renunciaram a agressão como método de resolver suas diferenças políticas. Em vez de porem seus exércitos em pé de guerra, convieram em reunir-se ao redor da mesa das deliberações para discutirem seus problemas. Em qualquer disputa que se apresente, cada uma das partes exporá seus pontos de vista e no interesse de todas se encontrará uma solução justa e equitativa. Esta é a forma de manter a ordem internacional. Essa é a forma de proceder de uma comunidade civilizada. Pode aplicar-se, com igual lógica, o acerto das diferenças econômicas.

Esses conflitos econômicos não têm aspecto espetacular, pelos menos em suas etapas iniciais, mas sempre são de caráter sério. Qualquer país pode assumir uma atitude defensiva de seus próprios produtores, sem consultar ou notificar a outros países ou sem ter em conta a forma em que estes sejam afetados. Poderia, sim, reduzir suas compras de mercadorias de outros países, elevando suas tarifas alfandegárias ou decretando a proibição ou um sistema de cotas para as importações. Quando o fizer, alguns produtores descobrirão que bateram os narizes nas portas de seus mercados.

Poderia ocorrer que uma nação concedesse um subsídio a suas exportações, vendendo suas mercadorias no exterior a um preço menor do que o custo. Quando isto ocorre, algum produtor de outro país descobrirá que seu mercado foi inundado de artigos. Isto significa o “dumping”.

Em qualquer desses dois casos, o produtor se indigna, como ocorreria a qualquer um de nós em um caso semelhante. Os lucros desaparecem e os trabalhadores ficam sem trabalho. O produtor considera que foi vítima de uma injustiça sem motivo nem prévio aviso. Dirige-se a seu governo, em busca de ajuda e o governo toma represálias, iniciando assim uma nova luta de aumentos de tarifas aduaneiras, proibição de importações, cotas e subsídios. A tudo isso se dá o nome de guerra econômica. E em uma contenda desse tipo não há vencedores nem vencidos.

É irrefutável que na última guerra econômica não houve nenhum país vencedor. Conforme iam se desenvolvendo as diversas batalhas dessa guerra da década passada, era mais evidente o trágico resultado que produziria. O mundo passou das tarifas Hawley-Smoot ao acordo de Ottawa e ao sistema de preferências imperiais. De Ottawa, passou às complicadas e intermináveis restrições ditadas pela Alemanha nazista. As nações afogavam o intercâmbio normal e estabeleciam, em todo o mundo, discriminações contra seus vizinhos.

Que setores desses povos se beneficiaram com esse sistema? Não foram por certo os depositantes que perderam suas poupanças ao falir os bancos, nem os agricultores que perderam suas terras, nem os milhões de desempregados que tiveram que ir para as ruas infrutiferamente em busca de trabalho. Não pretendo assegurar que os conflitos econômicos tenham sido a única causa da depressão. Mas sim, posso afirmar que foram uma das causas principais.

Atualmente, como ocorreu em 1920, chegamos a uma encruzilhada da história. As economias nacionais foram desorganizadas pela guerra. O porvir se apresenta inseguro em todas as partes. As políticas econômicas atravessam um estado de flutuação. E nesta

atmosfera de desconfiança, dúvidas e vacilações, o fator decisivo será o tipo de direção que os Estados Unidos deem ao mundo.

Somos o gigante do mundo econômico. Seja ou não de nosso agrado, as futuras normas das relações econômicas dependem de nós. O mundo está alerta e à expectativa de nossos atos. Somos nós quem temos de escolher. Podemos conduzir as nações a uma paz econômica ou lançá-las numa guerra econômica. É necessário que não haja a menor dúvida a respeito da rota que haveremos de seguir. E de nenhum modo devemos voltar a viver os dias da década de 1930.

Opino que existem abundantes provas de que jamais voltaremos a incorrer naqueles erros primitivos. Realizamos um excelente primeiro passo. Nosso governo interveio, de forma total e de acordo com a UN, na organização dos organismos de cooperação internacional que terão a seu cargo a tarefa de resolver os problemas de ajuda, de refugiados, de alimentação e agricultura, de navegação marítima e aérea, de empréstimos para a reconstrução, desenvolvimento e estabilização das divisas monetárias. E agora, com o objetivo de impedir uma nova guerra econômica, nosso governo propôs e os demais aceitaram, que se estabeleça dentro das Nações Unidas outro organismo que se ocupe dos problemas e da política que afetam o intercâmbio mundial. Trata-se da Organização Mundial do Comércio.

Este novo organismo aplicaria às relações comerciais os mesmos princípios de retidão que as Nações Unidas aplicam às relações políticas. Em vez de contar com uma liberdade ilimitada para decidir medidas de agressão econômica, seus membros teriam que aceitar um código de conduta e se comprometeriam a viver de acordo com suas disposições. Em vez de aprovar medidas prejudiciais a outros, sem prévia advertência e consulta, os países se reuniriam em conferências para deliberar.

Em qualquer disputa, as partes poderiam apresentar seu caso. Teriam em conta os interesses de todos e se acharia uma solução justa e equitativa. Esse é o caminho que conduz à paz, tanto na economia como na política internacional.

A tarefa de redigir o estatuto do organismo internacional de comércio foi iniciada pelos Estados Unidos e realizada por uma Comissão Preparatória integrada por representantes de dezoito países, que se reuniram em Londres no outono passado. Deverá ficar concluída na segunda reunião da referida comissão, que será efetuada em Genebra, a partir do dia 10 de abril próximo.

O progresso alcançado até agora no desenvolvimento deste projeto constitui um dos acontecimentos mais alentadores que ocorreu desde o término da guerra.

Se as nações conseguem pôr-se de acordo para guiar-se por um código de boa conduta no comércio internacional, cooperarão com mais gosto em outros assuntos internacionais. Esse acordo evitaria a amargura que encerram as guerras econômicas e estabeleceria, também, uma atmosfera congênita para a manutenção da paz.

Como parte deste programa, solicitamos às outras nações do mundo que se unam a nós para eliminar as barreiras que se opõem ao comércio. Não lhes pedimos que as eliminem todas, nem oferecemos fazê-lo nós. Mas propusemos que se realizem negociações tendentes a conseguir a redução das tarifas alfandegárias, tanto neste país como no exterior, a eliminação de outras medidas de caráter restritivo e o abandono das discriminações. Estas negociações serão realizadas na reunião de Genebra, no próximo mês. O êxito deste programa é essencial para o estabelecimento da Organização Internacional de Comércio, a cooperação efetiva do Banco e do Fundo Monetário Internacional e para reforçar integralmente a estrutura de cooperação das Nações Unidas nos assuntos de índole econômica e política.

As negociações de Genebra não devem fracassar. Há algo que os norte-americanos apreciam ainda mais que a paz: é a liberdade; a liberdade de cultos, de palavra, de iniciativa, se bem é certo que as duas primeiras estão relacionadas com a terceira, porque ao longo da história, a liberdade de cultos e a liberdade de palavra têm sido com frequência privilégios das sociedades que dispensaram amplas garantias à iniciativa privada. A liberdade floresceu sempre onde se dispersou o poder e feneceu, ao contrário, onde o poder se centralizou de forma excessiva. Assim, pois, nos Estados Unidos nossa devoção para com a liberdade de iniciativa tem raízes mais profundas que um simples desejo de proteger o direito de propriedade: é parte e forma de tudo o que nós chamamos norte-americano.

O padrão de comércio internacional que mais nos guia para a liberdade de iniciativa é aquele no qual as principais decisões não são adotadas pelos governos, senão pelos compradores e vendedores privados, em condições de concorrência ativa e com garantias adequadas contra o estabelecimento de monopólios e consórcios internacionais. Sob esse sistema, os compradores e vendedores realizam suas operações no lugar, tempo e quantidade que lhes convenha, baseando-se unicamente como guia nos preços que rejam o mercado. Os produtos se movem de país a país respondendo às oportunidades econômicas. Os governos poderão impor tarifas alfandegárias, mas não determinar o montante das transações, as fontes das importações ou o destino das exportações. As transações individuais são assunto de escolha particular. E essa é a essência da livre iniciativa.

O padrão de comércio que menos nos guia para a liberdade de iniciativa é aquele em que as decisões são adotadas pelos governos. Sob esse sistema, o montante das compras e vendas, as fontes de importações e o destino das exportações são determinados por funcionários públicos. Em alguns casos, o comércio será dirigido pelo Estado. Em outros, todo ele, ou parte dele, ficará em mãos de particulares, mas ainda assim o comerciante não ficará em liberdade. Os governos escolherão os assuntos mais importantes e o comerciante terá que ajustar-se à situação o melhor que lhe seja possível.

Essa foi a norma nos séculos XVII e XVIII. A menos que atuemos com decisão, poderia ser também a do próximo século.

A pressão econômica se faz sentir em todas as nações do mundo. As que foram devastadas pelo conflito bélico tratam agora de reconstruir suas indústrias. Seus pedidos de importações nos meses vindouros excederão em muito sua capacidade de exportação, pelo que se considera que as importações deverão ser controladas o quanto antes.

Os países atrasados em seu desenvolvimento econômico tratam de industrializar-se. E a fim de que seja possível estabelecer novas indústrias, também eles consideram que as importações de competência devem ser severamente fiscalizadas.

Mas isto não é tudo. Há uma grande demanda para os produtos de determinados países, ainda que os compradores de além-fronteiras não possuam divisas daqueles países, em quantidade suficiente para cobrir o custo dos artigos de que necessitam e se dão conta de que é muito difícil obter essas divisas. Ao fazer suas aquisições, os países importadores tratam, em consequência, de estabelecer discriminações contra os países de cujas divisas carecem e uma vez mais voltam a estabelecer que as importações deverão ser severamente controladas.

Uma forma de reduzir as importações consiste em restringir a liberdade dos comerciantes para adquirir divisas estrangeiras com as quais possam cobrir o valor dos artigos de importação. Mas o recurso desse estratagema está limitado agora pelas condições do convênio de empréstimo à Grã-Bretanha e pelos regulamentos da reserva monetária internacional.

Outra forma de restringir as importações consiste em aumentar as tarifas alfandegárias. Mas se desejar estabelecer controles realmente severos do comércio internacional, não bastam as tarifas alfandegárias. Pode-se recorrer a medidas ainda mais enérgicas. Poderão decretar-se cotas para a importação, produto por produto, país por país e mês por mês. Poder-se-á proibir os importadores de adquirir mercadorias no exterior, sem haver obtido uma licença prévia. Aqueles que adquirirem mais do que o permitido poderão ser multados ou condenados à prisão. Tudo o que entre num país poderá manter-se dentro dos limites determinados por um plano centralizado. Isso se chama economia dirigida. E esse é o rumo que segue atualmente a maior parte do mundo.

Se essa tendência não mudar, o governo dos Estados Unidos se verá obrigado, cedo ou tarde, sob pressão, a empregar os mesmos estratagemas na luta pelos mercados e pelas matérias-primas. E se o Governo cedesse a essa pressão, não tardaria muito em encontrar-se numa situação que o obrigaria a prorratar as importações entre os importadores, e os mercados estrangeiros, entre os exportadores, assim como indicar a cada comerciante o que pode comprar ou vender, em que quantidade, quando e onde. Isso é, precisamente, o que temos procurado impedir, tão rapidamente quanto possível, desde que terminou a guerra. Esse não é o sistema norte-americano, nem o caminho que conduz à paz.

Felizmente, na Carta da Organização Internacional do Comércio ofereceu-se uma alternativa que deverá ser aprovada em Genebra. Essa carta limitaria a liberdade atual dos governos para decretar disposições dificultosas a respeito do seu intercâmbio internacional. A nova organização exigiria dos países filiados que se dispusessem a estabelecer essas restrições somente em casos excepcionais, num futuro próximo, e a interrogá-las completamente, tão logo seja possível.

As negociações sobre tratados de comércio concorrentes com as deliberações acerca da Carta permitiriam às nações que se encontram atualmente em dificuldades a sair delas, facilitando-lhes livre acesso aos mercados mundiais. O desenvolvimento deste programa tende a restaurar e manter um sistema de comércio compatível com a ininterrupta liberdade de iniciativa em todos os países que tenham optado pela liberdade em sua vida econômica. É um programa que atuará em bem dos interesses de outras nações, assim como dos Estados Unidos.

Se essas negociações tiverem êxito, nós deveremos assumir os mesmos compromissos que demandamos a outros países do mundo. Devemos estar preparados para fazer concessões em troca das que obtemos. Se fracassarem essas deliberações, perderemos a esperança de conseguir a imediata restauração de um sistema internacional no qual possa florescer a iniciativa privada. Desejo repetir que não deverão fracassar.

A última vez que se discutiu no Congresso a prorrogação da lei de convênios comerciais, disse – e agora quero reiterar – que os interesses internos ficarão protegidos neste processo de expansão do intercâmbio. Mas ainda há alguns que temem sinceramente que as negociações sobre tratados de comércio se traduzirão num desastre para determinados grupos da produção. Estou seguro que seus temores carecem de fundamento.

E acrescentou depois que, em resumo, a situação era a seguinte:

“1º. A lei de convênios comerciais recíprocos esteve em vigor desde 1934. Foi usada com sumo cuidado e estrita imparcialidade. Foram assinados uns trinta convênios comerciais com países estrangeiros. E o comércio aumentou, em benefício de nossa economia. 2º. Este governo não projetou, nas próximas negociações, a eliminação das tarifas ou o estabelecimento do câmbio livre. Tudo o que se tem considerado é a redução das tarifas

alfandegárias, a supressão das discriminações e o estabelecimento, não do comércio livre, senão de um comércio mais livre. 3º. No desenvolvimento das negociações não se derogarão as tarifas de qualquer modo. Nossa atitude será seletiva. Algumas tarifas serão reduzidas consideravelmente, outras, com moderação e outras permanecerão inalteradas. 4º. Em troca de tais concessões, trataremos de obter de outros países vantagens que beneficiem nosso comércio de exportação. 5º. Milhões de norte-americanos, nas granjas, nas oficinas, nas ferrovias, nos negócios de importação e exportação, nas empresa marítimas e aeronáuticas, nos bancos e companhias de seguros, em uma palavra, nos estabelecimentos comerciais atacadistas e varejistas, dependem em certa proporção do comércio exterior para ganhar a vida. Se temos que proteger os interesses dessas pessoas em seus investimentos e em seus empregos, deveremos tratar de que não diminua nosso comércio. Tomaremos como exemplo um desses grupos. Em 1946 exportamos três bilhões de dólares somente no ramo de produtos agropecuários, principalmente cereais, algodão, tabaco, produtos derivados do leite e ovos. Se chegássemos a perder uma parte substancial desses mercados estrangeiros, se reduziriam materialmente as entradas pecuniárias de mais de seis milhões de famílias de agricultores, com a conseqüente queda de seu poder aquisitivo para os produtos de nossas fábricas. 6º. Não existe a intenção de sacrificar um grupo determinado para beneficiar outro. As negociações terão como finalidade ampliar nossos mercados, tanto o exterior como o doméstico, em benefício de todos. Não será reduzida tarifa alfandegária alguma até que se tenha feito um minucioso estudo do assunto, até que se tenha escutado a opinião de todas as pessoas que queiram expressar-se e que tenham prestado uma consideração cuidadosa a seu caso. 7º. Em todos os convênios futuros se incluirá uma cláusula que permita a este governo – ou a qualquer outro – alterar ou derogar determinada concessão, se ela for ou ameaçar ser um sério prejuízo para sua indústria. Assim requer o decreto que expediu em 25 de fevereiro passado, depois de haver mantido prolongadas conferências com funcionários do Departamento de Estado e dirigentes da liderança do Senado.

Todos estes pontos – a história dos convênios comerciais, a forma em que se desenvolvem as negociações, a proteção que implica a cláusula opcional – deveriam ser garantia, se ela for necessária, de que os interesses nacionais não sofrerão prejuízo.

A política de reduzir as barreiras que tratam do intercâmbio pode ser considerada como uma política permanente deste governo. Está contida na lei de convênios comerciais recíprocos, auspiciada e executada durante vários anos pelo Sr. Cordell Hull. Reflete-se na Carta da Organização Internacional de Comércio e é uma das pedras angulares de nossos projetos para conseguir a paz. É uma política, numa palavra, da qual não podemos nem devemos nos afastar.

Àqueles de nós – e ficam ainda alguns – que tratem de socavar esta política para obter vantagens partidárias e retornar à época das barreiras elevadas e ao isolamento econômico, devo dizer-lhes o seguinte:

Tenham cuidado! Os tempos mudaram. Nossa posição no mundo se modificou. O caráter de nosso povo mudou. Os lemas de 1930 ou de 1936 estão lamentavelmente fora de moda. O isolamento depois de duas guerras mundiais seria uma confissão de bancarrota mental e moral.

Felizmente nossa política exterior econômica não descansa agora sobre uma base de estreitas ideias partidárias. Os dirigentes dos dois grandes partidos políticos expressaram sua fé em seus propósitos essenciais. Nisto, como em tudo o que tenha a ver com nossas relações internacionais, sentir-me-ei muito satisfeito se puder seguir contando com o apoio dos dois partidos.

Nosso povo está unido. Chegou a dar-se perfeita conta de suas responsabilidades e está pronto para assumir sua tarefa diretiva, assim como decidido a estabelecer uma ordem internacional na qual perdurem a paz e a liberdade.

A liberdade e a paz não se obtêm tão facilmente. Tampouco podem ser conseguidas pela força. Alcançam-se por meio da compreensão mútua e da cooperação e do desejo de proceder com equanimidade com todos os países amigos do mundo, em todos os assuntos de caráter político ou econômico. Prometamos, pois, seguir procedendo dessa forma agora e no porvir. Se os demais países do mundo imitarem nosso exemplo, haveremos conseguido alcançar os objetivos da paz permanente e da liberdade mundial.”

Estas palavras do presidente norte-americano hão de servir para meditar com profunda atenção sobre a gravidade e importância dos pontos que tocam, já que a todos concerne discernir acerca das situações e colaborar na medida da capacidade, posição e forças com que cada um conta, na obra de reconstrução mundial a que está dedicada a humanidade.

O livre comércio mundial, tal como expressou o Sr. Truman, é o meio mais eficaz para fundamentar a paz, e se o próprio Estado americano se propõe a dar o exemplo, é de confiar em que os demais países, cujos afãs de progresso e de paz são similares, haverão de seguir essa conduta que abrirá a todos os homens da terra uma nova era, promissora de ventura e de grandes esperanças.

Sob as normas do bom entendimento das necessidades de cada povo, o livre comércio mundial facilitará em sumo grau o advento de um mundo melhor. Naturalmente que para alcançar esse desiderato haverá que formar, no que concerne a este ponto, uma consciência, diríamos, universal e levar o esforço e a boa vontade de todos até a culminação feliz dessa máxima aspiração.

Implicará também, o referido comércio, na necessidade de aperfeiçoarem-se, especialmente as nações pequenas, a fim de balancear seu intercâmbio e manter o equilíbrio entre seu consumo e sua produção.

Tudo pode ser discutido e solucionado satisfatoriamente enquanto não intervenham fatores estranhos ao problema e enquanto a política de cada povo se mantenha dentro de suas fronteiras. Os ensinamentos extraídos do passado devem servir para não incidir-se nos mesmos erros, única forma de evitar que o mundo volte a naufragar ao sulcar de novo as águas, sempre em movimento irregular, da política mundial.

REFLEXÕES SOBRE LEGISLAÇÃO SOCIAL



Embora não fosse nada difícil, antes de ocorrer a segunda guerra mundial, predizer o final que teriam os sistemas que com os rótulos de nazismo e fascismo foram impostos na Alemanha e na Itália respectivamente, é mais cômodo fazer a autópsia agora, que estão mortos, do que quando gozavam de excelente saúde. Queremos dizer com isto que se pode falar com mais propriedade do passado que do futuro, sobretudo tratando-se de um tema tão escabroso como é o que se refere a reformas e a leis sociais. Quanto ao comunismo, este deveu sua sobrevivência à última contenda bélica graças a sua convivência com as grandes democracias, se bem que apenas terminada aquela, as partes conjugais entraram em franco divórcio.

Como uma reflexão e já entrando no tema, diremos que cronologicamente o comunismo antecede ao fascismo em alguns poucos anos, e do ponto de vista histórico, sobretudo em atenção a suas respectivas etiologias, ambos os fenômenos bem podem ser considerados simultâneos. No que respeita ao sucessivo desenvolvimento de seus órgãos, pode também apreciar-se a estreita relação que guardam, manifestada de modos opostos, mas coincidentes em suas derivações, já que as formas absorventes da acerada política de seus sistemas logo afogaram com seus métodos despóticos o acendrado individualismo, que sempre foi patrimônio do europeu.

Ao debilitarem-se no Velho Mundo as forças do individualismo, por depender sua existência, precisamente, do sagrado direito de viver livremente, as do totalitarismo irromperam com fúria incontida, fazendo cair um a um os prestigiados baluartes da democracia, menos o inglês, que soube

sobrepôr-se ao terrível empurrão e voltar sobre seus adversários, ajudado pelo colosso titã da América, para esmagá-los, corroborando com isso o acerto do velho líder, Sr. Churchill, quando disse em plena chuva de bombas e metralhas que a Inglaterra sempre perdia as batalhas, menos a última.

Evidente que uma guerra como a última, com sua seqüela de crimes de lesa-humanidade, suas intrigas e seu deslocamento espiritual, deixou um saldo bastante doloroso de experiências. À devastação material, pode dizer-se que seguiu a devastação espiritual e moral dos povos. O nome de Deus não parece contar já para nada na nova organização do mundo.

Em verdade, desde o instante em que se desencadeou o conflito bélico, parecera haver surgido sobre a terra o antideus, ou seja, o espírito satânico da destruição: ontem, incendiando cidades e assolando povos; hoje, interpondo-se como obstáculo na reconstrução do gigantesco edifício que se requer para a preservação da espécie. Esse espírito satânico se faz presente em todas as partes, da mesma forma que as pestes, que de quando em quando percorrem a terra, deixando sobre ela uma grande quantidade de vítimas. Atualmente tomou o nome de “confusão” ou “confusionismo”, isto é, a mescla de fascismo, nazismo e – mais acentuadamente – comunismo, com os princípios, leis e costumes da democracia. Entretanto, pouco a pouco haverão de ir-se perfilando, com seus traços próprios, os dois campos hoje em franca dissidência ideológica: a democracia e o comunismo. Não outra coisa pareceria mostrar-nos a interminável partida de xadrez na qual as peças vermelhas e brancas se movem com extrema precaução. A partida Washington-Moscou, dir-se-ia que entra agora numa fase de preparação estratégica de posições.

O público, esse grande público que assiste de todos os pontos do orbe às alternativas de tão singular partida, observa com verdadeira ansiedade o jogo e se esforça para adivinhar a sorte que afinal correrão seus movimentos. O pior é que, desse grande público que abrange toda a humanidade, uma parte, ainda que indiretamente, parece, ou tenta pelo menos, intervir nas jogadas, mas não para favorecer seu desenlace final, senão para tornar mais complicado o jogo e contribuir para a derrota plena de um dos competidores. Daí a grande expectativa e o natural aguçamento do interesse geral por saber, cada vez que um dos jogadores move uma peça, em que situação deixou o contrário e quais perspectivas estratégicas lhe oferece para responder.

Dada a pressa para encontrar as soluções que se acham pendentes num mundo conturbado por tantas agitações e necessidades, poderá considerar-se pouco apropriada a imagem da partida de xadrez, que tanta concentração e serenidade de espírito exige; mas, pensamos que tampouco destoa absolutamente da realidade, desde que, se entende, não ocorra a algum dos competidores dar um tapa no tabuleiro, fazendo voar novamente as peças pelo solo movediço e, por conseguinte, inseguro, da força.

Para compreender melhor o drama que hoje vive o mundo, é imprescindivelmente necessário conhecer o processo histórico dos povos até desembocar no que atualmente representam os dois grandes campos em que, social e geograficamente, se divide o mundo de nossos dias: democracia e comunismo, dos quais o último está absorvendo tudo o que ficou do fascismo e do nazismo, ou seja, os mercenários aborrecidos que buscam atenuar a derrota sofrida aglutinando-se com o comunismo.

A ideologia comunista sofreu variações de destacado relevo em seu processo de formação histórica, tanto que a teoria de Karl Marx, a qual, assegura-se, serviu-lhe de inspiração, está antiquada e inaplicável.

A semente de uma ideia pode, às vezes, surpreender pela proliferação variada da espécie que fecunda. Assim, por exemplo, a de Marx, que proliferou na mente de Lenin e na de Stalin em espécies diferentes. Ambos sentem mais que concebem a necessidade de introduzir fortes mudanças na concepção ideológica de Marx, mas, por sua vez, as circunstâncias e o passar dos tempos promovem outras mudanças no sistema, o qual, se bem não se ressentem em sua profunda maneira fundamental, sofre transformações em sua forma.

Nada novo nem moderno encarna o ideal comunista. Suas práticas provêm de tempos imemoriais. Remonta-se, talvez, à vida nômade, pois o coletivismo aparece já nas primeiras horas da história humana, fundamentando-se em necessidades primárias de defesa ante as tribos estranhas. Na idade da pedra, o comunismo já era lei nas cavernas, onde o espírito rudimentar tornava impossível outro tipo de convivência. Seguiu seu curso no desenvolvimento do mundo, aparecendo e desaparecendo conforme fosse propícia ou não sua vinculação com as respectivas épocas. Por isso é até ridículo quando marxistas, e até comunistas, dizem com desprezo que a democracia é um regime antiquado, incorrendo com isso em duplo anacronismo, porquanto professam uma

ideologia cuja diferença com a já desaparecida reside em que esta última, ao exumar-se, aparece revestida de sedutoras formas e sugestões.

Pois bem, pode-se dizer, acaso, que depois do manifesto de Marx e Engels, que data do ano 1847, e da propaganda incessante e angustiante do comunismo, as pessoas e as comunidades vivem melhor na Rússia que nos países onde impera o regime democrático? Que avanços pode-se assinalar em matéria social que a democracia já não os tenha superado em alto grau? E quanto maior é seu mérito, visto que teve que realizar todos os seus avanços sob a oposição permanente e solapada do comunismo, cujos líderes, na Rússia, onde jamais sofreram oposição de nenhuma natureza, sentem inocultável temor de que os habitantes das repúblicas soviéticas cheguem a saber que, nas nações onde impera a liberdade pela democracia as pessoas vivem em condições muito superiores às deles. Não outra explicação cabe a esse obstinado hermetismo e isolamento ao qual está submetido o povo russo. É uma confissão incontestável do fracasso da ideologia comunista.

Qualquer nação do mundo que se sinta, não apenas orgulhosa, senão satisfeita pela forma como resolve seus problemas, aprovados unânime e livremente por sua população, jamais fechará suas fronteiras para que os demais não se inteirem de como se vive nela, nem proibirá seus habitantes de inteirar-se de como as pessoas vivem em outros países. Eis aí a grande, a enorme diferença existente entre a democracia e o comunismo.

Ninguém esquecerá nem poderá negar que foi, precisamente, sob o signo e o amparo das democracias que se aboliu o trato brutal que era dado aos trabalhadores de antigamente; nem poderá deixar de reconhecer que no seio das democracias foram forjadas as primeiras leis de proteção ao trabalhador, as quais jamais implantou o comunismo por sua só inspiração. E essas melhoras sociais foram conseguidas pelas próprias classes trabalhadoras, às quais as democracias nunca negaram expressar seus pensamentos nem apresentar suas demandas em prol de um maior bem-estar.

Isto deve ser recordado por todos aqueles que, depois de haver obtido todos os benefícios imagináveis, no paroxismo da ingratidão e da insensatez, execram as democracias. O só fato de serem os homens tratados como humanos e não como bestas deve tocar o fundo de todas as consciências e impulsioná-las a agradecer a Deus a graça de serem livres.

A legislação social das democracias se mantém em constante evolução, sempre em busca de seu justo limite. E isto os teorizadores do comunismo deveriam entender muito bem, sem menosprezar a liberdade, o patriotismo nem a dignidade de ninguém. Também deveriam saber que para alcançar essa meta não é necessário desencadear o terror nem obrigar ou pretender obrigar todo o mundo a ajustar seu pensamento e livre-arbítrio aos severos e inúteis moldes fabricados para a opressão e desarticulação da família. Para os bons de coração, para os limpos de espírito, não pode ser difícil inferir com são juízo. Mas, que há de esperar-se dos imbuídos e apossados de um dogma dentro do qual pretendem ajustar as vontades para satisfação de suas paixões?

A espécie humana somente poderá subsistir e manter sua hierarquia enquanto exista a família, que é o meio vital e a força moral que sustenta e ampara os homens, distinguindo-os de todas as demais espécies que povoam o orbe.

A família é o templo sagrado onde cada ser humano aprende, no amor a seus pais e irmãos, a amar a Deus e aos seus semelhantes e é, ao mesmo tempo, o ateliê insubstituível onde se forjam as bases da unidade humana.

As democracias, que bem se pode dizer, percorreram apenas seu primeiro perímetro no curso dos tempos, souberam preservar a família de toda intromissão estranha às íntimas funções que a Providência lhe reservou. Nisso, talvez, resida o maior de seus méritos. E daí também que seja preocupação constante das nações democráticas elevar o padrão de vida do proletariado, conseguindo-se em algumas regiões dos Estados Unidos que este supere o da classe média. Entretanto, não se tem notícia alguma de que para alcançar esse fim se tenha devido submeter os povos a rigores políticos nem a censuras de nenhuma índole.

Como se vê, os estados burgueses, conforme os chamou Marx, têm adotado, paulatinamente, leis sociais que estão muito acima de tudo o que constituiu o ideal comunista, enquanto que seus fanáticos partidários de hoje não conseguiram implantá-las ainda em seu próprio país de origem.

A diferença substancial entre as duas ideias reside em que, enquanto o comunismo pretende que o proletário, ou seja, o trabalhador seja

sempre trabalhador, a democracia, pouco a pouco, converte o trabalhador em pequeno proprietário, comerciante, industrial, chegando a ocupar, como em nosso país, posições no Congresso da Nação e até altos cargos públicos.

Entretanto, não está exclusivamente no melhoramento das condições sociais do proletariado o meio de chegar a soluções permanentes. É indispensável que, paralelamente aos direitos que se reivindicam, surjam as obrigações, isto é, os deveres que logicamente se devem ter para afiançar a paz e o bem-estar de uma nação.

O PROBLEMA BÁSICO DOS POVOS

Construir e produzir



Entre os grandes problemas que em nossos dias preocupam a humanidade, se acha, sem dúvida alguma, o que concerne à reconstrução do mundo e à produção em grande escala de tudo aquilo que cada povo exige para satisfazer a suas necessidades.

Ninguém está alheio aos enormes estragos causados pela última guerra, especialmente nos países que foram devastados por ela ou que sofreram mais diretamente a influência de seu nefasto abalo. Porém, o mais grave foi, e seguirá sendo, enquanto não se raciocine de acordo com a realidade, a perniciosa repercussão que as crenças absurdas adotadas pelo comunismo e outras ideologias paralelas tiveram na alma das pessoas; crenças que têm sido exploradas na política para sugestionar e subjugar ao mesmo tempo as massas trabalhadoras, desde que alimentavam prerrogativas quiméricas, de todo ponto irrealizáveis por impedi-lo a própria lei natural do equilíbrio. Violentada esta, todo o sistema de convivência humana se desmorona, sobrevivendo o caos, ou seja, o envilecimento da sensibilidade e a corrupção integral do ser humano, com as lógicas consequências para as gerações futuras.

Disso já parecem se dar conta estadistas e governantes, ao advertirem o perigo que encerra, para os próximos dias que temos de viver, o clamor e as demandas do proletariado insatisfeito, que exige sempre salários mais altos e menos horas de trabalho.

Na Inglaterra, o senhor Attlee, primeiro ministro inglês, pressionado por situações cada dia mais insustentáveis, exortou cruamente o povo

britânico a produzir mais, assinalando que será necessário habilitar mais horas de trabalho para alguns; uma mudança de trabalho, para outros e para todos, trabalho mais intenso.

Por todas as partes se escutam hoje similares exortações; isto é, mais trabalho e menos folgas, e mais consciência e responsabilidade em cada um. Que não se iniba o livre desempenho das próprias e individuais capacidades; que se estimule e fomente a iniciativa privada, que tem sido e seguirá sendo sempre o baluarte da prosperidade humana.

Limitando a livre iniciativa se cortam as mais preciosas manifestações do espírito construtivo dos homens e dos povos; paralisam-se as atividades da inteligência quanto à produção e, em consequência, as classes menos capacitadas sofrem o colapso de semelhante paralisação, já que a inteligência, criadora de iniciativas, é a que fomenta a atividade, o trabalho e a que com seu engenho permite que os trabalhadores se agrupem para cumprir suas tarefas, a serviço de empresas úteis que servem, ao mesmo tempo, aos interesses inalienáveis de toda a coletividade.

Quando as demandas das classes trabalhadoras chegam ao limite tolerável, não podem ser aceitas sem que todo o sistema de convivência humana se ressinta aguda e sensivelmente, visto que, desde esse instante, as instituições que foram a custódia da cultura, da ordem e da paz, se desmoronam uma a uma, convertendo-se tudo em uma incontida voragem avassaladora da moral e de tudo o que contém uma nação civilizada em valores e méritos.

Chegou a hora de depor ambições e demandas em sacrifício do bem-estar da comunidade humana; de trabalhar com renovado entusiasmo; de trabalhar mais e melhor a fim de que a produção se multiplique em todos os setores da atividade, admitindo que somente será possível alcançar este desiderato quando as condições em que haverá de se desenvolver a atividade individual gozem dos requisitos que lhe são indispensáveis.

Somente assim cada um poderá extrair de seu patrimônio interno as inestimáveis reservas que em breve prazo se traduzirão no potencial dinâmico que move e fecunda as forças morais de uma nação, em plena harmonia com o consenso geral e as aspirações de todos os elementos nobres e úteis da sociedade humana.

VI. NOVAS BASES PARA ENFRENTAR A VIDA INDIVIDUAL E DE CONVIVÊNCIA

ADIANTAR-SE AO QUE INEVITAVELMENTE
ACONTECERÁ É PREVENIR-SE CONTRA AS SURPRESAS
QUE COSTUMAM AMARGAR OS DIAS FUTUROS



O grande valor do conhecimento logosófico no momento atual se baseia na preparação da mente humana e, por conseguinte, do homem mesmo, para que possa habilitar-se nas funções que haverão de corresponder-lhe nos próximos dias de sua existência.

As grandes transformações que o mundo está experimentando no campo social, espiritual e econômico fazem que seja, mais que necessária, imprescindível, a readaptação do temperamento humano às exigências da época em que vivemos.

As bruscas transições no aspecto moral e mental costumam ser penosas e até fatais para o homem comum.

Possuir a tempo os elementos com os quais enfrentar todas as mudanças e situações que se apresentariam em virtude dessas modificações que se vêm operando no seio dos povos, e utilizá-los com discrição e inteligência; eis aí a chave do futuro para os que querem em verdade não sucumbir na voragem dos acontecimentos e sobreviver ilesos, moral e espiritualmente. Poderão assim cumprir a nova grande etapa que se abre ante a vida com outras formas de pensar e de existir.

A Logosofia preconiza isto há dez anos. Conta já em seu haver com inúmeras previsões que no decorrer dos dias, daquela época até hoje, foram se plasmando em rigorosos acertos e não menos exatas ratificações.

Nos números sucessivos desta revista nos ocuparemos de importantes proposições sobre problemas do futuro, que não duvidamos haverão de interessar vivamente ao leitor.

UMA NOVA ORDEM PARA O MUNDO



Os primeiros a proclamar que era necessário estabelecer uma nova ordem de coisas no mundo foram os alemães.

Quando pela primeira vez ouviu-se isto, não deixou de causar, por uma parte, assombro e por outra, indiferença, e porque não dizê-lo, essa sugestão produziu também no ânimo geral, tão habituado a tomar as coisas em brincadeira, um estalido de reações tendentes a ridicularizar tal intento, por considerá-lo fora de oportunidade, dado à desordem existente na Europa, sem perspectivas próximas de solução enquanto não termine a guerra.

Mas hoje vemos que de Londres e de Washington se anuncia que deverá estabelecer-se, para o pós-guerra, uma nova ordem no mundo. Morrison, o ministro inglês, menciona significativamente que a experiência que estamos vivendo facilitará essa nova ordem. Nós pensamos que parte dela já se está vivendo, pois o entendimento humano, tão duro para admitir em tempos normais qualquer reforma, se submete docilmente nos momentos difíceis a tudo o que lhe ofereça alguma perspectiva para salvar as situações embaraçosas em que costuma colocar-lhe o rigor de certas realidades, que às vezes chegam a adquirir, como atualmente, caracteres de tragédia.

Até o Chefe da Igreja Católica falou da necessidade de combinar uma nova ordem para que a humanidade de amanhã encontre na reorganização a que se aspira maiores estímulos do que na que existia antes de desencadear-se o ímpeto bélico que açoita as gerações do presente.

Pois bem, se analisarmos as palavras de uns e de outros, vemos que pareceriam coincidir em tal aspiração, mas não nas bases sobre as quais

seria possível reconstruir o mundo e a sociedade humana, porquanto os princípios sustentados por ambos diferem em forma quase diríamos irreconciliável.

Não obstante, todos pressentem e até se diria que sabem, pelo império mesmo das necessidades que estão vivendo, que será necessário mais, que será inevitável reconstruir o que se está destruindo, mas com outros elementos e também com preocupações de outra índole. O que será impossível, doloroso é dizê-lo, é voltar à vida os que pagaram tão caro tributo, se pensamos que a maioria foi inocente de tudo quanto acontece aos povos em guerra.

Tem-se falado, pois, de uma nova ordem para o mundo. Convenhamos que no que respeita às fases social e econômica poderão fazer-se muitos ensaios e até fixar linhas que assumam o caráter de definitivas, mas ficarão ainda a política e a religiosa para adequar esse famoso círculo, cuja linha perimétrica, tão logo se estreita, se amplia conforme sejam as razões que se invoquem para tentar ajustá-lo aos cálculos da conveniência.

Por nossa parte sustentamos que aos que incumbe a tarefa de estabelecer uma nova ordem não lhes será possível, ou, se for, haverá de ser muito difícil conseguir o equilíbrio social que tanto se busca, pois mesmo quando se chegue a ensaiar novos tipos de vida, seja pela opressão ou pela anuência comum, sempre padecerão de falhas capitais que será imprescindível reajustar uma e outra vez, a menos que se enfoque pela raiz semelhante problema.

Em nossa opinião, a futura reconstrução do mundo e da sociedade deverá começar pela organização da mente humana, fazendo com que o homem conheça suas próprias defesas internas e se capacite para enfrentar a vida tal como ela deve ser enfrentada e vivida, com o conhecimento e a consciência cabal de sua possibilidade e sua responsabilidade e não como se tem feito até o presente, em que a maior parte dos homens tem ignorado a influência que os pensamentos têm na vida íntima e na de relação, a ponto de haver sido e seguir sendo ainda vítima de seu poder, o poder que eles exercem em todo o momento sobre a mente humana.

Ninguém poderá duvidar que será muito mais fácil que os homens se entendam quando sua evolução alcance o grau de realização suficiente

com base nos conhecimentos de ordem mental, tão necessários para conservar o equilíbrio psicológico e o funcionamento regular das faculdades internas, que quando a mente do ser permanece alheia às leis pelas quais deve reger seu pensamento.

Impõe-se, portanto, uma nova cultura nesta ordem e, a respeito, cabe-nos assinalar que a Logosofia já deu as bases e as linhas do que poderiam propiciá-lo até sua máxima expressão.

OS HOMENS NÃO SE EMENDAM



Uma e outra e milhares de vezes foram oferecidas ao homem inúmeras oportunidades para corrigir seus desvios e ajustar sua conduta às exigências lógicas de ser racional e culto, como deve ser por seu gênero e natureza. Mas, é bem comprovado quanto custa a ele desprender-se de seus hábitos e ideias, sobretudo se aderiram tanto à personalidade que quase não deixam lugar para que penetre um raio de esperança que modifique semelhante estado mental de obstinada resistência a toda mudança de vida que signifique alguma atividade à qual não estava acostumado.

Quão poucos são os que se detêm para examinar a vida em todos os seus aspectos, dentro do quadro das perspectivas humanas. O só fato de que haja os que apresentem condições, virtudes e características próprias de um estado de evolução muito superior ao comum revela, até à inteligência mais medíocre, que existem dentro de cada indivíduo possibilidades insuspeitadas, mas nem por isso menos reais e dignas de serem cultivadas e levadas até o máximo, isto é, até alcançar sua plenitude.

Não pense o leitor que desconhecemos a posição cética da maioria quando se trata de sugerir-lhe a necessidade de introduzir mudanças e novas normas em sua vida, nem tampouco que somos alheios à sátira ou espírito de troça que costuma apoderar-se dos que habitualmente tomam as coisas pelo rabo. Para eles, logicamente, não vai dirigida nossa prédica, ainda que ao final terminem por ser nossos amigos.

O ser humano, tão original em sua psicologia, quando não entende instantaneamente uma coisa, prefere, por tendência natural, levá-la ao campo da ironia, pois é a forma corrente de disfarçar o curto alcance mental que muitos padecem sem saber.

O certo é que o que cada um poderia fazer em seu exclusivo benefício, sem que o tempo o pressionasse e na paz do trabalho, não o faz por confiar tudo ao acaso. Chega-se até a pensar que custa não poucos sacrifícios realizar um labor de superação ao qual não se está acostumado, como se as vantagens fossem para outros, os quais desfrutariam das conquistas internas e dos bens que outorga a fecundidade do conhecimento.

Assim, se lançam ao esquecimento as amargas experiências que tantas vezes a humanidade teve que passar no curso de sua história, por causa, justamente, de ter descuidado o cultivo dos valores humanos, que são – forçoso é dizer –, os únicos que podem manter elevado o prestígio da espécie.

E sempre que tais valores deixam de preocupar o homem e, portanto, a sociedade, desaparece a consideração entre os semelhantes; a ordem existente se ressent e, para justificar omissões irremediáveis, se buscam as causas em tudo, menos na própria raiz do mal.

Aquilo que com uma altivez leonina se afasta e até despreza, depois se aceita de melhor grado, quando se está obrigado a acatar os piores tormentos e sacrifícios, como são os impostos pelas guerras. Deve estabelecer-se, pois, uma nobre e justa discriminação entre o que se refere à razão atuando com sensatez em favor do indivíduo e o que a força lhe exige ao entregá-lo como um dos tantos ao martirólogo da barbárie.

A humanidade deve compreender isto alguma vez. Tratemos todos que esse dia chegue o quanto antes e se haverá reivindicado seu nome ante os olhos da posteridade.

HÁ QUE MATAR O DITADOR



Cada ser, desde que balbucia as primeiras palavras e começa a manifestar seus desejos, mostra com meridiana clareza a presença, dentro de si, de um ditador que se empenha em impor sua vontade, pretendendo, ao mesmo tempo, e como consequência de tão caprichosa inclinação, que todos lhe façam o gosto, isto é – para não ficar com rodeios – lhe obedecam.

Esse ditador, cujo nome é a soberba embebida de amor próprio, é o que mais infortúnios causa ao homem, pois a intemperança, a violência e a intransigência são a trilogia inseparável de quem leva dentro de si aquele que pretende impor aos demais sua vontade. Quando é virtualmente deslocado de seu trono, o ser recebe imediatamente os benefícios da indulgência, da razoabilidade e da compreensão. Logo começa a se dar conta de que a convivência humana exige uma mútua tolerância e uma consideração que torne digna a conduta comum.

Não obstante, todos haverão de convir que é muito difícil matar esse implacável ditador que aparece inesperadamente, sempre que a oportunidade se apresenta, para exercer tais funções. Geralmente, acontece que se encontram frente a frente vários ditadores e, neste caso, é curioso observar as mudanças de atitude que experimentam uns e outros. Como consequência, muitos preferem adotar depois uma conduta mais em concordância com as boas maneiras e as regras de uma educação isenta de objeções.

Matar o ditador que cada um traz consigo não é tarefa fácil, mas, se se conseguir, significará toda uma liberação e até se experimentará a sensação de que um mundo novo se abre diante de si.

Nada há que afete mais sensivelmente o complexo mental e psicológico do ser que os impulsos irreflexivos e as arbitrariedades do temperamento.

A finalidade da existência deve se constituir para o homem sua maior preocupação. E sendo assim, a sensatez adverte que todo procedimento correto, nobre e amplo, há de inspirar simpatia e confiança, enquanto que toda postura caprichosa, autoritária e intransigente conspirará contra a própria personalidade.

A EVOLUÇÃO CONSCIENTE DA HUMANIDADE DEVE SER O IMPERATIVO DO MOMENTO ATUAL



Desde que a Escola de Logosofia começou a difundir seus ensinamentos, lá pelo ano de 1930, expressou repetidas vezes e com uma insistência que até pôde parecer impertinente – sobretudo aos que se consideram estar em dia com os conhecimentos humanos –, que se impunha nos homens uma mudança substancial do sistema de vida.

O certo é que não somente tem expressado, senão que tem ensinado como pode evoluir o ser conscientemente, isto é, com base na experimentação de uma série de processos que devem operar-se internamente, acusando, depois do cumprimento de cada um deles, um melhoramento, uma capacitação e um aperfeiçoamento visível e palpável ao confrontar o estado de evolução alcançado com o estado anterior, antes de começar a pôr ordem na vida e determinar os objetivos superiores a serem buscados.

A humanidade, pode-se dizer, tem vivido durante estas últimas centúrias à mercê de um destino incerto, cheio de inquietudes e tormentos. Daí que os grandes problemas ficaram sem solução e as diferenças entre os povos não tenham podido resolver-se pacificamente. Os homens, em sua limitação mental por falta de evolução, somente atinam ao recurso extremo das armas para impor seus pontos de vista ou transpor dificuldades que, conforme se tem visto, são insuperáveis por outras vias ou meios.

O quadro mais significativo podemos vê-lo quando logo depois de ser assinado o armistício que pôs fim à guerra de 1914, os governos

começaram a alarmar-se pela crescente desocupação, a qual insinuando-se primeiramente como problema secundário, adquiriu anos depois contornos insuspeitados. Não seria, pois, de estranhar que, para resolver o problema, se pensasse em enviar esses desocupados à guerra a fim de reduzir seu contingente ao mínimo; não obstante, é possível que tenham sido justamente os desocupados os que menos puderam contar-se entre o número dos combatentes, uma vez que foram alistadas as gerações mais jovens e as que antes pagaram com a vida o tributo que se lhes exigiu.

A evolução, pois, é imprescindível para o gênero humano, porém, muito mais necessária é para os homens que governam os povos, dada a enorme responsabilidade que lhes incumbe, não somente por seus acertos senão por seus erros. Esses erros costumam ser, às vezes, de tal magnitude que, como o evidencia a atual contenda, trazem como consequência a ruína de povos, misérias e sofrimentos espantosos de toda espécie.

É hora de que a humanidade reaja ante o próprio fracasso de seus deficientes sistemas de vida, nos quais em nada parece haver-se tido em conta a própria finalidade da existência, e se disponha, com o ânimo livre de preconceitos, à árdua, mas nem por isso menor e sublime tarefa de conquistar, palmo a palmo, esse mundo de maravilhas que a ignorância mantém oculto aos olhos do gênero humano; esse mundo que somente é possível conquistar pelo conhecimento de suas leis e a vinculação mais íntima que se possa alcançar com a sabedoria que transcende de cada partícula dele, para evidenciar-nos o ordenamento de sua perfeita criação.

Se deixarmos de lado todos os quadros sinistros da guerra com seus horrores e repugnâncias veremos que esta se converte no mais terrível dos golpes instrutivos que possa receber o mundo, capaz de comovê-lo em suas raízes mais profundas. É, ao mesmo tempo, um castigo que orienta o coração dos homens e um sinal por demais sugestivo para que encaminhem seus passos por outras trilhas mais promissoras do que aquelas que levam à perdição e ao extermínio da espécie humana.

Não sem alguma surpresa lemos no jornal “La Prensa”, num editorial de 28 de dezembro passado, o critério sustentado nele ao tratar os primeiros problemas da guerra na América. Em um de seus parágrafos

mais salientes, pretendendo explicar o desequilíbrio entre o progresso da ciência e o estado atual do mundo, expressava: “É que a humanidade não evoluiu na medida desses avanços da ciência”. Dizemos que nos causou alguma surpresa, porque sendo um ponto que a ciência logosófica vem tratando há mais de uma década, somente agora parece preocupar a atenção dos que escrevem nos jornais que servem de orientação a grande número de leitores deste e de outros países de nossa língua.

Nestas colunas e nas de outras prestigiadas publicações sustentamos, como ficou dito, a necessidade imprescindível de que o homem refletisse a tempo sobre as possíveis consequências de seu desenfreio e encaminhasse suas vistas para objetivos mais elevados, construindo para si uma nova individualidade com base numa organização plena de suas faculdades internas, que propiciasse uma superação gradual e efetiva, balanceando suas possibilidades, cada dia mais amplas, com o entesouramento de conhecimentos que, ao mesmo tempo, fundamentassem a obra construtiva consumada em seu próprio espírito.

Hoje como ontem, convencidos da verdade que sustentamos, dizemos que a evolução consciente é e deve ser para todas as épocas o imperativo da alma humana. Nada como a luz no entendimento para afugentar as sombras da ignorância que mantém o homem às escuras sobre o superior destino que deve alcançar se com seu esforço cria o mérito de sua própria emancipação moral.

RARIDADES DO CARÁTER HUMANO

Anotações para um psicólogo

O automóvel



O temperamento humano é irascível por natureza e o vemos manifestado em muitas ocasiões que a vida diária nos apresenta. Assim, por exemplo, vemos aquele que dirige um automóvel incomodar-se e irritar-se porque o auto que vai à frente anda pelo meio da rua e não dá passagem, sem perceber que o que o segue pode estar experimentando a mesma coisa a seu respeito, já que, muitas vezes, descuidadamente anda também pelo meio da rua.

Se o motorista vai apressado, costuma incomodar-se porque o auto a sua frente anda devagar e lhe impede a passagem. Se não tem pressa, faz a mesma coisa, mas não pensa igual, pois deixa esse trabalho para a mente daquele que vem atrás.

Frequentemente se “adjetiva” duramente contra quem, num descuido involuntário, choca levemente seu carro, mas se põe com cara de manso cordeirinho quando é ele mesmo que choca; poucas vezes o olhar é tão terno como nesta circunstância, para evitar o auto de infração ou o pagamento do estrago.

Também se “adjetiva” contra os pedestres que caminham devagar, quando há pressa em chegar a algum lugar. Ao contrário, os pedestres olham obliquamente e com certa expressão muito significativa o motorista que pretende empurrá-los, enquanto caminham sem pressa, às vezes em amena conversa.

Fica indignado também o motorista quando, ao cruzar uma rua, outro carro atravessa à frente sem buzinar e torna sua a calçada, tomando-a por

pista de corrida. Entretanto, semelhante temeridade, que dá bons sustos, não impede que este faça, às vezes, a mesma coisa e até ri do susto que provoca naquele que teve que frear de repente, enquanto passava como uma exalação.

E há que ver a impaciência que surge nele quando, desejando chegar ao seu trabalho é detido pelas manobras de um carro, que procura se colocar em um desses lugares que estão à margem da calçada e que são raríssimos em certas horas do dia. Mas, se é a ele que toca fazer as manobras, como o incomodam as buzinas dos que esperam, também impacientes, a que termine o estacionamento de seu carro com toda a felicidade.

Enquanto vai devagar por uma rua, como a Florida, onde há muitos pedestres, frequentemente, para que lhe deem passagem, os faz pular com as buzinas de alerta, parecendo-lhe isto uma coisa natural e necessária; mas se é ele quem caminha tranquilamente, sente-se violentado com as buzinas que dão um ou outro motorista para chamar-lhe a atenção e pedir-lhe a passagem que exige de todos quando está dirigindo.

Se quando quer sair com o carro que está estacionado em alguma rua do centro, onde atrás e à frente há uma fila apertada de carros e nota que qualquer dos mais próximos está freado, libera todos os pássaros que a imaginação pode abrigar; mas não diz nada nem tampouco importa quantos pássaros voam atrás ou à frente, quando por esquecimento, deixa seu carro freado.

Quando vai apressado, que em verdade é mais por costume que por necessidade, se altera porque algum carro se detém e interrompe o trânsito para que seus ocupantes desçam; quando o faz ele, fica com cara de assombrado ao ouvir a sinfonia que executam os autos detrás, pelo fato de parar com esse objetivo.

Se vai por uma estrada em certa velocidade e vê um auto parado, apenas desvia a vista para ver se lhe acontece alguma coisa e até costuma passar de longe, muitas vezes, sabendo que pode precisar de ajuda; se o que está parado por algum defeito é ele, aos que passam sem prestar ajuda, os considera desumanos.

Quando viaja à noite pelas estradas, lança mil diabos contra aquele que ofusca seus olhos, vindo em sentido contrário; entretanto, não adverte o que faz nem pode ouvir o que dizem os outros quando, com toda impertinência, os ofusca com seus faróis.

Acontece com frequência que perturba todo o bairro se, ao tirar o carro da garagem de sua casa, alguém colocou o seu diante dela, impedindo-lhe a passagem; nessa ocasião não deixa de reprovar e agrada que lhe peça desculpas, esquecendo-se que quando deixa o seu carro diante da garagem alheia, sempre tem um desculpa para justificar esse mau estacionamento e até discute acerca do direito que possa assistir ao outro sobre esse pedaço da calçada.

O PÓS-GUERRA

Eis aí o grande problema do futuro



Devemos pensar que os povos, quando se preparam para a guerra, são conscientes? Se tiver que adotar esse temperamento deve suportar-se também, com todo o rigor da lógica, que à guerra se vai porque é o único meio que os governantes têm para efetuar reajustes capitais na ordem econômica e social, os quais, de outra maneira, pareceriam ser totalmente impossível solucionar, já que se o fizessem, provocariam reações que fariam sublevar as massas, culminando em revoluções internas.

Esta experiência vem se repetindo no curso da história e ultimamente a vimos reproduzir na Espanha, em toda sua espantosa realidade, ao estalar a guerra civil que transformou tão bruscamente sua vida política, social e econômica comovendo tão profundamente o mundo. Pareceria que esta dificuldade grande e quase incontornável – que se apresenta quando há que fazer um povo compreender que deve moderar seus excessos e ajustar-se a situações mais convenientes e razoáveis, a fim de neutralizar os efeitos dos ressentidos mecanismos de sua administração pública e das mil circunstâncias de premência que costumam acossar a vida dos Estados –, vê-se facilitada em sumo grau quando obrigações criadas em momentos de tensão internacional forçam sua consciência a compreender a imperiosa necessidade de realizar com a maior presteza tais reajustes e condicionar a vida às exigências do caso, antes que ceder à pressão ou à belicosidade de outros povos agitados por análogos problemas.

Desta observação conclui-se que somente frente a grandes perigos vemos que a razão cede e aceita situações ou exigências que de nenhum modo haveria tolerado ou admitido em outras circunstâncias.

O acontecido na Europa é um ensinamento que o mundo deveria aprender e gravar na consciência. Ali se viu como os governos se declararam impotentes para organizar a vida social e econômica que foi aumentando dia a dia as complicações da engrenagem administrativa. Enquanto, por um lado, os trabalhadores exigiam grandes salários e menos horas de trabalho, por outro, dedicavam as horas livres para gastar esses salários em mil diversões, sem lembrar que seus deveres para com a pátria, a sociedade e a família, deveriam ser sagrados a fim de não destruir as bases da organização nacional. Essa mesma conduta, egoísta e desorbitada, era possível observar em todas as classes sociais, sem que consideração alguma as detivesse em seu desenfreamento. Semelhante desequilíbrio econômico e social, que relaxando a moral as submergia em uma espécie de embriaguez mental, não podia continuar eternamente. Esta é a causa pela qual, vendo-se os governos impossibilitados de corrigir tanto mal, talvez porque neles mesmos as raízes já haviam penetrado, lançaram mão do último recurso, o mais heroico dos recursos, tal como muitas vezes tem sido chamado, e fizeram voar os diques de contenção para que transbordassem as paixões em seu último e fatal desafogo: o furor da guerra. E eis aí que presenciamos uma vez mais o tão inusitado como edificante espetáculo da rápida adaptação às cruas exigências que impõe o estado de guerra. Todos aceitam e acatam humildemente todas as obrigações que lhes imponham; sofrem todo tipo de contingências e privações e até chegam a bendizer o ter que suportá-las, contanto que não se perca a única coisa que costuma restar a cada um em semelhante transe: a vida.

Isto demonstra cabalmente o extraordinário poder de assimilação, adaptação e transformação que o homem possui; mas, demonstra também que esse poder se acha adormecido no fundo da consciência e que somente desperta ao ser sacudido pela brusquidão das impressões que a alma recebe ao se efetuarem as súbitas mudanças que transtornam a harmonia econômico-social e o obrigam a se colocar sem demora dentro da nova estrutura.

Pois bem, por que não despertar esse poder por própria vontade e situar-se por um determinado tempo nas condições de força maior assinaladas, para experimentar – sem a premência e as angústias da violência que o estado de guerra implica –, os incalculáveis benefícios que cada um traria para sua vida servindo-a com semelhantes privilégios? Não é isto, acaso, que desde seu advento advoga o verbo logosófico, oferecendo os meios para realizá-lo?

Mas já vimos, por meio de nossas longas jornadas de labor dedicado a explicar o valor imenso que tem o conhecimento logosófico para quem se propõe iniciar sua vida em uma nova e fecunda atividade, quantos esforços nos custaram levar os seres até esse momento em que, como se despertando de repente de um sono, se adverte as riquezas de um conhecimento até então ignorado. É que a mente humana permaneceu tanto tempo abandonada, que paradoxal é a perplexidade de muitos, quando se lhes fala dela. Isto não nos dá, pois, a pauta do estado em que se encontrava a humanidade ao estalar a guerra atual? Se a mente individual foi campo propício a todos os pensamentos que desejaram povoá-la de todo tipo de ideias, cada qual mais perniciosas, tomando-as em conjunto, é fácil observar que em umas e outras se incubaram e germinaram similares sementes, que depois o vento levou a todos os hemisférios e latitudes transformadas em correntes ideológicas mentais.

A guerra devia sobrevir irremediavelmente e nada podia evitá-la enquanto estivessem presentes os instrumentos bélicos que representavam o pensamento vivo daqueles que os haviam mandado fabricar. Muito infantis e demasiado ingênuos foram os que pensaram o contrário e voltando as costas à realidade, preferiram regozijar-se com ilusões inconcebíveis de paz.

A guerra estalou e vai cumprir o terceiro ano desde que os povos entraram em luta. As armas atuais advertem bem claramente e com bastante eloquência, que a contenda não pode durar mais que um ano, ou no máximo, dois, mesmo quando tudo faz prever o desenlace no primeiro prazo assinalado. É que as nações não poderiam suportar semelhante inferno mais do que a natureza humana pode resistir, de maneira que se deixará de lutar não por falta de armamentos, que existem em abundância, senão por falta de alento, pois as reservas humanas ficarão exaustas irremediavelmente.

Já se observa nos governantes que hoje dirigem o curso da guerra a enorme preocupação acerca do mundo do amanhã; em outras palavras, o chamado pós-guerra. Esse é o grande problema do futuro que será necessário enfrentar com a maior serenidade, com o mais esmerado tino e com a mais aguda visão.

Desde que a guerra entrou em sua fase aguda, como essas doenças que culminam em graves crises, a parte de humanidade mais direta e profundamente afetada por ela entrou, depois do período de transição sofrido, num estado delicadíssimo que durará tanto como o desespero e a angústia que a embargam. Porém, o certo é que essa humanidade a que nos referimos haverá de experimentar ainda as alternativas pelas quais deverá passar, enquanto se efetuam as grandes mudanças sociais que já começam a manifestar-se e se perfila a nova organização humana sobre cujas bases haverá de basear-se a paz do futuro. Se ao fim da atual contenda, os que forem chamados a planejar e formalizar essa nova organização puderem valer-se do conhecimento logosófico, com toda segurança, as leis que regerão o amanhã dos homens serão feitas para resguardo e felicidade do gênero humano.

Como levar ditas personalidades a entender que, quando chegar o momento da grande reconstrução social, será necessário contemplar, em princípio, a realidade de que se não se lançam os fundamentos para uma organização individual da mente, ilustrando-a amplamente sobre tudo o que concerne à vida dos pensamentos e a influência que eles exercem dentro e fora de cada mente humana, voltarão a se reproduzir os mesmos fatos e a se experimentar similares calamidades. O homem aprenderia assim a criar suas defesas mentais e não se deixaria arrastar tão facilmente, como tem sido até hoje, por ideias extremistas e conceitos néscios, que ensoberbecendo e agitando seu espírito, levaram-no, primeiro, a exigências que rompiam todos os limites da tolerância, para terminar depois, como estamos vendo, estendido em um mar de sangue, de misérias e de lágrimas.

COMPREENSÃO BÁSICA DOS PROBLEMAS HUMANOS



Quando os estadistas expõem seus pontos de vista sobre cada um dos problemas que preocupam seus respectivos governos, o fazem depois de amplos e profundos estudos e com a finalidade de observar na crítica pública que grau de viabilidade técnica alcança a previsão de seus pensamentos.

Quantas vezes, para não dizer a maioria delas, foi a opinião, precisamente, que decidiu acerca da aplicação de tais enfoques, pois desde as esferas oficiais podem-se conceber soluções felizes para os problemas em questão, mas nem sempre se contempla, partindo delas, o volume deles em sua totalidade, sendo a opinião pública a que completa o conjunto das observações e estudos, ou seja a que colabora na preocupação comum por sua melhor solução.

Daí a importância da liberdade de imprensa e de pensamento; liberdade que não poderá ser excluída jamais dos direitos humanos sem lesionar a consciência dos homens.

Sabe-se, e isto ninguém ignora, que para emitir um juízo sobre qualquer assunto é necessário estar bem informado; isto é, que a informação seja fiel, clara e ampla. Referimo-nos à que todo jornal deve obter das diversas fontes, sobretudo quando ela está destinada a uma função tão sagrada como é a de promover o interesse geral e suscitar mudanças de opinião, do qual surgem conselhos dignos de ter-se em conta.

Nenhuma pessoa, pensamos, em pleno uso de suas faculdades mentais, poderia negar esta realidade; e ditoso o dia, para não chamá-lo glorioso

– termo de demasiada hierarquia –, em que isto seja compreendido e considerado como uma imperiosa necessidade da qual não é possível prescindir se queremos alcançar normas mais harmônicas e convenientes para a convivência humana.

O mundo de hoje está sofrendo as consequências de todos os erros cometidos até o início do atual conflito bélico. É de anelar, portanto, que tudo o que tenda a induzir os homens a cometer os mesmos erros seja eliminado e se propiciem, ao contrário, as soluções mais acertadas dentro do conjunto harmônico das opiniões gerais. O essencial é que de agora em diante haja um grande espírito de entendimento ativo e se fomentem o estudo e o trabalho sobre a base de incentivos e estímulos permanentes e não circunstanciais; isto será a única forma de não defraudar a consciência humana em seus elevados propósitos de bem, como são todos os empenhos do homem em seu afã de superação nos respectivos campos em que dirige seus esforços e consagra sua capacidade para consegui-los. A privação desses incentivos e estímulos somente leva ao ostracismo, ao desânimo e à indiferença.

Bom há de ser, pois, que o motivo justo e a compreensão ampla dos problemas constituam o eixo psicológico da organização futura do mundo, já que disso dependerá em máximo grau que tudo o que se faça seja sobre bases permanentes, desde que o homem, como membro da comunidade humana, tenha assim garantias suficientes para desenvolver sua vida sem apreensões que limitem e deprimam seu ânimo.

Ninguém poderá negar que quanto mais sejam os que lutem e trabalhem por um porvir melhor, sem receios nem desconfianças, tanto mais rápido voltará a reinar a paz e a felicidade na terra, cujas fontes naturais oferecem tão ilimitados recursos à subsistência do homem e ao cumprimento de seus mais elevados destinos.

Deverá ser propiciado ao máximo o fomento da indústria e do comércio em todos os aspectos em que se desenvolvem, mas, para que exista um fator de contribuição verdadeiramente eficaz para a normalidade das atividades humanas, terá que propender a que ambos evoluam sem travas nem obstáculos até alcançar grandes desenvolvimentos, que movam inteligências e braços e beneficiem a toda a sociedade. As profissões em geral, como as ciências e toda outra atividade da inteligência, deverão também ter-se muito em conta e encontrar no mundo

do pós-guerra um campo sem limitações, onde todas possam cumprir folgadoamente sua incumbência.

Depois de tantos anos de opressão, desequilíbrios e arbitrariedades, experimenta-se em todos os pontos do orbe o rigor de uma necessidade que adquire a cada dia maior relevo. Essa necessidade se chama liberdade; liberdade para que o homem volte aos foros de sua dignidade humana e ofereça, livre de temores e de travas, a participação de sua inteligência criadora.

É um fato evidente que nesta contenda bélica, que assumiu contornos tão trágicos, estão triunfando e triunfarão definitivamente as forças do bem que alçaram a bandeira do direito, da liberdade e do respeito à pessoa humana. Porém haverá que realizar o aproveitamento do ensinamento surgido de tantas experiências e lições gravadas a sangue e fogo, não voltando a descuidar jamais a atenção aos deveres que se impõem a cada homem, a cada povo e a cada nação, a fim de evitar que se derrubem e percam as conquistas que deram à humanidade o precioso bem, por cuja posse plena luta desde os albores do mundo: a independência de espírito e o livre desenvolvimento de suas condições sob o auspício comum do respeito e da responsabilidade.

Com o término desta guerra se iniciará uma era de aperfeiçoamento, ao reconstruir-se o mundo eliminando os erros do passado enquanto se aplicam os ensinamentos do presente, os quais edificarão o futuro com uma consciência mais clara de tudo o que corresponda aos deveres e responsabilidades de cada ser em particular e de todos em comum.

HORAS DE REFLEXÃO



A humanidade viveu no transcurso destes últimos anos, em meio de grandes agitações e violências, um clima nada propício para o desenvolvimento natural e pacífico do progresso social, econômico e espiritual dos povos. Durante esse tempo teve que suportar, com crescente angústia, o mais horrendo drama que a história da espécie humana registra. A arbitrariedade, o desenfreio e todas as formas mais agudas do despotismo, à semelhança de um câncer político e social, foram minando e destruindo a vida de muitas nações que, impossibilitadas de conter o mal que as invadia, sucumbiram presas do mais impressionante desespero. Felizmente, os povos que constituíam a reserva, ainda intata, das forças humanas, se prepararam para investir-se, com todo o ímpeto que as circunstâncias requeriam, contra as hostes agressoras do totalitarismo e assim foi como, golpe após golpe, assestado estrategicamente ao monstro do crime, concluiu por derrubá-lo e reduzi-lo à impotência total. E mesmo que ainda haja ações bélicas contra uma dessas forças que constituíram a aliança do mal e cujo fim esteja também próximo, a humanidade já começa a experimentar, depois de tantos anos de incerteza, de dor e de espanto, a doce sensação de viver uma vida isenta de ameaças e temores, isto é, uma vida que começa a respirar a liberdade e o direito, assim como respira o oxigênio, que é insubstituível para sua existência.

Mas o término de uma guerra tão espantosa como foi esta deve trazer, por império de uma necessidade superior de conservação do gênero humano, horas, muitas horas de reflexão. Isto, naturalmente, haverá de significar que deve ocorrer uma mudança fundamental, tanto na forma de encarar as situações e problemas do presente e do futuro, como nas relações dos homens entre si.

Pôde-se comprovar uma vez mais, ratificando com esta todas as anteriores, que a violência somente conduz ao extermínio, isto é, à anulação do homem pela força e que enquanto ele cai e deixa de existir como tal, a fúria que inflama a violência sobrevive como elemento destruidor e inimigo implacável da vida humana.

Não pôde ser mais clara, terminante e grande a breve e histórica exortação que o grande general das forças aliadas, Dwight D. Eisenhower, pronunciou ante os representantes legítimos do povo de seu grande país, após obter a brilhante vitória sobre as forças do desolador militarismo prussiano. Disse nessa solene oportunidade, dirigindo-se ao Senado: “Todos os soldados esperam que vocês saibam manter a paz como eles souberam ganhar a guerra”.

Saber manter a paz implica, sem nenhum gênero de dúvida, saber empregar a inteligência nos mais elevados objetivos de bem; saber usar a reflexão e saber exercer a paciência e a serenidade em todas as situações que precedam às ações do amanhã. E é mediante esse exercício constante da compreensão que cada problema ou assunto promova na mente dos mais capacitados, que será possível o advento de uma era propícia às exigências de uma vida superior baseada nas mais elevadas finalidades de bem e de entendimento entre os homens.

As horas de reflexão são, pois, as que hão de contribuir em maior grau para que todos os seres humanos, sem exceção, cheguem a compreender que somente sob o signo do respeito à dignidade humana, aos seus direitos e prerrogativas, poderá preservar-se e manter-se uma paz justa e perdurável, assegurando a livre expansão da vida.

O ABALO BÉLICO COMO ADVERTÊNCIA UNIVERSAL



Nestes dias em que depois de cessar o estampido dos canhões tudo pareceria apagar-se no vazio, não é possível subtrair-se ao clamor dos povos necessitados que pede por caridade a todos os países do globo.

Assistimos a queda de quase tudo o que vinha edificando a humanidade desde tempo para sua felicidade ou para sua desdita; de tudo o que o esforço humano realizou com o objetivo de elevar a espécie e assegurar uma existência mais duradoura neste mundo.

Efetivamente, gigantescos tiveram que ser os esforços efetuados antes e durante a contenda para conter o desbordamento das paixões, tão profundas eram as raízes que o mal havia lançado. Entretanto, se não se solucionam com rapidez os problemas que angustiam a tantos povos mergulhados na aflição, esse mal hoje poderia agravar-se, pois esses seres que suportaram e ainda suportam grandes privações estão se tornando insensíveis ao sofrimento e este é o pior sinal que pode aparecer neles, desde que assinala uma desgraça que poderia ser irreparável.

Acreditou-se que certos conceitos admitidos nas últimas décadas eram de essência eterna e foram adotados sem resistência alguma. Esses conceitos foram limitando tanto as possibilidades da inteligência, que em muitas partes chegou a considerar-se desnecessária sua função: bastava obedecer sem pensar.

Apesar disso, uma verdade subsiste e transparece à medida que a realidade do que acontece vai evidenciando-se mais e mais à consciência humana e essa verdade existe nas profundezas de todos os seres

humanos, por maus que sejam seus pensamentos e suas ações, com exceção dos que degradaram o gênero humano cometendo crimes imperdoáveis. Até ali haverá que penetrar-se para poder redimir o homem e o mundo.

Está-se vendo que a humanidade clama por algo que solucione o grande conflito que hoje a agita: a desorientação, que surge quando sem processo algum, bruscamente, se tira do homem o que tem, sem dar-lhe nada em troca.

Mas nem tudo está perdido; uma humanidade renovada e depurada deverá surgir de entre as cinzas da que até ontem mesmo gemia na mais crua desesperança. Faz quinze anos que a sabedoria logosófica vem oferecendo ensinamentos que, sendo vividos, praticados e usados com discrição e acerto, poderão restituir a paz interna e retornar o homem à sua razão.

Tudo o que ocorreu e ocorrerá jamais esteve nem estará à mercê de uma força cega, senão que obedecerá a desígnios que estão muito acima da vontade humana. Era necessário sacudir a alma; sacudir todas as fibras do ser para que despertasse para uma realidade maior; era necessário acercar o homem do abismo para que notasse a diferença que existe entre o baixo e o alto; era necessário romper de uma vez a estreiteza mental, as limitações da vida que, encarcerando a alma durante séculos, não lhe permitiram desfrutar conscientemente dos encantos da existência; era necessário abrir canais na mente para que pudesse receber os eflúvios de uma nova vida; nova para aquele que apenas toma contato com ela; velha, muito velha, para os poucos que há tempos a conhecem. Era necessário, por último, que o mundo, que os homens, conhecessem uma concepção mais ampla, mais humana, mais espiritual da vida.

Mas eis aqui que, para conhecer essa grande concepção, a humanidade terá que realizar uma prévia e consciente preparação; somente assim poderá beneficiar-se e cumprir, ao mesmo tempo, sua grande incumbência. A natureza humana é maravilhosa por seu poder de adaptação e observação; por conseguinte, se durante tanto tempo se adaptou à limitação, no futuro deverá adaptar-se a essa concepção assinalada, que é a que situa a vida em seu verdadeiro centro de gravidade, em seu equilíbrio, em sua razão.

PELA SUPERAÇÃO DAS CONDIÇÕES HUMANAS



Há algum tempo vimos escutando as exortações que nos chegam de diversos pontos do mundo chamando para uma compreensão mais ampla sobre os problemas intimamente ligados à vida e ao homem em sua condição de tal.

Não faz muito, o presidente dos Estados Unidos, num discurso que pronunciou na Universidade de Frodham, disse, a esse respeito, que devia recorrer-se “à educação para acabar com a ignorância, que poderia levar-nos à catástrofe”. Também expressou que era necessário “conseguir essa profunda compreensão internacional, tão útil para a paz mundial”. E com base nestas ideias expostas pelo Sr. Truman, o jornal “La Prensa”, em sua edição de 14 de maio, publicou um artigo intitulado “Para a compreensão mundial pela educação”, no qual dizia, entre outras coisas, que se seguia “com a lentidão da tartaruga no campo da educação geral, a qual não é, precisamente, instrução, senão guia, orientação e norma para saber conduzir-se na vida. A tragédia contemporânea consiste, pois, num problema de desequilíbrio entre o volume do saber intelectual e a capacidade moral do ser humano. Obra dos grandes pensadores, condutores e estadistas é encurtar as distâncias que tornam mais pronunciada e perigosa essa falta de equilíbrio entre o cérebro e o coração, do que resulta que o homem moderno domina a natureza, com frequência, para seu mal e não para seu bem. Para colaborar nessa obra há que lançar mão da educação, que é o grande instrumento e o meio mais eficaz que se ideou para que o homem vá elevando-se de sua condição inferior à vida civilizada. Trata-se de intensificar em favor da humanidade um processo racional de superação, no qual o instinto deve ceder seu predomínio à razão e submeter-se a seus desígnios, mas esta, por sua vez, subordinar-se aos sentimentos mais puros que possa alentar o ser humano, que compreende cabalmente que a vida nos foi dada para criar o bom e não destruí-lo”.

No mesmo editorial “La Prensa” faz referência ao pensamento que expressou o Sr. Attlee, Primeiro Ministro britânico, numa conferência dada no ano 1945, na qual disse que: “As guerras começam nas mentes dos homens, motivo pelo qual devia exercer-se uma grande influência sobre o pensamento dos seres humanos, com o objetivo de que seja a paz e não a guerra a ideia que domine em seus espíritos”.

Todo o mencionado confirma e ratifica o exposto pelo pensamento logosófico há mais de três lustros. Mas nos limitaremos à citação de publicações mais recentes, nas quais expressávamos preocupações idênticas. Na edição de junho de 1941 (pág. 22) desta revista, dizíamos: “Em nossa opinião, a futura reconstrução do mundo e da sociedade deverá começar pela organização da mente humana, fazendo com que o homem conheça suas próprias defesas internas e se capacite para enfrentar a vida tal como ela deve ser enfrentada e vivida, com o conhecimento e a consciência cabal de sua possibilidade e sua responsabilidade, e não como se tem feito até o presente, em que a maior parte dos homens tem ignorado a influência que os pensamentos têm na vida íntima e na de relação, até o ponto de haver sido e seguir sendo ainda vítima de seu poder: o poder que eles exercem em todo momento sobre a mente humana”.

“Ninguém poderá duvidar que será muito mais fácil aos homens se entenderem quando sua evolução alcançar um grau de realização suficiente com base nos conhecimentos de ordem mental, tão necessários para conservar o equilíbrio psicológico e o funcionamento regular das faculdades internas, do que quando a mente do ser permanece alheia às leis pelas quais deve reger seu pensamento”.

“Impõe-se, portanto, uma nova cultura nesta ordem, e a respeito cabe-nos assinalar que a Logosofia já deu as bases e as diretrizes que poderiam propiciar isto até sua máxima expressão”.

Na edição de agosto de 1942 (pág. 21), voltávamos sobre o tema com a seguinte interrogação: “Como levar ditas personalidades a entender que, quando chegar o momento da grande reconstrução social, será necessário contemplar, em princípio, a realidade de que se não se lançam os fundamentos para uma organização individual da mente, ilustrando-a amplamente sobre tudo o que concerne à vida dos pensamentos e à influência que estes exercem dentro e fora de cada mente humana, voltarão a reproduzirem-se os mesmos fatos e a experimentar-se similares calamidades. O homem aprenderia assim a criar suas defesas mentais e não se deixaria arrastar tão facilmente, como até hoje, por ideias extremistas e conceitos néscios que, ensoberbecendo-o e agitando seu espírito, o levaram, primeiro, a exigências que rompiam todos os limites da tolerância, para terminar depois, como estamos vendo, estendido num mar de sangue, de misérias e de lágrimas”.

Na de junho de 1944 (pág. 7 e 8), falando da educação da infância e da juventude, dissemos: “Das etapas da vida humana comum existem duas que, por ser as formativas do caráter e preparatórias do espírito para a luta, merecem



a mais acentuada preocupação por parte dos pais, dos professores, que têm a seu cargo a tarefa de educar e das autoridades cuja função é velar pelo futuro das gerações jovens: a da infância propriamente dita, que alcança até os doze anos, e a da juventude, que partindo da adolescência se interna na vida, chegando aos vinte e cinco anos, em cuja oportunidade esta haverá de exigir-lhe, como dever inevitável, a respectiva contribuição de cultura, capacidade e iniciativa, à sociedade humana.”

“É uma verdade inegável que a educação da infância e da juventude tem sido visivelmente descuidada em quase todos os povos do mundo, mesmo quando geralmente se pensa que nas aulas escolares o aluno recebe educação suficiente e que, cumpridos os programas de estudo, completou sua preparação.”

“Parece, e muitos são os motivos pelos quais isto pode ser confirmado, que em todos os povos do mundo os afãs da sociedade humana tenderam a formar profissionais da ciência, da política, do comércio, da indústria, etc., mas não a formar homens, homens nos quais os povos poderiam confiar seus elevados destinos em todos os aspectos da vida política, social e cultural, com objetivos perduráveis de progresso e unidade moral.”

“A crise destes últimos anos, com a carência tão evidente de estadistas verdadeiramente capazes e de arraigo popular, levou muitos países a tratar este assunto com seriedade, buscando orientar a vida nacional por caminhos mais propícios a reajustes que impliquem corrigir as deficiências, os erros e as perdas, cujos resultados foram tão prejudiciais para sua paz social.”

Em janeiro de 1945 (pág. 9), referindo-nos à importância do estudo na vida do homem, expusemos: “Deverá propiciar-se, com estímulos adequados, o estudo, por contribuir este em alto grau para o bem-estar geral. O estudo traz sempre imediata recompensa e é por meio dele que o trabalho se torna grato ou interessante, pois aplicado a ele constitui o melhor incentivo pelos benefícios que proporciona.”

“Como se pode apreciar, atribuímos ao estudo uma importância fundamental, por entender que seu fomento e desenvolvimento contribuirão em grande escala para a eficácia de todo esforço que se realize por alcançar, no futuro mais imediato, o desenvolvimento normal de todas as atividades humanas, tal como estas se realizavam antes que começassem as agitações da época pré-bélica e, posteriormente, os transtornos ocasionados pelo conflito atual.”

“O problema será aliviado em grande parte, nos referimos ao terminar a contenda, eliminando a tempo da mente da maioria dos seres que se viram direta ou indiretamente envolvidos nela a série de pensamentos inibitórios que a ocuparam, ou melhor ainda, embargaram, pois é indubitável que toda mente sobrecarregada de pensamentos obsessivos constitui um sério obstáculo para a edificação da nova ordem que, conforme foi anunciado, haverá de imperar no mundo. E nada melhor para desembaraçar tais pensamentos das mentes que ocupá-las com atividades nas quais a inteligência do homem tenha uma participação intensiva. Daí que será imprescindivelmente necessário estimular o

estudo, fazendo o mesmo com a iniciativa privada em todos os campos em que se manifeste com caráter construtivo.”

Dizíamos em março do mesmo ano (pág. 27), ao focalizar os problemas da hora atual, que “Apesar de tudo quanto expusemos sobre a influência dos pensamentos na vida humana e as múltiplas formas e meios que estes utilizam para converter o homem em um instrumento dócil de suas preferências e intenções, não é exagero que contemplemos aqui um novo e curioso aspecto de tão interessante e sugestivo assunto.”

“Antes da guerra atual, dissemos que antecedendo a toda contenda armada se desencadeava uma luta mental, na qual intervinham legiões de pensamentos agrupados sob a égide de tendências opostas. Isto supõe, inquestionavelmente, o desenvolvimento de uma inusitada atividade mental nos diversos campos em que atua o pensamento, que corre de um ponto a outro em bandos ideológicos, ora com fins de exploração, ora para aninhar em outros climas mentais. O certo é que, após esse ir e vir, vão se gestando em muitas mentes humanas ideias cuja natureza obedece a origens sinistras. Temos assim explicado o incremento que tomaram na Europa os pensamentos de ódio de característica agressiva que, reagindo a toda conciliação com os pensamentos de outros povos, agitaram a tal ponto os espíritos e tornaram tão insuportável a atmosfera internacional que aqueles que pensaram dominar nessa luta mental optaram, ao não conseguí-lo, por utilizar as armas para matar a todos os pensamentos que se opunham ao predomínio de suas ideias”. E na mesma edição (pág. 29): “Seria, entretanto, erro gravíssimo, considerar terminada a tarefa ao finalizar a contenda atual, ou seja confiar em que o fim dos estampidos das armas de fogo tenha a virtude de fazer cessar automaticamente a atividade dos pensamentos dissolventes. Pelo contrário, árduo será o labor a ser empreendido desde o instante mesmo em que finalizem as hostilidades, para evitar que voltem a se reproduzir no mundo estes fenômenos de embriaguez bélica coletiva. Haverá que cuidar de exterminar a tempo a desova dos pensamentos que deixaram suas larvas malignas em tantas mentes dispersas pelo mundo e buscar para isto algum procedimento semelhante ao que se emprega para aniquilar o inseto antes que se constitua em praga que leva a desolação por todas as partes onde se assenta.”

E, finalmente, em outubro de 1945 (pág. 11 e 12), ao falar sobre a “Preparação básica da juventude”, expressamos o seguinte: “Depois do duro ensinamento que as nações do mundo recolheram ao comprovar as dolorosas consequências dos métodos pedagógicos utilizados na Alemanha e na Itália para educar a infância e a juventude, não pode existir dúvida alguma sobre a imperiosa necessidade de dedicar à sua preparação toda a **atenção que merece**”.

“A mente infantil é suscetível a inclinar-se para qualquer pensamento que a sugestione. Como não sabe sobre a vida nem tem consciência alguma dela, aceita com facilidade tudo o que se lhe inculca; daí a enorme responsabilidade dos que têm a seu cuidado a tarefa de conduzi-la. E não deve esquecer-se que as crianças e jovens de hoje serão os homens do amanhã; de modo que não será difícil saber

como haverão de ser estes, se se levar em conta a preparação que receberam quando sua **reflexão era incipiente**".

"Durante esse período a mente é o campo virgem e fértil onde germina rapidamente qualquer ideia ou pensamento. Se estes tendem para o bem, a vida se tornará útil e benigna; se tendam para o mal, a vida se tornará sombria e estéril. Nada, pois, pode ser mais propício quando se trata de educar as mentes jovens, que ilustrá-las com toda clareza e extensão acerca dos problemas e pontos com os quais a consciência haverá de tomar depois mais imediato contato."

"Na idade juvenil é, em especial, quando aparece na mente todo tipo de pensamentos e, enquanto uns incitam a realizar uma coisa, outros incitam a realizar outra. Acumulam-se assim projetos que, em ímpeto rival, pugnam por absorver integralmente a atenção da ainda inculta inteligência. Estes fatos se repetem com frequência sugestiva nos adolescentes, trazendo por consequência a desorientação, visto que em tais circunstâncias poucos são os que dominam sua inquietude e se dirigem com firmeza ao desenvolvimento metódico de um estudo ou à realização ordenada de um projeto. Por outra parte, o jovem tem que ir condicionando seu ser a todos os vaivéns da vida. E é aí onde necessita saber que todos os seus passos devem ser inspirados por um anelo profundo de cumprir consigo mesmo, oferecendo à sua existência todo o bem que ela exige a sua razão e a sua consciência e também pelo anelo de cumprir com todos os seus semelhantes, aos quais poderá beneficiar na medida de sua capacidade."

"A juventude requer ser orientada; somente assim não haverão de malograr os esforços e a inteligência dos que amanhã, por sua vez, deverão preparar as gerações que lhes **sucedam**".

"O fomento ao estudo, em todas as suas formas, das atividades sãs; do culto ao saber, à humanidade, à família e, muito particularmente, do culto ao respeito que o indivíduo deve a si mesmo, ao que é seu, e o respeito que deve aos demais e à propriedade alheia é o fundamental para que tal orientação cumpra seu grande objetivo, que é o de formar na juventude a consciência cabal de sua responsabilidade diante da vida, de seus semelhantes e do mundo."

"Dentro deste quadro de preparação básica, com análise dos problemas e assuntos que mais diretamente afetam os períodos iniciais da vida, deve educar-se a juventude; desta maneira se fundamentará nela a segurança e a confiança em seus próprios recursos e se facilitará seu acesso aos postos de responsabilidade, reservados sempre à maturidade e à senectude."

Como se pode apreciar, o pensamento logosófico se adiantou à realidade que o futuro iria evidenciando como algo inevitável. Na copiosa e vasta documentação consistente em numerosas publicações feitas pela Logosofia têm sido enfrentados múltiplos problemas e dadas soluções que hoje, depois de anos que foram publicados, vão sendo descobertas pelos estadistas como conclusões às quais chegaram após um longo

processo de estudo e experiência. É realmente sensível que verdades expostas com tanta antecipação, logo se comece a perceber e enunciar como se pela primeira vez se manifestassem ao entendimento dos homens que hoje estão conduzindo os destinos do mundo. Não outra coisa se pode deduzir das palavras que pronunciaram o Sr. Truman e o Sr. Attlee nas oportunidades mencionadas.

Todavia, para nós não deixa de ser um estímulo grande e ao mesmo tempo uma satisfação comprovar que nossas afirmações de ontem são confirmadas uma a uma pelos fatos e as palavras de homens que, pela posição que ocupam nestes momentos, merecem a mais ampla consideração e respeito.

Eis aí, pois, o valor que assume o pensamento logosófico ao demonstrar a transcendência dos pontos que encara e expõe como contribuição efetiva colocada a serviço da humanidade.

Representantes Regionais

Belo Horizonte

Rua Piauí, 742 - Funcionários
30150-320 - Belo Horizonte - MG
Fone (31) 3218 1717

Brasília

SHCG/NORTE - Quadra 704 - Área de Escolas
70730 730 - Brasília - DF
Fone (61) 3326 4205

Chapecó

Rua Clevelândia, 1389 D - Saic
89802-411 - Chapecó - SC
Fone (49) 3322 5514

Curitiba

Rua Almirante Gonçalves, 2081 - Rebouças
80250-150 - Curitiba - PR
Fone (41) 3332 2814

Florianópolis

Rua Deputado Antonio Edu Vieira, 150 - Pantanal
88040-000 - Florianópolis - SC
Fone (48) 3333 6897

Goiânia

Av. São João, 311 - Q 13 Lote 23 E - Alto da Glória
74815-280 - Goiânia - GO
Fone (62) 3281 9413

Rio de Janeiro

Rua General Polidoro, 36 - Botafogo

22280-001 - Rio de Janeiro - RJ

Fone (21) 2543 1138

São Paulo

Rua Gal. Chagas Santos, 590 - Saúde

04146-051 - São Paulo - SP

Fone (11) 5584 6648

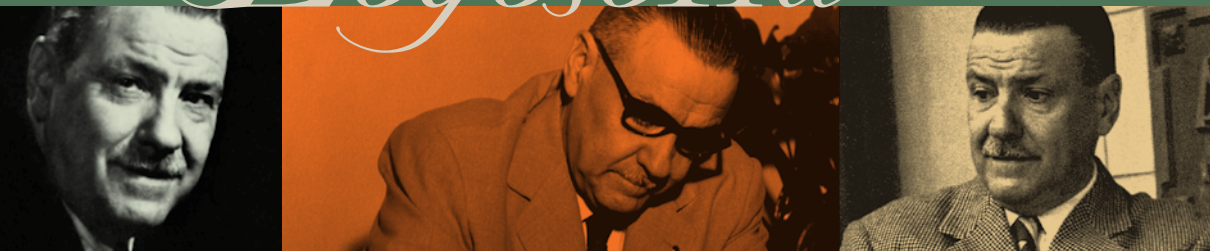
Uberlândia

Rua Alexandre de Oliveira Marquez, 113 - Vigilato Pereira

38400-256 - Uberlândia - MG

Fone (34) 3237 1130

COLETÂNEA DA
REVISTA
Logosofia



*Nas entranhas
da América
gesta-se o futuro
da humanidade.*

www.editoralogosofica.com.br

